

FV

APROVADO PELO
MINISTERIO DA EDUCACAO

111

PORTUGUES

PRE-UNIVERSITARIO



Filipe Moreira

SEPARADOR
PARA REVISOR



APRENDENDO SEMPRE

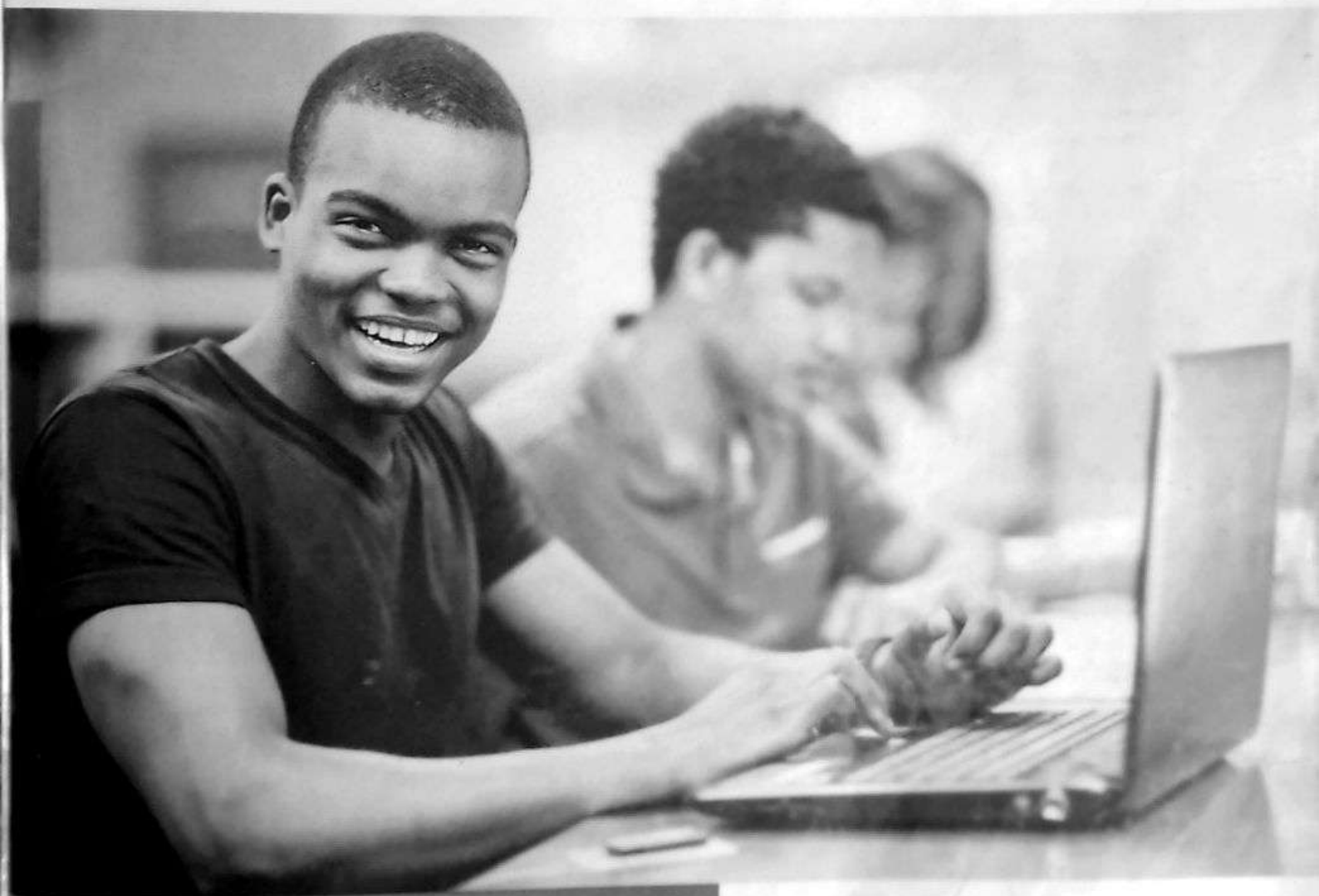
PEARS

Filipe Macie



PORTUGUÊS

11



PRÉ-UNIVERSITÁRIO

Pearson Moçambique Limitada

Avenida 24 de Julho, n.º 776
Maputo, Moçambique

© Maputo – 2013 Pearson Moçambique, Lda. 1.ª Edição

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento prévio da Editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código dos Direitos de Autor, D.L., 4 de Fevereiro de 2001.

Título: *Pré-Universitário – Português 11*

ISBN: 9780636097032

Registado no INLD sob o número: 6152/RLINLD/2009

Arranjo gráfico – capa: Mark Standley

Paginação: Sonya Collison

Fotografia da capa: michaeljung/iStock.com

Repro: Special EFX

2.ª Tiragem

Impressão e acabamentos: Clyson Printers

PEA26826 / SW10050



Autor:

Filipe Virgílio Macie

Licenciado em Ensino de Português pela Faculdade de Línguas da Universidade Pedagógica. Professor de Português desde 2000, tendo leccionado ainda Métodos de Estudo e Metodologia de Investigação Científica na Universidade Pedagógica em 2007 e 2008 e língua portuguesa a estrangeiros na Comunidade Aga Khan. Actualmente lecciona Técnicas de Comunicação no Instituto de Comunicação e Imagem (ISCIM) e Língua Portuguesa no Centro de Formação Profissional Dom Bosco e na Escola Secundária do Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique.

Créditos fotográficos:

AfriPics: p. 122; p. 216

Alamy: p. 25: Thomas Cockrem; p. 63: Le Desk; p. 117: Cienpies Design; p. 154: Roger Hutchings; p. 228: Mike Goldwater

Bigstock: p. 20: CJM Grafax; p. 40: Yastremska; p. 104: Kenny Tong; p. 136: Catherine Ames; p. 164: Marmion; p. 184: dkessariz; p. 192: mattheoush; p. 197: showkontor; p. 210: swishippo; p. 222: CarolinaSmith

Dreamstime: p. 8: Michaeljung; p. 12: Poco_bw; p. 13: Stoffies01; p. 16: Feverpitched; p. 18: Robynmao;

p. 21: Imabase; p. 28: Lrlucik; p. 30: Sebcs; p. 31: Percy20; p. 37: Poco_bw; p. 38: Poco_bw; p. 41: kommaz;

p. 43: Mike_kiev; p. 52: Poco_bw; p. 53: Fyletto; p. 56: Infinitiblive; p. 65: Lavanya; p. 84: Pascalov95;

p. 94: ClaudiDivizia; p. 102: Abasile; p. 105: Franckito; p. 110: Chegevara; p. 112: Tritooth; p. 113: Djembe;

p. 118: Junial; p. 119: Zivana; p. 128: Cteconsulting; p. 131: Svlumagraphica; p. 133: Helioshelen; p. 139:

Karidesign; p. 142: MinervaStudio; p. 144: Pavel44; p. 146: Poco_bw; p. 152: Gvictoria; p. 168: Tony1; p. 170:

Logoboom; p. 176: Derocz; p. 178: Matka_wariatka; p. 179: ImageX; p. 184: Joggi2002; p. 189: Isaiahlove;

p. 190: J_loot; p. 194: Dennis_dolkens(a), Pwollinga(b), Vevesoran(c); p. 195: 4plus1; p. 196: Gkuchera;

p. 208: Amilevín; p. 219: Loff66973; p. 221: Devy; p. 229: Kleintro; p. 230: Elbardamux; p. 235: Adatto;

p. 238: Catherine_jones; p. 242: Artpilot

iStock: p. 26: Abenaa; p. 130: PhotoEuphoria; p. 220: mammuth

PhotoSpin: p. 70: Liz Van Steenburgh; p. 74: Nadia; p. 81: Dave Huss; p. 155: Nadia

Public Domain: p. 54; p. 243

Rex Features: p. 244b

TopFoto: p. 161: The Granger Collection; p. 162: The Granger Collection; p. 244a: UPP

Os créditos relativos a fontes textuais encontram-se inseridos nos locais respectivos no interior do livro.

Todos os esforços foram feitos no sentido de se obter permissão para usar material com *copyright*. Se involuntariamente utilizámos materiais com *copyright*, pedimos que nos informe de modo a podermos atribuir os créditos devidos.

Introdução

A introdução do Novo Currículo de Ensino propõe desenvolver no aluno um conjunto determinado de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. O presente manual foi elaborado tendo em conta a consecução plena destes objectivos e os diferentes vectores do Programa da disciplina de Português para a 11.ª classe, constituindo, por isso, um importante subsídio de apoio às aulas. Por apresentar textos para uma leitura metódica seleccionados de modo a despertarem no aluno o interesse pela leitura, o manual *Pré-Universitário – Português 11* é, ainda, um valioso contributo para as actividades de lazer.

O manual integra, na sua estrutura geral, os seguintes componentes:

- um conjunto de textos que dizem respeito aos conteúdos dos textos não-literários e literários;
- um conjunto alargado de actividades variadas, destinadas ao desenvolvimento das competências nos domínios da compreensão/interpretação de textos de diversa tipologia, da produção escrita e oral e do funcionamento da língua;
- uma sistematização de informação relativa aos conteúdos específicos de cada unidade didáctica (tipologia textual e funcionamento da língua), proporcionando a consolidação e o aprofundamento das aprendizagens e um meio adequado a um estudo personalizado ao aluno;
- um *corpus* de textos que abordam uma temática transversal – uma estratégia didáctica que promove a interdisciplinaridade e, conseqüentemente, o desenvolvimento integral e harmonioso do aluno;
- um exercício sistemático de expansão vocabular relativo ao tema transversal no final de cada lição – o glossário –, visando ainda a integração do mesmo vocabulário em textos produzidos pelo aluno.

Por fim, a selecção dos textos e as respectivas actividades de exploração permitirão desenvolver no aluno as competências de trabalho em grupo, o espírito crítico, a sensibilidade estética, a criatividade, a formação cultural, a responsabilidade pelos seus actos e a consciência social, propiciando o pleno desenvolvimento e a formação integral do aluno, membro da sociedade e do mundo. Porém, estes textos e actividades constituem sugestões e propostas que só serão significativas com a correcta intervenção, o dinamismo e a criatividade do professor.


Com os votos de que o processo educativo seja coroado de êxitos,
Filipe Macie

Estrutura do Livro

O livro do aluno de Português para a 11.ª classe é composto por 18 unidades didácticas, que apresentam a seguinte estrutura:

Unidade 1

Textos normativos:
a Lei da Família



Indicação da unidade e do tema

Objectivos da unidade

Imagem motivadora

Textos normativos:
a Lei da Família

1. Conhecer o conteúdo da Lei da Família e os seus princípios fundamentais.

2. Compreender a importância da família na sociedade portuguesa e no mundo.

3. Identificar os direitos e deveres dos membros da família.


4. Analisar a estrutura da família portuguesa e a sua evolução.

5. Avaliar o papel da família na formação da personalidade dos indivíduos.

Texto relativo à tipologia textual da unidade e imagem sobre o texto, facilitando a sua compreensão

Texto 11

Prosa Realista



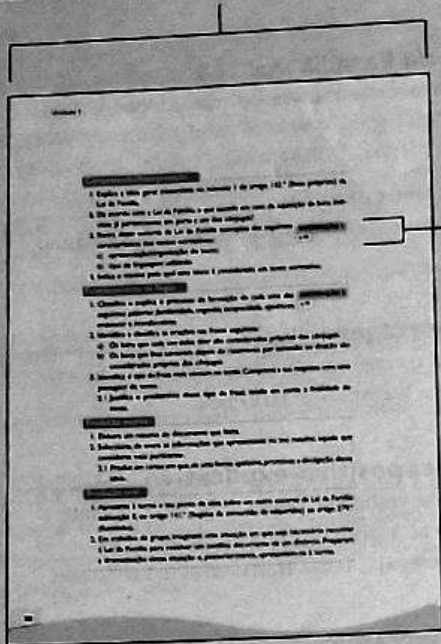
Um dia, em um jardim, estava um casal de jovens. O homem, de estatura elevada e cabelos escuros, olhava para a mulher com um sorriso suave. Ela, mais baixa e com cabelos cacheados, sorria de volta, segurando um livro aberto. Ao redor deles, a natureza parecia respirar em harmonia. O vento levava o cheiro da terra molhada e das flores que começavam a brotar. Era uma tarde de primavera, e a luz do sol filtrava-se suavemente entre as árvores, criando um ambiente de paz e esperança.

Explicação do vocabulário destacado a cor no texto

Explicação do vocabulário destacado a cor no texto

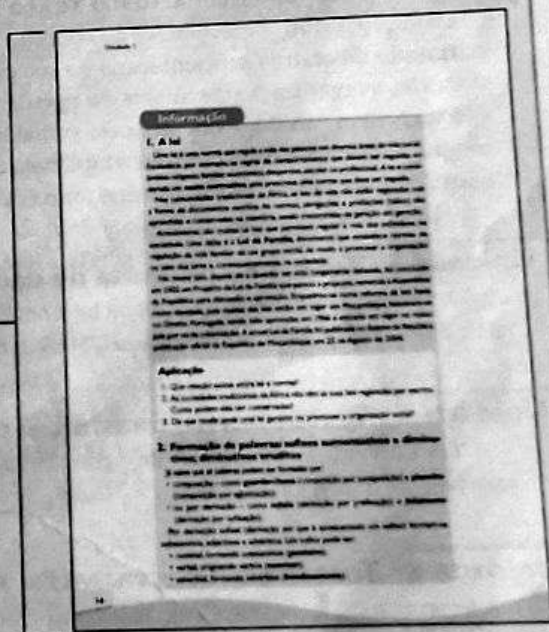
Um dia, em um jardim, estava um casal de jovens. O homem, de estatura elevada e cabelos escuros, olhava para a mulher com um sorriso suave. Ela, mais baixa e com cabelos cacheados, sorria de volta, segurando um livro aberto. Ao redor deles, a natureza parecia respirar em harmonia. O vento levava o cheiro da terra molhada e das flores que começavam a brotar. Era uma tarde de primavera, e a luz do sol filtrava-se suavemente entre as árvores, criando um ambiente de paz e esperança.

Actividades de exploração do texto: compreensão/interpretação, funcionamento da língua, produção oral e produção escrita

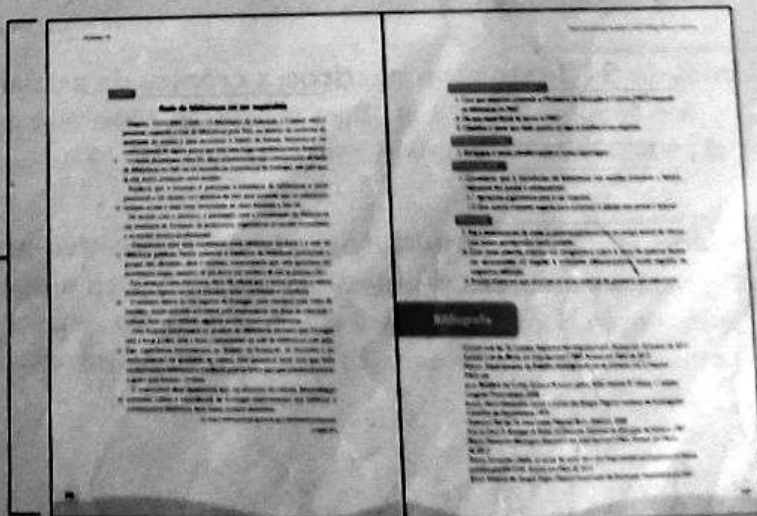


Remissões para páginas de informação, permitindo aplicar e consolidar conhecimentos relativos à tipologia textual e ao funcionamento da língua

Páginas de informação sobre a tipologia textual e o funcionamento da língua



Textos que abordam o tema transversal e propostas de exploração dos mesmos, assim como exercícios sistemáticos de expansão vocabular



Índice

	Pág.
Unidade 1 Textos normativos: a Lei da Família	8
A Lei da Família. Formação de palavras: sufixos aumentativos e diminutivos eruditos. Tema transversal: a Revolução Verde.	
Unidade 2 Textos administrativos: a procuração	18
A procuração. Orações subordinadas concessivas. Tema transversal: comércio formal e comércio informal.	
Unidade 3 Textos jornalísticos: a reportagem	28
A reportagem. Regência verbal: a preposição <i>a</i> na regência de complemento indirecto; complementos de verbos de movimento. Tema transversal: HIV/sida.	
Unidade 4 Textos multiusos: o texto expositivo-explicativo	40
O texto expositivo-explicativo. Concordância verbal em frases com: orações subor- dinadas sem sujeito expresso; sujeito posposto ao verbo; sujeito composto; pronomes relativos com a função de sujeito; verbos impessoais. Tema transversal: os ciclones.	
Unidade 5 Textos literários: o texto narrativo	52
Evolução histórica e semântica do conceito de literatura. Oratura e literatura. Textos narrativos da oratura moçambicana e a sua estrutura (a apresentação e a organização do texto, a organização discursiva e o tipo de linguagem). As características temáticas dos textos em estudo. Concordância verbal em frases complexas com expressões de tempo. A interrogação expressiva, a hipérbole, a elipse e o pleonasma. Tema transversal: manifestação da identidade cultural através da literatura.	
Unidade 6 Textos de pesquisa de dados: a referência bibliográfica	74
A referência bibliográfica. A ficha bibliográfica. O conector <i>pois</i> com valor conclu- sivo e causal. Os quantificadores <i>tudo</i> , <i>todo</i> e <i>ninguém</i> . Tema transversal: a biblioteca.	
Unidade 7 Textos normativos: a Lei da Família	84
A Lei da Família. Formação de palavras: palavras derivadas parassintéticas. Tema transversal: a Revolução Verde.	
Unidade 8 Textos administrativos: a exposição	94
A exposição. Orações subordinadas condicionais. Tema transversal: comércio formal e comércio informal.	
Unidade 9 Textos jornalísticos: a crónica da actualidade	104
A crónica da actualidade. Tipos de crónica. A evolução do português europeu. O português de Moçambique. Tema transversal: HIV/sida.	
Unidade 10 Textos multiusos: o texto expositivo-argumentativo	118
O texto expositivo-argumentativo. Concordância verbal: orações subordinadas sem sujeito expresso; sujeito posposto ao verbo; sujeito composto; verbos impessoais; pronomes relativos com a função de sujeito. Tema transversal: os ciclones.	

	Pág.
Unidade 11 Textos literários: o texto lírico	130
<p>A canção como género da oratura em Moçambique. A canção tradicional (elementos estruturais, semânticos, temáticos e estilísticos). Textos de poesia clássica, romântica e realista da língua portuguesa. A poesia de Noémia de Sousa, José Craveirinha, Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira e Armando Guebuza. Marcas da moçambicanidade, valores culturais e universais. Concordância verbal em frases complexas com expressões de tempo. A apóstrofe, a prosopopeia, a anáfora e a anástrofe. Tema transversal: manifestação da identidade cultural através da literatura.</p>	
Unidade 12 Textos de pesquisa de dados: o resumo e a ficha de leitura ...	152
<p>O resumo e a ficha de leitura. O conector <i>pois</i> com valor conclusivo e causal. Os quantificadores <i>tudo</i>, <i>todo</i> e <i>ninguém</i>. Tema transversal: a biblioteca.</p>	
Unidade 13 Textos normativos: a Lei da Família	164
<p>A Lei da Família. Produção de um texto normativo. Formação de palavras: diminutivos eruditos e suas variantes; palavras derivadas parassintéticas. Tema transversal: a Revolução Verde.</p>	
Unidade 14 Textos administrativos: a procuração e a exposição	170
<p>A procuração e a exposição. Orações subordinadas concessivas, condicionais e finais. Tema transversal: comércio formal e comércio informal.</p>	
Unidade 15 Textos jornalísticos: a reportagem e a crónica	178
<p>A reportagem e a crónica da actualidade. Regência verbal: a preposição <i>a</i> na regência de complemento indirecto / complementos de verbos de movimento. A evolução da língua portuguesa. O português de Moçambique. Tema transversal: HIV/sida.</p>	
Unidade 16 Textos multiusos: os textos expositivo-explicativo e expositivo-argumentativo	192
<p>Os textos expositivo-explicativo e expositivo-argumentativo. Concordância verbal em frases com: orações subordinadas sem sujeito expresso; sujeito posposto ao verbo; sujeito composto; pronomes relativos com a função de sujeito; verbos impessoais. Tema transversal: os ciclones.</p>	
Unidade 17 Textos literários: narrativos, líricos e dramáticos	202
<p>Evolução histórica e semântica do conceito de literatura. Oratura e literatura. Marcas da moçambicanidade, valores culturais e universais. Textos narrativos: o conto tradicional, o mito e a lenda; o conto de autor e o romance (extractos). Textos líricos: a canção tradicional, a poesia de exaltação da pátria e da cultura moçambicanas e a poesia de combate. Texto dramático. A perífrase, a antítese, a gradação, o hipérbato e o assíndeto. Tema transversal: manifestação da identidade cultural através da literatura.</p>	
Unidade 18 Textos de pesquisa de dados: a ficha bibliográfica e o resumo	238
<p>A ficha bibliográfica e o resumo. O conector <i>pois</i> com valor conclusivo e causal. Os quantificadores. Tema transversal: a biblioteca.</p>	

Unidade I

Textos normativos: a Lei da Família



.....

No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:
 - Reconhecer as características da lei;
 - Interpretar artigos da Lei da Família;
 - Explicar e resumir a Lei da Família;
 - Discutir a Lei da Família com colegas e/ou com a comunidade escolar.
2. Sobre o funcionamento da língua:
 - Identificar sufixos aumentativos e diminutivos;
 - Formar palavras com diminutivos eruditos;
 - Empregar, em contexto, palavras com diminutivos eruditos.
3. Sobre o tema transversal (a Revolução Verde):
 - Interpretar textos sobre a Revolução Verde;
 - Analisar os objectivos da Revolução Verde no que respeita à evolução dos países em vias de desenvolvimento.

Textos normativos: a Lei da Família

As normas e as leis foram criadas pelo Homem com o objectivo de preservar a harmonia da vida em sociedade. Cada grupo social é regido pelas suas próprias regras, embora, muitas vezes, algumas leis, normas e princípios de moral sejam comuns a vários grupos.

Em Moçambique, as leis são feitas por iniciativa do Governo, do Parlamento e da sociedade civil, sendo promulgadas pelo Presidente da República. O Conselho de Ministros, por seu lado, aprova decretos-leis, regulamentos e estatutos.

Na presente unidade didáctica, vamos analisar, do ponto de vista linguístico, a Lei da Família moçambicana.

Iremos também estudar alguns casos especiais de formação de palavras, no âmbito da derivação.

Leitura

O texto seguinte é um excerto da Lei da Família n.º 10/2004, de 25 de Agosto, no seu Título I. É uma reforma da antiga Lei da Família, mais adequada à Constituição, aos restantes instrumentos de Direito Internacional e ao contexto sociocultural do País. Lê o excerto atentamente.

Assembleia da República **Lei da Família: Lei n.º 10/2004 de 25 de Agosto**

TÍTULO I

Disposições gerais

Artigo 1

(Noção de família)

1. A família é a célula base da sociedade, factor de socialização da pessoa humana.
2. A família constitui o espaço privilegiado no qual se cria, desenvolve e consolida a personalidade dos seus membros e onde devem ser cultivados o diálogo e a entreatura.
3. A todos é reconhecido o direito a integrar uma família e de constituir família.

Artigo 2

(Âmbito)

1. A família é a comunidade de membros ligados entre si pelo parentesco, casamento, afinidade e adopção.

[...]

Artigo 3

(Direitos da família)

1. A lei protege a família e os seus membros contra as ofensas ilegítimas.

2. As disposições da presente Lei devem ser interpretadas e aplicadas tendo presentes os superiores interesses da família, assentes nos princípios de protecção especial da criança e da igualdade de direitos e deveres dos seus membros e dos cônjuges entre si.

Artigo 4

(Deveres da família)

À família incumbe, em particular:

- a) assegurar a unidade e estabilidade próprias;
- b) assistir os pais no cumprimento dos seus deveres de educar e orientar os filhos;
- c) garantir o crescimento e desenvolvimento integral da criança, do adolescente e do jovem;
- d) assegurar que não ocorram situações de discriminação, exploração, negligência, exercício abusivo de autoridade ou violência no seu seio;
- e) amparar e assistir os membros mais idosos, assegurando a sua participação na vida familiar e comunitária e defendendo a sua dignidade e bem-estar;
- f) amparar e assistir os membros mais carentes, nomeadamente, os portadores de deficiência;
- g) velar para que sejam respeitados os direitos e os legítimos interesses de todos e de cada um dos seus membros.

[...]

Artigo 6

(Fontes das relações jurídicas familiares)

São fontes das relações jurídicas familiares a procriação, o parentesco, o casamento, a afinidade e a adopção.

Artigo 7

(Noção de casamento)

O casamento é a união voluntária e singular entre um homem e uma mulher, com o propósito de constituir família, mediante comunhão plena de vida.

Artigo 8

(Noção de parentesco)

Parentesco é o vínculo que une duas pessoas, em consequência de uma delas descender de outra ou de ambas procederem de um progenitor comum.

Artigo 9

(Elementos do parentesco)

O parentesco determina-se pelas gerações que vinculam os parentes um ao outro; cada geração forma um grau, e a série dos graus constitui a linha de parentesco.

Artigo 10

(Linhas de parentesco)

1. A linha diz-se recta, quando um dos parentes descende do outro; diz-se colateral, quando nenhum dos parentes descende do outro, mas ambos procedem de um progenitor comum.
2. A linha recta é descendente ou ascendente: descendente, quando se considera como partindo do ascendente para o que dele procede; ascendente, quando se considera como partindo deste para o progenitor.

[...]

Artigo 13

(Noção de afinidade)

A afinidade é o vínculo que liga cada um dos cônjuges aos parentes do outro.

Artigo 14

(Elementos e cessação da afinidade)

A afinidade determina-se pelos mesmos graus e linhas que definem o parentesco e não cessa pela dissolução do casamento.

Artigo 15

(Noção de adopção)

Adopção é o vínculo que, à semelhança da filiação natural, mas independentemente dos laços do sangue, se estabelece legalmente entre duas pessoas [...].

*Boletim da República, 1 Série, n.º 34,
de 25 de Agosto de 2004
(texto com supressões)*

Vocabulário

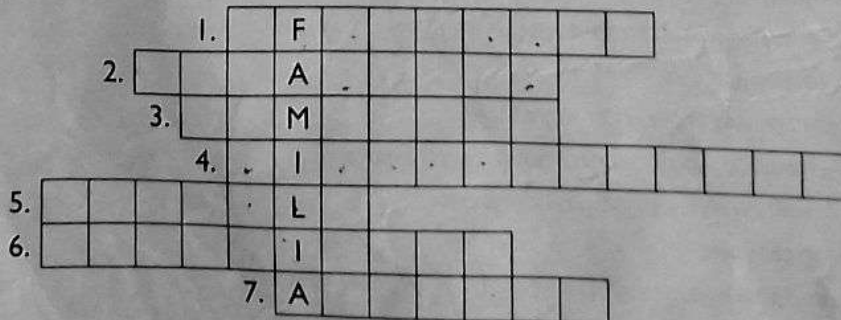
- afinidade** – parentesco entre um cônjuge e os parentes do outro
cônjuge – cada um dos esposos (com relação ao outro)
incumbir – competir; caber
discriminação – tratamento desigual ou injusto dado a uma pessoa ou grupo
negligência – desleixo; falta de atenção
abusivo – feito por abuso
velar – vigiar; proteger; exercer vigilância
legítimo – fundado no direito, na razão ou na justiça
jurídico – conforme aos princípios do direito
vínculo – ligação; laço
progenitor – procriador; pai
colateral – que é parente, mas não em linha recta
descendente – pessoa que, em linha recta, descende de outra
ascendente – de quem se descende
filiação – descendência directa

Compreensão/Interpretação

INFORMAÇÃO, I

p. 14

1. Indica, de entre as opções seguintes, a tipologia em que se integra o texto que acabaste de ler:
 - a) texto didáctico;
 - b) texto científico;
 - c) texto normativo;
 - d) texto poético.
 - 1.1 Justifica a tua resposta recorrendo a um exemplo do texto.
2. Explica o ponto n.º 1 do artigo 1.º.
3. Considera a seguinte passagem do texto: «A família é a comunidade de membros ligados entre si pelo parentesco, casamento, afinidade e adopção.» (artigo 2.º, n.º 1)
 - 3.1 O que entendes por família estabelecida por parentesco, por casamento e por afinidade?
4. Relê o artigo 3.º do mesmo documento.
 - 4.1 Consideras justo que uma lei social interfira na vida de um casal unido por vontade própria?
 - 4.1.1 Apresenta argumentos que justifiquem a tua resposta.
5. «A linha [...] diz-se colateral, quando nenhum dos parentes descende do outro, mas ambos procedem de um progenitor comum.» (artigo 10.º, n.º 1).
 - 5.1 Apresenta o exemplo de uma linhagem colateral num esquema genealógico.
6. Completa as palavras-cruzadas com as palavras do texto que correspondem às definições seguintes:
 1. Parentesco entre um cônjuge e os parentes do outro.
 2. União para constituir família legal.
 3. Participação em comum; partilha.
 4. Tratamento desigual dado a alguém com base em preconceitos.
 5. Laço; ligação.
 6. Acto ou efeito de procriar.
 7. Acto ou efeito de adoptar.



Funcionamento da língua

1. Atenta na seguinte frase do texto: «A **afinidade** determina-se pelos mesmos graus e linhas que definem o **parentesco** e não cessa pela **dissolução** do **casamento**.» (artigo 14.º) INFORMAÇÃO, 2
p. 14
- 1.1 Identifica o processo de formação das palavras destacadas.
2. Completa a tabela com o aumentativo e o diminutivo das palavras apresentadas.

Palavra primitiva	Aumentativo	Diminutivo
homem	homenzarrão	
casa		
mulher		
solteiro		solteirinho
papel		

3. Classifica, quanto ao processo de formação, as palavras seguintes: *módulo*, *nótula* e *questiúncula*.
4. Analisa sintacticamente a frase: «A família é a célula base da sociedade [...]» (artigo 1.º)

Produção escrita

1. Faz a leitura dos artigos 1.º (Noção de Família) a 140.º (Mutabilidade dos regimes de bens) da Lei da Família e resume a informação dos mesmos.
2. Atendendo à diversidade cultural do nosso país, são vários os tipos de união matrimonial praticados nas sociedades moçambicanas. Elabora um texto argumentativo em que defendas ou reprovés o exposto nos temas abaixo:
- Legalização do lobolo (união entre homem e mulher através de trocas de bens materiais);
 - Legalização do *kutchinga* (homem que se une a uma mulher por herança de um parente falecido);
 - Legalização do casamento homossexual (união entre indivíduos do mesmo sexo).



Produção oral

1. Baseando-te na leitura que fizeste da Lei da Família, discute com os teus colegas a essência deste documento. Procurem responder, por exemplo, às questões seguintes sobre a Lei da Família:
- É discriminatória ou é de abrangência social?
 - Prevê o contexto social de aplicação?
 - Está de acordo com o contexto social de aplicação?
 - É mais materialista do que moralista?

Funcionamento da língua

1. Atenta na seguinte frase do texto: «A **afinidade** determina-se pelos mesmos graus e linhas que definem o **parentesco** e não cessa pela **dissolução** do **casamento**.» (artigo 14.º). INFORMAÇÃO, 2
p. 14
- 1.1 Identifica o processo de formação das palavras destacadas.
2. Completa a tabela com o aumentativo e o diminutivo das palavras apresentadas.

Palavra primitiva	Aumentativo	Diminutivo
homem	homenzarrão	
casa		
mulher		
solteiro		solteirinho
papel		

3. Classifica, quanto ao processo de formação, as palavras seguintes: *módulo*, *nótula* e *questiúncula*.
4. Analisa sintacticamente a frase: «A família é a célula base da sociedade [...]» (artigo 1.º)

Produção escrita

1. Faz a leitura dos artigos 1.º (Noção de Família) a 140.º (Mutabilidade dos regimes de bens) da Lei da Família e resume a informação dos mesmos.
2. Atendendo à diversidade cultural do nosso país, são vários os tipos de união matrimonial praticados nas sociedades moçambicanas. Elabora um texto argumentativo em que defendas ou reprovés o exposto nos temas abaixo:
- Legalização do lobolo (união entre homem e mulher através de trocas de bens materiais);
 - Legalização do *kutchinga* (homem que se une a uma mulher por herança de um parente falecido);
 - Legalização do casamento homossexual (união entre indivíduos do mesmo sexo).



Produção oral

1. Baseando-te na leitura que fizeste da Lei da Família, discute com os teus colegas a essência deste documento. Procurem responder, por exemplo, às questões seguintes sobre a Lei da Família:
- É discriminatória ou é de abrangência social?
 - Prevê o contexto social de aplicação?
 - Está de acordo com o contexto social de aplicação?
 - É mais materialista do que moralista?

Informação

1. A lei

Uma lei é uma norma que regula a vida das pessoas nas diversas áreas da vida social. Estabelece, por exemplo, as regras de comportamento que devem ser seguidas no âmbito religioso, familiar, económico, desportivo, escolar ou profissional. A lei é considerada um **texto normativo**, pois prescreve uma norma que deve ser seguida.

Nas comunidades tradicionais de África, as leis de vida não estão registadas sob a forma de documentos escritos. As normas, obrigações e proibições (tabus) são aprendidas e conservadas na memória, sendo transmitidas de geração em geração.

Actualmente, são muitas as leis que permitem regular a vida dos indivíduos na sociedade. Uma delas é a **Lei da Família**, documento que estabelece normas de regulação da vida familiar de um grupo social, de modo a promover a organização no seio dos lares e, conseqüentemente, na sociedade.

No nosso país, depois de a questão ter sido longamente debatida, foi concluído em 2002 um Projecto de Lei da Família que passou a proposta, remetida à Assembleia da República para discussão e aprovação. Enquadrou-se numa reforma de leis havia muito desejada, pois muitas das leis então em vigor em Moçambique baseavam-se no Direito Português, tendo sido aprovadas em 1966 e entrado em vigor no nosso país por via da colonização. A actual Lei da Família foi publicada no *Boletim da República*, publicação oficial da República de Moçambique, em 25 de Agosto de 2004.

Aplicação

1. Que relação existe entre lei e norma?
2. As sociedades tradicionais de África não têm as suas leis registadas por escrito. Como podem elas ser conservadas?
3. De que modo pode uma lei garantir ou promover a organização social?

2. Formação de palavras: sufixos aumentativos e diminutivos; diminutivos eruditos

Já sabes que as palavras podem ser formadas por:

- composição – como **guarda-chuva** (composição por justaposição) e **planalto** (composição por aglutinação);
- ou por derivação – como **infeliz** (derivação por prefixação) e **felizmente** (derivação por sufixação).

Por derivação sufixal (derivação em que é acrescentado um sufixo) formam-se substantivos, adjectivos e advérbios. Um sufixo pode ser:

- nominal, formando substantivos (**ponteiro**);
- verbal, originando verbos (**suavizar**);
- adverbial, formando advérbios (**bondosamente**).

Os sufixos nominais entram na formação de substantivos aumentativos e de substantivos diminutivos. Por essa razão, estes sufixos podem ser:

- aumentativos: *-ão* (**caldeirão**), *-alhão* (**grandalhão**), *-(z)arrão* (**homenzarrão**), *-eirão* (**asneirão**), *-açola* (**ricaço, barçaça**), *-ázio* (**copázio**), *-uça* (**dentuça**);
- diminutivos: *-(z)inho* (**cãozinho**), *-ino* (**pequenino**), *-acho* (**riacho**), *-eco* (**livreco**), *-ico* (**burrico**), *-ela* (**ruela**), *-ito* (**rapazito**), *-ote* (**velhote**), *-isco* (**chuisco**), *-ola* (**rapazola**).

Diminutivos eruditos

Entre os vários diminutivos, é importante salientar os diminutivos eruditos, ou seja, diminutivos que pertencem à língua literária e culta (especialmente da terminologia científica) e em cuja formação entram os sufixos *-ulo(a)* e *-culo(a)*, com as variantes *-áculo(a)*, *-ículo(a)*, *-úsculo(a)* e *-únculo(a)*. Eis alguns exemplos:

Palavra primitiva	Diminutivo erudito
corpo	corpúsculo
gota	gotícula
grão	grânulo
homem	homúnculo
monte	montículo
nó	nódulo
nota	nótula
obra	opúsculo
pele	película
questão	questiúncula
verme	vermículo

Aplicação

1. Completa a tabela seguinte formando substantivos aumentativos e diminutivos das palavras primitivas apresentadas na primeira coluna.

Palavra primitiva	Aumentativo	Diminutivo
gato		
voz		
ribeiro		

2. Completa as frases em baixo com os seguintes diminutivos eruditos:

nódulo montículo versículo gotículas febrícula homúnculo

- Fiquei rouco porque tinha um _____ nas cordas vocais.
- Quando o padre acabou de ler o _____, explicou o seu significado.
- Sinto-me mal. Onde está o termómetro? Devo ter uma _____.
- Esse homem é insignificante. Não passa de um _____.
- O chão está cheio de _____ de água.
- Já varreste o _____ de folhas que estava no chão?

Tema transversal: a Revolução Verde

A Revolução Verde é um programa idealizado para aumentar a produção agrícola por meio de melhorias genéticas em plantas. Contudo, frequentemente, o progresso tecnológico põe em causa a integridade da Natureza. Os naturalistas e ambientalistas, muitas vezes, opõem-se ao tratamento que a Ciência tem dado ao meio natural.

O texto que se segue irá ajudar-te a reflectir sobre o assunto.

Leitura

Fertilização de solos – adubação orgânica



O nosso país, Moçambique, possui um subsolo bastante rico e diversificado. Existem florestas, campos lamacentos e pantanosos, mas também vastas áreas próprias para certo tipo de culturas, mesmo em zonas com maior ocupação populacional.

Grande parte da terra produtiva resulta da deposição de sedimentos deixados pelos rios. E Moçambique é rico em recursos de água. As margens dos lagos e, principalmente, dos rios são usadas para o cultivo. Alguns rios são também usados como fonte de irrigação para campos de cultivo. São várias as técnicas usadas para esse fim. Existem os métodos tradicionais, que consistem no desvio do curso normal da água de um afluente do rio em direcção aos campos de cultivo, através da abertura de valas. São

também usadas bombas hidráulicas que alimentam as áreas de cultivo, em especial as áreas da agricultura familiar. Para a irrigação em grande escala, usam-se barragens. Existem no nosso país várias infra-estruturas hidráulicas, como é o caso da estação de bombagem da Açucareira de Mafambisse, na bacia do rio Pungué.

Apesar da grande extensão de terras aráveis, existem áreas desérticas e áridas naturais, impróprias para qualquer tipo de cultivo agrícola. Os factores climáticos (ventos e chuvas intensos) e a acção do homem (desmatamento, queimadas, aterros) podem contribuir para o empobrecimento do subsolo.

Existem técnicas que permitem transformar as terras desérticas em terras produtivas, enriquecendo-as com adubos e fertilizantes. A adubação verde é uma técnica tradicional e de baixo custo, mas muito eficaz e natural, de enriquecimento do subsolo. A adubação verde consiste em misturar leguminosas com a terra ou em cultivar plantas que depois serão fragmentadas, servindo como cobertura até serem

compostadas. A adubação verde ajuda à manutenção dos organismos vivos do solo e prejudica as espécies invasoras; ajuda a manter a humidade do solo, economizando água; cobre o solo, evitando a erosão; melhora a estrutura e os minerais do solo; activa a vida no solo.

- 35 Outro processo de fertilização dos solos muito parecido com a adubação verde é a formação de húmus, uma matéria orgânica resultante da decomposição de animais e plantas mortas que é depositada no solo. A humificação natural é produzida por bactérias e fungos do solo. Esta enriquece melhor a terra de nutrientes do que a humificação artificial, em que se adicionam produtos químicos ao húmus.

Filipe Macie, inédito

Compreensão/Interpretação

1. De acordo com o texto, onde encontramos terras férteis?
2. Que técnicas de irrigação apresenta o texto?
 - 2.1 De entre as técnicas apresentadas, qual é a menos dispendiosa? Justifica a tua resposta.
3. A que se deve a perda da fertilidade das terras?
4. Que técnicas de fertilização dos solos são apresentadas no texto?
5. Diferencia adubação orgânica da humificação.
6. Diferencia a humificação natural da humificação artificial.

Produção oral

1. A realidade mostra que a utilização abusiva de produtos químicos que visam acelerar o desenvolvimento agrícola é prejudicial para a Natureza.
 - 1.1 Consideras que estes métodos devam ser estimulados no nosso país, para tornar mais rápido o crescimento natural das culturas agrícolas? Fundamenta a tua opinião com exemplos elucidativos.

Produção escrita

1. Redige um texto em que explores um dos seguintes temas:
 - Agricultura – a base da economia moçambicana;
 - Cultivo de Jatrofa – uma estratégia para desenvolver a economia nacional;
 - Fundo financeiro de apoio ao agricultor – um meio para reduzir a pobreza?

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras do texto pertencentes ao campo lexical de «agricultura».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Unidade 2

Textos administrativos: a procuração

No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:
 - Reconhecer as características da procuração;
 - Interpretar uma procuração;
 - Analisar a estrutura da procuração;
 - Elaborar uma procuração.
2. Sobre o funcionamento da língua:
 - Identificar orações subordinadas concessivas;
 - Construir frases com orações subordinadas concessivas.
3. Sobre o tema transversal (comércio formal e comércio informal):
 - Interpretar textos sobre o comércio;
 - Distinguir o comércio informal do comércio formal;
 - Discutir a organização do comércio formal/informal no teu local de residência/cidade/país;
 - Sugerir formas de organização do comércio no teu local de residência/cidade/país.

Textos administrativos: a procuração

Por vezes, é necessário recorrer à ajuda de outras pessoas para tratar de assuntos que, por determinados motivos, não podemos resolver. Essas pessoas assumem responsabilidades e vão tomar decisões e agir de acordo com os nossos interesses. Tal transmissão de poderes exige um registo legal que comprove o acto: a procuração. Este procedimento documental, além de ser um testemunho legal, garante a harmonia profissional e social.

Na presente unidade didáctica, no âmbito dos textos administrativos, irás estudar a procuração. Quanto ao funcionamento da língua, ficarás a conhecer as orações subordinadas reduzidas infinitivas.

Leitura

O texto que se segue é uma procuração através da qual se procede à delegação de poderes para negócios comerciais e bancários. Lê-o atentamente.

Procuração para negócios comerciais e bancários em geral

Por este instrumento particular, eu, Mário Teles Nhampossa, abaixo assinado, de nacionalidade moçambicana, casado, negociante de profissão, portador do Bilhete de Identidade n.º 1002736350Q, residente e domiciliado na Avenida Eduardo Mondlane, n.º 123, na cidade da Beira, nomeio e constituo meu bastante procurador João Manuel Nhampossa, moçambicano, solteiro, motorista de profissão, residente e domiciliado na Rua 12, n.º 32 r/c, em Munhava, com amplos, gerais e ilimitados poderes para: tratar de todos os meus negócios comerciais e bancários; comprar e vender mercadorias; celebrar contratos comerciais; receber dinheiro, títulos e valores; passar recibos e dar cotações; emitir facturas e letras de câmbio; aceitar, endossar, caucionar, efectuar descontos; conceder prorrogações de prazos e modificar vencimentos de títulos; celebrar contratos de financiamento com bancos e estabelecimentos de crédito; assinar propostas, cartas de remessas, correspondências, papéis e quaisquer documentos; movimentar nos bancos, casas bancárias e estabelecimentos congêneres, tanto as contas correntes à ordem como as de caução e contra elas emitir cheques, ordens de pagamento e de depósito; sacar, mesmo a descoberto; levantar, no todo ou em parte, os saldos dessas contas; emitir, endossar e assinar cheques; fazer transferências de numerários; liquidar contas; abrir novas contas; depositar e retirar dinheiro, títulos e valores; dar e aceitar cotações, requisitar talões de cheques, em suma, realizar, solucionar, transigir, assumir obrigações, compromissos e qualquer negócio comercial ou bancário, em nome do outorgante, o que tudo haverá por bem, firme e valioso.

Sofala, Beira, 16 de Abril de 2011

Mário Teles Nhampossa

Vocabulário

- domiciliado** – residente com carácter de permanência
procurador – o que trata de negócios de outrem, tendo para isso procuração
título – documento representativo de acções ou obrigações de banco ou empresa
valor – título que representa uma certa quantidade de dinheiro
cotação – nota indicativa dos preços por que se compram ou oferecem mercadorias ou títulos
letra de câmbio – documento representativo de dinheiro
endossar – transferir o direito de um valor comercial para outrem
caucionar – assegurar com caução
prorrogação – prolongamento ou adiamento de um prazo
vencimento – final do prazo para pagamento de uma letra de câmbio, de uma dívida
financiamento – acto de facultar o dinheiro necessário para um empreendimento
remessa – aquilo que se remeteu ou enviou
congénere – parecido; semelhante
caução – garantia; fiança
sacar – auferir
liquidar – trocar por dinheiro
transigir – conciliar; fazer transacção com alguém a respeito de litígios
outorgante – cada uma das partes que figuram numa escritura pública

Compreensão/Interpretação

1. A procuração é um texto através do qual se atribuem poderes.
- 1.1 Identifica, na procuração que acabaste de ler, o indivíduo que concede e o que recebe poderes.
- 1.2 Indica, resumidamente, os poderes que são transmitidos.
- 1.3 Quem é, no texto apresentado, o procurador?
2. Dos seguintes elementos, assinala aqueles que devem fazer parte da identificação do outorgante:
- a) estado civil;
 - b) número de telemóvel;
 - c) morada;
 - d) nome;
 - e) número da conta bancária;
 - f) profissão;
 - g) documento de identificação;
 - h) número da carta de condução.

INFORMAÇÃO, I

p. 22



Funcionamento da língua

1. De acordo com os conhecimentos que adquiriste nos anos anteriores, identifica e classifica as orações das frases seguintes:
 - a) Concedo-te totais poderes para administrares os meus negócios.
 - b) Quando assinares a procuração, irás resolver vários assuntos.
 - c) Tratarás dos meus negócios, porque confio em ti.
 - d) Uma vez que és honesto, passo-te uma procuração.
2. Observa com atenção as alterações verificadas na transformação da frase 1 na frase 2.

INFORMAÇÃO, 2

p. 24

Frase 1: *É preciso assinares esta página do documento.*

Frase 2: *É preciso que assines esta página do documento.*

- 2.1 Reescreve as frases seguintes de acordo com o exemplo apresentado anteriormente.
 - a) *Basta acreditarmos uns nos outros.*
 - b) *É fundamental confiares no procurador.*
 - c) *É fundamental reconhecerem as assinaturas no Cartório Notarial.*
- 2.2 Classifica as orações destacadas em itálico nas alíneas a), b) e c), justificando a tua resposta.

Produção escrita

1. Toma como base o texto que acabaste de ler e elabora uma procuração, fazendo-te passar pelo outorgante.

Produção oral

1. Em que medida é importante o recurso a procurações, considerando que várias comunidades rurais tradicionais desconhecem este acto administrativo, mas asseguram uma organização social? Troca impressões com o teu colega acerca deste tema.



Informação

1. A procuração

A procuração é o acto pelo qual alguém atribui a outrem, voluntariamente, poderes representativos, sob a forma de documento escrito.

Para que seja legalmente válida, a procuração deve ser reconhecida por um notário, o que exige a apresentação de pelo menos os seguintes documentos:

- um documento particular escrito e assinado pelo representado, com reconhecimento presencial da letra e da assinatura feito por notário;
- uma autenticação pelo notário;
- um documento de identificação dos intervenientes.

NOTA:

1. O procurador não necessita de ter capacidade de exercício de direitos, sendo suficiente a capacidade de entender e querer exigida pela natureza do negócio a efectuar.
2. Em princípio, as partes envolvidas na procuração procedem ao acto num cartório notarial, mas, em casos especiais, o notário vai ao encontro destes e assinam na presença do procurador. Se os intervenientes não souberem ler nem escrever, a procuração é lida na presença do notário e, se aqueles estiverem capacitados para a assinar, fazem-no. Caso não estejam, procedem à assinatura «a rolo» (stampagem de impressões digitais).
3. O custo do acto depende do tipo de procuração.

Pelo exposto, pode concluir-se que a procuração é um **texto administrativo**, ou seja, um documento de **carácter burocrático**.

Estrutura da procuração

A procuração apresenta a seguinte estrutura:

- Identificação do mandante, outorgante ou constituinte;
- Identificação do mandatário, outorgado ou procurador (nome antecedido por uma expressão do tipo «Constituo bastante procurador»);
- Descrição dos poderes concedidos (antecedida por uma expressão do tipo «concedo plenos poderes para»);
- Indicação do local e da data;
- Assinatura do mandante.

Na página seguinte encontra um modelo de procuração.

Modelo de procuração

Eu, _____ (nome completo), portador(a) do Bilhete de Identidade n.º _____, emitido em ___/___/___ pelo Arquivo de Identificação de _____, nascido(a) na Província de _____, localidade de _____, aos ___/___/___; _____, (estado civil), residente em _____

[se for empresa, substituir por: estabelecida na Rua _____, n.º _____, na cidade de _____, inscrita sob o n.º _____ e com contrato de constituição devidamente arquivado (ou registado) na Junta Comercial da Província (ou no Cartório de Registo de Títulos e Documentos), sob o n.º _____ (demais dados do arquivo ou registo)], constituo bastante procurador(a) _____ (nome completo), portador(a) do Bilhete de Identidade n.º _____, emitido em ___/___/___ pelo Arquivo de Identificação de _____, nascido(a) em ___/___/___, na Província de _____, localidade de _____ residente em _____, concedendo-lhe plenos poderes para _____

_____ (local), ___/___/___

_____ (Assinatura)

Aplicação

1. Explica, por palavras tuas, por que razão se diz que a procuração é um texto administrativo.
2. Assinala a opção que traduz o objectivo deste tipo de texto:
 - a) vender um serviço;
 - b) persuadir;
 - c) formalizar uma situação;
 - d) fazer um pedido;
 - e) emitir uma opinião.
3. Indica se as seguintes afirmações são verdadeiras ou falsas:
 - a) O procurador é aquele que recebe os poderes que lhe delegam.
 - b) Para assinar uma procuração é preciso saber ler e escrever.
 - c) A procuração não obedece a critérios formais.
 - d) Para ser legal, a procuração precisa de reconhecimento notarial.
4. Explica por que motivo é conveniente reconhecer notarialmente as assinaturas, quando se faz uma procuração.

2. Conjunções e locuções subordinativas concessivas

A **oração concessiva** indica uma circunstância que, embora tenda a contrariar a acção enunciada na subordinante, não impede que esta se realize.

Exemplo:

Vou dar-te alguns bens, embora não seja do meu agrado.

Ainda que me implores, não te concedo todos os poderes.

Eis a lista de algumas conjunções e locuções concessivas: *embora, conquanto, que (= ainda que), ainda que, posto que, mesmo que, bem que, se bem que, por mais que, por menos que, apesar de que, nem que.*

Aplicação

1. Completa as seguintes frases, escrevendo no infinitivo flexionado os verbos apresentados entre parênteses, tendo em conta as indicações fornecidas:
 - a) Basta _____ a procuração amanhã. (verbo *assinar*, 1.ª pessoa do plural)
 - b) É preciso _____ como se faz uma procuração. (verbo *saber*, 2.ª pessoa do singular)
 - c) Foi fundamental _____ com a tua ajuda. (verbo *contar*, 1.ª pessoa do plural)
2. Classifica as orações das frases que se seguem:
 - a) Apesar de prestares bons serviços, não tens direito aos bens da empresa.
 - b) Mesmo que penses em recorrer, eu mantenho-me firme.
 - c) Meu filho será meu sucessor, por mais que ele não queira.
 - d) Sei que ele irá assumir o cargo, embora proteste veementemente.
4. Elabora três frases que incluam orações subordinadas concessivas.

Tema transversal: comércio formal e comércio informal

O elevado custo de vida no nosso país conduz grande parte da população à vida comercial, com vista a obter rapidamente rendimentos para sobrevivência ou a manter a estabilidade. Esta necessidade gera situações de comércio informal e práticas ilegais, efectuadas até pelos comerciantes considerados formais.

Neste capítulo, irás reflectir sobre este assunto com o teu professor e os teus colegas.

Leitura

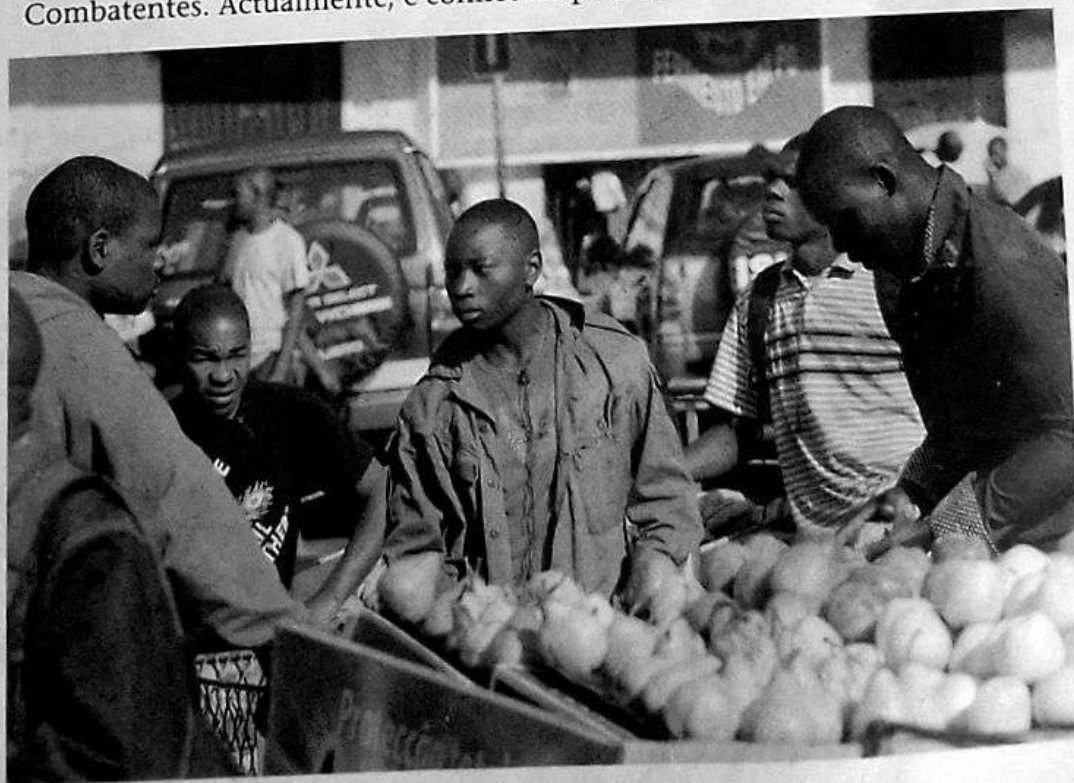
Xiquelene: um mercado de contrastes

Bem encostado à Praça dos Combatentes, funciona um espaço aberto e enorme onde se realizam trocas comerciais. Naquele sítio, muitos cidadãos ganham o seu pão.

Segundo testemunhas oculares, o mercado Xiquelene surgiu em 1992. Oficialmente, o local chama-se mercado da Praça dos Combatentes.

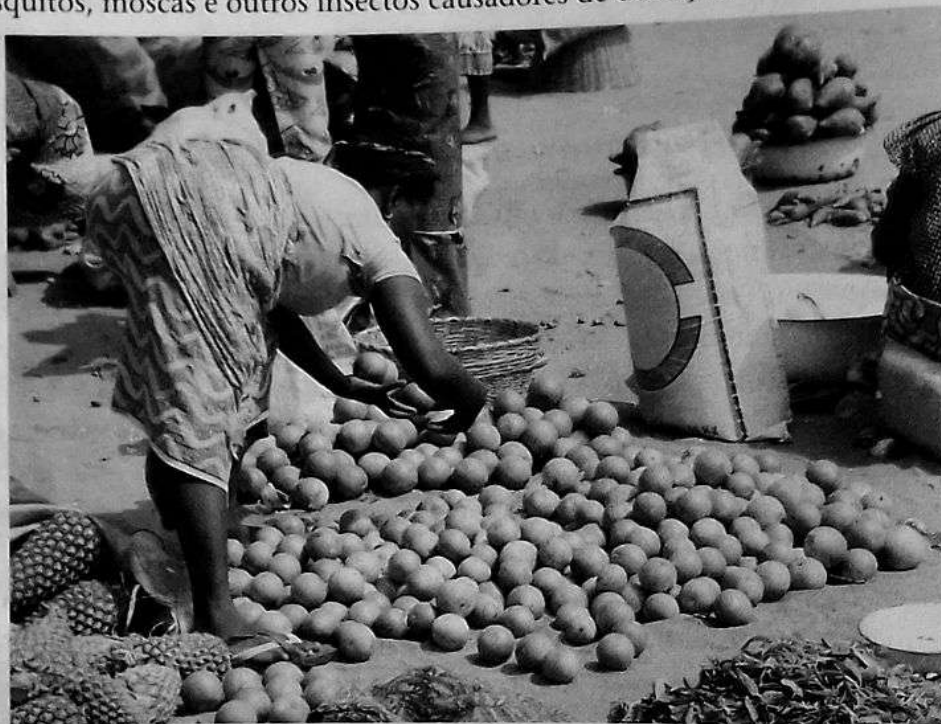
Conta-se que, nas entranhas do Bairro Ferroviário, existia uma cova enorme de onde se extraía areia vermelha para a construção de estradas. Ao lado dessa cova, surgiu um pequeno mercado que passou a ser chamado Xiquelene, que, na língua local (changana), significa cova.

Com o andar do tempo, o mercado foi crescendo até atingir a Praça dos Combatentes. Actualmente, é conhecido pelo nome não oficial: Xiquelene.



Diferentemente de muitos em Maputo, é conhecido pelas suas características singulares. Trata-se de um mercado onde se encontra um pouco de tudo para uso geral. Há vários tipos de vestuário, produtos alimentares industrializados, e produtos frescos, como peixe, carne, vegetais e frutas: produtos que, na sua maior parte, são transaccionados em locais impróprios.

Xiquelene é um mercado de contrastes. Se, por um lado, é fonte de vida, por outro, é um atentado à saúde. A imundície mede-se pelos montões de lixo e pelos charcos de cheiro desagradável que servem de habitat e fonte de reprodução para mosquitos, moscas e outros insectos causadores de doenças.



As péssimas condições de higiene e de trabalho do lugar fazem com que o mercado da Praça dos Combatentes não seja digno de merecer tal designação. Como muitos mercados da cidade, o comércio naquele local é feito a céu aberto; por isso, as pessoas e os produtos estão expostos aos caprichos da Natureza.

25 Faça chuva ou faça sol, os vendedores estão ali entregues à sua própria sorte, à excepção de alguns (poucos) que se abrigam nas suas barracas de construção precária.

A partir das 19 horas, tempo de recolha, o Xiquelene vai ficando cada vez mais vazio, até às 22 horas, momento em que fica deserto e mergulhado num silêncio total. Tudo se torna calmo, resultando apenas a «voz» dos morcegos, das corujas e de outros seres noctívagos.

Félix Filipe, in *A Verdade*, 17 de Julho de 2009 (adaptado)

Compreensão/Interpretação

1. Justifica o título do texto.
2. Indica, de acordo com o texto, o motivo pelo qual o mercado nele referido é popularmente conhecido como Xiquelene.
3. Descreve o mercado Xiquelene de dia e de noite.

Funcionamento da língua

1. Identifica uma ou mais figuras de estilo nas frases seguintes, explicando a sua expressividade: **SEPARADOR**
 - a) «Com o andar do tempo, o mercado foi crescendo até atingir a Praça dos Combatentes.» (ll. 10-11)
 - b) «[...] estão expostos aos caprichos da Natureza.» (l. 24)
 - c) «Tudo se torna calmo, resultando apenas a “voz” dos morcegos, das corujas e de outros seres noctívagos.» (ll. 30-31)

Produção oral

1. Atenta nas frases retiradas do texto sobre o mercado de Xiquelene:
 - «Naquele sítio, muitos cidadãos ganham o seu pão.» (ll. 2-3)
 - «[...] um mercado onde se encontra um pouco de tudo para uso geral.» (ll. 13-14)
 - «A imundície mede-se pelos montões de lixo e pelos charcos de cheiro desagradável [...].» (ll. 18-19)
 - 1.1 Apesar da ilegalidade óbvia do comércio informal, esta prática, nos países subdesenvolvidos, pode evitar males maiores, como, por exemplo, a criminalidade. Concordas com a liberalização do comércio informal?
 - 1.1.1 Apresenta oralmente os argumentos que fundamentam a tua opinião.
 2. «As péssimas condições de higiene e de trabalho [...] fazem com que o mercado da Praça dos Combatentes não seja digno de merecer tal designação.» (ll. 21-22)
 - 2.1 Concordas com esta opinião? Expõe o teu ponto de vista.

Produção escrita

1. Certamente, na área da tua residência, existem locais onde se pratica o comércio informal. Num texto cuidado, descreve-os, manifestando o teu ponto de vista sobre a acção destes comerciantes da zona onde resides. Podes compará-los com os comerciantes ilegais de outras áreas da tua província.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras do texto pertencentes ao campo lexical de «comércio».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Unidade 3

Textos jornalísticos: a reportagem

.....

No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Interpretar uma reportagem;
- Analisar uma reportagem quanto à sua estrutura:
 - Narração;
 - Descrição;
 - Dissertação;
- Elaborar uma reportagem.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Usar a preposição *o* na regência de complemento indirecto;
- Analisar sintacticamente frases que envolvam verbos de movimento.

3. Sobre o tema transversal (HIV/sida):

- Participar em campanhas de prevenção e combate ao HIV/sida.

Textos jornalísticos: a reportagem

O HIV/sida constitui um motivo de grande preocupação em África, não apenas pelo elevado número de pessoas afectadas pela doença, mas também pela discriminação social que provoca.

Os órgãos de comunicação social, pelo seu poder informativo, contribuem para o combate ao problema, promovendo a mudança de comportamentos sexuais, o recurso ao teste, o tratamento da doença e a luta contra o estigma.

Nesta unidade, apresentamos-te alguns artigos jornalísticos nos quais se aborda o problema da pandemia do HIV/sida. São reportagens, género jornalístico de grande impacto informativo por ter como base o testemunho directo dos factos.

Iremos também analisar frases que incluem verbos de movimento e usar a preposição *a* na regência de complemento indirecto em frases.

Leitura

O texto que se segue é uma reportagem na qual se descreve a actividade de um seropositivo na luta contra a sida. Lê-o atentamente.

Sida não é só doença de africanos pobres

O porto-riquenho Carlos Cordero, 44 anos, está em Moçambique há um mês. Já fez palestras, concedeu entrevistas e, nesta semana, esteve num popular programa de TV. Desde então, quando sai às ruas de Maputo é interceptado por pessoas que pedem um abraço, aperto de mão e fotos.

«Você mudou o meu jeito de ver a vida», disse a Cordero uma jovem de 28 anos que ligou para um programa da televisão. Ela tinha acabado de descobrir que era seropositiva e estava em depressão, mas viu nele uma fonte de inspiração para enfrentar a sida. Carismático, de voz forte e corpo firme, Cordero não é músico, actor, nem desportista. Ele é um activista a viver com HIV.

A organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF) convidou-o para vir a Moçambique ajudar a diminuir o estigma e incentivar a adesão

ao tratamento anti-retroviral. Nesta semana, a sala de reuniões do escritório da MSF em Maputo ficou pequena para acomodar as dezenas de activistas e seropositivos que vieram para um encontro com Cordero.

«Ver que o senhor, um estrangeiro, também tem sida é muito diferente para nós. Achávamos que esta era uma doença de moçambicanos, de pobres...», disse Adriano Pelembe, da Associação de Pessoas Vivendo com HIV/sida. Até agora, em Moçambique, nenhuma pessoa branca assumiu publicamente que tem HIV. Daí o impacto da presença de Cordero, além da sua simpatia e ar saudável.

Na reunião no MSF, Maria Feliciano, do programa de educação sexual para jovens *Geração Biz*, admirou o estado físico do activista. Em resposta, Cordero tirou a camisola que vestia e mostrou os braços: «Aparento ter HIV? Não.

Mas tenho. Por isso, não se pode escolher com
 40 quem vamos usar preservativo ou não. É preciso
 usar sempre.» Cordero, que já teve vários efeitos
 colaterais provocados pelos medicamentos anti-
 retrovirais, deu a sua receita:

«Para a anemia, como muitos vegetais verdes,
 45 que têm ferro. Para pedras nos rins, tomo mais
 de dois litros de água por dia. Contra a lipodis-
 trofia (excesso de gorduras em partes específicas
 do corpo), todos os dias, faço 200 abdominais
 e 60 flexões de braço, mas tem de ser pela manhã,
 50 porque, se deixo para tarde, fico com preguiça
 e o HIV adora pessoas preguiçosas», contou.

Cordero é activista contra a sida desde 1988,
 mas apanhou o HIV em 1992. «Fui estúpido»,
 disse ao *PlusNews*. «Eu tinha todas as infor-
 55 mações e caí.»

Na ocasião, ele estava apaixonado. Ele e a
 namorada fizeram o teste do HIV, com resul-
 tados negativos, e decidiram deixar de usar
 camisinha.

60 Cordero diz que foi fiel, mas, depois de terminar
 o namoro, decidiu repetir o teste e viu que estava
 infectado. «Foi como se estivesse a usar uma
 rede mosquiteira com um mosquito já dentro»,
 disse, referindo-se à decisão que tomou com sua
 65 namorada.



Em tratamento anti-retroviral há 11 anos,
 Cordero trabalha também com o Programa
 Conjunto das Nações Unidas para o HIV/sida e
 já participou em três documentários no Congo
 70 e na Etiópia.

Graduado em Marketing, Cordero está casado
 há 14 anos com uma uruguaia seronegativa e
 não tem filhos por «ser egoísta». «Não quero
 que ninguém contraia um vírus que é só meu»,
 75 brinca.

Seropositivos nas mesas de decisões

O tema central do encontro no MSF foi o
 activismo. A maioria dos participantes fez refe-
 rência aos vários problemas dos moçambicanos
 80 vivendo com HIV/sida: falta de medicamentos,
 de alimentos, de dinheiro e de transporte para ir
 ao hospital, entre outros.

«Pelo menos, temos os medicamentos gratui-
 tamente. O Governo está a tentar», confirmou
 85 Victória Chembene, da Associação de Pessoas
 Vivendo com HIV/sida – Kindlimuka
 («Despertar», em língua local, changana).

Mas, nas respostas de Cordero, em «portunhol»
 (algumas palavras em português e outras em
 90 espanhol), estava a responsabilidade dos sero-
 positivos de liderarem a sua própria causa. «Nós
 temos de estar na mesa de decisões», disse
 Cordero.

O activista lembrou que, em 1987, quando
 95 apareceu o primeiro remédio contra a sida,
 o AZT (Zidovudina), a preços astronómicos,
 um grupo de nove activistas interrompeu a Bolsa
 de Valores em Nova Iorque como protesto para
 exigir a diminuição do preço. No dia seguinte,
 100 o preço caiu.

Segundo Cordero, o motor deste episódio foi
 a vontade de viver daquelas pessoas. «Desde
 então, tenho um sonho: fazer dos infectados

105 parte da solução e não do problema contra a sida», comentou.

Em Moçambique, são aproximadamente 1,6 milhões de seropositivos. Cerca de 250 mil precisariam de tratamento anti-retroviral urgentemente, mas pouco mais de 54 mil o recebem, já 110 que faltam recursos humanos e infra-estruturas sanitárias, principalmente nos distritos rurais.

Cordero disse aos Moçambicanos que ele já tomou 21 comprimidos diários. Os que hoje tomam apenas dois têm a obrigação de continuar

115 o tratamento para não criarem resistência aos remédios.

A jovem Alice Muchama contou que, depois de ouvir Cordero na televisão, uma grande amiga sua com sida resolveu começar o tratamento.

120 Cordero ficará em Moçambique ainda um mês. Depois da passagem por Maputo, irá levar o seu dinamismo, a sua maneira de ver e encarar a vida à província de Niassa.

in *PlusNews.org*, 20 de Julho de 2007
(adaptado)

Vocabulário

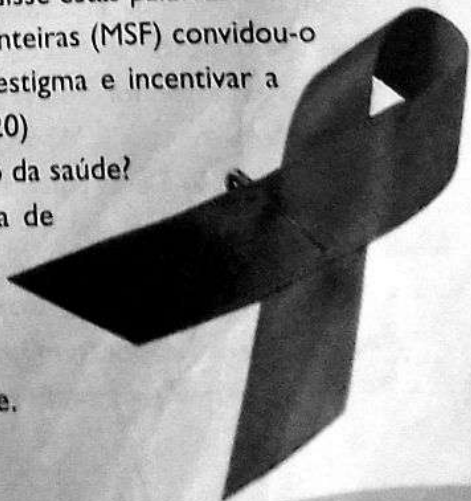
- palestra** – apresentação de um tema perante uma audiência; debate ou discussão ligeira
interceptar – deter ou interromper no seu caminho
seropositivo – portador do vírus da sida
carismático – que goza de um grande prestígio junto das pessoas
activista – membro activo de um grupo
estigma – mancha na reputação; nota de infâmia
adesão – acto de aderir; assentimento; cooperação
anti-retroviral – tratamento para combater o vírus
colateral – paralelo (efeito provocado por um tratamento)
anemia – diminuição dos glóbulos vermelhos do sangue

Compreensão/Interpretação

1. «Você mudou o meu jeito de ver a vida». (l. 8)
 - 1.1 O que fez Cordero para despertar tanta estima por parte das pessoas e mudar a vida da jovem que disse estas palavras?
2. «A organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF) convidou-o para vir a Moçambique ajudar a diminuir o estigma e incentivar a adesão ao tratamento anti-retroviral.» (ll. 17-20)
 - 2.1 O que entendes por «estigma», no âmbito da saúde?
 - 2.2 Prova com um exemplo do texto a falta de adesão ao tratamento referida na frase.
3. «Cordero é activista contra a sida desde 1988, mas apanhou o HIV em 1992.» (ll. 52-53)
 - 3.1 Explica a contradição presente nesta frase.

INFORMAÇÃO, I

p. 34



4. «[...] Cordero está casado há 14 anos com uma uruguaia seronegativa [...]» (ll. 71-72)
 - 4.1 Que particularidade tem este relacionamento?
 - 4.2 De acordo com Cordero, por que motivo o casal ainda não tem filhos?
5. Identifica um exemplo de discurso irónico numa das falas de Cordero.
6. Completa a tabela seguinte tendo em conta os modos de expressão que podem ser encontrados no texto.

Modo de expressão	Presente no texto?	Exemplo do texto
Narração		
Descrição		
Monólogo		
Diálogo		
Comentário		

Funcionamento da língua

1. «“Você mudou o meu jeito de ver a vida”, disse a Cordero uma jovem [...]» (ll. 8-9) INFORMAÇÃO, 2
p. 36
 - 1.1 Passa o enunciado acima para o discurso indirecto, iniciando-o por: «Uma jovem disse a Cordero...»
 - 1.2 Identifica a função sintáctica da expressão «a Cordero».
2. «Cordero disse aos Moçambicanos que ele já tomou 21 comprimidos diários. Os que hoje tomam apenas dois têm a obrigação de continuar o tratamento para não criarem resistência aos remédios.» (ll. 112-116)
 - 2.1 Analisa sintacticamente o primeiro período do excerto.
 - 2.2 Classifica a oração sublinhada nessa frase.
 - 2.3 Identifica, de entre as opções seguintes, a função sintáctica desempenhada pela oração sublinhada:
 - a) complemento circunstancial de modo;
 - b) complemento circunstancial de causa;
 - c) complemento circunstancial de fim;
 - d) complemento circunstancial de lugar;
 - e) complemento indirecto;
 - f) complemento directo.
3. «Mas, nas respostas de Cordero, em “portunhol” (algumas palavras em português e outras em espanhol), estava a responsabilidade dos seropositivos de liderarem a sua própria causa.» (ll. 88-91)
 - 3.1 «Portunhol» é uma palavra recriada. Explica o seu processo de formação.

Produção escrita

1. Forma um grupo com os teus colegas para, com a ajuda de um professor de Educação Visual, elaborarem um cartaz sobre o combate à sida que incentive as pessoas a fazerem o teste do HIV.

2. Recorrendo a livros, enciclopédias e revistas da biblioteca da tua escola e/ou à Internet, efectua uma pesquisa sobre o HIV e a sida.

2.1 Produz um texto em que foques os seguintes aspectos:

- definição de HIV e de sida;
- sintomas da sida;
- formas de diagnóstico;
- formas de transmissão;
- comportamentos de risco;
- tratamento;
- prevenção;
- complicações.

Produção oral

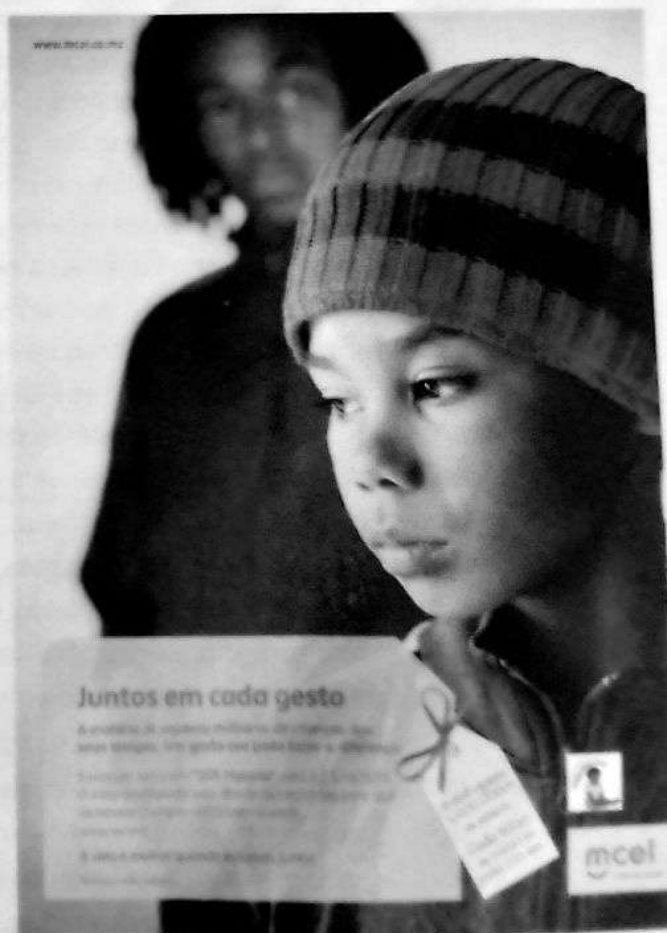
1. Com base no texto que escreveste sobre o HIV e a sida na actividade anterior, faz uma exposição oral sobre esse tema.

2. A malária é outra doença que afecta muitos moçambicanos. Por essa razão, são realizadas numerosas campanhas com o objectivo de sensibilizar as pessoas para a importância de combater esta doença. A imagem reproduzida à direita refere-se a uma campanha que visa ajudar aqueles que sofrem de malária.

2.1 Investiga as causas e as consequências da malária, assim como as formas de evitar contrair esta doença.

2.2 Imagina que és um jornalista televisivo ou radiofónico e que pretendes realizar uma reportagem sobre um surto de malária. Podes dirigir-te a um hospital ou centro de saúde e entrevistar médicos, enfermeiros e doentes, registando todas as informações por eles prestadas.

2.2.1 Prepara uma reportagem sobre esse surto de malária para apresentares aos teus colegas.



Informação

1. A reportagem

Este é um texto jornalístico oral ou escrito. Baseia-se no testemunho directo dos factos e em histórias vividas pelas pessoas, numa perspectiva actual. A reportagem televisiva, testemunho de acções espontâneas, relata histórias em palavras, imagens e sons.

O repórter pode valer-se também de fontes secundárias, como documentos, livros e relatórios, entre outras fontes documentais, ou servir-se de material enviado por órgãos especializados em fazer a transformação de factos em notícias.

A reportagem de carácter jornalístico é mais desenvolvida do que uma simples notícia. O trabalho resulta de uma investigação no local, estando o jornalista mais directamente relacionado com o assunto.

O texto que se segue ajudar-te-á a conhecer melhor este género jornalístico.

«A reportagem jornalística reconhece-se pela sua maior elaboração. Trata-se de um trabalho que não sofre tão directamente os efeitos da urgência. Na maior parte dos casos, não “é para hoje”, ao contrário do que acontece com as notícias. O jornalista dispõe de mais tempo para estudar o tema, aprofundá-lo, procurar informações em fontes diversas e, por fim, encontrar um estilo adequado a uma melhor e mais directa transmissão do significado dos acontecimentos.

Uma reportagem é, por vezes, uma notícia um pouco mais aprofundada e com uma maior carga de interpretação pessoal por parte do jornalista. Na vida dos profissionais de informação, acontece, frequentemente, que a cobertura de um dado assunto permite, por circunstâncias várias – disponibilidade de tempo, importância do acontecimento –, ir além da simples notícia. A reportagem resultante dessa opção proporciona, desde logo, além das informações, uma primeira interpretação.

A relação entre a notícia e a reportagem pode ilustrar-se, por exemplo, com a inauguração de uma grande barragem. No primeiro dia, perante a necessidade de cobrir o acontecimento com urgência, o jornalista envia a notícia do acto inaugural: cerimónias nele incluídas, personalidades presentes e informações a que tenha acesso sobre as características técnicas do empreendimento, sem grandes perdas de tempo. Permanecendo no local para além da inauguração, já depois de enviada a notícia para a redacção, o jornalista pode aprofundar o tema, nomeadamente na perspectiva das alterações que a barragem vai provocar na região, episódios da construção, situação local da agricultura e do abastecimento de energia eléctrica – sectores sobre os quais o novo empreendimento terá efeitos. O leitor aperceber-se-á assim, com maior nitidez, da importância do acontecimento.

Na elaboração da reportagem, o jornalista pode recorrer a entrevistas, a testemunhas dos acontecimentos, à investigação directa no local ou locais abrangidos pelo trabalho e à consulta de fontes impressas, nomeadamente livros, folhetos, estatísticas e materiais de arquivo em geral.»

Organização textual

Como a notícia, a reportagem deve responder a seis questões obrigatórias: **O quê? Quem? Quando? Onde?** (questões-base); **Como? Porquê?** (questões de desenvolvimento).

Para que haja uma compreensão essencial dos factos, as informações devem ser apresentadas de forma clara e organizada, mediante uma **narração**. Com efeito, embora vise informar sobre acontecimentos, a reportagem deve seguir a estrutura da narrativa para mostrar a forma como os acontecimentos se desenvolvem. Assim, à semelhança da narrativa, a reportagem apresenta uma **exposição**, uma **complicação** (desenvolvimento) e uma **resolução** (conclusão).

Por outro lado, para que seja «os olhos e os ouvidos» dos leitores, o repórter descreve aprofundadamente o que vê, ouve e sente. Faz, por isso, um retrato da situação, isto é, uma **descrição**. Contudo, este retrato não deve ser estático, mas inserido num contexto pessoal e social, ligado ao passado, e mostrando também aspectos psicológicos.

Tipos de reportagem

Destacam-se os seguintes tipos de reportagem:

- **Reportagem do acontecido**, cuja elaboração compreende duas fases:
 - fase de preparação, em que se prepara o assunto tendo em conta as seis questões obrigatórias;
 - fase de trabalho de campo (no local em causa), em que se define o esquema de acção (consoante os primeiros dados colhidos) e se procura responder às questões obrigatórias (dando atenção aos pormenores);
- **Reportagem do imprevisto**, em que o repórter é surpreendido por um acontecimento, devendo usar a sua capacidade de observação e rapidez de raciocínio (o chamado «faro» em gíria jornalística) para descobrir rapidamente o «quem» e o «porquê» da situação, que arrastarão outras respostas.

Aplicação

1. Qual dos seguintes géneros jornalísticos permite um maior desenvolvimento da informação: a notícia ou a reportagem?
 - 1.1 Justifica a tua resposta.
2. Dá exemplos de fontes de informação a que o repórter pode recorrer para fazer uma reportagem sobre um acontecimento.
3. Identifica as questões fundamentais a que uma reportagem deverá responder.
4. Explica, por palavras tuas, a principal diferença entre uma reportagem do acontecido e uma reportagem do imprevisto.

2. Regência verbal pela preposição *a*: exigência do complemento indirecto

Em passagens como «[...] disse a Cordero [...]» e «Cordero disse aos Moçambicanos [...]», identificamos a função sintáctica de complemento indirecto exigido pelo predicado, que é constituído por um verbo especial – o verbo seguido da preposição *a*, isto é, regido pela preposição *a*. É esta a particularidade de alguns verbos da língua portuguesa: são regidos pelas preposições – *de*, *em*, *com*, etc.

Vamos estudar os verbos seguidos da preposição *a*, como *dizer* (algo a alguém), *dar* (algo a alguém) e *obedecer* (a alguém).

Nas frases acima, o verbo *dizer* é acompanhado pela preposição *a*, que se contrai com os artigos *o* e *os*, respectivamente. O complemento resultante é o **complemento indirecto**, *a Cordero* e *aos Moçambicanos*, pelo facto de se ligar indirectamente ao verbo. A precedência de uma preposição (frequentemente contraída) é uma característica do complemento indirecto.

Aplicação

1. Sublinha o complemento indirecto em cada uma das frases seguintes:
 - a) Ele deu uma prenda ao amigo.
 - b) Alguém contou a novidade à Alice?
2. Elabora três frases que contenham um complemento indirecto e que incluam os verbos *dar*, *dizer* e *obedecer*.

3. Complementos de verbos de movimento: complemento circunstancial de lugar

Verbos de movimento são aqueles que sugerem a deslocação de um lugar para outro. Os verbos *ir*, *vir*, *entrar*, *sair*, *chegar*, *partir* (no sentido de *ir*) e *dirigir*, normalmente, exigem um complemento circunstancial de lugar.

Já sabes que o complemento circunstancial é uma função sintáctica desempenhada por uma palavra ou expressão que indica uma circunstância da acção expressa pelo verbo. O complemento circunstancial de lugar aponta para o local de realização da acção. Nas frases abaixo, este complemento encontra-se sublinhado:

Cordero chegou a Maputo.

Os menos interessados saíram da sala.

Eu também irei ao encontro.

Cordero partirá amanhã para Beira.

Aplicação

1. Produz frases simples com os verbos de movimento *ir*, *seguir*, *chegar*, *vir* e *sair*.
 - I.1 Classifica sintacticamente as frases por ti elaboradas.

Tema transversal: HIV/sida

Com o aumento do número de infectados pelo HIV, cada vez mais pessoas assumem a doença, partilham a forma como lidam com a situação e procuram melhorar a sua qualidade de vida. Aderir ao tratamento com anti-retrovirais é uma das maneiras de auxiliar o sistema imunológico a evitar as doenças oportunistas a que o seropositivo fica mais vulnerável. Esta reportagem apresenta o testemunho de uma mulher infectada pelo HIV, que, apesar de todas as dificuldades, é um exemplo para os que sofrem da doença.

Leitura

Sida na velhice

*Maputo, Adelina**

Nasci na província de Maputo e vim para a cidade quando ainda era muito nova. Cresci aqui e moro há muitos anos numa zona pobre nos arredores da cidade de Maputo. Tenho 55 anos. Sou filha única e os meus pais já são falecidos. Não tenho filhos. Nunca consegui conceber. Juntei-me maritalmente com vários homens, mas em relações que nunca duravam muito.

«Em Moçambique, os filhos são a riqueza e o orgulho dos pais, principalmente dos homens. Por isso, uma mulher estéril é rejeitada, como uma máquina que não funciona. Acredito que isso tenha contribuído muito para que nunca tivesse um marido fixo», considera, convicta, a velha Adelina, como se de uma lei estudada e comprovada se tratasse.

Em tom baixo, carregado de dor, a nossa equipa ouviu os lamentos e desabaços da idosa.

«O meu último parceiro morreu de sida, em 2004. Infelizmente, não frequentei nenhum tipo de ensino formal. Talvez tenha sido a razão da minha actual situação económica.» Adelina vive na pobreza absoluta: sozinha, sem parceiro, sem filhos, sem parentes e sem dinheiro.

«Não sei exactamente como e quando apanhei o vírus. Sei apenas que, desde os finais de 80, comecei a sofrer de asma. Adoeci. Os médicos receitavam-me diferentes medicamentos, mas não tinham efeito. Tinha também malária e diarreias que não paravam. A cada ano que passava, ia diminuindo o peso.»



«Graças aos conselhos de pessoas do meu bairro, em 2006, procurei a organização
30 Médicos Sem Fronteiras, no Centro de Saúde do Alto Maé, onde fiz os exames de
sangue. O resultado foi positivo, mas não me assustei muito. Depois de mais de
15 anos de sofrimento, estava quase claro que eu estava infectada. As pessoas da
minha comunidade já me diziam que eu tinha HIV e falavam-me insistentemente
do teste e do tratamento anti-retroviral», afirma Adelina.

35 Depois do teste, Adelina começou o tratamento, porque estava num estado
crítico. Garantiu-nos que, no início, as regras na medicação e a quantidade de
comprimidos a assustavam. Mas foi-se habituando e, seis meses depois, o peito
já não lhe doía tanto e tossia cada vez menos.

«Isso fortificou-me moral e fisicamente», diz. «Hoje, no segundo ano do
40 tratamento, sinto que posso voltar a estar totalmente bem. Até já recuperei alguns
quilos. Não tenho dúvidas de que o tratamento é a única via que pode aumentar
os meus dias de vida.»

Há muitos exemplos de pessoas que estavam «às portas da morte» e que hoje
estão saudáveis.

45 «A minha maior dificuldade é a alimentação adequada. Principalmente na
velhice, é muito importante ter uma dieta saudável. Vivo da ajuda e da boa
vontade das pessoas, mas isso não basta. Em todo o caso, continuo a obedecer às
recomendações dos médicos e tomo os medicamentos de manhã e à noite», refere.
«Acho que a única diferença entre o tratamento de jovens e o de velhos está na
50 frequência com que nós, velhos, vamos às consultas. Nós vamos mais vezes
do que eles. A minha situação agrava-se mais porque não tenho acompanhamento
familiar, o que às vezes compromete a minha adesão ao tratamento»,
acrescenta.

Discrimina-se na velhice

55 Adelina não tem familiares em Maputo. Diz
que os seus vizinhos mais próximos a discriminam
muito.

«Vejo na maneira como me olham, como me
respondem quando os saúdo. De manhã, quando
60 tiramos água no fontanário público, mesmo
quando chego por último, as mulheres deixam-me
tirar água antes delas. Sinto que fazem isso para
se livrarem de mim. Na minha igreja, também
me discriminavam, por isso deixei de ir. Hoje
65 sou uma pessoa solitária. Fico sempre em casa.
Conto apenas com uma vizinha e amiga que,
felizmente, ainda me aceita. Às sextas-feiras, tenho saído para ir pedir esmola.
Não trabalho. Na minha idade é muito difícil arranjar emprego», conta a idosa.



«Ser uma mulher idosa aumenta a discriminação. Em Moçambique, os velhos são muito discriminados, principalmente os pobres. Eu, sendo velha, pobre e seropositiva, sofro três vezes. É muito difícil viver nessa condição», conclui.

NOTA: Este depoimento foi dado em xi-xangana, língua tradicional do Sul de Moçambique.

*Nome fictício.

in *A Verdade*, 18 de Julho de 2009 (adaptado)

Compreensão/Interpretação

1. «[...] uma mulher estéril é rejeitada, como uma máquina que não funciona.» (ll. 13-15)
 - 1.1 Explica o motivo pelo qual Adelina faz esta comparação.
2. Descreve a situação económica de Adelina.
 - 2.1 Que explicação apresenta ela para esse facto?
3. Adelina dá muita importância ao tratamento do HIV/sida.
 - 3.1 Comprova a afirmação com passagens do texto.
 - 3.2 De acordo com Adelina, o que é diferente na maneira como os jovens e as pessoas de idade cumprem o tratamento?
4. Adelina diz que é discriminada, que sofre três vezes.
 - 4.1 Indica alguns dos espaços físicos onde a idosa é discriminada.
 - 4.2 Por que motivo diz que tem um triplo sofrimento?

Produção oral

1. O texto aponta a alimentação adequada e a discriminação como duas das grandes dificuldades dos seropositivos.
 - 1.1 Discute esta situação, propondo formas de ultrapassar estas dificuldades.

Produção escrita

1. Elabora criativamente uma reportagem com base num dos seguintes títulos:
 - Sida: profissionais de saúde recusam tratar infectados
 - Doentes com HIV discriminados
 - A seroprevalência da sida é um dilema?

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «doença» presentes no texto «Sida na velhice».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos multiusos: o texto expositivo-explicativo

No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Identificar a mensagem e as ideias essenciais num texto expositivo-explicativo;
- Analisar a estrutura do texto expositivo-explicativo;
- Usar actos de fala necessários à produção oral ou escrita de textos expositivo-explicativos;
- Produzir textos expositivo-explicativos sobre vários temas da actualidade, incluindo os desastres naturais, especialmente os ciclones;
- Produzir esquemas para relacionar e hierarquizar ideias.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Aplicar as regras da concordância verbal em frases com: orações subordinadas sem sujeito expresso; sujeito posposto ao verbo; sujeito composto; pronomes relativos com a função de sujeito;
- Produzir frases com sintagmas verbais em que ocorram os seguintes verbos impessoais: *haver*; *tratar-se (de)*; *bastar (que)*.

3. Sobre o tema transversal (desastres naturais: o ciclone):

- Interpretar textos sobre a ocorrência de ciclones.

Textos multiusos: o texto expositivo-explicativo

Certos fenómenos atmosféricos, caracterizados por descargas naturais acentuadas, constituem um desafio para o Homem. Ventos fortes, chuvas torrenciais, trovoadas e tempestades tropicais não podem ser evitados. No entanto, com o objectivo de atenuar os efeitos devastadores destas situações, têm sido desenvolvidas estratégias que permitem prever ou resistir a condições atmosféricas extremas. A modernização do equipamento de pré-aviso meteorológico e a construção de edificações resistentes são exemplos dessas estratégias.

Nesta unidade, irás obter informação sobre os ciclones, estudando o texto expositivo-explicativo.

Quanto ao funcionamento da língua, estudarás casos especiais da concordância verbal.

Leitura

Lê atentamente o seguinte texto, em que irás encontrar a definição de ciclone, bem como a apresentação das causas e das características deste fenómeno atmosférico. Além disso, ficarás também a saber quais são os locais do mundo onde os ciclones são mais frequentes.

Ciclones tropicais

O ciclone tropical é um sistema tempestuoso caracterizado por baixa pressão, por trovoadas e por um núcleo morno, que produz ventos fortes e chuvas torrenciais. Este fenómeno meteorológico forma-se nas regiões tropicais.

- 5 Nas regiões tropicais, os ciclones apresentam características típicas: as isóbaras são mais regulares, quase circulares, próximas umas das outras, e o gradiente barométrico é mais pronunciado; os ventos são bastante intensos, e a precipitação é muito abundante e localizada.



Os ciclones tropicais têm dimensões que, por vezes, alcançam 600 quilómetros e os ventos característicos ultrapassam os 200 quilómetros por hora. No centro do ciclone, onde há uma calmaria quase absoluta e não chove, a pressão pode 20 baixar a 900 milibares. Este é conhecido por «olho do ciclone». Geralmente, tem a sua origem sobre os oceanos, a cerca de 50 graus de latitude norte e sul, onde existe calor e humidade. Depois move-se, primeiro para oeste, conduzido pelos ventos alísios, e depois para norte, contornando a margem ocidental 25 das altas pressões subtropicais.

Os ciclones são predominantes: nos mares da China, onde são conhecidos por tufões, afectando as Filipinas, o Sul da China e o Sul do Japão; no mar das Caraíbas, onde são conhecidos por furacões, avançando para as Antilhas e Flórida. São ainda mais frequentes no Pacífico, a leste da Austrália e no 30 Índico, a leste de Madagáscar e no golfo de Bengala.

Em 1980, o furacão *Allen* causou, nas Caraíbas, cerca de 300 mortos, entrando depois no Texas com rajadas de vento de 300 quilómetros por hora.

Em Moçambique, as depressões *Angelle* e *Demoína* deixaram avultados danos materiais e provocaram algumas perdas de vidas humanas.

35 Vários países criam mecanismos de modo a minimizar os efeitos que os ciclones causam aquando da sua passagem, por exemplo:

- criação de um sistema de avisos para informar a população da aproximação de um ciclone;
- rigidez nas estruturas das construções;
- 40 • redução da actividade industrial nos dias em que a pressão é baixa;
- criação de foguetes que dissipem o ciclone.

L. Nanjolo e I. Abdul, «A Terra – Processos e Fenómenos»,
in *Geografia – 11.ª classe*, Maputo, Diname, 2003 (adaptado)

Vocabulário

isóbara – linha que une os pontos de igual pressão atmosférica num mapa geográfico

gradiente – variação da pressão

barométrico – relativo ao barómetro (instrumento que determina a pressão atmosférica)

precipitação – chuva

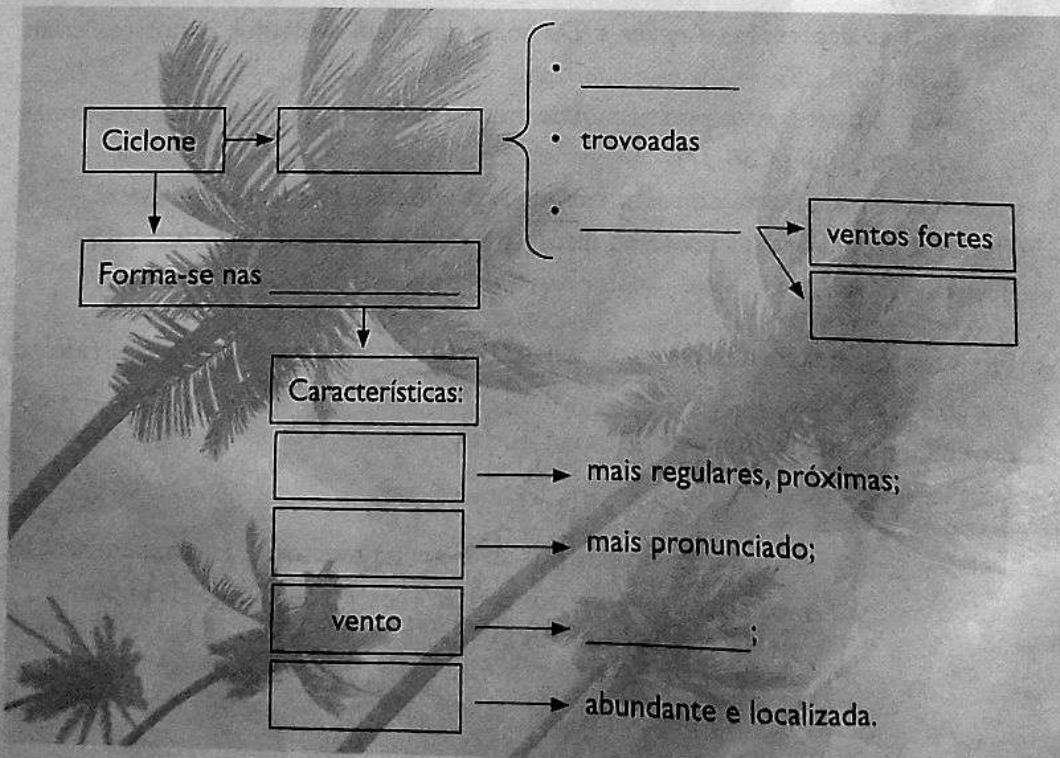
alísio – vento das regiões tropicais

avultado – grande

dissipar – fazer desaparecer

Compreensão/Interpretação

1. Por que razão alguns ciclones se denominam «tropicais»?
2. Aponta cinco aspectos característicos do ciclone tropical.
3. Identifica, de entre as afirmações que se seguem, as que são verdadeiras e as que são falsas.
 - a) O ciclone é um sistema tempestuoso totalmente agitado.
 - b) Só há calma quase total no «olho do ciclone».
 - c) No «olho do ciclone», as chuvas são fracas.
 - d) Para alguns, ciclone é o mesmo que furacão.
 - e) Na Ásia, os furacões são denominados tufões.
4. Por que motivo são as zonas costeiras as mais atingidas pelos ciclones tropicais?
5. Uma das características dos textos expositivo-explicativos é a **INFORMAÇÃO, I** apresentação de definições e termos técnicos da área temática **p. 45** que abordam.
 - 5.1 Transcreve uma definição presente no texto.
 - 5.2 Retira três termos técnicos relativos à área temática do texto.
6. Retira do texto duas passagens em que estejam presentes:
 - a) um momento de exposição;
 - b) um momento de explicação.
7. Divide o texto «Ciclones tropicais» em partes, justificando as tuas opções.
8. Preenche o seguinte esquema com base na informação que te é dada nos dois primeiros parágrafos do texto:



Funcionamento da língua

INFORMAÇÃO, 2

p. 46

1. Completa as frases em baixo com as seguintes formas verbais, de acordo com as regras da concordância verbal:

é têm tem ser são ter

- O ciclone tropical _____ um núcleo chamado olho.
 - Os ciclones tropicais podem _____ muito fortes.
 - Ciclone e tufão _____ dois nomes diferentes para o mesmo fenómeno.
 - Os ventos alísios _____ muita importância na condução do ciclone.
 - O ciclone, tal como o tufão, _____ assustador.
 - Os ventos fortes podem _____ consequências devastadoras.
2. Identifica, de entre as frases seguintes, aquelas que são gramaticalmente incorrectas, justificando a tua resposta.
- Os ciclones tropicais tem baixa pressão.
 - O ciclone e o tufão produz ventos fortes.
 - Este e o outro fenómeno são característicos do tufão.
 - A chuva caracterizam os ciclones.
 - A chuva com vento ocorre com os ciclones.
 - Todo o fenómeno são catastróficos.
- 2.1 Reescreve correctamente as frases incorrectas que identificaste.
3. Explica a concordância entre o sujeito e o verbo nas passagens seguintes.
- «Em 1980, o furacão *Allen* causou, nas Caraíbas, cerca de 300 mortos, [...]» (l. 32)
 - «[...] as depressões *Angelle* e *Demoína* deixaram avultados danos materiais [...]» (ll. 34-35)
 - «Vários países criam mecanismos de modo a minimizar os efeitos que os ciclones causam [...]» (ll. 36-37)
4. Transcreve duas frases do texto em que seja utilizado o presente genérico.
5. Retira do texto articuladores do discurso e classifica-os quanto à sua função.

Produção escrita

- Num texto cuidado, descreve uma situação de mau tempo que tenha ocorrido na região onde vives.
- Produz um esquema a partir do texto que escreveste.

Produção oral

- Discute com a turma a importância dos serviços de meteorologia na identificação de fenómenos atmosféricos que possam comprometer a segurança da população.

Informação

I. O texto expositivo-explicativo

O texto expositivo-explicativo é um texto de difusão de conhecimentos técnico-científicos. Neste tipo de texto, de natureza didáctica, são apresentadas informações, que se supõe serem desconhecidas dos leitores, sobre uma determinada área do saber. O texto expositivo-explicativo apresenta uma estrutura simples, mas articulada. Nele estão presentes termos científicos e técnicos relacionados com o tema abordado.

Organização

O texto expositivo-explicativo compreende três momentos essenciais:

- questão ou exposição do tema (introdução);
- explicação/resolução (desenvolvimento);
- desfecho (conclusão).

A primeira fase pode conter uma questão – embora, muitas vezes, esta não esteja expressa numa interrogativa directa (pode ser um problema que gera dúvidas) – ou a exposição do tema. Por vezes, a fase da questão está expressa no título do texto.

Na fase da explicação/resolução, é solucionada a questão levantada na introdução, a partir de explicações. Este momento corresponde ao desenvolvimento do texto.

A fase do desfecho diz respeito ao encerramento do texto depois de terem sido apresentadas todas as explicações sobre o assunto tratado. Nesta fase pode ser feita uma síntese dos assuntos expostos no texto.

Discurso

O texto expositivo-explicativo apresenta três tipos de enunciados:

- **enunciados expositivos** – enunciados que transmitem um saber, dão uma informação;
- **enunciados explicativos** – enunciados que explicam o saber transmitido;
- **enunciados-baliza** – enunciados que marcam as articulações do discurso, anunciando o que vai ser dito (por meio de títulos e subtítulos) e salientando algumas passagens (por meio de destaques tipográficos como sublinhados, negrito, itálico e maiúsculas).

Linguagem

São características linguísticas deste tipo de texto:

- as **nominalizações**, que consistem no uso de um nome ou sintagma nominal que generaliza a informação do assunto do período (ou oração) anterior, retomando-a (ex.: «O ciclone tropical é um sistema tempestuoso caracterizado por baixa pressão, por trovoadas e por um núcleo morno, que produz ventos fortes e chuvas torrenciais. Este fenómeno meteorológico forma-se [...]»);

- os verbos no **presente genérico**, exprimindo um valor atemporal da informação (ex.: «O ciclone tropical é um sistema tempestuoso [...]»);
- a **frase passiva** (ex.: «Este é conhecido por [...]»);
- o **apagamento do sujeito enunciativo** de forma a tornar o discurso impessoal, evitando a subjectividade;
- as **definições** – logo, a ocorrência da **função metalinguística** (embora a **função informativa** seja predominante);
- uma **linguagem objectiva** – clara, directa e precisa;
- a utilização de **termos técnicos** relativos à área temática do texto;
- o uso de diferentes tipos de **conectores**, evidenciando a articulação de ideias entre as várias frases.

Alguns **conectores ou articuladores do discurso** são fundamentais neste tipo de texto:

- para **explicar/clarificar**: *isto é; ou seja; quer dizer; por outras palavras; ou melhor; então; pode dizer-se que; é o caso de; sendo assim; por vezes; veja-se; compare-se; observe-se; em relação a; no que diz respeito a...*;
- para **ilustrar/exemplificar**: *assim; por exemplo; tal/tais como; é o caso de; é de realçar; ressalta-se; salienta-se; importa salientar...*;
- para **concluir**: *em conclusão; finalmente; por todas as razões apresentadas; consequentemente; em consequência; em síntese; enfim...*

Aplicação

1. A elaboração de um texto expositivo-explicativo é um trabalho exigente, pois resulta de uma pesquisa ou investigação rigorosa.

1.1 Com base em revistas, jornais, enciclopédias ou em pesquisas na Internet, recolhe informação sobre um desastre natural e produz um texto expositivo-explicativo sobre esse acontecimento. Não te esqueças de:

- elaborar um plano prévio, tendo em conta a estrutura deste tipo de texto, no qual registes as ideias fundamentais que irás desenvolver no teu trabalho;
- recorrer, na redacção do texto, a articuladores do discurso para tornar mais claras as explicações, as exemplificações e as conclusões.

2. Concordância verbal

Nas frases, os elementos da oração ligam-se e relacionam-se uns com os outros, formando um todo coeso. É importante, pois, prestar uma especial atenção à concordância entre os constituintes frásicos, em particular à concordância entre o sujeito e o verbo.

Concordância do verbo com o sujeito

1. COM SUJEITO SIMPLES

O verbo concorda com o sujeito em pessoa e em número, esteja o sujeito expresso ou subentendido.

Eu sobrevivi.

Eles fugiram das zonas afectadas.

Evitaram grandes males. (evitaram – eles)

2. COM SUJEITO COMPOSTO

a) Concordância em número:

- Se o sujeito surge antes do verbo, este vai, geralmente, para o plural (*O João e a irmã ajudaram os pais.*);
- Se o sujeito estiver depois do verbo (sujeito posposto), emprega-se tanto o plural como o singular (*Chegaram o João e a irmã. / Chegou o João e a irmã.*);
- Se um sujeito composto é constituído por substantivos no singular ligados por *ou* ou *nem*, o verbo fica no plural quando o facto expresso pelo verbo diz respeito a todos os sujeitos (*Nem o frio nem a chuva me impedirão de ir.*); quando o facto expresso pelo verbo diz respeito apenas a um dos sujeitos, o verbo fica no singular (*Ou o Francisco ou o Erudito irá acompanhar a Zélia a casa.*).

b) Concordância em pessoa:

- Se um dos elementos do sujeito for da primeira pessoa, o verbo passa para essa pessoa (*Eu, o João e a irmã fomos exemplares.*);
- Se um dos elementos do sujeito for da segunda pessoa, não havendo nenhum da primeira, o verbo vai para a segunda pessoa (*Tu e a Nádia ides contar a história.*);
- Se todos os elementos do sujeito forem da terceira pessoa, o verbo vai para essa pessoa (*Homens e mulheres enfrentaram as chuvas fortes.*).

3. COM EXPRESSÃO PARTITIVA COMO SUJEITO

Se o sujeito for composto por uma expressão partitiva («a maior parte de», «metade de», «o resto de», ...) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo poderá ficar no singular ou no plural (*A maior parte dos moradores migrou para zonas seguras. / A maior parte dos moradores migraram para zonas seguras.*).

4. COM UM PRONOME INDEFINIDO COMO SUJEITO

Se o sujeito for representado por um pronome indefinido, como *ninguém*, *nada* ou *tudo*, o verbo fica no singular (*Tudo ficou destruído pelo vendaval.*).

5. COM PRONOME RELATIVO COMO SUJEITO

O verbo de orações cujo sujeito é o pronome relativo que concorda com o seu antecedente em pessoa e em número (*Eles, que agiram rapidamente, ficaram livres das enxurradas. Eu, que vi tudo, testemunho.*);

Se a oração tiver por sujeito *quem*, o verbo vai para a terceira pessoa do singular (Foi ela **quem relatou**. Foram eles **quem relatou**.).

6. COM SUJEITO NÃO EXPRESSO DUMA ORAÇÃO SUBORDINADA

O verbo de uma oração subordinada com o sujeito oculo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração subordinante. (**O Lito** fez o teste de História, embora estivesse doente.)

Verbos impessoais

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas. Uma das razões por que tal acontece prende-se com o facto de a ideia expressa pelo verbo não poder ser aplicada a determinadas pessoas.

São verbos impessoais:

- os verbos que exprimem fenómenos da Natureza, como *alvorecer, amanhecer, anoitecer, chover, choviscar, estiar, nevar, orvalhar, relampejar, saraivar, trovejar, ventar*. (**Amanheceu**. É um novo dia!);
- o verbo *haver* quando tem o significado de *existir* (**Houve** momentos de pânico na sala.);
- o verbo *fazer* quando indica tempo decorrido (**Faz** dez anos que não via tanta chuva.);
- os verbos *tratar-se* e *bastar* quando regidos das preposições *de* e *que*, respectivamente (**Trata-se de** condições atmosféricas extremas. / **Basta que** olhes para o céu para o verificares.).

Aplicação

1. «[...] os ventos característicos ultrapassam os 200 km/h.»
 - 1.1 Analisa sintacticamente a frase.
 - 1.2 Classifica o sujeito da frase.
 - 1.3 Transforma a frase de modo a obteres um sujeito posposto.
2. Elabora:
 - a) uma frase com expressão partitiva como sujeito;
 - b) duas frases com sujeito posposto ao verbo;
 - c) uma frase com sujeito composto;
 - d) quatro frases com pronomes relativos com a função de sujeito.
3. Completa as frases seguintes com os verbos entre parênteses.
 - a) Ontem _____ (*haver*) ventos fortes e chuvas torrenciais.
 - b) _____ (*tratar-se*) de fenómenos atmosféricos frequentes nas regiões tropicais.
 - c) Para evitar que o ciclone tenha graves consequências, _____ (*bastar*) que a população seja alertada.

4. Identifica as frases incorrectas, de entre as seguintes, e corrige-as.
- O homem cuja mulher não é religiosa será excomungado.
 - Os carros de que te falei foram apreendidos.
 - A mansão da qual te falei pertence ao homem mais rico da cidade.
 - A mina de ouro e de diamante foi saqueada.
 - Os larápios foram identificados pela polícia. Tratavam-se de cadastrados.
 - Bastou que se vissem livres para cometerem outro crime.
 - Houveram boas notas no teste de Inglês?
5. Completa o texto que se segue, fazendo concordar o sujeito com o verbo entre parênteses, de modo que o discurso tenha sentido.

Mau tempo

Durante o dia, o céu _____ (escurecer). As nuvens _____ (ficar) carregadas de chuva. De certeza que ia chover. Não devia ser chuva normal, por isso, eu _____ (procurar) voltar rapidamente a casa. Tinha de ver como _____ (estar) os meus irmãos mais novos – a Cátia e o Cássio. _____ (ser) dois meninos gémeos muito lindos! Eu _____ (gostar) muito deles. Naquela altura, o meu pai _____ (estar) no trabalho. A mãe, eu _____ (deixar)-a febril, de cama. Eu _____ (ter) de ser mesmo rápido. Os meus colegas de escola, nem os _____ (conseguir) ver na altura da saída das aulas. O Marco, a Leila, a Pandora e o Lério, que habitualmente _____ (regressar) comigo, _____ (sair) todos a correr. O tempo _____ (estar) mesmo mau! _____ (pressagiar) um autêntico dilúvio. O que _____ (haver) dito os noticiários sobre o tempo? Ninguém _____ (saber) dizer, naquela altura. Era uma corrida desenfreada em todas as direcções.

Quando eu _____ (chegar) a casa, o pai já lá _____ (estar) com os manos a _____ (mexer) nisto e naquilo para lá e para cá, dentro de casa. Com a minha presença, tudo _____ (ficar) mais fácil, pois _____ (ser) três, embora a mamã não _____ (poder) dar a sua força. _____ (equipar)-nos todos para receber a grande chuva. Nós, os vizinhos, _____ (ficar) todos à espera das primeiras gotas. Primeiro, _____ (passar) uma hora; depois _____ (passar) duas... três e quatro... Nada. Não choveu. Toda a gente, de certeza, _____ (dormir) com um olho aberto, mas nada de chuva. No dia seguinte, quando _____ (amanhecer), um lindo sol _____ (aclerar) as ruas.

6. Produz frases em que ocorram os verbos impessoais *haver*, *tratar-se (de)* e *bastar (que)*.

Tema transversal: desastres naturais – o ciclone

Os desastres naturais são abalos causados pela Natureza, sendo, por vezes, provocados pela acção do Homem. É o caso dos desastres resultantes de escavações profundas, da utilização de produtos tóxicos e da desflorestação, entre outros.

Leitura

Um diabo chamado ciclone

Quando ouvi falar em ciclone pela primeira vez, foi aos 12 anos, nas histórias da Tia Rábia, uma senhora idosa, contadora de histórias assustadoras – lendas e mitos fabulosos que nos faziam dormir com um olho aberto. Uma das histórias foi a do ciclone. Disse a velha tia que viveu um ciclone, nos anos 70, ali na cidade

5 de Pemba. Foi um vendaval infundável que vinha em direcção ao mar e arrastava tudo. As árvores ficavam depenadas, os postes sem fios, a poeira no ar confundindo-se com o ar soprado. Às casas, levava-lhe os tectos de chapa. As janelas batiam e perdiam os vidros. Contava a Tia Rábia com os olhos bem abertos, aterrorizados. Mostrou uma cisterna sua, de grandes dimensões, que perdera a cobertura.

10 «É verdade, o vento tudo levou. A minha cisterna, sem a cobertura, virou um depósito de lixo», disse, garantindo ser história verdadeira.

«E depois, Tia?», perguntávamos, curiosos.

«É o diabo; o demónio que tinha escolhido esta terra para passar», disse, com um ar assustador que nos fez aconchegar-nos mais uns aos outros, trémulos de medo.



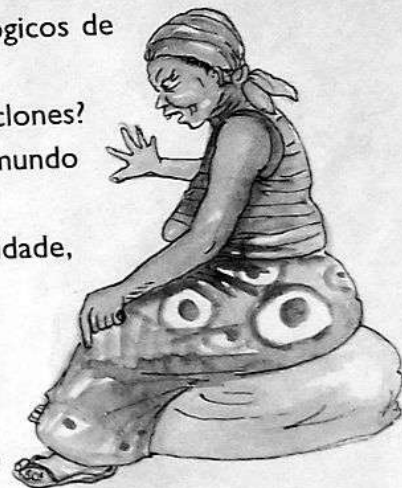
15 «Porque escolheu esta terra?» perguntou um de nós.

«Passa por várias terras. Dá uma volta enorme, pelo mundo inteiro. O demónio do ciclone nasceu há milhares de anos e tem várias raças. Passa e leva mais amigos para si.» Era sempre assim, todas as histórias acabavam na figura do «diabo», personagem poderosa das suas narrativas. Aquele que todos devíamos temer e
20 evitar. Não contou mais nada. Quando via tanta ansiedade nos nossos olhos, dava um fim às histórias. Entendemos que o ciclone era o diabo constituído por almas maléficas de africanos, asiáticos, europeus, americanos, australianos que não descansam em paz, que vagabundeiam por aí. Deduzimos que, se morrêssemos com pecado, fariamos parte daquele demónio do ciclone sem descanso que passava
25 para levar alguns vivos para sua companhia.

Gigilo (inérito)

Compreensão/Interpretação

- I. São várias as comunidades que interpretam os desastres ecológicos de forma mitológica.
 - I.1 Que concepção tem a comunidade da Tia Rábia sobre os ciclones?
 - I.2 Como é que a Tia Rábia explica a ocorrência de ciclones pelo mundo todo?
 - I.3 A explicação do fenómeno, de acordo com aquela comunidade, tem alguma moral?
 - I.3.1 Justifica a tua resposta com base no texto.



Produção oral

- I. Apresenta à turma a explicação mitológica de um fenómeno natural à tua escolha.
 - I.1 Discute com os teus colegas a razão da atribuição dessa explicação.

Produção escrita

- I. Elabora um texto expositivo-explicativo cujo título seja «Desastres naturais». Nele podes fazer referência a: incêndios, cheias, terremotos, erupções vulcânicas, ciclones, risco para as populações, insegurança e medo, actuação em situação de perigo, etc.

Glossário

- I. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «meteorologia» no texto «Ciclones tropicais».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos literários: o texto narrativo



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:
 - Compreender a evolução histórica e semântica do conceito de literatura;
 - Distinguir oratura de literatura;
 - Apresentar a função da oratura na sociedade moçambicana;
 - Distinguir a função poética das outras funções da linguagem;
 - Recontar, oralmente ou por escrito, textos da literatura oral;
 - Interpretar textos narrativos da oratura moçambicana (contos tradicionais, fábulas, lendas e mitos);
 - Caracterizar os textos acima referidos, considerando a sua apresentação, organização discursiva e tipo de linguagem;
 - Identificar as características temáticas dos textos em estudo.
2. Sobre o funcionamento da língua:
 - Elaborar frases complexas com advérbios de tempo, respeitando as regras de concordância;
 - Empregar, em textos da tua autoria, a interrogação, a hipérbole, a elipse e o pleonismo.
3. Sobre o tema transversal (manifestação da identidade cultural através da literatura):
 - Produzir narrativas (lendas, fábulas, mitos e contos tradicionais) sobre valores culturais moçambicanos.

Textos literários: o texto narrativo

As primeiras produções literárias tiveram origem na oralidade. A literatura oral é denominada oratura. São vários os géneros da oratura, nomeadamente contos, fábulas, mitos, lendas, histórias enigmáticas, poesias, provérbios, ditados, anedotas e adivinhas, entre outros. Com a invenção da escrita, muitas produções literárias orais passaram à escrita.

Trazemos-te, nesta unidade didáctica, o estudo da literatura a partir das suas formas orais. É importante também ficares a conhecer a evolução etimológica do termo «literatura».

Informação

I. Evolução histórica e semântica do termo «literatura»

O termo *literatura* deriva historicamente, por via erudita, da palavra latina *litteratura*.

Na língua portuguesa, encontramos documentado o termo *literatura*, pela primeira vez, num texto datado de 21 de Março de 1510.

O termo complexo *literatura* significou o saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução e erudição.

Nas diversas línguas europeias, até ao século XVII, o conteúdo semântico de *literatura* dizia respeito ao saber e à ciência, em geral.

Na segunda metade do século XVII, o conceito *literatura* apresenta uma profunda evolução semântica, em estreita conexão com as transformações da cultura europeia nesse período histórico. Subsistem no seu uso, por força da tradição linguística e cultural, os significados já mencionados, mas manifestam-se também, em correlação com aquelas transformações, novos conteúdos semânticos, que divergem dos anteriormente vigentes e que divergem também entre si.

O conhecimento representado pela literatura, quando diz respeito a objectos caracterizados pela beleza, como a poesia, a eloquência, «a história bem escrita», toma o nome de *belle littérature*, não cabendo tal como designação, porém, à simples crítica nem à cronologia, já que tais actividades, bem como os escritos dela resultantes, carecem de beleza. Se a denominação de *belle littérature* implica, por conseguinte, a existência de valores estéticos, a simples denominação de *literatura* implica a relação com as letras, com a arte de expressão através da linguagem verbal e, por isso mesmo, Voltaire não considera como pertencentes à literatura aquelas obras que se ocupam da pintura, da arquitectura ou da música.



Num texto de Diderot, escrito em 1751, a literatura é considerada uma arte e também um conjunto de manifestações dessa arte, isto é, um conjunto de textos que se singularizam pela presença de determinados valores estéticos.

Este texto de Diderot documenta, pois, dois novos e importantes significados com que o termo *literatura* será crescentemente utilizado a partir da segunda metade do século XVIII: específico fenómeno estético, específica forma de produção, de expressão e de comunicação artística.

O termo *literatura* passou a significar também o conjunto da produção literária de um determinado país, tornando-se óbvias as implicações filosófico-políticas do conceito literatura nacional: cada país possuiria uma literatura com características próprias, uma literatura que seria expressão do espírito nacional e que constituiria, por conseguinte, um dos factores relevantes a ter em conta para se caracterizar a natureza peculiar de cada nação. Designações como literatura alemã, literatura francesa, italiana, etc., foram-se tornando de uso frequente a partir das últimas três décadas do século XVIII.



..... Retrato de Diderot (1767), de Louis-Michel van Loo

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*, 8.ª edição, Coimbra: Almedina, 2002 (adaptado)

Aplicação

1. Que significado teve o termo «literatura» até ao século XVIII?
2. Quando surgiu a designação «belle littérature»?
 - 2.1 O que significava esta expressão?
 - 2.2 De acordo com o texto, por que razão a expressão «belle littérature» não incluía a simples crítica e a cronologia?
3. «[...]Voltaire não considera como pertencentes à literatura aquelas obras que se ocupam da pintura, da arquitectura ou da música.» (II. 25-26)
 - 3.1 Por que razão faz Voltaire esta consideração?
4. Qual é o conceito de «literatura», de acordo com Diderot?
5. Faz um esquema das ideias principais do texto.

I. Oratura vs. literatura

A literatura sob a forma escrita tem base oral. Isto significa que as primeiras manifestações artísticas surgiram por via oral, pois a oralidade é mais antiga e o Homem sempre teve necessidade de exprimir sentimentos, relatar eventos e retratar realidades através da arte (cantos, poesia, dramas e histórias orais).

O meio de transmissão oral é menos seguro do que o meio escrito. A literatura oral (ou, simplesmente, oratura) varia à medida que passa de um transmissor para outro. Como diz o ditado: «Quem conta um conto, acrescenta um ponto.» O contador de histórias orais é criativo, pois, muitas vezes, recria a história que ouviu, adequando-a à realidade que o envolve. Contudo, isso não implica a perda da essência do que conta.

As adaptações nas produções orais não acontecem só pelo simples interesse recreativo ou contextual; também são, muitas vezes, condicionadas pelo esquecimento. Por outras palavras, a falha da memória, isto é, o esquecimento da história pelo contador, obriga-o a inventar certas passagens.

Os géneros da oratura são guardados na memória das pessoas e transmitidos de geração em geração.

A literatura escrita é fixa, imutável, quando não for viciada. O código escrito assegura a integridade textual, não permitindo recriação por parte do leitor. Contudo, a oratura é mais viva. Tal vivacidade é legada pelo narrador, através da entoação da voz, dos gestos e das expressões faciais.

A escrita procura traduzir as expressões acentuadas do discurso oral através da pontuação [exclamação (!); reticências (...); interjeições (Ah!, Ui!); mudança tipográfica (O patrão disse: – SAI!); onomatopeias (zzzz..., booom...)] e de outros recursos.

Em síntese:

	Literatura oral	Literatura escrita
Composição	<i>na memória</i>	<i>no papel</i>
Transmissão	<i>oral (de uma pessoa a outra)</i>	<i>escrita (do papel ao leitor)</i>
Autor	<i>desconhecido</i>	<i>identificado</i>
Código	<i>misto (palavras, gestos, imagens...)</i>	<i>verbal (escrita)</i>
Conteúdo	<i>sujeito a mudanças</i>	<i>inalterável; fixo</i>

A literatura oral é anterior à escrita. Assume-se como um património cultural, na medida em que é transmissora de conhecimentos, ensinamentos e valores. Está sujeita a alterações (a memória do contador ou o local/situação em que é realizada são motivos que a isso conduzem). Ultrapassa o problema do analfabetismo, pois pode ser consumida por todos. Surge-nos em forma de contos, fábulas, provérbios, adivinhas...

ISCTEM/Escola Secundária, *O Simbolismo e o Modernismo* – Português, 12.ª Classe
(adaptado)

Textos narrativos da oratura moçambicana

Leitura

Lê atentamente os textos seguintes.

Texto A

Dia de Festa

Um dia, o leão mandou avisar a todos os animais que a partir daquele dia ninguém mais poderia comer mangas nos seus domínios, a não ser ele próprio, porque era o rei: «Reservo-me o direito de ser o único a comer mangas, porque sou o Rei.»

5 O coelho não gostou da atitude do rei e resolveu pregar-lhe uma partida. Fingindo-se muito aflito, aproximou-se do cercado que rodeava a casa do rei e começou a gritar: «Acudam, acudam, acudam...» Vieram os guardas e perguntaram: «O que fazes aí, tu, coelho? Não vês que estás a perturbar o sono do rei?»

O coelho respondeu: «Tenho uma coisa muito grave a comunicar ao rei se ele
10 me quiser ouvir.» Os guardas riram-se: «Claro que o rei não há-de querer ver-te, vai-te embora, desaparece e não tornes a perturbar-nos mais.» O coelho insistiu: «Nesse caso peço-vos que me amarreis com todas as forças contra esta árvore, porque vem aí uma grande tempestade que não vai deixar uma só agulha... vai carregar tudo, peço-vos, amarra-me a esta árvore.»

15 Os guardas correram a comunicar ao rei o que o coelho acabara de dizer. O rei veio e perguntou: «É verdade o que dizes?» O coelho respondeu: «Se não for verdade, manda-me extrair os olhos e cortar a minha língua.» O leão ficou convencido e mandou que o amarrassem, a ele primeiro, à mais robusta árvore. Os guardas por sua vez pediam uns aos outros para se amarrarem mutuamente.
20 O coelho fingia estar aflito e perguntava: «E a mim quem me amarra, e a mim quem me amarra?» «Cala-te, bicho insignificante», respondiam os guardas. O último guarda ordenou que o coelho o amarrasse também. Este assim fez, fingindo ter um grande respeito pelas ordens.

Logo que os apanhou a todos bem atados, o coelho foi-se às mangas e comeu
25 quantas quis. Só então é que o rei compreendeu a esperteza do animalzinho e jurou vingar-se.

Um dia, o rei leão fez uma festa grande e convidou todos os animais, na esperança de apanhar o coelho. Este porém, foi ter com o peru e pediu-lhe as
30 penas, foi ter com o faisão e pediu-lhe o carapuço, que enfiou na cabeça. Chegou a casa do leão e entrou sem que os guardas desconfiassem. O leão perguntou: «E tu quem és?» «Sou o filho do Céu e da Terra», respondeu o coelho. O leão sentiu-se muito honrado com a presença do filho do Céu e da Terra e determinou que as maiores atenções lhe fossem dadas.

No fim da festa, deram-lhe a melhor cama na casa da mulher grande. O coelho
 35 foi dormir e como estava embriagado, ao deitar-se, adormeceu logo e o carapuço
 caiu-lhe. Quem o viu e reconheceu foi a mulher do leão. Foi logo avisar o marido,
 que mandou cercar a casa com muitos guardas e cães.

O coelho viu que tinha poucas hipóteses de poder escapar. Arranjou muitos
 ossos, meteu-os num saco e saltou da janela, logo perseguido pelos cães.
 40 O coelho foi atirando os ossos, e os cães foram ficando pelo caminho a roer os
 ossos. Mas um dos cães não fez caso dos ossos e continuou a perseguir o coelho.
 Este já não tinha forças para fugir do corpulento cão que o perseguia, refugiou-se
 num buraco. O cão meteu uma mão e apanhou-o pela perna. «Olha, olha este
 parvalhão», escarneceu o coelho. «Agarra uma raiz e pensa que me apanhou.»
 45 O cão largou a perna.

ROSÁRIO, Lourenço do. *Contos Moçambicanos do Vale do Zambeze*,
 Maputo: Moçambique Editora, 2001

Texto B

O castigo

Certa vez, há muito tempo, antes mesmo de os avós dos nossos avós terem
 nascido, houve uma grande cheia no rio. Até hoje, nunca houve uma cheia
 semelhante. Nessa altura, antes de as águas terem subido, os homens, como
 era seu hábito, fixaram-se nas ilhas. Uns pescavam, outros trabalhavam
 5 noutras coisas, como consertar redes.

Numa noite, o rio encheu e surpreendeu todos os homens nas ilhas. E os
 homens morreram todos.

As mulheres ficaram sem um único homem. Elas passaram a realizar todos
 os trabalhos. Faziam o que lhes pertencia e o que pertencia aos homens. Mas
 10 não podiam fazer filhos. E começaram a envelhecer e morrer.

Andavam todas muito tristes.

Um dia, passaram por aquela povoação dois irmãos que viviam nas
 povoações do outro lado do rio. O rio estava cheio. Os dois irmãos não
 podiam atravessar. Eles ficaram acampados e comiam peixe. Todos os dias
 15 comiam peixe, peixe, peixe. Já não podiam comer mais peixe. Então,
 resolveram ir procurar uma machamba de milho. Encontraram uma, perto
 de uma povoação. Essa povoação era onde viviam as mulheres. Os dois
 irmãos começaram a roubar o milho. Mas, de repente, caíram numa cova
 funda. Era uma armadilha das mulheres.

20 Passado algum tempo, chegaram as mulheres. Os dois irmãos nem tiveram
 tempo de tentar a fuga. Eles pensaram que iam morrer. Olharam para a cara
 das mulheres e elas estavam com ares muito ferozes. «Pronto, vamos morrer
 aqui, chegou o nosso dia», disseram os irmãos.

As mulheres falaram, falaram entre si, em voz baixa. Algumas vieram retirar
 25 os dois irmãos e a chefe disse: «Hoje vamos ter uma grande festa. Todas vão
 apresentar o melhor cabanga que tiverem. A noite será de dança.»

No dia seguinte, depois da festa, disse a chefe: «As que querem que estes
 homens sejam mortos, que passem para o meu lado esquerdo.» Nenhuma
 mulher passou. Uma velha disse: «Minhas filhas, se quereis que a aldeia
 30 retorne aos bons tempos passados, aproveitai estes prisioneiros.» A chefe
 compreendeu tudo e decidiu: «Pronto, o vosso castigo vai ser o seguinte:
 cada uma de nós vai passar uma noite com um dos dois.»

Passados três anos, a povoação tinha muitas crianças, rapazes e raparigas,
 todos eles eram irmãos. A chefe disse: «O vosso castigo terminou.» Um dos
 35 irmãos disse: «Eu não fico aqui, minha gente espera por mim.» E partiu.
 O outro, porém, disse: «Eu não vou partir, a minha gente agora é esta.»
 E ficou na povoação com todas aquelas mulheres e teve mais filhos.

É por isso que, até hoje, cada homem arranja sempre muitas mulheres. Foram
 as próprias mulheres que castigaram os homens, para que eles fizessem filhos.

História narrada por uma camponesa da localidade de Mopeia, Zambézia
 in Lourenço do Rosário, *Contos Moçambicanos do Vale do Zambeze*

Texto C

O Homem-da-grande-catana

As filhas de Macingue eram em número de dez. Um dia foram tomar banho.
 Ouviram então um pássaro cantar:

Raparigas! Dêlê-dêlê!

Em casa do Homem-da-grande-catana, Dêlê-dêlê!

5 *Há gente feliz, Dêlê-dêlê!*

Elas disseram umas para as outras: «Escutem este grande canto! Vamos.»

Então disseram à rapariga mais nova, uma pequena coberta de sarna: «Volta
 para casa.» Ela negou-se. Bateram-lhe. Mas a criança continuava a resistir.
 Então, partiram todas e o pássaro voava diante delas.

10 Chegaram a uma encruzilhada, pararam e ponderaram sobre o caminho
 a tomar. Elas diziam: «Sigamos pela estrada larga.» A pequena com sarna
 dizia: «Não! Temos de seguir por este carreiro.» As irmãs bateram-lhe, dizendo:
 «Não te mandámos voltar para casa?»

As meninas seguiram o caminho e chegaram, já noite, à povoação do
 15 Homem-da-grande-catana. Este recebeu-as com afabilidade e mandou-as
 entrar para a palhota; havia ali presas de elefantes e panos em quantidade.
 Preparou-lhes uma boa cama.

Já a noite ia alta quando chegou com a sua catana e uma pedra de amolar.

- Afiava a arma enquanto cantava:
- 20 *Kuêтчê, Kuêтчê!*
Filhas do Homem-da-grande-catana, dormis?
 A rapariguinha sarnenta, que não dormia devido ao medo, quando ouviu o som do ferro a ser afiado lembrou-se das palavras que dissera no caminho às irmãs e repetiu-as, cantando baixinho, ao mesmo tempo que chorava:
- 25 *Ai de nós! Ai de nós! Ai de nós!*
Eu bem lhes disse no começo: ide pelo carreiro.
Elas escolheram a estrada; mas esta é a dos desgraçados.
 Depois acrescentou, em voz alta, para enganar o homem: «Já não posso mais com os mosquitos.» Voltou a cantar em surdina:
- 30 *Partam! Voltem para casa, para o nosso pai Moringui*
Lá onde os ornamentos de cobre fazem tlim-tlim...
 Então, o Homem-da-grande-catana disse-lhe: «Eh! Tu! Miúda! Diz-me cá! Não consegues dormir?» Pegou em roupa e tapou-a para a proteger dos mosquitos e saiu.
- 35 Ao fim de uma hora voltou e recomeçou a afiar o sabre. A pequena acordou e cantou de novo o seu canto.
 O homem zangou-se e disse: «Malvada rapariga! Então não dormes? Os mosquitos só te atormentam a ti?» Tapou-a com mais roupa e saiu.
 Então, a pequena acordou as suas companheiras e disse-lhes: «Estamos perdidas! Vi o Homem-da-grande-catana afiar o seu sabre, ali, ao pé da porta. Chamar-vos-ei quando ele voltar.»
- 40 Passou-se uma hora. Ele chegou e fez como da primeira vez:
Kuêтчê, Kuêтчê!
Filhas do Homem-da-grande-catana, dormis?
- 45 Então, ela chamou-as e disse: «Deixem-se estar deitadas bem quietas e ouçam o meu canto.»
 (Baixo) *Ai de nós! Ai de nós! Ai de nós!*
Eu bem lhes disse no começo: ide pelo carreiro.
Elas escolheram a estrada; mas esta é a dos estropiados.
- 50 (Em voz alta) *Não posso mais com os mosquitos.*
 (Baixo) *Partam! Voltem para casa, para o nosso pai Moringui*
Lá onde os ornamentos de cobre fazem tlim-tlim...
 Então, todas se levantaram e abraçaram a pequena coberta de sarna dizendo: «Partamos!» Pegaram em presas de elefante e puseram-nas no sítio onde
- 55 tinham estado a dormir.
 Puseram-se a caminho de casa e andaram até de manhã.

Conto ronga (adaptado)

in Henri Alexandre Junod, *Cantos e Contos dos Rongas*

Vocabulário

Dêlê-dêlê – canto de pássaro

Kuêтчê, Kuêтчê – som semelhante ao afiar da faca sobre uma pedra

Moringui – provavelmente o mesmo que Macingue

Compreensão/Interpretação

I. Completa, no teu caderno, o quadro seguinte, relativo aos textos A, B e C.

INFORMAÇÃO, I

p. 67

	Texto A	Texto B	Texto C
Tema/Assunto			
Tipo de narrativa			
Acção principal			
Personagem(ns) principal(is)			
Caracterização psicológica da(s) personagem(ns) principal(is)			
Composição da(s) personagem (ns) – modelada(s), redonda(s)?			
Marcas da oratura			

Funcionamento da língua

I. Completa as lacunas abaixo, fazendo concordar o verbo entre parênteses com os demais elementos da frase, garantindo a coesão do texto.

Antigamente, as histórias _____ (ter) a função ordenadora das nossas comunidades. Mas também _____ (servir) para divertir as populações. Ao anoitecer, as famílias _____ (reunir-se) em volta de uma fogueira, onde _____ (ser) contadas histórias que _____ (ter) que ver com as nossas vidas. Os cantos, as anedotas e as adivinhas também _____ (ter) um espaço naqueles encontros.

Hoje, com a televisão e o computador, as histórias orais _____ (perder) a importância que tinham. Talvez a oratura _____ (voltar) a ganhar importância, pois _____ (ter-se) notado uma tentativa de recuperar os valores do passado.

Produção escrita

I. Elabora uma redacção em que recontes o texto B. Não te esqueças de que o reconto é um relato breve em que usas as tuas palavras, mas deve obedecer à ordem dos acontecimentos do texto-base.

Produção oral

I. Discute com o teu colega de carteira o ensinamento moral transmitido pelos textos A e C. Depois, apresentem as vossas ideias aos restantes colegas.

Textos narrativos da literatura escrita moçambicana

Extracto de conto

Exorcismo

- Que é que se passa?
- O seu filho desapareceu, senhor administrador – respondeu um funcionário...
- Como?
- 5 – O rio levou-o, camarada...
- Porcaria de vida!
- O administrador percorreu os gabinetes em busca de polícias que jogavam damas debaixo das árvores, longe da esquadra e dos locais de vigília.
- Chamem-me esses... esses...
- 10 E, durante cinco dias e seis noites, os que foram ao encontro nas canoas em uso e desuso, cortaram as águas em todas as direcções, e o que mais encontraram foram restos do primeiro colono que morreu de uma diarreia crónica, a primeira dentadura postiça que circulou na boca de um negro, as lanças de cabo curto de que os nguni reivindicaram a patente e outros
- 15 objectos sem nomeação nas línguas correntes, pois pertencem às comunidades que falavam o bantu primitivo.
- Não o encontramos, camarada administrador.
- É impossível.
- Procurámo-lo pelo rio todo.
- 20 – É verdade. O sinal não apareceu. Mas não seria melhor chamarmos o curandeiro?
- Quem?
- Simamba.
- Não quero ouvir histórias. Não quero intriguistas, boateiros, reaccionários,
- 25 contra-revolucionários, inimigos da pátria, ouviram? Aqui não entra superstição, curandeirismo! O que vamos fazer, camaradas, enquadra-se nas experiências revolucionárias. Entenderam?
- Entendemos, senhor administrador.
- E não basta que vocês entendam, é necessário que expliquem isto aos
- 30 vossos irmãos, às vossas mulheres, aos vossos filhos, e aos conhecidos e desconhecidos. E digam-lhes claramente que vamos fazer uma experiência revolucionária com base nos recursos locais. Ouviram?
- ***
- Peço-te, como pai e chefe destas terras, tira o meu filho das águas.
- Não precisas de evocar a tua responsabilidade. Terás o teu filho.

35 Dizendo isso, o curandeiro espargiu líquidos desconhecidos ao longo da margem direita e iniciou, ao som do tantã que rasgou a tarde, a dança primeira e iniciática destes ritos, acompanhado pela dezena de neófitos que se espalharam ao longo da margem, incitando os batuqueiros que não tiraram a tarde e parte da noite, as mãos da pele ressequida dos batuques que
40 chamaram das profundezas aquáticas os sáurios das famílias presentes e ausentes. O curandeiro, num passo de *ballet* da época dos dinossauros, caminhava de crocodilo em crocodilo, interrogando-os numa língua que existiu antes de os *bantu* poisarem nestas terras.

O curandeiro, transportando no corpo e no espírito o segredo das águas,
45 regressou mais revigorado. O administrador aproximou-se de Simamba.

– Traz os papéis do teu filho.

– Está vivo?

– Terás a resposta amanhã.

Ao raiar da manhã de quinta-feira, e no meio dum cacimbo persistente,
50 o administrador, desfeito pela noite insone, poisou aos pés do curandeiro a montanha de papéis que identificavam o filho como cidadão da pátria. O curandeiro, sem olhar para o administrador, pegou nos cinco quilos de papéis vários e queimou-os. A chama elevou-se pelos ares da manhã e o fumo, em novelos espaçados, dirigiu-se às águas, no momento em que o tantã
55 acordava os espíritos adormecidos nas escaras dos crocodilos que choravam. Ao cair da tarde, os batuques deixaram de chorar. O curandeiro, exausto, ajoelhou-se, passou as mãos pela fronte, ajoelhou os adereços, endireitou os chocalhos, e esperou, silencioso. Os crocodilos aproximaram-se das águas. A tarde fugia.

60 Sensivelmente a meio das águas, como que vindo de espaços interestelares, o corpo de Pedro flutuava. O curandeiro, admirado e intrigado, pediu apressadamente uma canoa.

65 Em número de quatro, as canoas cortaram as águas em direcção ao corpo que flutuava sem o peso e a cor dos afogados.

Limpo, nu, sorridente, e sem ares de
70 afogado, Pedro tinha um sinal de sangue recente na testa brilhante. A morte tocara-o havia momentos.

BA BA KHOSA, Ungulani. *Orgia dos Loucos*, Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1987 (adaptado)



Vocabulário

exorcismo – cerimónia para espantar maus espíritos

neófito – novato; principiante

sáurio – réptil

ballet – dança artística com movimentos graciosos, saltos e piruetas

revigorado – com mais força; reforçado

adereço – utensílio (de trabalho)

Extracto de romance

O meu herói

Tudo começa no dia mais bonito do mundo, beleza característica do dia da descoberta do primeiro amor. Todos os animais trajavam-se de fartura, a terra era demasiado generosa. Na aldeia realizava-se a festa de circuncisão dos meninos já tornados homens. Jovens dos lugares mais remotos estavam
5 presentes, pois não há nada melhor que uma festa para a diversão, exibição e pesca de namoricos. Eu estava bonita com a minha blusinha cor de limão, capulana mesmo a condizer, enfeitadinha com colares de marfim e missanga. Coloquei-me na rede para ser pescada, e porque não? Já era mulherzinha e já tinha cumprido todos os rituais.

10 As mulheres, atarefadas, giravam para cá e para lá no preparo do grande banquete. O aroma das carnes excitava o olfacto, fazendo crescer rios de saliva em todas as bocas, desafiando os estômagos, e até as gengivas desdentadas imaginavam um naco de carne, gordinho, tenrinho e sem ossos, empurrado com toda a arte por uma golada de aguardente. Os homens davam a mão aqui
15 e ali, enquanto os outros preparavam esplanadas nas sombras dos cajueiros.

Os tambores rufavam ao sinal do velho Mwalo, erguendo-se cânticos e aclamações. A porta da palhota abriu-se, deixando sair cerca de vinte rapazes com aspecto pálido e doentio, provocado pelas duras provas dos ritos de iniciação.



20 Os rapazes já tornados homens passavam entre alas como heróis. As velhotas aclamavam espalhando flores, dinheiro e grãos de milho que as galinhas se apressavam a debicar. Eu assistia ao espectáculo, maravilhada, quando descobri entre os rapazes um novo rosto.

– Quem será? – perguntei. – Rindau, conheces aquele ali?

25 – É o filho do Rungo, o que vive no colégio dos padres.

– Ah!

Dissiparam-me as dúvidas. Era mesmo daquele rapaz que os velhos falavam ontem à noite e eu, curiosa, ouvi tudo. Se eles descobrirem que escutei vão castigar-me à larga, pois, em coisas de homens, as mulheres não se podem
30 meter. Disseram que ele foi distinto e comportou-se lindamente, mesmo nas provas mais difíceis.

Aquela imagem maravilhou-me. Mesmo à primeira vista, o meu coração virgem estremeceu. Fiquei hipnotizada, com os olhos perseguindo os passos daquele desconhecido. Uma voz quebrou-me o encanto.

35 – Sarnau, Rindau, que fazem aí sentadas suas velhas?

Retribuí à Eni um olhar aborrecido, respondendo de maus modos.

– É proibido ficar sentada?

– Wé, Sarnau, chocar ovos é para galinha chocadeira. Tira o rabo daí, tenho um segredo para ti.

40 – Não me levanto. Estou a chocar. Ovos de pata. Vomita lá esse segredo e desaparece.

Já sabia do que tratava. Não sei quem convenceu o Khelu de que é um grande macho, mas ele quer namoriscar toda a gente. Eni ajoelhou-se, segurou o meu pescoço com as duas mãos, encostou os lábios aos meus ouvidos e
45 segredou. Gritei bem alto para que ela desaparecesse dali. Eni levantou o voo e pude contemplar o meu encanto, mas só por um pouco tempo. Logo a seguir um bando de raparigas fez-me saltar do chão, arrastando-me até às traseiras da casa.

– Sarnau, hoje é dia de arranjar namorados. Em vez de ficar ali a chocalhar,
50 põe-te à primeira vista, ginga, rebola, para as moscas perseguirem as tuas curvas, menina. Olha, eu já arranjei um namorado, e que janota, amiga. E tu que esperas? Aposto que estavas a olhar para este ranhoso filho do Rungo. Como se chama, é o Mwando. Pois digo-te, menina, estás a perder teu tempo, aquele está a estudar para padre [...].

CHIZIANE, Paulina. *Balada de Amor ao Vento*, 2.^a edição, Lisboa: Editorial Caminho, 2003

(texto com supressão)

Extracto de novela

O sonho do morto

Sou o morto. Se eu tivesse cruz ou mármore, neles estaria escrito: Ermelindo Mucanga. Mas eu faleci junto com o meu nome faz quase duas décadas. Durante anos, fui um vivo de patente, gente de autorizada raça. Se vivi com

5 direiteza, desglorifiquei-me quando me enterraram. Não tive sequer quem me dobrasse o joelho. Ninguém me abriu as mãos quando meu corpo ainda esfriava. Transitei-me com os punhos fechados, chamando maldição sobre os vivos. E ainda mais: não me viraram a cabeça a encarar os montes. Nós, os moçambicanos, temos obrigações para com os mortos. Nossos mortos

10 devem olhar para o lugar onde desaparece o sol. Não foi só devido ao funeral que me faltou. Os desleixos foram mais longe. Como eu não tivesse outros bens, me sepultaram com minha serra e martelo. Não deviam ter feito isso. Nunca se deixa entrar em tumba nenhuns metais. Os ferros demoram mais a apodrecer que os ossos do falecido. E ainda pior: coisa que brilha é chamariz da maldição. Com esses utensílios me arrisco a ser um desses defuntos

15 estragadores do mundo. Todas estas tropelias sucedem porque morri fora do meu lugar. Trabalhava longe da minha vila natal. Carpinteirava em obras de restauro na fortaleza dos portugueses em São Nicolau. Deixei o mundo quando, na véspera da libertação da minha terra, o meu país nascia, em

20 roupas de bandeira, e eu descia ao chão, exilado da luz. Quem sabe, foi bom assim, privado de assistir às guerras e desgraças. Como não me apropriaram um funeral digno fiquei em estado de «xipoco», essas almas que vagueiam de paradeiro em paradeiro. Sem ter sido cerimoniado, acabei um morto

25 desconhecido da sua morte. Faço parte daqueles que não são lembrados. Mas não ando por aí pandemoniando os vivos. Me ajudou ter ficado junto a uma árvore. Na minha terra escolhem um canhoiro, ou uma mafureira. Mas aqui, nos arredores

30 deste forte, não há senão uma magrita frangipaneira. Enterraram-me junto a essa árvore. Sobre mim tombaram as perfumosas flores do frangipani. Tanto e tantas que eu já cheiro a pétalas. Eu que nunca tive quem me deitasse lembrança, sou sonhado por

35 quem? Pela árvore.



Couto, Mia. *A Varanda do Frangipani*, 4.ª edição, s/l, Sociedade Editorial Ndjira Lda., 2004 (adaptado)

Compreensão/Interpretação

1. Analisa os textos «Exorcismo», «O meu herói» e «O sonho do morto», quanto a: temática, modos de expressão e desfecho.
2. Liga os textos às figuras de estilo neles predominantes.
 - Personificação • • «O meu herói»
 - Hipérbole • • «O sonho do morto»
- 2.1 Prova a tua resposta com frases/expressões textuais.

INFORMAÇÃO, I

p. 67

SEPARADOR

Funcionamento da língua

1. Identifica a elipse, a interrogação expressiva, a personificação (ou animismo) e o pleonasma nas passagens destacadas nas frases seguintes.
 - a) «[...] os **batuques deixaram de chorar.**» («Exorcismo», l. 52)
 - b) «**Ovos de pata.**» («O meu herói», l. 40)
 - c) «Olha, eu já arranjei um namorado, **e que janota,** amiga.» («O meu herói», l. 51)
 - d) «**E tu que esperas?**» («O meu herói», l. 52)
 - e) «Mas eu **faleci junto com o meu nome [...]**» («O sonho do morto», l. 2)
 - f) «[...] **sou sonhado por quem?**» («O sonho do morto», ll. 34-35)
2. Identifica a frase gramaticalmente correcta.
 - a) Outrora, a cultura tem espaço na nossa nação.
 - b) Nos próximos tempos, a cultura será mais acessível.
- 2.1 Escreve correctamente a frase incorrecta.

SEPARADOR

Produção escrita

1. Pesquisa sobre a vida e obra de Paulina Chiziane e de Ungulani Ba Ka Khosa.
2. Relaciona a obra destes autores com a realidade moçambicana.
3. Redige um texto que seja uma continuação do extracto «O meu herói» ou «O sonho do morto». Procura recorrer à interrogação expressiva, à hipérbole, à elipse e ao pleonasma para conseguir maior expressividade.
 - 3.1 Compara o texto que elaboraste com o do teu colega. Troquem opiniões sobre os mesmos, comentando a sua originalidade, expressividade, riqueza vocabular, correcção linguística, etc.

Produção oral

1. Os textos «O meu herói» e «Exorcismo» referem práticas culturais do nosso país.
 - 1.1 De que práticas se trata?
 - 1.2 O que pensas sobre essas práticas culturais? Discute-as na turma.
2. Faz uma leitura extensiva de uma das obras em análise: *Balada de Amor ao Vento*, *A Varanda do Frangipani* ou *Orgia dos Loucos*.
 - 2.1 Apresenta um breve reconto dessa obra aos teus colegas.

Informação

I. A narrativa ficcional

Os textos literários narrativos, escritos ou orais, relatam uma história fazendo sobressair a forma como as coisas são ditas, procurando incitar emoções no leitor ou ouvinte. Têm por objectivo principal a recreação (prazer e divertimento), embora, no caso da literatura oral e tradicional, a sua mensagem tenha também uma função didáctica e moralizante.

São vários os géneros da narrativa. Aqueles de que nos importa falar agora são: a fábula, o conto popular, a lenda, o mito, o conto literário, o romance e a novela.

Fábula, conto popular, lenda e mito

Estes géneros narrativos são manifestações da literatura oral: são relatos transmitidos de geração em geração, tendo, por isso, um autor colectivo (ao longo do tempo, sofreram sucessivas alterações, que explicam a possibilidade de existirem versões diferentes de uma mesma narrativa). Além do entretenimento (função lúdica), visam transmitir valores e ensinamentos (função didáctica e moralizante).

São narrativas breves, com um número reduzido de personagens e uma só acção, situada num passado longínquo ou num tempo indeterminado.

Na **fábula**, as personagens são, geralmente, animais com características humanas, dialogando entre si. Apresentam sempre uma moralidade (vitória da força sobre a fraqueza, do esforço sobre a preguiça, da bondade sobre a astúcia, etc.).

No **conto popular**, as personagens são geralmente anónimas, representando atitudes ou valores. O herói tem de enfrentar uma série de provas antes de atingir o seu objectivo, que simboliza o seu amadurecimento e a sua passagem à idade adulta. O conto popular é, geralmente, muito rico em símbolos; por exemplo, o número três, que representa a perfeição, e a rosa, que simboliza o amor puro. A acção do conto popular situa-se num espaço e tempo indeterminados; são, por isso, frequentes expressões como: «Era uma vez...», «Há muito, muito tempo...» e «Num reino distante...».

A lenda e o mito são muitas vezes confundidos. Contudo, existem traços distintivos entre os dois géneros.

A **lenda** é uma narrativa que procura explicar um facto histórico ou um fenómeno da Natureza; estes aparecem transfigurados, modificados pela imaginação popular; na lenda misturam-se, pois, factos reais e fantásticos. O processo de transmissão de geração em geração contribui para a modificação do facto narrado.

O **mito** é uma narrativa que explica a origem do mundo, dos homens e dos animais, de costumes, actividades, etc. Constitui, pois, uma interpretação do mundo. É um relato fantástico, geralmente protagonizado por seres que representam as forças da Natureza e aspectos gerais da condição humana.

Os mitos diferem dos contos de heróis fantásticos por se referirem a um tempo diferente do tempo comum (contos tradicionais). A sequência do mito é extraordinária, desenvolvida num tempo anterior ao nascimento do mundo convencional. Como os mitos se referem a um tempo e a um lugar extraordinários, bem como a deuses e processos sobrenaturais, têm sido considerados textos da religião ou de crenças (ex.: o mito da origem da Terra e da vida). Porém, como a sua natureza é integradora, o mito pode ilustrar muitos aspectos da vida individual e cultural.

Quase todas as culturas possuem ou possuíram mitos e viveram de acordo com eles, pois estes são textos que permitem uma ordem social.

Conto literário, romance e novela

O **conto** é uma narrativa muito breve (8/10 páginas). Apresenta uma acção simples, isto é, com poucas acções separadas. A acção está centrada numa só personagem, não apresentando grandes desvios.

O **romance** é uma narrativa longa, com muitas acções separadas, embora haja uma acção central; apresenta uma descrição intensa, com muitos detalhes. A sua temática é muito abrangente, e a sua extensão é maior do que a da novela. O ritmo da narração tende a ser lento, pois o texto é marcado por longos e diversos momentos de pausa através de descrições de ambientes, de personagens, de sentimentos, etc.

A **novela** é mais extensa do que o conto e menos extensa do que o romance. Assemelha-se a estes dois géneros no tipo de intriga, no discurso e na estrutura, mas é um texto que, em princípio, apresenta: uma intriga menos complexa do que a do romance (tema centrado num único assunto); uma estratégia narrativa quase linear (sem desvios bruscos como prolepses e analepses), logo um ritmo mais rápido, com tendência para uma conclusão única; um estudo psicológico das personagens menos aprofundado.

Aplicação

1. Indica as diferenças existentes entre: (a) a lenda e o mito; (b) o mito e o conto popular; (c) o conto popular, o romance e a novela.
2. Refere em qual dos géneros da narrativa anteriormente referidos é óbvia a personificação, justificando a tua resposta.

2. Funções de linguagem

A função poética

Na comunicação actuam vários elementos: o emissor, o receptor, o código, a mensagem, o canal e o referente. Se analisares uma mensagem, poderás verificar que a linguagem nela utilizada varia conforme o elemento da comunicação predominante. Diz-se, então, que a linguagem tem várias funções, uma das quais é a função poética.

A função poética centra-se na mensagem. O emissor aproveita a própria mensagem, nos sons e nos significados, para reforçar e alargar impressões, sugestões e sentimentos. Valoriza os recursos de linguagem, com predominio da conotação, através de simetrias, repetições e paralelismos.

A função poética da linguagem não deve ser confundida com a língua poética nem com a poesia. A função poética não é exclusiva da poesia. Está também presente em textos de natureza diversa, como no texto publicitário, nos *slogans* ou frases-guia (exs.: «2M, dourada por fora, de ouro por dentro»; «Ponto 24, o seu banco de bolso»), nos provérbios (exs.: «A isca é que engana e não o pescador que tem a cana», «Grão a grão enche a galinha o papo») e até na linguagem quotidiana (exs.: «Não vem, que não tem», «Dá cá, toma lá»).

Outras funções da linguagem:

- **Função informativa ou referencial** (associada ao **referente**) – o emissor preocupa-se em informar.
- **Função apelativa** (influência sobre o **receptor**) – o emissor procura convencer o receptor a tomar uma atitude.
- **Função emotiva ou expressiva** (predomina o **emissor**) – a mensagem transmitida está carregada de emoção.
- **Função fática** (centrada no **canal**) – alguns elementos da mensagem destinam-se a verificar se o contacto existe e se se mantém entre o emissor e o receptor.
- **Função metalinguística** (associada ao **código**) – exprime um conceito adequado à caracterização científica da linguagem verbal.

3. Advérbios de tempo

Há certas palavras que servem para modificar a significação dos verbos, dos adjetivos e de outros advérbios. Essas palavras chamam-se advérbios.

O João veio aqui. (**advérbio de lugar**)

A Maria chegou hoje de Lisboa. (**advérbio de tempo**)

Estou completamente satisfeito. (**advérbio de modo**)

Este queijo está muito bolorento. (**advérbio de intensidade**)

Os **advérbios de tempo** indicam as circunstâncias temporais de uma acção:

Ontem fomos à praia tarde, hoje iremos cedo e amanhã já não voltaremos.

A minha mãe não me deixa sair antes de jantar.

Logo estará connosco o Raimundo, que nunca veio a minha casa.

Se continuas a correr como ora corres, jamais ganharás uma competição.

Advérbios de tempo	Locuções adverbiais de tempo
<i>hoje, ontem, anteontem, amanhã, actualmente, brevemente, sempre, nunca, jamais, cedo, tarde, antes, depois, logo, já, agora, ora, então, outrora, aí, quando</i>	<i>em breve, nunca mais, hoje em dia, de tarde, à tarde, à noite, à noitinha, ao pôr-do-sol, de manhã, de noite, por ora, por fim, de repente, de vez em quando, a tempo, às vezes, de quando em quando, de vez em vez, de longe em longe</i>

Cânticos poéticos tradicionais

Texto A

Cantiga tradicional portuguesa (séculos XII-XIV)

- Digades, filha, mia filha velida:
porque tardaste na fontana fria?
(– Os amores hei)
- Digades, filha, mia filha louçana:
porque tardaste na fria fontana?
(– Os amores hei)
- Tardei, mia madre, na fontana fria,
cervos do monte a augua volviam.
(– Os amores hei)
- Tardei, mia madre, na fria fontana,
cervos do monte volviam a augua.
(– Os amores hei)
- Mentir, mia filha, mentir por amigo!
Nunca vi cervo que volvesse o rio.
(– Os amores hei)
- Mentir, mia filha, mentir por amado!
Nunca vi cervo que volvesse o alto.
(– Os amores hei)



Pero Meogo, in FERREIRA, Maria Ema Tarracha. *Antologia Literária Comentada: Idade Média*, 5.ª edição, Lisboa: Ulisseia, 1991

Vocabulário

Digades – dissei

velida – formosa, linda

fontana – fonte

Os amores hei – Estou apaixonada

louçana – gentil, graciosa, amável, elegante

madre – mãe

cervos do monte a augua volviam – cervos (veados, símbolo da sexualidade masculina, representando o namorado) revolviam (tornavam turva, pouco limpa) a água da fonte

alto – rio, ribeiro

Texto B**Canto rongá (século XIX)**

Rejeita-me quantas vezes quiseres, minha linda!
 O milho que se come na tua casa são olhos humanos!
 Os copos da tua casa são crânios humanos!
 As raízes de mandioca da tua casa são tíbias humanas!
 As batatas doces da tua casa são dedos humanos!
 Rejeita-me quantas vezes quiseres! Ninguém te quererá!

Henri Alexandre Junod, *Cantos e Contos dos Rongas*

Compreensão/Interpretação

1. No teu caderno, preenche a tabela de acordo com os indicadores nela apresentados, justificando com passagens do texto.

	Texto A	Texto B
Tema/assunto		
Sentimento do sujeito enunciador		
Objecto/receptor poético		
Função de linguagem predominante		
Figuras de estilo predominantes		

Funcionamento da língua

1. Completa o texto seguinte, empregando os advérbios e as locuções adverbiais de tempo *por fim*, *enquanto* e *quando*, de acordo com as regras de concordância.

INFORMAÇÃO, 3

p. 69

_____ a mãe quis saber porque é que a filha tinha tardado na fonte, ela respondeu que, _____ lá estava, os cervos tinham revolvido a água. A mãe não acreditou e, _____, mostrou-lhe que mentir não era correcto.

Produção oral

1. No texto A, é-nos apresentada uma situação em que uma filha sente necessidade de esconder à sua própria mãe o facto de estar apaixonada. Essa atitude é reveladora do tipo de ligação existente entre ambas. Discute com a tua turma sobre o tipo de relacionamento que deve, idealmente, existir entre pais e filhos.

Produção escrita

1. No texto B, somos confrontados com alguém que reage a uma rejeição amorosa. Conheces, certamente, a história de alguém que também sofreu por amor. Num texto cuidado, narra essa história.

Tema transversal: manifestação da identidade cultural através da literatura

As práticas culturais de um povo constituem um marco social que torna os seus membros indivíduos integrantes de uma sociedade. A literatura oral é uma actividade cultural que teve grande expressão nas comunidades primitivas e continua a tê-la, sobretudo nas comunidades rurais. A oratura contribui para a organização social.

Leitura

Histórias dos mais velhos

Quando éramos pequenos e ouvíamos os mais velhos contar estas histórias, pensávamos que os animais sabiam falar, mesmo a sério.

Quando os mais velhos imitavam a fala do coelho, uma fala fininha, tremida, e a fala do elefante, uma fala grossa, forte, tudo nos parecia correcto porque
5 sabíamos que o coelho era pequeno e o elefante grande.

Só mais tarde, quando crescemos, compreendemos que aquelas histórias eram as próprias histórias da nossa vida.

Naquelas histórias, vemos acontecer as coisas que acontecem todos os dias com os homens. Vemos os grandes que, por causa da sua força, julgam que
10 podem mandar em tudo e em todos, mas são enganados por outros muito mais fracos, mas que são espertos – como na história do elefante que ficou escravo do coelho; por isso, aprende: (1).

Outras vezes as histórias mostram-nos que ganha quem sabe mais coisas, e não aquele que corre mais ou que é mais feroz ou mais forte.

15 O caracol, que aprendeu a ler e a escrever na escola, pôde organizar-se com outros caracóis para enganar a impala; por isso, aprende: (2).

E havia também as histórias para nos mostrar que aqueles que procuram enganar os outros, fingindo que são uma coisa diferente daquilo que são, na verdade acabam sempre por ser descobertos. Porque mesmo com o rabo cortado,
20 uma macaca nunca conseguirá ser mulher. Há-de ser sempre uma macaca e, pelo seu comportamento, isso há-de descobrir-se; por isso, aprende: (3).

Estas são as histórias que têm grande relação com a nossa vida.

MACHANGO, Inês et al. *Português 7.ª Classe* (edição revista), República de Moçambique, INDE, Editora Escolar, 1995

Compreensão/Interpretação

1. Completa o texto com um dos seguintes provérbios ou ditados:
 - a) Quem não chora, não mama.
 - b) Quem não tem cão, caça com gato.
 - c) Esquece-se a sogra de que já foi nora.

- d) Mentira tem pernas curtas.
 - e) A união faz a força.
 - f) Olho por olho, dente por dente.
 - g) Tantas vezes vai o cântaro à fonte, que um dia fica por lá.
 - h) Tamanho não é documento.
 - i) Pela boca morre o peixe.
 - j) O herói conhece-se pelas cicatrizes.
2. «Quando os mais velhos imitavam a fala do coelho [...] tudo nos parecia correcto porque sabíamos que o coelho era pequeno e o elefante grande.» (ll. 3-5)
- 2.1 Em poucas palavras, diz qual era o objectivo principal das imitações.
3. Transcreve do texto uma frase que prove a importância da oratura e das narrativas tradicionais.

Produção oral

1. A oratura, em África, é associada a um âmbito tradicional das zonas rurais em que são contadas histórias, anedotas e adivinhas à volta da fogueira.
- 1.1 Esta prática ainda é usada na tua família, zona residencial, província ou país?
- a) Se sim, diz como participas e que importância social tem essa prática.
 - b) Se não, diz por que razão não é praticada e quais são as implicações desse facto.
- 1.2 Comenta as afirmações seguintes.
- a) A oratura impede a evolução da leitura por lazer.
 - b) A literatura escrita é condenável apenas por ter tomado o espaço da oratura.
2. De acordo com o que aprendeste nesta unidade, as produções da oratura têm um carácter mais vivo do que as da literatura escrita. O texto escrito deve transportar para o papel as emoções que podem, mais facilmente, ser transmitidas por via oral.
- 2.1 Que elementos são usados na escrita para conseguir provocar as referidas emoções a partir do texto?

Produção escrita

1. Pesquisa junto dos mais velhos da tua família ou vizinhança um texto tradicional oral de que tenham memória.
- 1.1 Regista por escrito esse texto, tendo em conta as características referidas na actividade n.º 2 da Produção oral.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «cultura» nos textos «O meu herói», «Exorcismo» e «Histórias dos mais velhos».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos de pesquisa de dados: a referência bibliográfica



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Organizar referências bibliográficas;
- Elaborar uma ficha bibliográfica.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Produzir frases com o conector *pois* com valor conclusivo e causal;
- Resolver exercícios estruturais, empregando os quantificadores *tudo*, *todo* e *ninguém*.

3. Sobre o tema transversal (a biblioteca):

- Pesquisar obras sobre a elaboração de uma ficha bibliográfica;
- Conhecer a evolução das bibliotecas ao longo do tempo.

Textos de pesquisa de dados: a referência bibliográfica

Os meios de comunicação estão em constante evolução. Cada vez mais modernos e inovadores, permitem a livre circulação de informação, bastando um clique, no caso da Internet, por exemplo, para que tenhamos acesso a artigos sobre qualquer tema. No entanto, independentemente do tipo de fonte utilizada para recolher dados – Internet, jornais, revistas, livros, programas de televisão ou rádio –, devem indicar-se sempre os locais de onde a informação foi retirada. Isso é possível a partir do registo das fontes. Para que o registo fosse prático, de fácil percepção e de abrangência universal, a comunidade intelectual adoptou formas fixas para a sua redacção – as referências bibliográficas –, embora possam ocorrer pequenas variantes que definem uma identidade nacional ou institucional.

Nesta unidade, irás aprender a fazer referências bibliográficas. Estudarás também a conjunção *pois* e algumas expressões de intensidade.

Leitura

Lê atentamente a ficha que se segue, que apresenta informações sobre o livro *A Varanda do Frangipani*, de Mia Couto.

FICHA BIBLIOGRÁFICA

AUTOR: COUTO, Mia

TÍTULO: *A Varanda do Frangipani*

EDIÇÃO: 4.^a

LOCAL: s/l

EDITORA: Sociedade Editorial Ndjira, Lda.

DATA DE PUBLICAÇÃO: Julho de 2004



Compreensão/Interpretação

1. Elabora a referência bibliográfica do livro apresentado.
2. De acordo com a informação presente na capa do livro, indica o tipo de obra de que se trata.

INFORMAÇÃO. I

p. 76

Produção oral

1. Observa atentamente a capa do livro de Mia Couto, estabelecendo a relação entre o título e a imagem. Troca opiniões com os teus colegas acerca da adequação da capa ao conteúdo da obra.

I. Referências bibliográficas

A palavra «bibliografia» deriva dos termos «*biblos*», que diz respeito ao «livro», e «*grafia*», que significa «escrita». Actualmente, o termo «bibliografia», no seu sentido amplo, refere-se à ciência que trata da história, descrição e classificação de livros. Noutra acepção, significa inventário metódico de livros. No âmbito do nosso estudo, consideramos a significação que diz respeito à relação das obras, documentos e outras fontes, orais ou escritas, consultadas pelo autor de um trabalho de pesquisa. (*Dicionário Michaelis – UOL, s/d*).

As referências bibliográficas são indispensáveis, pois provam as fontes da pesquisa e permitem a sua identificação, evitando situações de plágio ou de suspeita de plágio. A relação das obras consultadas deve ser apresentada por ordem alfabética, no final do trabalho.

Nas bibliotecas, as referências bibliográficas são frequentemente usadas em **fichas bibliográficas** – pequenos cartões organizados num ficheiro, com vista a facilitar a identificação de uma obra pelo pesquisador e, posteriormente, pelo bibliotecário, mediante um código concebido pela instituição, que fica estampado na ficha.

As referências bibliográficas encontram-se ainda, embora mais raramente, em **fichas de leitura** inseridas em livros (cartões de tamanho A5 que contêm resumos da obra). O resumo nelas contido ajuda o leitor na apreensão do conteúdo geral da obra.

Actualmente, a ficha de leitura é muito usada por estudantes para fazerem o resumo de fichas de apoio e de livros. (Observa um modelo de ficha de leitura na unidade 12, página 159.)

Ao fazer uma referência bibliográfica, é importante consultar, no fim da obra, a **ficha técnica** – conjunto de elementos envolvidos na produção do livro e que servem para a identificar: o autor do livro, a editora, o autor da capa, o ilustrador, o revisor, os responsáveis pelo arranjo gráfico, o número da edição, o número de exemplares impressos (tiragem), o local e a data de impressão.

Uma referência bibliográfica pode apresentar:

- **elementos essenciais**, isto é, informações indispensáveis à identificação da obra, nomeadamente: o(s) autor(es), o título, o número da edição, o local, o nome da editora ou produtora e a data de publicação ou produção;
- **elementos complementares**, ou seja, informações que permitem caracterizar melhor a obra, complementando as informações essenciais: o subtítulo, o número de páginas ou volumes, títulos e números de capítulos.

Observa um exemplo de referência bibliográfica:

MAZIVE, A., BOANE, S., ZANDAMELA, A., *O Saber das Mãos – Ofícios 7.ª Classe*, 2.ª ed., Maputo, Longman Moçambique Lda., 2004.

Regras de redacção de referências de um livro

- **Autor:** Escreve-se primeiro o apelido em letras maiúsculas e depois o(s) nome(s), que pode(m) ser abreviado(s). Exemplo: JUMA, A. L.
No caso de um apelido composto, apresenta-se primeiro o penúltimo nome. Por exemplo, para um autor de nome *Manuel Silva Gomes*, teríamos: SILVA GOMES, Manuel.
Quando os autores são mais de três, escreve-se o nome do primeiro e a expressão «*et al.*» (que, em latim, significa «e outros»). Exemplo: MUHATE, Simião *et al.*, *Regras de Comunicação*.
- **Título:** Destaca-se sempre, em itálico, ou em negrito (*bold*), ou sublinhado, dependendo das normas dos regulamentos institucionais, geralmente com maiúsculas (excepto em artigos definidos, preposições, conjunções, advérbios e locuções). Exemplos:
DUARTE, Stela C. M., *Avaliação da Aprendizagem em Geografia...*
MENDONÇA, Fátima, **Literatura Moçambicana: A História e as Escritas...**
CUMBE, Graça *et al.*, Saber História 9...
- **Edição:** Indica-se o número da edição a partir da segunda, abreviando-a em **ed.**
Exemplo: 2.^a ed.; 3.^a ed.
- **Local de publicação:** Preferencialmente, escreve-se o nome da cidade. Quando o local não consta na obra, escreve-se **s/l** ou **s.l.**, que significa «sem local».
- **Editora:** Quando a editora não consta na obra, escreve-se **s/e** ou **s.e.**, que significa «sem editor».
- **Data de publicação:** Escreve-se o ano apenas. Quando este dado não consta na obra, escreve-se **s/d** ou **s.d.** que significa «sem data».
- **Volume:** É um dado complementar. Escreve-se de forma abreviada: **vol.**
Exemplo: vol. II.
- **Página:** Quando se refere a uma página apenas, escreve-se **pág.** ou **p.**; quando se refere a um intervalo contínuo de páginas consultadas, escreve-se **pp.**
Exemplo: pp. 12-65 (que significa *da página x à página y*).
- **Casos particulares:**
 - **O caso de uma instituição**
Formato: Nome da instituição, título do livro, local de publicação, editora, ano de publicação.
Exemplo: INDE, *Questões linguísticas*, Maputo, INDE, 1998.
 - **O caso de um capítulo de um livro**
Formato: Autor do capítulo, «título do capítulo», palavra «in», nome do autor do livro, *título do livro (subtítulo)*, edição, local de publicação, editora, número do volume, ano de publicação, páginas inicial e final do capítulo.
Exemplo: BUENDIA, M., «Democracia, Cidadania e Educação», in MAZULA, B., *Eleições, Democracia e Desenvolvimento*, 2.^a ed., Maputo, Livraria Universitária – UEM, 1995, pp. 343-374.

Aplicação

1. As referências bibliográficas têm um formato mais ou menos fixo universalmente.
 - 1.1 Explica a razão da rigidez dos seus formatos de redacção.
2. Que perigo poderá estar associado à ausência das referências bibliográficas das fontes consultadas para a produção de um trabalho?
3. Com que diferentes finalidades são utilizadas as referências bibliográficas em bibliotecas?
4. Cada uma das referências bibliográficas abaixo apresentadas contém erros. Identifica-os e redige-as correctamente.
 - a) *et al.*, Marta MENDONÇA, Guião para a escrita académica, Imprensa Universitária, 2006, 2.ª ed.
 - b) MACHAVA, Gerónimo, Amar Eternamente, 1.ª ed., República de Moçambique – Beira, INLD, 1980.
 - c) NOTÍCIAS, Jacinto Cuna: «Chapas desviam rotas», 2 de Março de 2007, n.º 122.
 - d) PAIZEE, D., CABINDA, M. Learning English 9th Class – Student's Book. 1.ª ed., Maputo, Longman Moçambique, 2008.
5. A seguir são apresentadas fichas técnicas de duas obras. Elabora as referências bibliográficas respectivas.

Ficha técnica n.º 1

Título: *As Artes Macondes*
Autores: Deolinda Ribas, António C. Dengo, Lila Titosse, Amadeu Hassane
N.º da edição: 2.ª edição
Editora: Conga Editora
Data: 2008
Capa: Jacinto Capacete
Ilustração: Titos José Gopa
Revisão: José Pita
Tiragem: 600 exemplares

Ficha técnica n.º 2

Jornal: *Desperta*
Director: João Paulo Dias
Editor: Paulo Nota
Fotografia: Reles Cardoso
Artigo: «Golo solitário diz "Adeus" aos febris»
Secção: Desporto
Autor do artigo: Alexandre Mavie
N.º de páginas do jornal: 10
Página do artigo: 8
N.º do jornal: 34
Data: 12 de Julho de 2004

6. Procura um livro, uma revista e um jornal e redige as referências bibliográficas respectivas. Trá-los à aula para confirmação das referências bibliográficas que elaboraste.

2. A conjunção *pois*

A conjunção *pois* pode ser coordenativa ou subordinativa, dependendo da sua função na frase.

Pois como conjunção coordenativa conclusiva

Repara nas sequências seguintes:

Esta colecção é um marco na minha vida; não me desfiz, pois, dela.

Estas palavras têm o mesmo sentido; são, pois, sinónimas.

Nas duas sequências, a conjunção *pois* (que poderia ser substituída por *por isso* ou *por consequência*, por exemplo) serve para ligar uma oração que exprime **uma ideia de conclusão** à oração anterior. Denomina-se, assim, conjunção coordenativa conclusiva. Neste caso, a conjunção *pois* vem após do verbo e entre vírgulas.

Conjunções e locuções conjuncionais coordenativas conclusivas

Orações coordenadas	Conjunções coordenativas	Locuções conjuncionais coordenativas
Conclusivas (exprimem uma conclusão, que é uma consequência da oração anterior)	<i>assim, logo, pois, portanto</i>	<i>pelo que, por conseguinte, por consequência, por isso</i>

Pois como conjunção subordinativa causal

Repara nas frases seguintes:

O velho levantou-se da cama, pois já se sentia melhor.

Sentou-se, pois o cansaço era muito.

Em cada frase, a segunda oração, para que tenha sentido, depende da primeira. Portanto, estamos perante uma relação de subordinação: a primeira oração é **subordinante** ou **principal**; a segunda é **subordinada**. A palavra que estabelece a ligação entre as duas orações é *pois*, que exprime **uma ideia de causa**; denomina-se, assim, conjunção subordinativa causal. Neste caso, a conjunção *pois* vem antes do verbo e depois de uma vírgula.

Conjunções e locuções conjuncionais subordinativas causais

Orações subordinadas	Conjunções subordinativas	Locuções conjuncionais subordinativas
Causais (exprimem uma causa)	<i>pois, porquanto, porque, que (= porque)</i>	<i>já que, pois que, já que, uma vez que, visto que</i>

3. Os quantificadores *tudo, todo, ninguém*

Estes pronomes chamam-se **indefinidos** – aplicam-se na 3.^a pessoa gramatical, quando consideradas de um modo vago e indeterminado.

Os pronomes indefinidos apresentam formas variáveis e invariáveis. Vejamos o caso de *tudo, todo* e *ninguém*.

Variáveis	Invariáveis
<i>todo, toda</i> <i>todos, todas</i>	<i>tudo</i> <i>ninguém</i>

Todo

I. No singular e posposto ao substantivo, *todo* indica a totalidade das partes.

Exemplos:

Todo o trabalho foi vão.

O ruído da festa acordou o bairro *todo*.

II. Indica também a totalidade das partes, quando, no singular, antecede um pronome pessoal.

Exemplo:

O bairro, *todo* ele, protestou.

III. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica.

Exemplos:

Todos os vizinhos fizeram uma manifestação.

As culpas *todas* eram do homem barulhento.

Tudo

Refere-se normalmente a coisas, mas pode aplicar-se também a pessoas.

Exemplos:

Dou-te *tudo* o que mereces.

Tudo aquilo era a mesma gente, mesquinha!

Ninguém

O pronome indefinido *ninguém* é uma oposição, de carácter negativo, de *alguém*.

Exemplo:

Ninguém aderiu à greve.

Aplicação

I. Completa as frases que se seguem:

a) _____ nós somos artistas.

b) _____ o que escrevi ficou gravado na memória.

c) _____ ignora os meus escritos.

d) _____ o que sei fazer é escrever para _____ a minha turma.

e) _____ ficará alheio à informação que irei dar a _____ vocês, pois, acho que _____ é de nosso interesse.

Tema transversal: a biblioteca

A leitura é uma actividade de capital importância – através dela, não só nos formamos e informamos, como também podemos passar momentos de lazer e aprendemos muito sobre a língua, isto é, melhoramos as nossas capacidades de leitura, escrita e também de fala; enriquecemos o vocabulário e ganhamos ainda a habilidade de interpretar frases e textos complexos.

Ao leres os textos seguintes, ficarás a saber quanta importância tem a leitura para alguns membros da nossa sociedade moçambicana.

Leitura

Bibliotecas devem ser instaladas nos distritos, defende Wanda de Amaral, Assessora do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa

Moçambique precisa de ter, pelo menos, uma biblioteca em cada uma das escolas existentes, como forma de apoiar e facilitar o processo de ensino e aprendizagem no país. Com efeito, **a prioridade deve cingir-se naquelas escolas que estão localizadas nos lugares mais recônditos** deste vasto território, uma vez ser nessas locais que se verifica um acentuado défice de leitura e de cultura geral. Esta posição foi defendida pela assessora do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP), Wanda de Amaral, por ocasião do Dia Internacional da Biblioteca Escolar.

A assessora afirmou ainda que o que se tem verificado é a instalação de bibliotecas nas capitais provinciais, facto que, supostamente, deixa os residentes dos distritais com conhecimentos limitados em matérias de literatura porque não têm um local onde possam fazer consultas de diversos livros.

Tradição oral tem um lugar privilegiado

Para além de professores, alunos e a comunidade em geral buscarem conhecimentos através do material disponível na biblioteca, **há espaço para os anciãos transmitirem os seus conhecimentos através da história oral**, passando, no entanto, algum testemunho aos mais jovens que podem ajudar a resgatar os valores em degradação. Para o efeito, aquele espaço conta ainda com uma sala para sessões.



A anciã Zaberinha João disse que a abertura de um espaço para a transmissão de conhecimentos e de experiências dos mais velhos vai ajudar os mais novos, em particular, e a comunidade em geral, quando considerados os actuais problemas que apoquentam a região. Zaberinha reconheceu que este tipo de sessões ajuda também na troca de experiências entre a velha e a nova geração, tendo em conta que são poucas as pessoas da terceira idade que têm o domínio dos avanços científicos.

Kalungano para todas as leituras (Por Carlos Tembe)

O nome de uma das mais prestigiadas figuras da vida sócio-cultural e política do nosso país, o nacionalista Marcelino dos Santos, ou seja, **Kalungano, como é também conhecido no mundo das artes e letras, vai ficar eternizado.** É que a Biblioteca Provincial de Nampula, ontem inaugurada pelo Ministro da Cultura, Armando Artur, ostenta o nome deste veterano da luta pela independência nacional. A inauguração daquela que é uma das maiores bibliotecas construídas no período pós-independência em todo o país contou com o testemunho de outras figuras ligadas aos sectores cultural, social, político, bem como de académicos e pessoas singulares.

A biblioteca tem ainda uma sala de informática, equipada com vinte computadores ligados à *internet* para consultas e pesquisa de quaisquer informações disponíveis através desta ferramenta tecnológica, para além de uma sala de leitura apetrechada com milhares de títulos.

Biblioteca virtual lançada na capital

Como forma de promover o ensino à distância e uma maior facilidade no acesso aos manuais didácticos e demais obras literárias, o Instituto Superior Politécnico Universitário (ISPU) procedeu segunda-feira, na cidade de Maputo, ao lançamento da primeira biblioteca virtual do país desde a criação das instituições de ensino superior.

Biblioteca móvel para crianças da Gorongosa

As crianças da comunidade da Gorongosa, no distrito com o mesmo nome, na província de Sofala, contam com uma biblioteca móvel. Os efeitos que se fazem sentir na área da educação da criança local, onde temas ambientais já despertam a atenção dos futuros herdeiros das acções de conservação no grande ecossistema da Gorongosa, constituem uma pura realidade. Os pioneiros, e sortudos, foram os alunos da Escola Primária Completa de Vunduzi no distrito da Gorongosa, onde **o nível de interesse e aderência ao programa de leitura às crianças e adolescentes, revelou um dado importante para a melhoria escolar das raparigas.**

Excertos de artigos do jornal *Notícias*, disponíveis em <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/berwsea0.simplex>, no dia 18 de Agosto de 2012

Compreensão/Interpretação

1. De entre as bibliotecas referidas nos excertos que leste, diz quais as que te parecem mais invulgares.
2. Que excerto faz menção à biblioteca electrónica?
3. Como classificas os textos em questão? Justifica a tua resposta.

Produção oral

1. Comenta os enunciados destacados nos textos.
2. À semelhança dos museus, das igrejas e das salas de exposições artísticas, as bibliotecas exigem um modo de estar sereno e silencioso, motivo pelo qual muitos jovens não as frequentam nos momentos de lazer.
 - 2.1 Discute o teor da afirmação anterior com os teus colegas, debatendo as questões seguintes.
 - a) As bibliotecas deveriam ser mais permissivas relativamente aos hábitos das pessoas que as frequentam, possibilitando, por exemplo, diálogos e músicas moderadas?
 - b) Se tivessem a vosso cargo a gestão de uma biblioteca, que estratégias implementariam para captar o interesse das pessoas, transformando esse espaço num local agradável e, conseqüentemente, aumentando o número de frequentadores?

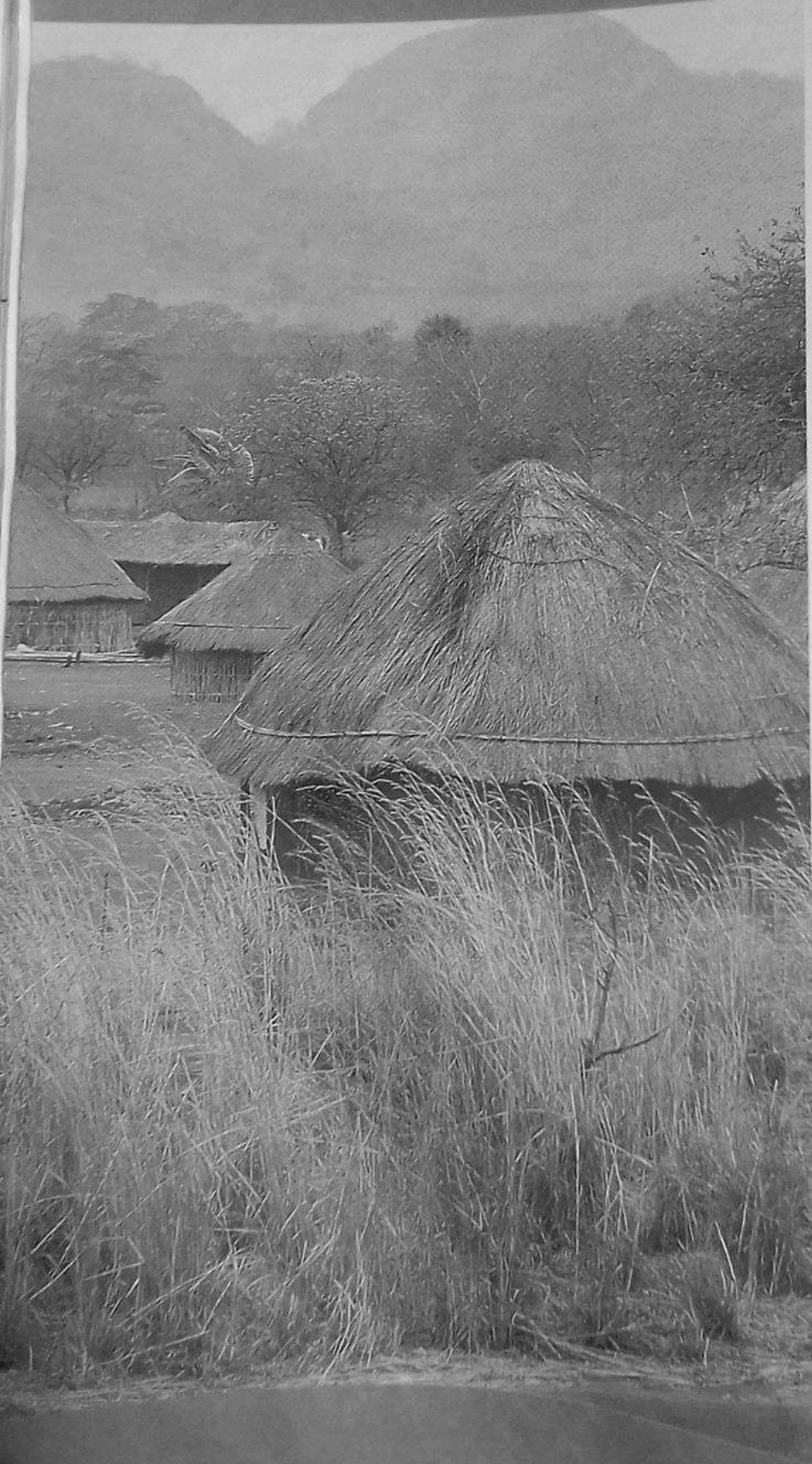
Produção escrita

1. Visita uma biblioteca da região onde vives. Poderá até ser a biblioteca da tua escola. Descreve-a num texto cuidado. No final da redacção, apresenta a tua opinião sobre a biblioteca que visitaste, no que diz respeito aos seguintes aspectos:
 - organização;
 - equipamento;
 - atendimento;
 - outros factores que consideres importantes.
2. Pesquisa nessa biblioteca obras que ensinem a elaborar uma ficha bibliográfica para aprofundares e consolidares os teus conhecimentos sobre esta técnica de escrita.
3. Transforma um dos comentários que ouviste (ou o teu) num texto argumentativo.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «livro» nos textos das páginas 81 e 82.
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos normativos: a Lei da Família



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Analisar os artigos da Lei da Família referentes às secções em estudo;
- Divulgar, oralmente e por escrito, os artigos da Lei da Família.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Identificar palavras derivadas parassintéticas;
- Formar palavras por derivação parassintética.

3. Sobre o tema transversal (a Revolução Verde):

- Participar em debates sobre a Revolução Verde.

Textos normativos: a Lei da Família

Nesta unidade didáctica, darás continuidade ao estudo da Lei da Família.

Numa relação matrimonial há aquisição de bens materiais, tanto móveis como imóveis. O presente capítulo aborda a questão da gestão desses bens dentro do matrimónio e em situação de divórcio ou separação dos cônjuges.

No âmbito do funcionamento da língua, irás aprender o que é a derivação parassintética.

Leitura

Lê atentamente o seguinte excerto da Lei da Família n.º 10/2004 de 25 de Agosto, na sua subsecção II, do artigo 141.º ao artigo 279.º.

Lei da Família SUBSECÇÃO II Regime da comunhão de adquiridos

Artigo 141

(Normas aplicáveis)

Se o regime de bens adoptado pelos esposados, ou aplicado supletivamente, for o da comunhão de adquiridos, observa-se o disposto nos artigos seguintes.

Artigo 142

(Bens próprios)

1. São considerados próprios dos cônjuges:
 - a) os bens que cada um deles tiver ao tempo da celebração do casamento;
 - b) os bens que lhes advierem depois do casamento por sucessão ou doação;
 - c) os bens adquiridos na constância do matrimónio por virtude de direito próprio anterior;
 - d) os instrumentos de trabalho adquiridos por cada um dos cônjuges na constância do casamento.
2. Consideram-se, entre outros, adquiridos por virtude de direito próprio anterior, sem prejuízo da compensação eventualmente devida ao património comum:
 - a) os bens adquiridos em consequência de direitos anteriores ao casamento sobre patrimónios ilíquidos partilhados depois dele;
 - b) os bens adquiridos por usucapião fundada em posse que tenha o seu início antes do casamento;
 - c) os bens comprados antes do casamento com reserva de propriedade;
 - d) os instrumentos de trabalho adquiridos por cada um dos cônjuges na constância do casamento.

Artigo 143

(Bens sub-rogados no lugar de bens próprios)

Conservam a qualidade de bens próprios:

- a) os bens sub-rogados no lugar de bens próprios de um dos cônjuges por meio de troca directa;
- b) o preço dos bens próprios alienados;
- c) os bens adquiridos ou as benfeitorias feitas com dinheiro ou valores próprios de um dos cônjuges, desde que a proveniência do dinheiro ou valores seja devidamente mencionada no documento de aquisição, ou em documento equivalente, com intervenção de ambos os cônjuges.

Artigo 144

(Bens integrados na comunhão)

Fazem parte da comunhão:

- a) o produto do trabalho dos cônjuges;
- b) os bens adquiridos pelos cônjuges na constância do matrimónio, que não sejam exceptuados por lei;
- c) os frutos produzidos por bens próprios, sem prejuízo da compensação eventualmente devida pela sua manutenção e conservação.

Artigo 145

(Presunção da comunicabilidade)

Quando haja dúvidas sobre a comunicabilidade dos bens móveis, estes consideram-se comuns.

Artigo 146

(Bens adquiridos em parte com dinheiro ou bens próprios e noutra com dinheiro ou bens comuns)

1. Os bens adquiridos, na constância do casamento, em parte em dinheiro ou bens próprios de um dos cônjuges e, noutra parte, em dinheiro ou bens comuns reveste a natureza da mais valiosa das duas prestações.
2. Fica, porém, sempre salva a compensação devida pelo património comum aos patrimónios próprios dos cônjuges, ou por estes àquele, no momento da dissolução e partilha da comunhão.

Artigo 147

(Aquisição de bens indivisos já pertencentes em parte a um dos cônjuges)

A parte adquirida em bens indivisos pelo cônjuge que deles for comproprietário fora da comunhão reverte para o seu património próprio, sem prejuízo da compensação devida ao património comum pelas somas prestadas para a respectiva aquisição.

Artigo 148

(Bens adquiridos por virtude da titularidade de bens próprios)

1. Consideram-se próprios os bens adquiridos por virtude da titularidade de bens próprios, que não possam considerár-se como frutos destes, sem prejuízo da compensação eventualmente devida ao património comum.
2. São, designadamente considerados bens próprios, por força do disposto no número antecedente:
 - a) as acessões;
 - b) os materiais resultantes da demolição ou destruição de bens;
 - c) a parte do tesouro adquirida pelo cônjuge na qualidade de proprietário;
 - d) os prémios de amortização de títulos de crédito ou de outros valores mobiliários próprios de um dos cônjuges, bem como os títulos ou valores adquiridos por virtude de um direito de subscrição àqueles inerente.

Artigo 149

(Bens doados ou deixados em favor comum)

1. Os bens havidos por um dos cônjuges por meio de uma doação ou deixa testamentária de terceiro entram na comunhão, se o doador ou testador assim tiver determinado; entenda-se que essa é a vontade do doador ou testador [...];
2. O disposto no número anterior não abrange as doações e deixas testamentárias que integrem a legítima do donatário.

*Boletim da República, 1 Série, n.º 34,
de 25 de Agosto de 2004
(texto com supressão)*

Vocabulário

supletivamente – de forma suplementar

advir – resultar

constância – continuidade

ilíquido – que está sujeito a deduções

usucapião – aquisição de direito sobre uma coisa pela posse prolongada no tempo

presunção – suposição, opinião baseada em indícios, aparências

dissolução – separação dos membros de uma associação

indiviso – não dividido; não repartido

titularidade – pertença de um direito a uma pessoa

acessão – acto ou efeito de aceder; consentimento

amortização – pagamento gradual de dívidas

donatário – aquele que recebeu uma doação

Compreensão/Interpretação

1. Explica a ideia geral transmitida no número 1 do artigo 142.º (Bens próprios) da Lei da Família.
2. De acordo com a Lei da Família, o que sucede em caso de aquisição de bens indivisos já pertencentes em parte a um dos cônjuges?
3. Retira deste excerto da Lei da Família exemplos das seguintes características dos textos normativos:
 - a) apresentação/organização do texto;
 - b) tipo de linguagem utilizado.
4. Indica o motivo pelo qual este texto é considerado um texto normativo.

INFORMAÇÃO, 1

p. 89

Funcionamento da língua

1. Classifica e explica o processo de formação de cada uma das seguintes palavras: *familiaridade, engordar, incapacidade, apodrecer, endurecer* e *inconformismo*.
2. Identifica e classifica as orações nas frases seguintes:
 - a) Os bens que cada um deles tiver são considerados próprios dos cônjuges.
 - b) Os bens que lhes advierem depois do casamento por sucessão ou doação são considerados próprios dos cônjuges.
3. Identifica o tipo de frase mais comum no texto. Comprova a tua resposta com uma passagem do texto.
 - 3.1 Justifica o predomínio desse tipo de frase, tendo em conta a finalidade do texto.

INFORMAÇÃO, 2

p. 90

Produção escrita

1. Elabora um resumo do documento que leste.
2. Selecciona, de entre as informações que apresentaste no teu resumo, aquela que consideras mais pertinente.
 - 2.1 Produz um cartaz em que, de uma forma apelativa, promovas a divulgação dessa ideia.

Produção oral

1. Apresenta à turma o teu ponto de vista sobre um outro excerto da Lei da Família: subsecção II, do artigo 141.º (Regime da comunhão de adquiridos) ao artigo 279.º (Remissão).
2. Em trabalho de grupo, imaginem uma situação em que seja necessário recorrer à Lei da Família para resolver um conflito decorrente de um divórcio. Preparem a dramatização dessa situação e, posteriormente, apresentem-na à turma.

Informação

I. A lei

Como já sabes, os textos normativos são textos que prescrevem normas que devem ser seguidas. Integram-se neste tipo de texto as leis, os códigos, as constituições estatais e os regulamentos, entre outros.

Quanto à **apresentação/organização**, as leis (como a Lei da Família que tens vindo a estudar), dada a sua extensão, apresentam frequentemente títulos e subtítulos (secções e artigos), números, alíneas e parágrafos, o que permite uma consulta do documento mais prática e eficaz.

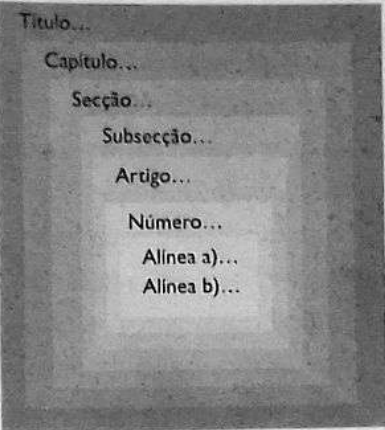


Diagrama hierárquico de estrutura de um documento normativo:

- Titulo...
- Capítulo...
- Secção...
- Subsecção...
- Artigo...
- Número...
- Alínea a)...
- Alínea b)...

Linguagem

Os textos normativos, pelo seu carácter utilitário, têm uma linguagem objectiva, portanto, directa, precisa e clara. São constituídos sobretudo por frases imperativas (pois prescrevem normas) e declarativas (porque também dão informações); logo, predomina nestes textos a função informativa da linguagem.

A Lei da Família – novos tipos de família

Analisando os dados disponíveis, são em cada vez menor número os casamentos tradicionais, quer civis quer religiosos. De facto, começam a ser frequentes as situações em que duas pessoas vivem juntas, em união de facto. Dá-se o nome de união de facto à união de duas pessoas, do mesmo sexo ou de sexo oposto, que não apresentam qualquer relação de parentesco, e que vivem juntas como se estivessem casadas.

Embora cada vez mais comum, as implicações deste tipo de união podem ser complexas. Legalmente, os parceiros não têm os seus direitos conjugais e parentais bem definidos; outras questões como os impostos ou as heranças também são afectadas por não haver a existência de um contrato de casamento. E caso queiram adoptar uma criança, vários problemas legais podem surgir no processo.

Aplicação

1. Explica o que se entende por «união de facto».
2. De acordo com o que aprendeste sobre o texto normativo, elabora uma proposta de regulamento para a tua turma. Não te esqueças de consultar o Regulamento Interno da tua escola para que as obrigações e normas propostas não entrem em desacordo com as do Regulamento Interno.

2. Formação de palavras: palavras derivadas parassintéticas

O vocábulo «parassintético» provém do grego «*pará-*» (= justaposição, posição ao lado de) e «*synthetikós*» (= que compõe, que junta, que combina).

Presta atenção ao seguinte enunciado:

Ao anoitecer, regresso a casa.

A palavra «anoitecer» é constituída pelo radical *noit-*, ao qual foram acrescentados o prefixo *a-* e o sufixo *-ecer*.

Numa análise cuidada desta palavra, verificarás que o prefixo e o sufixo se juntaram, em simultâneo, ao radical *noit-*. Com efeito, se cada um deles se ligasse, sem o outro, ao radical, obteríamos palavras inexistentes em português (**anoit* e **noitecer*). Portanto, a uma palavra formada pela agregação simultânea de um prefixo e de um sufixo a determinado radical chama-se **parassintética**.

As palavras parassintéticas distinguem-se das palavras derivadas por prefixação e sufixação, pois, no caso destas últimas, ao radical pode acrescentar-se apenas o prefixo ou apenas o sufixo para obtermos palavras existentes em português. É o caso da palavra *infelizmente*, que não é formada por parassíntese, mas por derivação por prefixação e sufixação: por derivação por prefixação temos a palavra *infeliz* (*in+feliz*); por derivação por sufixação temos a palavra *felizmente* (*feliz+mente*).

Aplicação

1. Classifica, quanto ao processo de formação, os seguintes vocábulos: *amanhecer*, *embainhar* e *entristecer*.
 - 1.1 Elabora frases com as palavras apresentadas no exercício anterior.
2. Forma palavras parassintéticas a partir das seguintes: *grupo*, *cabeça*, *verniz* e *raiva*.
3. Preenche a tabela agrupando as palavras fornecidas, de acordo com o seu processo de formação:

engarrafar	desagradavelmente	jornalista	incerto
subtilmente	engordar	desconfortavelmente	ilegal
impropriamente	emagrecer	infelicidade	aterrar

Palavras derivadas	
por prefixação	
por sufixação	
por prefixação e sufixação	
por parassíntese	

Tema transversal: a Revolução Verde

A Revolução Verde consiste na substituição dos métodos tradicionais de cultivo por outros pelos quais se obtém um aumento significativo da produção. No entanto, a introdução de métodos revolucionários não tem apenas consequências positivas.

O texto seguinte aborda a prática da agricultura no Gilé, distrito da província de Zambézia. Vais poder ler sobre as características do clima e do solo e que tipo de produtos são cultivados.

Leitura

O poder agrícola do Gilé

Gilé é um distrito da província de Zambézia, com 9526 km² de área de superfície.

O clima dominante é o tropical chuvoso, que influencia na fertilidade do solo. As precipitações chegam a 1200 e até 1400 mm. Normalmente chove entre os meses de Novembro e Março do ano seguinte, podendo prolongar-se até Maio. Chove durante muito tempo no Gilé.

As temperaturas também são favoráveis à prática da agricultura; variam, em média, entre 24 e 26 graus centígrados.

A qualidade do subsolo e as temperaturas amenas propiciam a prática da agricultura em Gilé. Esta é a actividade dominante das populações do distrito.

As culturas abrangem o sector familiar e empresarial. As pequenas culturas, muitas vezes, são de associação de famílias, por forma a se explorarem áreas extensas e culturas diversificadas.

Essa produção agrícola do sector familiar é feita em condições de sequeiro. Esta é uma técnica de risco que algumas vezes não é bem sucedida, condicionada pela fraca capacidade de armazenamento de humidade no solo durante o crescimento das culturas. Esta situação, por vezes, resulta na perda de quantidades elevadas das colheitas.

É vasta a diversidade de culturas desenvolvidas em Gilé. No sul do distrito, cultiva-se milho, feijão nhemba, feijão boere, mandioca, mapira, milho e amendoim. Existem também na zona sul do Gilé solos de humidade residual que perduram por um longo período, que são propícios para as culturas de batata-doce e arroz.

No norte do distrito, as populações cultivam a mandioca, mexoeira, arroz e amendoim. Mas é de salientar que uma das maiores fontes de rendimento familiar é o cultivo de cajueiro, cuja castanha de cajú é de grande comercialização

nacional e internacional. Cultiva-se também o coqueiro na faixa costeira. Esta cultura tem igualmente um grande poder comercial, pelo uso da copra no consumo e na manufacturação de óleos.

30 Após as cheias de 2000, seguiu-se um grande período de seca e estiagem que prejudicou acentuadamente o Gilé, em 2003, desestabilizando por completo as famílias.

O distrito encontra-se numa fase de recuperação da sua produção agrícola no sector empresarial, uma vez que conta com a reabilitação de algumas infra-
35 -estruturas.

O sector familiar e associativo recompôs-se, gradualmente, daquela crise climática, garantindo a sua produção de sustento familiar, a partir da acção imediata do governo, ONG's, a Visão Mundial e o Kulima na distribuição de sementes e utensílios agrícolas, reabilitação de valas de drenagem, fomento de
40 cultura de batata de polpa alaranjada, entre outros apoios.

Compreensão/Interpretação

1. Justifica o título do texto com base na informação que este fornece.
2. Que factores propiciam a prática da agricultura no Gilé?
3. Quais os sectores de produção agrícola que se realizam no Gilé?
4. Por que razão a agricultura feita em condição de sequeira é de risco para as populações do Gilé?
5. Que culturas comuns são desenvolvidas na parte sul e norte do Gilé?
6. Que crise descrita no texto abalou a agricultura do Gilé?

Produção oral

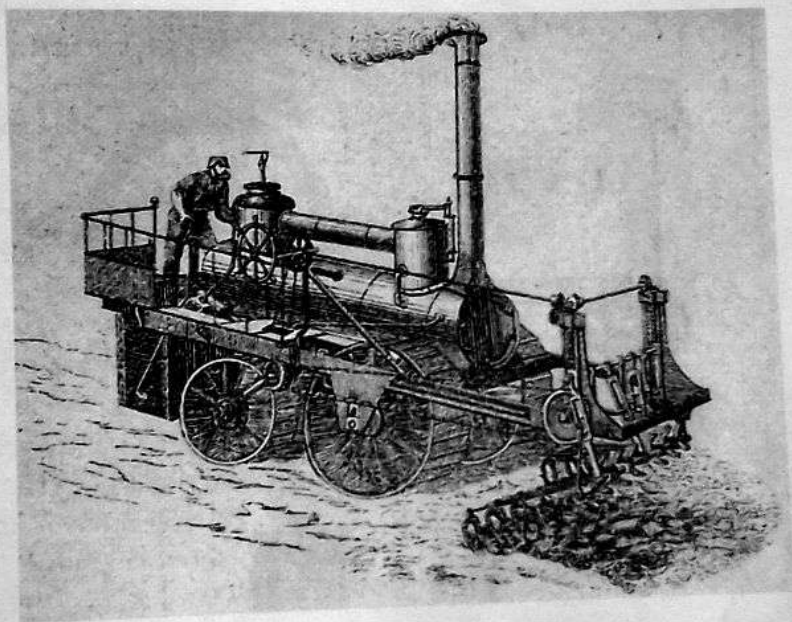
1. De acordo com muitos economistas, a maior riqueza do nosso país reside na agricultura. Foi implementado, por isso, um programa de estímulo à sua prática nas zonas rurais, com base num financiamento de 7000 meticais às famílias que dela vivem.
 - 1.1 Discute com os teus colegas esta afirmação, fazendo uso dos conhecimentos de que dispões sobre este e outros programas agrícolas existentes no País.

Produção escrita

1. Descreve a realidade agrícola desenvolvida na tua escola, família, comunidade, distrito ou província.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «agricultura» no texto «O poder agrícola do Gilé».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.



Unidade 8

Textos administrativos: a exposição

No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:
 - Interpretar uma exposição;
 - Analisar a estrutura interna e externa da exposição;
 - Elaborar uma exposição.
2. Sobre o funcionamento da língua:
 - Identificar orações subordinadas condicionais;
 - Construir frases com orações subordinadas condicionais.
3. Sobre o tema transversal (comércio formal e comércio informal):
 - Resumir textos sobre o comércio formal/informal;
 - Discutir situações ligadas ao comércio formal/informal.

Textos administrativos: a exposição

A exposição é um texto em que se expõe um assunto, usado para apresentar formalmente uma análise de um problema, uma insistência a entidades superiores sobre um assunto insatisfatório que merece explicação ou se quer ver resolvido ou deferido (aprovado). É um texto rígido que exige o uso de argumentação.

Nesta unidade didáctica, aprofundarás conhecimentos sobre este tipo de texto, que já conheces de classes anteriores, aprenderás a identificar orações subordinadas reduzidas participiais e reflectirás sobre o tema do comércio formal e informal.

Leitura

Lê atentamente o texto que se segue.

Exposição

Excelentíssimo Senhor Director
da Empresa de Bombas Mecânicas de Águas – EBMA

Marcolino José Moco Mucachua, de 42 anos de idade, residente no Bairro 25 de Junho, Rua 11, n.º 36, portador do BI n.º 100143332Q, de 13 de Agosto de 2000, emitido pelo Arquivo de Identificação Civil de Maputo, vem, muito respeitosamente, expor a V.ª Ex.ª o seguinte:

I

O exponente é proprietário da Empresa Tornos Mucachua, sita no Bairro Zimpeto, Rua de Namacurra, n.º 66, firma em exercício das suas actividades, com licença aprovada pelo Ministério de Trabalho, sob o registo legal n.º 290787/97.

II

Esta firma tem prestado serviços à empresa que V.ª Ex.ª dirige, desde o ano 2003, sendo, portanto, um servidor de longa data.

III

O exposto na alínea anterior justifica o troféu concedido por V.ª Ex.ª à Tornos Mucachua nos anos 2008 (com o terceiro lugar) e 2009 (com o segundo lugar), de entre as várias empresas que vos prestam serviços.

IV

No ano seguinte, a 3 de Abril de 2010, foi confiada à Tornos Mucachua, pela empresa que V.ª Ex.ª dirige, uma encomenda de 800 alavancas manuais, 3600 porcas de 4 modelos, 8540 parafusos de modelo único e 2600 peças enroscadas, que deveria ser entregue no dia 19 de Abril do mesmo ano. Portanto, havia sido concedido à Tornos Mucachua um período de 16 dias para entrega da referida encomenda, por sinal, de grande urgência.

V

A informação chegou ao exponente no dia acima citado (3 de Abril de 2010), mas, por ter sido um sábado, não lhe foi possível encomendar a matéria-prima que lhe fazia falta: ferro em aço. Portanto, só podia trabalhar em peças que não exigissem aço.

VI

Por se ter tratado de um sábado, a equipa de trabalho que devia iniciar os trabalhos das peças em ferro simples não estava completa, pelo que os trabalhos iriam iniciar-se apenas na segunda-feira, portanto, com dois dias de atraso, enquanto se esperava pelo fornecedor de ferro em aço.

VII

Por razões alheias à nossa vontade, o fornecedor atrasou-se no envio da matéria-prima.

VIII

Embora as razões que motivaram o atraso referido na alínea anterior não sejam do V. interesse, importa ao exponente dizer que este ficou a dever-se à má transitabilidade da estrada N1 causada pelas enxurradas ocorridas semanas antes, segundo reportou o fornecedor. Este facto obrigou a que a mercadoria seguisse outra rota até tomar um transporte aéreo.

IX

O facto descrito na alínea anterior fez com que o material chegasse às instalações da Tornos Mucachua apenas no dia 10 do mês e ano então em curso.

X

O exponente, pelo elevado sentido de responsabilidade que detém, formou equipas especiais de trabalho intensivo para compensar o tempo perdido.)

XI

Pelo ritmo a que os trabalhos iam decorrendo, o exponente estava ciente de que a encomenda seria entregue até à data estipulada.

XII

Pela intensificação dos trabalhos, dois dos seis tornos que a empresa Tornos Mucachua tinha disponíveis tiveram avarias graves.

XIII

Pelo exposto na alínea anterior, a flexibilidade de produção das peças ficou condicionada. Não seria possível à Tornos Mucachua cumprir o prazo de entrega estabelecido, o que levou o exponente a entrar em contacto com a V. empresa, de forma a solicitar uma prorrogação da data de entrega para o dia 20 de Abril, portanto com quatro dias de atraso.

XIV

O pedido feito pelo exponente não foi concedido pela V. empresa.

XV

Através de uma carta enviada pela EBMA, foi comunicado à Tornos Mucachua o mandado de interrupção da produção a decorrer, alegando aquela empresa querer ganhar tempo para a solicitação de uma outra que pudesse prestar-lhe os serviços com máxima urgência.

XVI

O exponente, na qualidade de proprietário da Tornos Mucachua, aceitou, com muito pesar, a falha pela falta de cumprimento do prazo estabelecido.

XVII

Presumivelmente, pelo exposto na alínea XIV, a EBMA cancelou todos os outros trabalhos solicitados à Tornos Mucachua.

XVIII

Pela mesma exposição referida na alínea XIV, a Tornos Mucachua endereçou um pedido de desculpas à EBMA, mas não obteve resposta.

XIX

Após a acção da EBMA, exposta em XVII, a Tornos Mucachua emitiu uma outra carta em que, essencialmente, exigia profissionalismo à EBMA no tratamento da questão.

XX

A acção exposta em XIX não foi correspondida, visto que o processo de cancelamento dos trabalhos entre as duas firmas ficou concluído.

XXI

A Tornos Mucachua é uma empresa jovem e, considerando o exposto em III, ao procurar a perfeição na sua área de trabalho, está a ter um crescimento evolutivo a bom ritmo.

XXII

Pela razão acima citada e pelas outras expostas nas alíneas X a XIX, o exponente vem por este meio rogar a V.^a Ex.^a se digne a reconsiderar o pedido de desculpas e a retomar a ligação comercial entre as duas empresas.

Aguarda deferimento.

Maputo, 3 de Janeiro de 2011

Marcolino José Moco Mucachua

Compreensão/Interpretação

I. Este texto é uma exposição.

I.1 Identifica o exponente, o destinatário e o assunto exposto.

INFORMAÇÃO I

p. 99

2. Indica as alíneas da exposição em que o exponente...
 - a) enaltece a sua empresa;
 - b) justifica a falta de cumprimento do prazo;
 - c) prova ter pedido uma prorrogação (adiamento) do prazo;
 - d) pede uma nova aliança.
3. «Através de uma carta enviada pela EBMA, foi comunicado à Tornos Mucachua o mandado de interrupção da produção a decorrer [...]» (alínea XV)
 - 3.1 Refere a razão invocada pela EBMA para justificar aquele mandado.
4. Que alínea prova que as duas empresas tinham outros trabalhos em processo?
5. «[...] dois dos seis tornos que a empresa Tornos Mucachua tinha disponíveis tiveram avarias graves.» (alínea XII)
 - 5.1 De acordo com o exponente, o que provocou tais avarias?
6. «A Tornos Mucachua [...] está a ter um crescimento evolutivo a bom ritmo.» (alínea XXI)
 - 6.1 Identifica o argumento apresentado pelo exponente para provar que a sua empresa se encontra em crescimento.
7. Atendendo a que o texto que acabaste de ler é uma exposição, justifica a forma de tratamento utilizada pelo exponente para se dirigir ao destinatário.
8. Identifica a introdução, o desenvolvimento e a conclusão do texto em análise.

Funcionamento da língua

1. Identifica e classifica as orações nas frases seguintes:
 - a) Apresentadas as razões, o exponente voltou a insistir.
 - b) Passado o prazo, a EBMA cancelou os trabalhos.
 - c) Expostos os argumentos, a Tornos Mucachua pediu nova aliança.

INFORMAÇÃO. 2

p. 101

Produção escrita

1. Pelas alíneas XIII e XIV, podemos perceber que a Tornos Mucachua fez um pedido para a prorrogação do prazo, mas esta não lhe foi concedida.
 - 1.1 Faz-te passar pelo director da EBMA e redige, criativamente, a carta de resposta à Tornos Mucachua, recusando a prorrogação do prazo.

Produção oral

1. A EBMA cancelou a encomenda de todos os outros trabalhos que tinha solicitado à Tornos Mucachua.
 - 1.1 Consideras esta acção justa? Justifica o teu ponto de vista com argumentos plausíveis.
2. A Tornos Mucachua pediu à EBMA um tratamento profissional do caso.
 - 2.1 Na tua opinião, a EBMA resolveu a situação com profissionalismo? Justifica a tua resposta.

Informação

I. Exposição

Definição

É um texto de carácter administrativo em que se expõe um problema ou uma situação, invocando razões diversificadas de modo a chegar a uma posição final, que se defende ou deseja.

Estrutura

A exposição, enquanto texto de carácter administrativo, obedece a uma forma fixa:

- Fórmula de abertura – invocação da entidade a que se dirige a exposição;
- Corpo da exposição

{	<ul style="list-style-type: none">• Identificação do exponente;• Apresentação da situação que motivou a exposição (alíneas contendo blocos de parágrafos, sendo cada bloco uma unidade de significação);• Síntese daquilo que se pretende através da exposição;
---	---
- Pedido de deferimento;
- Data;
- Assinatura.

Organização do conteúdo

Internamente, o corpo da exposição deve ter a seguinte organização:

- introdução ao problema ou situação, com a respectiva caracterização;
- desenvolvimento, com apresentação de argumentos e/ou contra-argumentos com vista a chegar a uma posição final;
- conclusão, com a apresentação da solicitação.

Aplicação

I. Lê a exposição da página seguinte e identifica nela:

- a) a fórmula de abertura;
- b) a identificação do exponente;
- c) dois argumentos apresentados pelo exponente;
- d) a solicitação que é feita no final.

Excelentíssimo Senhor Presidente
da Companhia Aérea Bom Tempo

José Letela, de 23 anos de idade, residente na Avenida de Moçambique,
n.º 34, portador do BI n.º 123456789A, de 3 de Outubro de 2005,
emitido pelo Arquivo de Identificação Civil de Maputo, vem, muito
respeitosamente, expor a V.ª Ex.ª o seguinte:

I

O exponente adquiriu, no passado dia 20 de Julho, através do site
da V. Empresa, um bilhete aéreo para viajar entre o Aeroporto
Internacional de Maputo, em Moçambique, e o Aeroporto de
Joanesburgo, na África do Sul, no dia 30 de Julho.

II

No momento da compra, foi pedido ao exponente um número de
cartão de crédito para efectuar o pagamento. O exponente foi
informado de que o bilhete seria enviado para a sua morada, assim
que a V. Empresa procedesse ao levantamento, junto do banco, da
quantia correspondente ao bilhete, o que sucedeu no dia
seguinte.

III

Embora tenha pago o bilhete com bastante antecedência, este não
lhe foi enviado e, no aeroporto, não o deixaram embarcar. Endereçou
uma carta à V. Empresa relatando o sucedido. Porém, não obteve
qualquer resposta.

IV

Pelas razões acima citadas, o exponente vem por este meio rogar
a V.ª Ex.ª se digne reembolsar a quantia paga.

Aguarda deferimento.

Maputo, 15 de Agosto de 2009

José Letela

2. Imagina a seguinte situação: por doença prolongada, perdeste um miniteste e o teste final em todas as disciplinas da I.ª classe relativamente ao I.º trimestre. Por esta razão, as tuas notas não apareceram na pauta. Recorreste, mas o teu requerimento foi indeferido.

2.1 Produz uma exposição com vista a resolver o problema.

2. Conjunções e locuções subordinativas condicionais

Tal como as orações causais, comparativas, concessivas, consecutivas, temporais e finais, as orações condicionais também são subordinadas adverbiais – aquelas que equivalem a advérbios.

As orações subordinadas **condicionais** são introduzidas por uma conjunção ou locução conjuncional subordinativa condicional.

Estas orações caracterizam-se por transmitir ideias de **condição** à oração principal (subordinante). Exemplos:

- *Se o dia estiver quente irei à praia.*
- *O atleta teria reclamado, caso perdesse o jogo.*

Conjunções condicionais: *se, caso, senão*

Locuções conjuncionais condicionais: *salvo se, desde que, excepto se, contanto que, a menos que, sem que, uma vez que, sempre que, dado que, a não ser que, no caso de...*

Aplicação

1. Classifica as orações das seguintes frases:

- a) Corri bastante para cortar a meta em primeiro lugar.
- b) Se eu corresse menos, chegaria no último lugar.
- c) Estuda como quiseres, desde que transites de classe.

2. Elabora frases com os seguintes elementos de ligação: *salvo, senão, excepto se e a menos que.*

Tema transversal: comércio formal e comércio informal

A proliferação de mercados informais, sem condições sanitárias nem infra-estruturas básicas, representa um grande desafio para as autoridades municipais, as quais, por vezes, recorrem a soluções drásticas para a resolução do problema.

Neste capítulo, irás reflectir sobre este assunto com o teu professor e os teus colegas.

Leitura

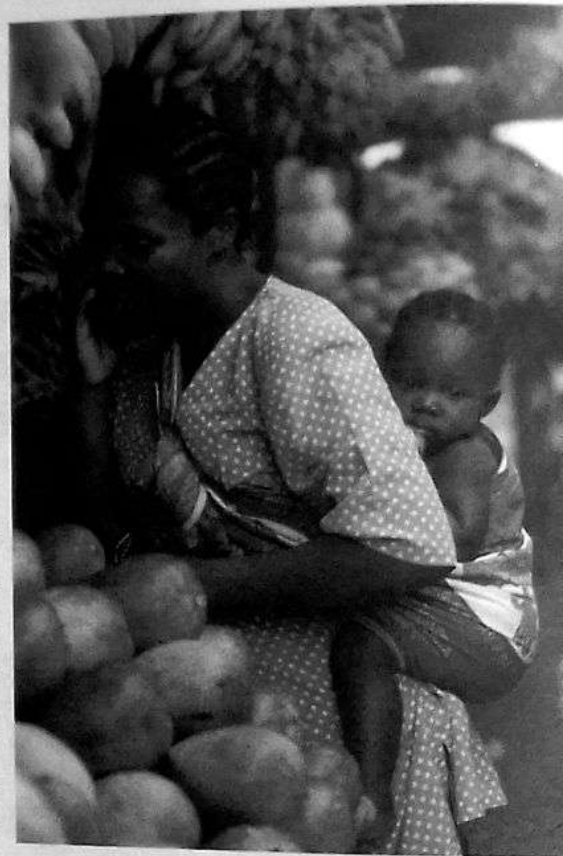
Na cidade de Maputo: Comércio formal e informal emprega cerca de 17 mil pessoas

Maputo, sábado, 29 de Setembro de 2007

Cerca de 17 mil vendedores desenvolvem as suas actividades nos mercados formais e informais da cidade de Maputo, garantindo, assim, a sua sobrevivência e a das suas famílias. 5 Dados das autoridades municipais da capital do País dão conta de que, actualmente, existem 61 mercados, dos quais 40 são formais e os restantes informais, a maior parte deles sem ter infra-estruturas básicas para o seu 10 funcionamento.

A falta de definição e delimitação das áreas actualmente ocupadas pelos mercados informais, vulgo «dumba-nengues», é apontada como sendo uma das principais dificuldades 15 que as estruturas do sector enfrentam para a criação de infra-estruturas básicas, nomeadamente bancas, sistemas de abastecimento de água e energia eléctrica e sanitários públicos, entre outras, para a sua elevação a centros comerciais formais. É, pois, reconhecendo este facto que 20 as autoridades municipais afirmam que vão continuar com o trabalho de identificação e delimitação dos espaços actualmente ocupados pelos mercados informais para a implantação de infra-estruturas básicas.

A par daquela acção, a vereação para a área de Abastecimento, Mercados e Feirões do Conselho Municipal da Cidade de Maputo, que, na semana passada, apresentou 25 um informe aos membros da Assembleia Municipal sobre o funcionamento dos mercados, vai continuar com o recenseamento de todos os mercados formais e informais, assim como proceder à actualização do cadastro dos mesmos.



Sobre o funcionamento dos mercados, as autoridades municipais do sector afirmam que a proliferação de vendedores de rua junto àqueles centros comerciais 30 leva a que os operadores destes abandonem as bancas e se façam também à rua, alegadamente para estarem mais próximos dos clientes. Trata-se de uma situação constrangedora para os que continuam nos mercados, um fenómeno que se verifica independentemente de o centro comercial possuir ou não infra-estruturas.

Para inverter a situação, a estratégia que tem sido adoptada pelas autoridades 35 municipais tem sido perseguir todos os vendedores que exercem as suas actividades nas esquinas e passeios, arrancando-lhes os seus produtos, uma operação que, entretanto, não tem revelado resultados positivos.

in <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/72886> (Adaptado)

Compreensão/Interpretação

1. O texto apresenta dois tipos de comércio praticados em Maputo.
 - 1.1 Refere locais da cidade onde são praticados os dois tipos de comércio.
2. Identifica a principal dificuldade que as entidades encontram na sua tentativa de criar infra-estruturas de saneamento básico.
 - 2.1 Apresenta duas medidas implementadas para combater essa dificuldade.
3. Como se comportam os operadores dos centros comerciais ao verificar a proximidade dos vendedores de rua?
 - 3.1 Que justificação apresentam para esse facto?

Produção oral

1. O que proporias para acabar com a proliferação de mercados e vendedores de rua?

Produção escrita

1. Elabora um resumo escrito do texto que acabaste de ler.
2. Relê o quarto parágrafo do texto.
 - 2.1 Imagina que és um dos vendedores de um centro comercial prejudicado pela presença de vendedores de rua em frente da tua banca. Redige uma exposição da situação dirigida à vereação para a área de Abastecimento, Mercados e Feiras do Conselho Municipal da Cidade de Maputo.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «comércio», no texto «Comércio formal e informal emprega cerca de 17 mil pessoas».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos jornalísticos: a crónica da actualidade



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Interpretar crónicas da actualidade;
- Identificar os tipos de crónica;
- Analisar as ideias essenciais de uma crónica;
- Caracterizar uma crónica quanto ao discurso;
- Elaborar uma crónica.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Descrever a evolução do português europeu;
- Descrever o português de Moçambique no que diz respeito ao léxico e à semântica.

3. Sobre o tema transversal (HIV/sida):

- Participar em campanhas de sensibilização e apoio às vítimas de HIV/sida.

Textos jornalísticos: a crónica da actualidade

Nesta unidade didáctica vais estudar a crónica jornalística. Historicamente, a crónica era um texto em que se relatavam factos por ordem cronológica. Com a evolução da imprensa, a crónica ganhou um espaço no jornal, afirmando-se como texto jornalístico. Naturalmente, o teor discursivo da crónica mudou, mas o seu objecto geral de análise manteve-se – a sociedade.

A maior referência da crónica, em língua portuguesa, é Fernão Lopes – autor que, contrariamente aos cronistas da Idade Média, introduziu nas suas crónicas uma análise crítica e imparcial da sociedade.

Leitura

O texto seguinte é parte de uma crónica em que o autor faz uma apreciação de características do continente africano, comparando-o com a Europa e a América, com base na tragédia ocorrida ao largo das ilhas Comores. Lê-o atentamente.

Para a África tudo serve

A África é o continente em que a máxima de Lavoisier – «na natureza nada se perde, tudo se transforma» – assenta como uma luva. Este continente, como pobre que é, torna-se o espaço de todas as reciclagens e a ele tudo chega em segunda, terceira, quarta e quinta mão. Tudo o que não serve ou está desactualizado no chamado «mundo desenvolvido» chega a África e, qual toque de Midas, vira ouro.

Diz o ditado que «a cavalo dado não se olha o dente», ou seja, é feio reclamar ofertas. Por isso, chega leite fora do prazo; chegam medicamentos proscritos nos países onde foram fabricados; chegam brinquedos que a civilizada Europa não certifica com selo de segurança; chegam roupas esfarrapadas; chegam carros sem as mínimas condições para circular; chegam máquinas para a construção civil em tal estado de degradação que basta um imprudente manuseamento para que aconteça uma tragédia; chegam armas que, de tão desgastadas, se viram facilmente contra quem as utiliza; e, muito mais grave, aviões que não passam pela inspecção há um bom par de anos e que, certamente, nunca passariam numa vistoria séria.



O *waste* europeu chega a África e transforma-se, passa de mão em mão e é sempre apresentado como novo. Os carros, no nosso país, são um bom exemplo disso. A maioria deles, se fosse na Europa ou na América, nem estaria autorizada a circular e o dono teria de pagar para o reboque o retirar da porta. Aqui, chegam a valer dois mil e tal dólares. Como dizia o meu avô, não há nada mais caro na vida do que ser pobre, pois, com as constantes reparações, paga-se três vezes o preço do veículo. [...]

Na madrugada da última terça-feira, um *airbus* da companhia aérea *Yemenia*, do Iémen, despenhou-se ao largo do arquipélago das Comores, a norte de Moçambique. Até 2007, este aparelho voava constantemente para a Europa, mais concretamente para Paris. Depois disso, foram-lhe detectadas várias irregularidades que, mais dia, menos dia, iriam interdité-lo de aceder ao espaço aéreo europeu. À cautela, a companhia achou por bem voar para os países da zona e... para África, aquele continente que tudo aceita. Ainda em 2007, os inspectores franceses constataram a existência de «um certo número de defeitos» quando inspeccionaram a aeronave. «Desde então, o aparelho foi vistoriado por nós», referiu um responsável gaulês, logo após o acidente. A companhia iemenita ainda não estava na lista negra da instituição europeia que supervisiona as condições das aeronaves, mas para lá caminhava. Parece que o avião só servia para transportar africanos. Aqueles que nunca reclamam.

João Vaz de Almada, in *A Verdade*, 3 de Julho de 2009

(texto com supressão)

Vocabulário

proscrito – banido; rejeitado; condenado a sair do seu país

waste – aquilo que não serve; lixo (em inglês)

airbus – avião que transporta passageiros (em inglês)

Compreensão/Interpretação

1. Identifica o acontecimento que motivou a crónica que acabaste de ler.

INFORMAÇÃO. I

p. 108

1.1 O parágrafo em que é apresentado esse acontecimento é um dos últimos do texto. Como justificas este facto?

2. Explica, por palavras tuas, mas com base nas ideias do autor, a primeira frase do texto.

3. De acordo com o texto, tudo o que chega a África é proscrito.

3.1 Que razões apresenta o cronista para justificar esta situação?

4. Por que motivo alude o cronista ao provérbio: «a cavalo dado não se olha o dente» (l. 7)?
5. «[...] chegam brinquedos que a civilizada Europa não certifica com selo de segurança [...]» (ll. 10-11)
- 5.1 Que implicações tem a falta de certificação?
6. A crónica faz, fundamentalmente, uma crítica que exige uma acção futura.
- 6.1 O que critica o cronista?
- 6.2 Qual é o objectivo da mensagem do texto?
7. Classifica o presente texto quanto ao tipo de crónica.
- 7.1 Justifica a classificação que fizeste.

Funcionamento da língua

1. Identifica, no texto, passagens onde estejam presentes as seguintes figuras de estilo:
- comparação;
 - enumeração;
 - hipérbole;
 - metáfora.
2. Retira do texto dois exemplos de estrangeirismos.
3. Identifica os processos de evolução fonética que ocorreram na evolução dos seguintes vocábulos:
- INFORMAÇÃO, 2
p. 110
- mare > mar;
 - credo > creo > creio;
 - bonam > boa.
4. Explica, por palavras tuas, o que se entende por evolução semântica.

Produção escrita

1. A crónica reporta-se a uma realidade. Redige um texto em que dê exemplos dos aspectos referidos pelo autor, nomeadamente:
- as referências à realidade;
 - as críticas sociais;
 - o alvo dessas críticas;
 - o objectivo final da mensagem.
2. Pensa num outro comportamento social relacionado com este ou outro continente que mereça uma crítica e redige uma crónica sobre o mesmo.

Produção oral

1. Fazendo-te passar por um jornalista radiofónico ou televisivo, apresenta oralmente a crónica que produziste no exercício anterior.

1. A crónica jornalística

Conceito

A crónica é um texto que tem como ponto de partida o relato de acontecimentos do quotidiano sobre os quais o autor apresenta a sua interpretação e exprime emoção. Contém, pois, marcas do modo de pensar e de ver o mundo do autor.

A linguagem tende para o literário, com vocabulário cuidado e frases elaboradas. Caracteriza-se pela expressividade e subjectividade próprias do autor, a fim de provocar a empatia do leitor.

Origem

A palavra «crónica» deriva do latim «*chronica*», que, no início da era cristã, significava o relato de acontecimentos por ordem cronológica. Era, portanto, um breve registo de eventos.

Na história da escrita em língua portuguesa, aponta-se Fernão Lopes como um marco na evolução da crónica. Fernão Lopes veio contrariar a tendência dos cronistas da sua época de apresentarem uma visão parcial da vida em sociedade, abordando, nos seus textos, os acontecimentos vividos pela classe que os sustentava: a nobreza. Servindo-se da sua posição de tabelião da corte, investigou a sociedade e criticou a nobreza, o clero e o povo. Fernão Lopes tinha uma visão geral e a sua crítica era imparcial. As suas crónicas apresentam um enredo com marcas literárias.

No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crónica passou a fazer parte dos folhetins e dos jornais, embora num espaço muito reduzido, em rodapé. Apareceu pela primeira vez em 1799, num jornal parisiense. Os textos comentavam, de forma crítica, acontecimentos decorridos durante a semana.

Com o tempo, a crónica foi ganhando novas características e foi-se afirmando como texto jornalístico.

Crónica da actualidade

Como texto jornalístico, a crónica, não deixando de se assumir como um texto que faz uma crítica social, toma como referência o presente, o quotidiano das populações, e não o passado, como faziam os primeiros cronistas. Portanto, a crónica assenta num facto real que, muitas vezes, é tomado como pretexto para o desenvolvimento de uma crítica. É habitual que o discurso da crónica seja irónico. Outras vezes, as críticas são directas, desprovidas de ambiguidades.

Do ponto de vista linguístico, o cronista expressa as suas emoções; portanto, há predominância de marcas da primeira pessoa gramatical e/ou de outras marcas linguísticas com valor emotivo (exclamações, interrogações e interjeições).

A crónica da actualidade tem em vista a tomada de uma atitude futura, ou seja, exige a prática de uma acção futura. Na crónica, predomina, por isso, a função apelativa.

O discurso é elaborado e as frases têm uma elevada carga poética ao nível sonoro e figurativo, conferindo ao texto um cunho literário.

Tipos de crónica

Quanto à sua natureza discursiva, a crónica pode ser:

- **descritiva**, quando explora a caracterização de seres animados e inanimados: é viva como uma cultura, precisa como uma fotografia e dinâmica como um filme. Em suma, usa um discurso descritivo, descrevendo seres, ambientes ou situações com minúcia;
- **narrativa**, quando o texto está comprometido com a narração de factos do quotidiano (banais, comuns). Muitas vezes, essa narração usa personagens imaginárias, mas de carácter metafórico. As atitudes das personagens representam comportamentos reais. Frequentemente, essas personagens são personagens-tipo, pois representam grupos sociais. A narrativa pode ser feita na 1.ª ou na 3.ª pessoa;
- **narrativo-descritiva**, quando explora a caracterização de seres, descrevendo-os e, ao mesmo tempo, mostrando factos do quotidiano. Pode ser narrada na 1.ª ou na 3.ª pessoa gramatical. É a associação da crónica descritiva à crónica narrativa;
- **dissertativa**, quando apresenta uma opinião explícita, com argumentos mais sentimentalistas do que racionais. Pode ser exposta tanto na 1.ª pessoa do singular como na 1.ª pessoa do plural;
- **lírica ou poética**, caracterizada pela utilização de uma linguagem poética e figurada, essencialmente metafórica. A sonoridade e os jogos de palavras são acentuados;
- **metalinguística**, quando faz uma abordagem relativa ao próprio acto de escrever;
- **reflexiva**, quando é dominada por temas de índole política, religiosa e cultural, sobre os quais o cronista apresenta uma reflexão filosófica.

Aplicação

1. A crónica é um texto que se situa entre o literário e o não-literário.
 - 1.1 O que aproxima a crónica dos textos literários?
2. Encontra diferenças e aspectos comuns entre a crónica antiga e a crónica actual.
3. Que papel fundamental teve Fernão Lopes para o desenvolvimento da crónica portuguesa?
4. Comenta a importância da crónica da actualidade.

2. Evolução da língua portuguesa no tempo

Do indo-europeu ao latim

O estudo comparado de diversas línguas da Europa e da Ásia levou os linguistas a pensar que estas terão derivado de uma língua comum: o **indo-europeu**. Com excepção do basco, todas as línguas oficiais dos países da Europa Ocidental pertencem a quatro ramos da família indo-europeia: o helénico (grego), o românico (português, italiano, francês, castelhano e romeno), o germânico (inglês e alemão) e o céltico (irlandês e gaélico). Um quinto ramo, o eslavo, engloba diversas línguas actuais da Europa Oriental.

Do ramo românico fazem parte as línguas que derivaram do latim, uma das quais é a língua portuguesa.

Do latim às línguas românicas

O **latim** era a língua falada no Lácio (região de Roma), que se propagou além-fronteiras com a romanização – processo de conquista territorial e dominação cultural efectuado pelos Romanos.

O latim apresentava diferentes variedades e registos linguísticos: o **latim clássico** e o **latim vulgar**. Foi esta última variedade que se expandiu com a romanização, pois era a língua utilizada pelos legionários, os soldados que participaram na expansão do Império Romano. Noutros locais, entrando em contacto com outras línguas e culturas, o latim sofreu modificações e diferenciações, originando primeiro os **romances** e, depois, as **línguas românicas** ou **novilatinas**, constituídas pelas seguintes línguas: português, espanhol ou castelhano, italiano, francês, romeno, sardo e provençal.



..... Inscrição em latim da época do Império Romano.

Influência de outros povos

O SUBSTRATO

a) O substrato celta

Os povos que habitavam a região da Península Ibérica antes da romanização falavam outras línguas, sobretudo a celta. Embora os povos vencidos tenham adoptado a língua dos vencedores (os Romanos), foram também transportados para o latim termos dessas línguas autóctones. O latim foi, assim, ganhando novas palavras oriundas da língua celta que se falava na Península Ibérica.

Exemplos de palavras de origem celta: *camisa, carro, carpinteiro, Coimbra, Évora, Lisboa, saia*.

O SUPERSTRATO

a) O superstrato germânico

Por volta do século V d. C., os povos germânicos invadiram a Península Ibérica. Como possuíam uma cultura inferior, adoptaram a língua dos vencidos (o latim), mas introduziram-lhe palavras da sua língua.

Exemplos de palavras de origem germânica: *Afonso, arreio, bradar, casa, dardo, Fernando, galope, Gomes, guerra, luva, marchar, orgulho, raça, roubar*.

b) O superstrato árabe

No século VIII, a Península Ibérica sofreu uma nova invasão, desta vez pelos Árabes. A presença árabe prolongou-se por vários séculos e, assim, muitas palavras de origem árabe entraram na língua portuguesa (muitas delas iniciadas por *al*): *álcool, alambique, alecrim, alfaiate, algarismo, armazém, azul, fatia, garrafa, oxalá, xadrez, xarope* e muitas outras.

Do português arcaico ao português moderno

PORTUGUÊS ARCAICO (DE FINS DO SÉCULO XII AO SÉCULO XVI)

Neste período, o português evoluiu sem influências de outras línguas. Até meados do século XIV, esteve associado ao galego, originando o galego-português ou galaico-português.

Considera-se que o português nasceu oficialmente no século XIII, quando o rei Dinis legislou que todos os documentos fossem escritos em português.

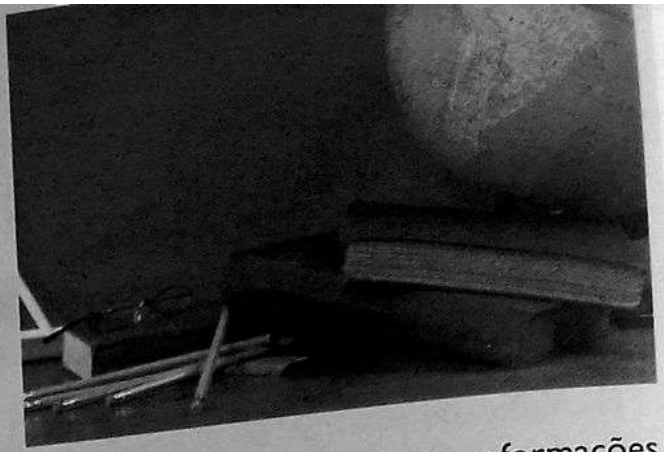
PERÍODO CLÁSSICO (DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XVII)

Com a expansão marítima, nos séculos XV e XVI, a língua portuguesa passou a ser falada em muitas regiões de África, Ásia e América, tendo sido, nesta altura, enriquecida com vocábulos provenientes dessas culturas.

A partir do século XII, com a intensificação das relações comerciais e culturais de Portugal com outros países europeus, vários termos de outras línguas foram adoptados pela língua portuguesa: são os estrangeirismos.

PERÍODO MODERNO (DO SÉCULO XVIII EM DIANTE)

A par da evolução sofrida pela língua portuguesa resultante do contacto com outras línguas, a necessidade de nomear novos objectos e novas realidades vai dando origem à criação de novas palavras: os neologismos.



Evolução fonética

Muitas palavras do português provêm do latim e resultam de transformações sofridas ao longo de séculos, quase sempre pela tendência de se pronunciarem alguns sons com menor esforço. Assim, temos fenómenos de queda, adição e transformação de sons.

Fenómeno fonético	Exemplo
queda	<i>attonitu</i> > <i>tonito</i> > <i>tonto</i> <i>episcopu</i> > <i>bispo</i> <i>legenda</i> > <i>lenda</i> <i>malu</i> > <i>mau</i>
adição	<i>ante</i> > <i>antes</i> <i>humile</i> > <i>humilde</i> <i>stare</i> > <i>estar</i> <i>thunu</i> > <i>atum</i>
transformação	<i>absente</i> > <i>ausente</i> <i>aqua</i> > <i>água</i> <i>nocte</i> > <i>noite</i> <i>semper</i> > <i>sempre</i>

Evolução semântica

A evolução semântica consiste na alteração de significado de certas palavras, ao longo dos tempos.

	Significado antigo	Significado actual
barba	queixo, rosto, mento	camada pilosa que cobre partes do rosto
calamidade	vendaival que destruía colheitas	desgraça de grandes proporções
cara	mais querida	rosto (raciocínio: parte mais querida do corpo)
desastre	perda de um astro	acidente, desastre, sinistro, fatalidade, fruto do azar
ministro	escravo, servidor	cargo superior (raciocínio: significado distante do sentido humilde que tinha)

O português falado em África

A partir do contacto que o português teve com as línguas africanas, através da expansão levada a cabo pelo processo de colonização, a língua foi ganhando outras variedades que divergem da norma portuguesa de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário. Contudo, tal diferenciação não é suficiente para impedir a comunicabilidade entre os falantes, nem a superioridade de uma variedade em detrimento de outra.

Em certos casos, o português, entrando em contacto com algumas línguas de África, deu origem aos crioulos – línguas originadas a partir da aglutinação de outras; são os casos de crioulos de Cabo Verde e da Guiné.

O português falado em Moçambique

Moçambique é um país que apresenta um panorama linguístico bastante diversificado. Falam-se várias línguas derivadas do grupo de línguas *bantu*, algumas das quais são: *kimwani*, *shi-makonde*, *ci-yao*, *cinyanja*, *e-makhua*, *e-chuabo*, *ci-nyungue*, *ci-sena*, *ci-balke*, *ci-shona*, *gitonga*, *ci-copi*, *xi-ronga*, *xitswa*, *xi-xangana* e várias outras variantes destas línguas.

O português é a língua oficial do País, escolhida após a Independência Nacional. Naturalmente, este é influenciado pelas línguas nativas e pelas suas variantes, distribuídas por diferentes espaços físicos do País; por isso, é legítimo falar-se de *falares locais do português* em Moçambique. Assim, os Macuas, por exemplo, irão expressar-se em português diferentemente dos Senas, dos Nyungue ou dos Ndaus, no que respeita a vários aspectos da gramática.

Vejamos, seguidamente, algumas especificidades da língua portuguesa falada em algumas regiões de Moçambique.



Especificidades do português de Moçambique

As diferenças entre o português-padrão e o português falado em Moçambique são visíveis a vários níveis:

- Classe lexical (pronomes, artigos e preposições)
Exs.: O meu pai agarrou ele (agarrou-o).;
Tinha cortado cabelos (cortado os cabelos).
- Concordância (número, género, pessoa, tempo, modo e voz)
Exs.: Os donos da mala viu (viram).;
Esta senhora é amigo (amiga).
- Tipo de estrutura sintáctica (subordinação e coordenação)
Exs.: Para que as coisas crescer melhor (cresçam).;
Chegou a dizer que não tens vergonha (que ele não tinha).
- Escolha lexical dos verbos, nomes e adjectivos
Ex.: Individuos passageiros (que estão de passagem).
- Semântica (atribuição de novo significado a palavras do português)
Ex.: Chegaram as estruturas (responsáveis do Governo).
- Casos como: *calamidade* = roupa em segunda mão; *pasta* = mala (saco) de mão; *situação* = problema; *crise* = guerra
- Ordem sintáctica
Ex.: Eu estou cada vez mais a pintar (estou a pintar cada vez mais).
- Concordância nominal e verbal
Ex.: Os seminaristas tinha... (tinham)
- Regência verbal
Exs.: Despediu os pais à saída (despediu-se dos).;
Nem ler e escrever não sabem (Nem ler e escrever sabem).

LÉXICO-SINTAXE

- Casos de verbos que exigem uma determinada preposição (regência verbal)
Exs.: Eu concordo disso (com isso).;
Eu tinha de ir participar um curso na Suécia (num).;
Ensina os pais a respeitar aos pais (os).;
Não tem amor os filhos (aos).;
Tem de passar da cidade (na).;
Fico admirado naquilo que estou a ver (com aquilo).;
Foi na altura que eu separei com os amigos (dos).;
Os alunos também abusam a eles (deles).;
Saí nas forças armadas (das).;
Era muito mimada com os pais (pelos).;
Tenta trabalhar fim-de-semana (no fim-de-semana).;
Bateu o irmão (no).;
Assisti o filme (ao).

- Casos de construções passivas

Exs.: *(Nós) fomos atribuídos* os sítios (*Atribuíram-nos*);
Fui nascido em casa (*Nasci*).

Fomos dado presentes (*foi-nos dado*).

FONÉTICA

- Pronúncia de consoantes líquidas
Ex.: *areia* (*arreia*); *reembolsar* (*reemborsar*)
- Queda da vogal inicial
Ex.: *aguentar* (*guentar*); *levantar* (*alevantar*)
- Nasalização de vogais
Ex.: *exame* (*enzame*); *até* (*anté*)

Conteúdos das páginas 113-115 adaptados de: STROUD, C. e GONÇALVES, Perpétua.
Panorama do Português Oral de Maputo – II, Maputo: INDE, 2007

Aplicação

1. Elabora um esquema detalhado da primeira etapa da evolução do português, do indo-europeu ao latim, incluindo os grupos de línguas.
2. A variante vulgar do latim foi a que se expandiu além-fronteiras.
 - 2.1 Por que razão foi o latim vulgar (e não o latim clássico) a propagar-se além da região do Lácio (Roma)?
3. Explica, por palavras tuas, a diferença entre substrato e superstrato.
4. Como se justifica a presença de termos do árabe na língua portuguesa?
5. O português falado em África e em Moçambique tem algumas características que constituem um desvio de certas normas do português europeu.
 - 5.1 Aponta uma razão que te pareça possa ter contribuído para a existência de variedades do português falado em África e em Moçambique.
6. Distingue neologismos de estrangeirismos.
7. Identifica as frases incorrectas.
 - a) Este livro fui dado pela minha mãe.
 - b) Fui desprezado com as minhas irmãs.
 - c) Nem na praia nem no baile estiveram.
 - d) A gente somos acolhedoras.
 - e) Por acaso desconsigui de levar toda a encomenda.
 - f) Foi-me emprestado um manual.
 - g) Quando fores ao campo, passa da minha casa.
 - h) Os aniversariantes tem muita sorte.
 - i) A população fez parte do filme.
- 7.1 Escreve correctamente as frases que identificaste.

Tema transversal: HIV/sida

Moçambique é um dos países com maior número de infectados pelo HIV. Quase 20% dos funcionários públicos do País são afectados por este problema, constituindo um desafio para a administração pública, que se vê obrigada a criar apoios e a substituir anualmente uma parte significativa dos seus funcionários.

Leitura

Sida arrasa com a função pública

A sida mata 1600 funcionários públicos moçambicanos por ano. Aproximadamente 32 000 dos actuais 167 000 trabalhadores da função pública são portadores do vírus.

5 Cerca de 1600 funcionários públicos moçambicanos morrem anualmente, vítimas de sida, o que está a colocar problemas ao Estado, que tem de repor funcionários.

10 O número foi hoje avançado pelo porta-voz do governo de Moçambique, Luís Covane, vice-ministro da Educação e Cultura, depois de o Executivo, na reunião de hoje, ter iniciado um processo de criação de uma estratégia de combate ao HIV/sida na função pública.

Em 2008, explicou Luís Covane, dos cerca de 167 000 trabalhadores da função pública, 32 000 estavam infectados, dos quais 10 000 precisavam de tratamento anti-retroviral.

15 Tal situação, acrescentou, leva a grande absentismo e a mortes que obrigam o Estado a «fazer a reposição de quadros, alguns deles altamente qualificados», nos quais se fez um grande investimento.

20 O plano que está a ser preparado contempla, disse, um subsídio de 30 por cento do ordenado durante dois anos para os que já não podem trabalhar, seguindo-se a reforma, caso a situação se mantenha.

25 Moçambique, com 20,3 milhões de habitantes, é um dos países mais afectados pela sida no mundo.

Fernando Peixoto, in Lusa
(23 de Junho de 2009)



Compreensão/Interpretação

1. Selecciona, de entre as opções seguintes, aquela que corresponde à tipologia a que pertence o texto «Sida arrasa com a função pública»:
 - a) texto argumentativo;
 - b) notícia;
 - c) conto;
 - d) relatório.
2. Explica a gravidade do facto de os funcionários «altamente qualificados» serem atingidos pela sida.
3. O texto revela uma situação alarmante em relação à sida na função pública.
 - 3.1 Que planos tem o Governo para fazer face ao problema?

Produção oral

1. De acordo com o texto, «Moçambique, com 20,3 milhões de habitantes, é um dos países mais afectados pela sida no mundo.» (ll. 24-27)
 - 1.1 Discute com os teus colegas sobre as principais causas deste cenário desastroso e propõe estratégias de combate.

Produção escrita

1. Elabora uma crónica com base na situação descrita no texto «Sida arrasa com a função pública».

Glossário

1. Procura, em jornais e revistas, palavras pertencentes ao campo lexical de «HIV/sida».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.



Textos multiusos: o texto expositivo-argumentativo



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:
 - Interpretar textos expositivo-argumentativos;
 - Analisar textos expositivo-argumentativos, considerando a apresentação do texto, a organização das informações e o tipo de linguagem.
2. Sobre o funcionamento da língua:
 - Aplicar as regras da concordância verbal em frases com: orações subordinadas sem sujeito expresso; sujeito posposto ao verbo; sujeito composto; pronomes relativos com a função de sujeito;
 - Produzir frases em que ocorram os seguintes verbos impessoais: *haver*; *tratar-se (de)*; *bastar (que)*.
3. Sobre o tema transversal (desastres naturais: o ciclone):
 - Reflectir sobre a ocorrência de ciclones.

Textos multiusos: o texto expositivo-argumentativo

O discurso argumentativo está sempre presente no nosso quotidiano: nas conversas e discussões informais, nos tribunais, nas escolas e universidades, nos discursos políticos, na apresentação do resultado de investigações científicas, nos debates, nas igrejas, nos artigos jornalísticos, no comércio e em muitos outros contextos. Embora, muitas vezes, este tipo de discurso seja produzido informal e inconscientemente, a argumentação obedece a regras específicas.

Nesta unidade temática, vais aprender a analisar e a produzir textos expositivo-argumentativos.

Leitura

Lê atentamente o seguinte texto.

Chatices da pobreza

Não sei por que razão, mas o certo é que, quando estamos nas vésperas de algum grande acontecimento, sobretudo político, as camadas mais vulneráveis da sociedade moçambicana sofrem represálias. A Cimeira da União Africana está marcada para Julho [de 2003], em Maputo. A movimentação para a sua

5 preparação já se faz sentir. Não sobram dúvidas de que vai ser um marco histórico para Moçambique. Só que, como entre nós «não há bela sem senão», os municípios são os mais vulneráveis, e são eles que pagam uma factura elevada, sempre que esteja para se realizar um evento político.

10 A correria é desenfreada de um lado para o outro. Os agentes da polícia é que protagonizam estas cenas, infelizmente.

Roberto Chitsondzo bem cantou: o país está prenhe de contrastes, a polícia rouba

15 aos ladrões, os médicos fogem dos doentes e por aí fora. E todos nós somos impotentes, porque, sem poderes para contrariar o fenómeno, assistimos e lamentamos. Ninguém defende ninguém! Para onde

20 mandar a queixa? As organizações que clamam pela defesa dos direitos humanos pouco fazem, porque também não são respeitadas.



25 Em todas as esquinas da cidade capital há gente a vender qualquer coisa. Nos últimos tempos, a situação destes vendedores tem sido muito má. São corridos ou perseguidos com as suas mercadorias. Os produtos de quem não consegue escapulir-se são recolhidos pelos agentes, ninguém sabe para onde.

30 Na Praça 25 de Junho é que as senhoras vendedeiras estão mal. Os seus produtos foram levados para a 1.ª Esquadra da Polícia da República de Moçambique (PRM). Quem quis segui-los ficou lá encarcerado. No dia seguinte, seguiram «viagem». Foi então que o «cabritismo» começou a marcar presença. A vendedeira que não quis ver o seu destino teve de desembolsar algum valor monetário para se libertar.

35 O pretexto é que aquela praça é um foco de desmandos, que vão do consumo de drogas aos esfaqueamentos. Porém, a polícia sabe que isso não é verdade. Aquele homem que foi encontrado estatelado, supostamente envenenado, veio, ninguém sabe de onde, com seus comparsas que o abandonaram naquele local.

40 Nesta terra, os mais carentes são cada vez mais espezinados por quem, em princípio, devia defendê-los.

P. António, in *Notícias*, 29 de Maio de 2003
(adaptado)

Vocabulário

represália – vingança; retaliação

vulnerável – frágil; que tem poucas defesas

cimeira – conferência internacional em que participam as autoridades máximas

município – pessoa que habita na área de um município (circunscrição territorial)

evento – acontecimento

impotente – que não tem poder ou força; fraco

clamar – reclamar; implorar

escapulir-se – escapar-se

encarcerado – preso

cabritismo – máxima moçambicana que diz: «cabrito come onde está amarrado», o que significa que cada um é dono do seu espaço, podendo usá-lo como lhe convier

desembolsar – tirar do bolso ou da bolsa; despende

desmando – infracção de ordens

Compreensão/Interpretação

1. Transcreve do texto duas passagens que justifiquem a atribuição do título «Chatices da pobreza».
2. Identifica a ideia que o autor pretende defender.
 - 2.1 Como é sustentada essa ideia? Retira do texto três argumentos apresentados pelo autor.
3. «[...] entre nós “não há bela sem senão” [...]» (l. 6)
 - 3.1 O que pretende o autor dizer com esta passagem?
 - 3.2 Indica as situações a que o autor se refere como «bela» e como «senão».
4. A complexidade do texto argumentativo exige o recurso a diferentes tipos de discurso.
 - 4.1 Identifica no texto exemplos de discurso narrativo, descritivo e expositivo.
5. «Foi então que o “cabritismo” começou a marcar presença.» (ll. 32-33)
 - 5.1 Como se manifestou o «cabritismo»?
6. «O pretexto é que aquela praça é um foco de desmandos [...]» (l. 35)
 - 6.1 Como fundamenta o autor o que é apresentado como pretexto?
7. Identifica a tese geral e uma tese secundária apresentadas no texto. INFORMAÇÃO, 1
p. 123
8. Propõe a divisão do texto em partes.
 - 8.1 Classifica cada uma das partes.
9. Que plano de argumentação foi usado no texto? Justifica a tua resposta.

Funcionamento da língua

1. Em cada par de frases, selecciona aquela que estiver correcta. INFORMAÇÃO, 2
p. 125
 - a) Os munícipes são quem sofrem mais.
Os munícipes são quem sofre mais.
 - b) Foram os comparsas que abandonaram o homem naquele local.
Foram os comparsas que abandonou o homem naquele local.
 - c) Vendedores e compradores, ninguém actuam licitamente.
Vendedores e compradores, ninguém actua licitamente.
 - d) O polícia e o vendedor chegou a um acordo.
O polícia e o vendedor chegaram a um acordo.
 - e) Eu e os outros compradores passámos para o mercado do Zimpeto.
Eu e os outros compradores passaram para o mercado do Zimpeto..
2. Completa as frases seguintes com quem ou que.
 - a) São os vendedores _____ têm uma vida mais complicada.
 - b) Podes encontrar num mercado de rua tudo o _____ procuras.
 - c) Tu, _____ sabes o que queres, luta pelos teus ideais.
 - d) Foi ele _____ me indicou este lugar.
 - e) Foram eles _____ me indicaram este lugar.
 - f) Não fui eu _____ ocupou o teu lugar.

3. Completa o seguinte texto, conjugando adequadamente os verbos indicados entre parênteses.
Basta que _____ (aparecer) a polícia para os vendedores começarem a desaparecer. _____ (haver) dias em que alguns são apanhados e presos. _____ (tratar-se) de uma medida punitiva.

Produção escrita

- I. Estás de acordo com o pensamento do autor do texto em análise?
I.1 Redige um texto expositivo-argumentativo em que manifestes concordância ou discordância relativamente à posição do autor. Na produção do teu texto deves utilizar os recursos do texto expositivo-argumentativo para sustentares a tua tese, nomeadamente: narração, enumeração de exemplos e descrição.

Produção oral

- I. O conflito entre vendedores e o Conselho Municipal é frequente no nosso país. Por um lado, muitos vendedores ocupam lugares onde não lhes é autorizada a venda dos seus produtos, mas com objectivo de ganharem a vida honestamente. Por outro, a comercialização em muitos desses espaços contribui para a degradação do lugar, a proliferação da imundície e a ocorrência de acções ilícitas.
I.1 Com qual das posições concordas?
I.2 Apresenta sugestões para resolver o conflito entre os vendedores e o Conselho Municipal.



I. Texto expositivo-argumentativo

Conceito

- texto expositivo-argumentativo (ou simplesmente texto argumentativo) apresenta um raciocínio segundo o qual se defende ou se refuta um ponto de vista.
- autor expõe uma tese e, com base em argumentos, procura convencer, persuadir os destinatários a aderirem ao seu ponto de vista.
- discurso argumentativo deve ser claro, directo e preciso.

Organização

- texto argumentativo é constituído por uma tese geral e vários argumentos. A **tese** é uma proposição, uma ideia que o autor do texto pretende defender. Um discurso argumentativo pode conter, além da tese principal, ideias secundárias, subordinadas à principal.

Os **argumentos** são as razões, as provas a que se recorre para a defesa de um pensamento.

Por vezes, o texto argumentativo faz uso de argumentos contrários à tese defendida. A refutação desses argumentos contrários (contra-argumentos) contribui para reforçar a tese que o autor pretende defender. A coexistência de argumentos favoráveis e contrários a uma mesma tese origina um paradoxo, uma contradição ou confusão que depois é resolvida.

- texto argumentativo segue, geralmente, um dos seguintes planos:

- **Plano por agrupamento**

Reúne argumentos da mesma natureza – por exemplo, argumentos técnicos, psicológicos, históricos, económicos ou outros – e organiza-os em função do seu destinatário, pois, para certo grupo-alvo, os argumentos económicos ou psicológicos poderão ser mais importantes do que os históricos.

- **Plano por oposição**

Organiza-se a partir da refutação sistemática de uma ideia básica, para se deduzirem as vantagens de uma outra ideia; por outras palavras, nega-se uma ideia para elevar outra contrária. Também se pode elevar uma ideia em detrimento de outra oposta.

- **Plano moderado**

O ponto de vista não é imposto. Um jogo de raciocínios leva, de forma natural, à posição do autor. Os argumentos são moderados, desprovidos de um ataque directo ou de uma exigência severa. Contudo, exigem grande elaboração. É um processo de argumentação ténue, indirecto, delicado, mas muito poderoso.

Os argumentos não devem ser ambíguos. Neste modelo, contrariamente aos outros, as marcas pessoais do sujeito enunciador ficam, normalmente, apagadas, ausentes.

Apresentação

Normalmente, o texto argumentativo apresenta-se em três fases principais:

- fase da **exposição** da tese;
- fase da **argumentação** (é a mais longa; apresenta um conjunto de argumentos);
- fase da **conclusão** (é a síntese dos argumentos apresentados; faz-se a confirmação da tese).

Actos de fala argumentativos

Introdução	<ul style="list-style-type: none">• comecemos por...• analisemos primeiro...• recordemo-nos de...
Transição	<ul style="list-style-type: none">• a seguir, vejamos...• agora, vejamos...• consideremos o caso de...
Enumeração/exemplo	<ul style="list-style-type: none">• em primeiro lugar...• em segundo lugar...• tais como...• a saber...• tal é o caso de...• como acontece com/em...• por exemplo...• como o exemplo de...
Conclusão	<ul style="list-style-type: none">• portanto...• por isso, acreditamos/dizemos/estamos convictos de que...

Aplicação

1. Qual é a função principal de um texto expositivo-argumentativo? Identifica a opção correcta.
 - a) Informar.
 - b) Persuadir.
 - c) Esclarecer.
 - d) Apelar.
2. Explica, por palavras tuas, o que é um texto expositivo-argumentativo.
3. O que se entende por «tese»?
4. Qual é o objectivo de apresentar contra-argumentos num texto argumentativo?

2. Concordância verbal (revisão)

Relativamente à concordância verbal, que estudaste na unidade 4 (páginas 47 e 48), já sabes que:

COM SUJEITO SIMPLES

O verbo concorda com o sujeito em pessoa e em número, esteja o sujeito expresso ou subentendido.

COM SUJEITO COMPOSTO

- Se o sujeito surge antes do verbo, este vai, geralmente, para o plural;
- Se o sujeito estiver depois do verbo (sujeito posposto), emprega-se tanto o plural como o singular;
- Se um sujeito composto é constituído por substantivos no singular ligados por *ou* ou *em*, o verbo fica no plural quando o facto expresso pelo verbo diz respeito a todos os sujeitos; quando o facto expresso pelo verbo diz respeito apenas a um dos sujeitos, o verbo fica no singular;
- Se um dos elementos do sujeito for da primeira pessoa, o verbo passa para essa pessoa;
- Se um dos elementos do sujeito for da segunda pessoa, não havendo nenhum da primeira, o verbo vai para a segunda pessoa;
- Se todos os elementos do sujeito forem da terceira pessoa, o verbo vai para essa pessoa.

COM EXPRESSÃO PARTITIVA COMO SUJEITO

Se o sujeito for composto por uma expressão partitiva (*a maior parte de, metade de, o resto de, ...*) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo poderá ficar no singular ou no plural.

COM UM PRONOME INDEFINIDO COMO SUJEITO

Se o sujeito for representado por um pronome indefinido, como *ninguém, nada* ou *tudo* o verbo fica no singular.

COM UM PRONOME RELATIVO COMO SUJEITO

O verbo de orações cujo sujeito é o pronome relativo que concorda com o seu antecedente em pessoa e em número. Se a oração tiver por sujeito *quem*, o verbo vai para a terceira pessoa do singular.

CONCORDÂNCIA EM ORAÇÕES SEM SUJEITO

Nas orações em que os verbos *haver, fazer, chover, trovejar* e os demais verbos meteorológicos ocorrem (como impessoais) na terceira pessoa do singular, **não há sujeito**, o que também ocorre sob a forma de locução desses verbos. Portanto, não há flexão, o verbo fica no **singular**.

Exemplos:

Havia muitas dificuldades para vender os produtos nos mercados.

Choveu a cântaros em Sofala.

Não só **chove**, como **faz** muito frio.

Quando os verbos *haver* e *fazer* indicam **tempo decorrido**, não admitem o plural; ocorrem como verbos impessoais.

Exemplos:

Há muitos anos que não jogo voleibol. / **Deve haver** muitos anos que não me divirto.

Faz dois anos que não te vejo. / **Deve fazer** muito tempo que não te vejo.

Nota:

Quando o verbo *haver* significa **existir**, não admite o plural. É impessoal, ou seja, não tem sujeito.

Ainda que estes dois verbos sejam sinónimos, têm sintaxes opostas: o verbo *haver* é impessoal e transitivo; o nome (ou pronome) que o segue é **complemento directo** (**Há** muitas laranjas no cesto); enquanto o verbo *existir* é pessoal e intransitivo, o nome (ou pronome) que o acompanha é **sujeito** (**Existem** muitas lojas nesta rua. *Elas existem* porque são precisas).

As locuções em que o verbo *haver* (significando **existir**) vem precedido do verbo auxiliar *são*, também, impessoais (**Pode haver** muitas pessoas sem bilhetes para o espectáculo. / **Devia haver** mais livros na biblioteca).

MONTEIRO, D.; PESSOA, B. *Guia Prático dos Verbos Portugueses*.

5.ª ed. Lisboa, LIDEL – Edições Técnicas, 1999

Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/25236253/Concordancia-Verbal>,

Consultado a 02 de Março de 2011.

VERBOS IMPESSOAIS

Na unidade 4, verificaste, ainda, que há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas. São os chamados **verbos impessoais**. É o caso:

- dos verbos que exprimem fenómenos da Natureza;
- do verbo *haver* quando tem o significado de existir;
- do verbo *fazer* quando indica tempo decorrido;
- dos verbos *tratar-se* e *bastar* quando regidos das preposições *de* e *que*, respectivamente.

(Relê os exemplos apresentados nas páginas 47 e 48, se necessário.)

Aplicação

I. Analisa sintacticamente as seguintes frases:

- a) O aluno aplicado ganha o primeiro prémio.
- b) O professor e os alunos merecem o prémio.

I.1 Classifica o sujeito das frases anteriores.

2. Identifica as frases correctas.

- a) Irá a Leila e a Nicandra ao cinema?
- b) Verão elas o filme?
- c) Irão ao teatro a Denise e Rehana.
- d) Grande parte dos alunos visitou o museu.
- e) Metade deles preferiram ir à fábrica de refrigerantes.
- f) Os que aqui estiverem ganharão brindes.
- g) Foi ele, o director, quem disse isso.
- h) Ayrton, Rogério, Hilton... ninguém venceram.
- i) Sheila, Tília, Valdo... todos merecem.
- j) Aquele quem ouviu poderá confirmar.
- k) Bastaram que passassem cinco minutos para empatar o jogo.
- l) Houveram falhas na arbitragem.
- m) Houve quem preferiram este árbitro.
- n) Dizem tratarem-se de injustiças.
- o) Fazem horas que espero por ti.

2.1 Escreve correctamente as frases incorrectas.

3. Transforma as seguintes frases de modo a obteres sujeitos pospostos:

- a) A Sheila e a Tília viram-se livres.
- b) O Valdo e o Hilton tiveram boas notas no teste de Inglês?

4. Completa o seguinte texto escrevendo o verbo indicado entre parênteses na forma e no tempo correctos, de acordo com as regras da concordância verbal.

Jaime Bunda _____ (estar) sentado na ampla sala destinada aos detetives. _____ (haver) três secretárias, onde outros tantos investigadores _____ (lutar) contra os computadores obsoletos. _____ (haver) também algumas cadeiras encostadas à parede. _____ (ser) numa destas, a última, que Jaime _____ (poisar) a sua avantajada bunda, exagerada em relação ao corpo, característica física que lhe _____ (ter) dado o nome. O seu verdadeiro nome _____ (ser) comprido, unindo dois apelidos de famílias ilustres nos meios luandenses. Mas _____ (ser) numa aula de educação física, mais propriamente de vólei, que _____ (surgir) a alcunha. Às tantas, o professor, irritado com a falta de jeito ou de empenho do aluno, _____ (gritar):

– Jaime, _____ (saltar). _____ (saltar) com a bunda, porra!

A partir daí, _____ (ficar) Jaime Bunda para toda a escola.

PEPETELA. *Jaime Bunda, agente secreto*, 8.^a edição, Lisboa: Dom Quixote, 2006 (adaptado)

Tema transversal: desastres naturais – o ciclone

Os ciclones são dos mais violentos desastres naturais. Embora os avanços tecnológicos permitam, nos nossos dias, antever o mau tempo, ainda é impossível detê-lo. O aviso antecipado pode permitir a precaução das populações e o aumento da protecção em relação a males maiores, graças ao esconderijo em abrigos, à fortificação de moradias, ao abandono das zonas vulneráveis e à interrupção do fornecimento de energia eléctrica externa. O texto que se segue é uma notícia sobre a aproximação do ciclone *Fávio*. Lê-o atentamente.

Leitura

Face à aproximação do ciclone *Fávio*: Sofala, l'bane e Gaza instadas a precaverem-se

O Centro Nacional de Operações de Emergência (CENOE) recomendou às autoridades das províncias de Sofala, Inhambane e Gaza tomarem medidas de prevenção, devido à aproximação do ciclone tropical *Fávio*.

- As previsões apontavam para que, a partir da noite de ontem, se fariam sentir
- 5 ventos ciclónicos na faixa costeira de Inhambane, sendo que, cerca das oito horas, o ciclone estava localizado a 1120 quilómetros da costa, movendo-se em direcção à parte sul do Canal de Moçambique, a uma velocidade de doze quilómetros por hora.
- 10 Às doze horas, já apresentava ventos médios de cerca de 180 quilómetros por hora no seu centro e com rajadas até 230 quilómetros por hora na sua periferia.

- 15 Hélder Sueia, do Instituto Nacional de Meteorologia, disse ao *Notícias* que a previsão é de que o *Fávio* atinja a costa moçambicana a partir de amanhã, entre Inhambane e Beira. O seu centro atingirá a costa na quinta-feira, com ventos até 170 quilómetros por hora.

- 20 Apontou como possíveis impactos a destruição de casas de construção precária e o arrebatamento de chapas de zinco, constituindo um sério perigo para as pessoas, além da destruição de
- 25 machambas.



Este é o primeiro ciclone que atinge a costa moçambicana na presente época ciclónica e deverá ser acompanhado de chuvas moderadas a fortes.

Fonte do CENOE deu a conhecer à nossa Reportagem que o INGC, em coordenação com as Forças Armadas de Defesa de Moçambique, vai posicionar
30 homens e meios de acomodação e salvamento nas áreas com um elevado número de população e onde se prevê que se façam sentir os efeitos do ciclone, designadamente Massinga, Vilankulo, Govuro e Machanga.

in <http://www.portaldogoverno.gov.mz/noticias>, com informações do jornal *Notícias*
(21 de Março de 2007)

Compreensão/Interpretação

1. Refere o motivo pelo qual foi lançado um alerta às províncias de Sofala, Inhambane e Gaza, por parte das autoridades.
2. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia, como se prevê que evolua o fenómeno atmosférico?
3. Retira do texto exemplos das consequências que a passagem do ciclone poderá ter.
4. Aponta as medidas que serão tomadas pelas autoridades para fazer face a esta situação.

Produção escrita

1. Num texto cuidado, descreve pormenorizadamente uma situação de desastre natural que tenhas testemunhado.

Produção oral

1. É comum no nosso país, como noutros, várias pessoas recusarem abandonar as suas residências, apesar de terem sido alertadas sobre a aproximação de uma situação de intempérie.
 - 1.1 Comenta este facto com os teus colegas.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras do texto pertencentes ao campo lexical de «desastres naturais».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos literários: o texto lírico



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Reconhecer a canção como género da oratura em Moçambique;
- Identificar os processos estilísticos presentes na canção tradicional;
- Interpretar canções tradicionais, considerando elementos estruturais, semânticos, temáticos e estilísticos;
- Interpretar textos de poesia clássica, romântica e realista da língua portuguesa;
- Identificar os processos estilísticos próprios do lirismo;
- Observar a interligação do real e da criação literária;
- Identificar as características da temática da afirmação na poesia de Noémia de Sousa, José Craveirinha, Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira e Armando Guebuza;
- Identificar nos poemas marcas da moçambicanidade, valores culturais e universais;
- Produzir textos líricos.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Elaborar frases complexas, respeitando a concordância em tempo;
- Aplicar em textos da tua autoria: apóstrofe, prosopopeia, anáfora e anástrofe.

3. Sobre o tema transversal (manifestação da identidade cultural através da literatura):

- Produzir textos líricos.

Textos literários: o texto lírico

Os valores de uma sociedade são, muitas vezes, veiculados por meio artístico. Os cantos poéticos, transmitem sentimentos do cantor, que são, frequentemente, o sentimento de um grupo social.

Na presente unidade didáctica irás acompanhar a evolução do texto poético, em língua portuguesa, desde a Idade Média até à época contemporânea, com particular incidência na literatura africana.

Leitura

Os textos que se seguem são, respectivamente, uma das mais famosas cantigas de amigo, produzida por D. Dinis, rei de Portugal, que viveu entre 1261 e 1325, e um canto tradicional moçambicano.

Texto A

Nom chegou, madre, o meu amigo

Nom chegou, madre, o meu amigo,
E oj' est' o prazo saído!
Ai, madre, moiro d'amor!

Nom chegou, madre, o meu amado,
E oj' est' o prazo passado!
Ai, madre, moiro d'amor!

E oj' est' o prazo saído!
Por que mentiu o desmentido?
Ai, madre, moiro d'amor!

E oj' est' o prazo passado!
Por que mentiu o perjurado?
Ai, madre, moiro d'amor!

Por que mentiu o desmentido?
Pesa-mi, pois per si é falido,
Ai, madre, moiro d'amor!

Por que mentiu o perjurado?
Pesa-mi, pois a seu agrado,
Ai, madre, moiro d'amor!

D. Dinis in FERREIRA, Maria Ema Tarracha.
Antologia Literária Comentada: Idade Média,
5.ª edição, Lisboa:Ulisseia, 1991

Vocabulário

madre – mãe
oj' est' – hoje chegou
saído – vencido
moiro – morro
o desmentido – o que mente, o falso
é falido – faltou voluntariamente ao que prometeu
a seu agrado – voluntariamente, por seu gosto

Texto B

Levaram Fambanhane ao juiz

Levaram Fambanhane ao juiz,
sem algemas
agora não pode ameaçar Manjengue
perdeu toda a esperança de usar uniforme de régulo
nós dizemos,
nós temos razão para acreditarmos
que Fambanhane teria gostado de ser régulo.

Poesia de *msaho* dos Chopes

in MENDES, Orlando, *Sobre Literatura Moçambicana*, Maputo: INLD, 1980

Compreensão/Interpretação

1. Responde às perguntas que se seguem, a propósito do texto A.
 - 1.1 Identifica o assunto do poema.
 - 1.2 Quais são as personagens a que se refere o texto?
 - 1.3 Faz o esquema rimático do poema.
 - 1.4 «Nom chegou, madre, o meu amigo,».
 - 1.4.1 Que sentimento está expresso neste verso?
2. Atenta agora no texto B, uma tradução de um canto tradicional do nosso país, alusivo à época colonial.
 - 2.1 Identifica, no texto, uma marca do enquadramento do mesmo na época colonial.
 - 2.2 O texto faz uma crítica.
 - 2.2.1 Identifica-a.
 - 2.2.2 Quem é o alvo dessa crítica?
 - 2.2.3 Consideras essa crítica directa ou indirecta? Justifica a tua opção.
3. Atenta nas seguintes passagens do texto A:
 - a) «Nom chegou, madre, o meu amigo, [...]»;
 - b) «[...] moiro d'amor!».
 - c) "E oj'est'o prazo passado".
 - 3.1 Identifica as figuras de estilo presentes nestas passagens.
 - 3.2 Explica a expressividade da figura de estilo que identificaste na segunda passagem.

Funcionamento da língua

1. Faz corresponder as orações da coluna da direita às da coluna da esquerda.

a) Assim que o amigo chegar,	•	•	avisem a rapariga.
b) Quando o amigo chegou,	•	•	a rapariga sorriu.
c) Logo que o amigo chegue,	•	•	a rapariga ficará aliviada.

- 1.1 Quantas orações compõem cada uma das frases que construístes?
 - 1.1.1 Como classificas, então, essas frases: simples ou complexas?
- 1.2 Identifica as palavras ou expressões que estabelecem a ligação entre as orações de cada frase.
 - 1.2.1 Que ideia transmite cada uma dessas palavras ou expressões?
 - 1.2.2 Identifica a classe e a subclasse a que pertencem, tendo em conta a função que desempenham na frase e as ideias que transmitem.
2. Atenta nas frases seguintes:
 - a) O poeta escreveu tanto que publicou um livro de poemas.
 - b) Escreveu tanto hoje como ontem.
 - c) Escreve de maneira que todos te possam compreender.
 - d) A poesia é tão forte como a prosa.
 - 2.1 Identifica as frases que contêm orações comparativas e as que contêm orações consecutivas.
 - 2.2 Identifica, nas frases anteriores, as expressões que intensificam as acções.

Produção escrita

1. A tua comunidade ainda conserva cantos tradicionais recebidos de outras gerações. Procura encontrar um canto e, com a ajuda dos mais velhos, faz a sua tradução para a língua portuguesa, caso se encontre numa língua diferente, e redige-a no teu caderno diário.

Produção oral

1. Apresenta oralmente o canto que recolhiste e explica-o aos teus colegas.



1. Textos líricos

O termo «lírica» provém da palavra «lira», nome de um instrumento antigo de cordas cujo som é muito agradável. O soar da lira era, normalmente, acompanhado por versos cantados, que, com a passagem do tempo, tomaram o nome do instrumento. Os versos expressavam o estado sentimental de quem os cantava. Assim, **textos líricos** passaram a ser aqueles em que o sujeito enunciator expressa as suas emoções, os seus sentimentos face a si mesmo ou ao mundo.

2. Oratura – génese da literatura portuguesa

A poesia trovadoresca: cantigas de amigo e cantigas de amor

A primeira grande manifestação da literatura portuguesa foi a poesia dos trovadores, escrita em galego-português, durante a Idade Média, entre o século XII e meados do século XIV.

A poesia medieval foi composta para ser cantada; por isso, nela predominam o refrão e o paralelismo. O amor é o tema dominante nos poemas dos trovadores (poetas e compositores líricos de cantigas trovadorescas). Surgiram, deste modo, as cantigas de amigo e as cantigas de amor.

Na **cantiga de amigo**, o sujeito da enunciação é uma rapariga do povo. Num contexto da vida popular rural ou num ambiente doméstico, a rapariga confia à mãe, às amigas ou à Natureza o amor ou a saudade de um amigo ausente. A paisagem revela, por vezes, um animismo típico de certa mentalidade primitiva, em que a Natureza é dotada de vida e de intencionalidade. As cantigas de amigo apresentam uma estrutura repetitiva, chamada paralelismo; eram sempre acompanhadas de música, canto e até coreografia. O rei D. Dinis foi um dos mais exímios compositores deste género da poesia trovadoresca, sendo a cantiga «Nom chegou, madre, o meu amigo», apresentada na página 131, uma das mais conhecidas cantigas de amigo da poesia trovadoresca.

Na **cantiga de amor**, o sujeito de enunciação é o próprio trovador. Numa composição influenciada pelo lirismo provençal, o trovador canta o seu amor não correspondido pela sua *senhor* (a mais bela e perfeita de todas as damas, figura idealizada a quem o poeta deve louvor e fidelidade, seguindo o ideal do amor cortês), ansiando pela satisfação de um desejo que, porém, nunca se concretiza (*coita de amor*, ou sofrimento de amor): «Tam grave dia que vos conheci, / por quanto mal me vem por vós, senhor! / ca [porque] me ven coita, nunca vi maior, / sem outro bem, por vós, senhor, des i [desde então] / por este mal que mh'a mim por vós vem, / come se fosse bem, vem-me por em / gran mal a quem nunca o mereci [...]» (D. Afonso Sanches). Do ponto de vista formal, em vez do paralelismo, típico das cantigas de amigo, predominam os jogos retóricos, rítmicos e métricos.

A sátira na poesia trovadoresca: cantigas de escárnio e maldizer

A sátira na poesia dos trovadores ou era severamente mordaz ou era irónica. Nas cantigas de escárnio, a crítica era ambígua, irónica, usando «palavras cobertas que hajam dous sentidos». As cantigas de maldizer criticavam directamente, sem ambiguidade, muitas vezes citando os nomes dos sujeitos satirizados. O paralelismo era geralmente imperfeito.

Cantiga A

Roi Queimado morreu con amor
En seus cantares, par Sancta Maria,
Por ùa dona que gran ben queria;
E, por se meter por mais trobador,
Por que lhe ela non quis ben fazer,
Feze-s' el en seus cantares morrer,
Mais ressurgiu depois ao tercer dia!

✓ Pero Garcia Buralês
(excerto)

Vocabulário

Rui Queimado – trovador do fim do século XIII e princípio do século XIV que tinha o hábito de confessar que morria de amor pela sua amada

Cantiga B

Ai, dona fea, foste-vos queixar
Que nunca vos louv'em [o] meu cantar;
Mas ora quero fazer um cantar
En que vos loarei toda via;
E vedes como vos quero loar:
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, se Deus me perdon,
Pois avedes [a] tan gran coraçom
Que vos loe, en esta razon
Vos quero já loar toda via;
E vedes qual será a loaçon:
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
Em meu trobar, pero muito trobei;
Mais ora já un bon cantar farei,
En que vos loarei toda via;
E direi-vos como vos loarei:
Dona fea, velha e sandia!

Joan Garcia de Guillhade

in FERREIRA, Maria Ema Tarracha, *Antologia Literária Comentada: Idade Média*,
5.ª edição, Lisboa: Ulisseia, 1991 (Cantigas A e B)

Vocabulário

ora – agora
toda via – de qualquer modo
loar – louvar
sandia – louca
avedes [a] tan gran coraçom –
tendes tanto desejo
en esta razon – por este motivo
loaçom – louvor
pero – ainda que

Nem sempre é fácil distinguir as cantigas de escárnio das de maldizer. No entanto, no segundo texto, a crítica é indirecta; portanto, a cantiga é de escárnio. Ironicamente, o trovador promete a uma dama (que se foi queixar) que a louvaria nos seus versos; contudo, os versos do seu canto criticam-na: «Dona fea, velha e sandia!» No primeiro poema, o trovador diz mal de um outro trovador directamente, citando-lhe até o nome, «Roi Queimado», que morreu de amor por uma «dona» que não o amava, mas que ele tanto queria.

3. Oratura – génese da literatura moçambicana

Os cantos folclóricos

Na fase pré-colonial e de penetração mercantil, a cultura moçambicana já se caracterizava por importantes manifestações artísticas orais. Entre estas, destacam-se os cantos poéticos. Tal como a poesia galego-portuguesa, os cantares moçambicanos celebravam o amor, a dor, as alegrias das festas, a coragem das guerras e das caças. Alguns cantos também eram satíricos.

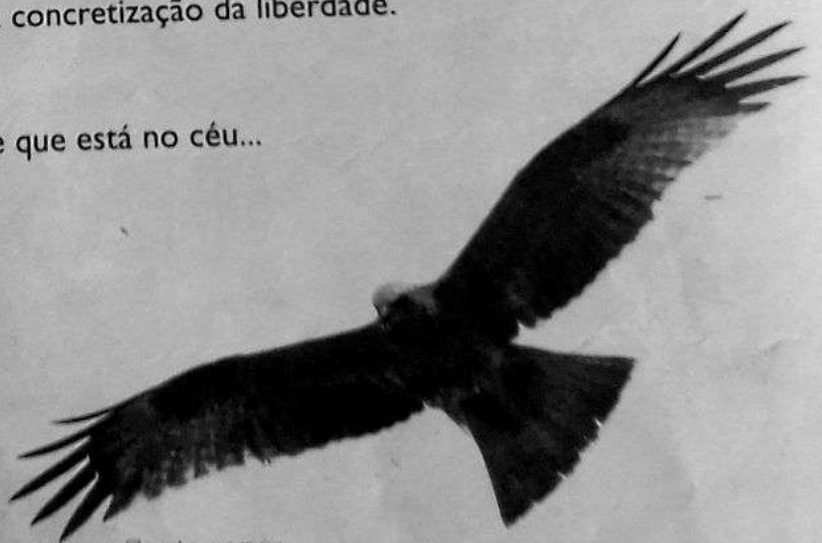
Grande parte dos cantos tradicionais documentados foi recolhida e traduzida por Henri Alexandre Junod, no início do século XIX. Muitos cantos eram acompanhados de instrumentos musicais tradicionais. Junod conservou, por escrito, em pautas musicais, algumas destas melodias.

A sátira na poesia

Da grande diversidade de cantos poéticos tradicionais moçambicanos, é de realçar a poesia satírica de msaho dos Chopes, altamente mordaz, de protesto contra os males sociais perpetrados pelos colonos portugueses e seus colaboradores. Havia muito que o colonizado demonstrava um sentimento patriótico e de revolta; apenas lhe faltavam meios para a concretização da liberdade.

Canto A

Procuramos o milhafre que está no céu...
Quem é o milhafre?
É Mozila! É Mozila!
O lago transborda
Vamos saber
Quem é o milhafre
Que está no céu...
É Mozila!



Canto ronga
in Henri Alexandre Junod,
Cantos e Contos dos Rongas

Canto B

«É tempo de pagar impostos aos portugueses
 Os portugueses que comem ovos
 E galinhas.
 Troca-me esta libra inglesa.»
 «Oh... oh, ouvi as ordens,
 Ouvi as ordens dos portugueses.
 Oh... oh, ouvi as ordens,
 Ouvi as ordens dos portugueses.
 Homens! Os portugueses dizem: paga a tua libra.
 Homens! Os portugueses dizem: paga a tua libra.
 Mas que maravilha, pai!
 Onde hei-de descobrir a libra?
 Oh... oh, ouvi as ordens dos portugueses.»
 «Cantai oh... oh... oh, vinde ver o Mzeno
 Cantai oh... oh... oh, vinde ver o Mzeno
 Aqui há mistério, os portugueses batem-nos nas mãos,
 A nós e às mulheres
 Cantai oh... oh... oh, vinde ver o Mzeno.»

Poesia de msaho in MENDES, Orlando,

Sobre Literatura Moçambicana, Maputo: INLD, 1980

O canto A pode ter uma mensagem irónica, tendo em consideração que os populares tinham por obrigação pagar um imposto aos responsáveis máximos, neste caso Mozila, antigo imperador de Gaza, pai de Ngungunhana. Aquele era um canto entoado por mulheres que levavam ao imperador parte dos seus cultivos. O termo «milhafre» pode ter uma conotação negativa, uma vez que se trata de uma ave de rapina, que rouba bens alheios. Nesta linha de leitura, teríamos uma canção de escárnio na oratura moçambicana.

O canto B também se refere ao imposto, mas, desta feita, a sátira é directa. O sujeito e as atitudes satirizadas estão explícitos: «É tempo de pagar impostos aos portugueses».

Aplicação

1. Que relação existe entre o texto lírico e a música?
2. O que distingue as cantigas de escárnio das de maldizer?
3. Em que língua foram redigidas as poesias trovadorescas?
4. Identifica marcas da oralidade nos cantos moçambicanos A e B.
5. Identifica uma frase irónica no canto B.

O lirismo amoroso na poesia portuguesa

Relativamente à arte da poesia, a história da literatura portuguesa é marcada pelas obras de:

Luís de Camões (1524-1580), no Classicismo, no Renascimento – período de inspiração na Antiguidade Clássica e seguindo os ideais da corrente humanista, que atribui uma grande importância à dignidade, aspirações e capacidades humanas;

Almeida Garrett (1799-1854), no Romantismo – período da sensibilidade, da imaginação, da visão do mundo centrada no indivíduo;

Fernando Pessoa (1888-1935), no Modernismo – período de contestação, de forma provocatória, dos valores estéticos e artísticos tradicionais e de valorização da novidade e do progresso, da abstracção, do vago e da liberdade de expressão.

Todos estes autores são poetas de referência na literatura lusófona. Viveram em épocas diferentes, e as suas obras, portanto, foram marcadas por estilos artístico-literários distintos.

Leitura

Texto A

Amor é fogo que arde sem se ver

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mate lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luís de Camões, *Sonetos*

Texto B

Não te amo, quero-te

Não te amo, quero-te: o amar vem da alma.
E eu na alma – tenho a calma,
A calma – do jazigo.
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida – nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. És bela; e eu não
te amo, ó bela.

Quem ama a aziaga estrela
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo,
que é forçado,

De mau feitiço azado
Este indigno furor.

Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero;
e tanto

Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror...

Mas amar!... não te amo, não.

GARRETT, Almeida. *Folhas Caídas*,
Biblioteca Ulisseia de Autores
Portugueses, Editora Ulisseia, s/d

Texto C

Todas as cartas de amor são ridículas

Todas as cartas de amor são
Ridículas.

Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

Quem me dera, no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)

Compreensão/Interpretação

I. Preenche a tabela seguinte, tendo em conta os poemas A, B e C.

	Texto A	Texto B	Texto C
Autor			
Período literário			
Tema/assunto			
Sentimento do sujeito enunciadador			
Objecto poético (homem/mulher)			
Tipo de linguagem			
Figuras de estilo predominantes			
Estrutura estrófica (regular/irregular)			
Esquema rimático (regular/irregular)			
Estrutura métrica (regular/irregular)			

Funcionamento da língua

I. Identifica e classifica as orações presentes nas frases que se seguem:

- O amor arde tanto como o fogo.
- Amo-te tanto que me esqueço de mim.
- Não te amo, mas quero-te de tal maneira que faço tudo por ti.

Produção escrita

I. Elabora duas quadras de acordo com um dos seguintes títulos:

- O teu olhar;
- Morro de amor;
- Este inferno de amor.

Produção oral

I. Prepara a leitura expressiva dos textos A, B e C. Poderás fazer, com o teu colega, uma declamação alternada. Declamem os poemas perante a turma.

A poesia nacionalista moçambicana

As primeiras manifestações da literatura escrita moçambicana abordam, geralmente, a temática nacionalista motivada pela situação política de domínio colonial em que o País se encontrava. As primeiras obras, consideradas parte da literatura moçambicana, mostraram, numa primeira fase, uma abordagem tímida sobre a realidade que inquietava a sociedade, ficando pela descrição da riqueza natural, dos ambientes do país. O protesto aparece na literatura, inicialmente, de forma ambígua e pouco ousada, mas, mais tarde, com influências da Negritude e com a eclosão da Luta Armada, tornou-se mais directo, desinibido e inequívoco.

Leitura

Poesia de protesto, denúncia e de exaltação de África

Texto A

Surge et ambula

Dormes! E o mundo marcha, ó pátria do mistério
Dormes! E o mundo avança, o tempo vai seguindo...
O progresso caminha ao alto de um hemisfério
E no outro tu dormes no sono teu infindo...

A selva faz de ti sinistro eremitério,
Onde sozinha, à noite, a fera anda rugindo
A terra e a escuridão têm aqui o seu império
E tu, ao tempo alheia, ó África dormindo...

Desperta. Já no alto adejam negros corvos
Ansiosos de agir e de beber aos sorvos
Teu sangue ainda quente em carne de sonâmbula...

Desperta. O teu dormir já foi mais do que terreno...
Ouve a voz do Progresso este outro Nazareno
Que a mão te estende e diz: – «África, *surge et ambula*»

Rui de Noronha, *Sonetos*



Vocabulário

Surge et ambula – (expressão latina) levanta-te e anda

Texto B

Sangue negro

Ó minha África misteriosa e natural,
minha virgem violentada,
minha Mãe!

Como eu andava há tanto desterrada,
de ti alheada

distante e egocêntrica
por estas ruas da cidade
engravidadas de estrangeiros!
Minha Mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,
desta maneira, eternamente,
ignorando a carícia fraternamente
morna do teu luar

(meu princípio e meu fim)
Como se não existisse para além
dos cinemas e dos cafés, a ansiedade
dos teus horizontes estranhos, por desvendar...

Como se nos teus matos cacimbados
não cantassem em surdina a sua liberdade,
as aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!

Como se teus filhos – régias estátuas sem par –,
altivos, em bronze talhados,
endurecidos no lume infernal
do teu sol causticante, tropical,

Como se teus filhos intemeratos, sobretudo lutando,
à terra amarrados,
como escravos, trabalhando,
amando, cantando –
meus irmãos não fossem!

Ó minha Mãe África, ngoma pagã,
escrava sensual,
Mística, sortilega – perdoa!

À tua filha tresvairada,
Abre-te e perdoa!

Que a força da tua seiva vence tudo!
 E nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar
 dos teus tantãs de guerra chamando,
 dundundundun – tantã – Dundundundun – tantã
 nada mais que a loucura elementar
 dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos...
 para que eu vibrasse,
 para que eu gritasse,
 para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz, Mãe!

E vencida, reconhecesse os nossos elos...
 E regressasse à minha origem milenar,

Mãe, minha mãe África
 das canções escravas ao luar,
 não posso, não posso repudiar
 o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste...
 Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
 ele é mais forte que tudo,
 eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe!

Noémia de Sousa, *Sangue Negro*

Vocabulário

- alheado** – indiferente; distraído
egocêntrico – exclusivamente preocupado consigo próprio e com os seus interesses
fraterno – de irmão; afectuoso
em surdina – em voz baixa
régio – próprio de rei; magnífico
causticante – que queima
intemerato – puro; íntegro; incorruptível
sortilego – que faz sortilégios; feiticeiro
tresvairado – desorientado; louco; alucinado
repudiar – abandonar; rejeitar

Compreensão/Interpretação

1. Justifica o título «Poesia de protesto, denúncia e de exaltação de África» com base nos dois textos.
2. Faz uma análise dos dois poemas nos planos interpretativo, formal e estilístico.
3. De acordo com os teus conhecimentos, explica que motivações estiveram na base da produção destes textos.

Poesia de confronto

Textos A e B

Vem contar-me o teu destino, irmão

Vem contar-me o teu destino, irmão.
Vem apontar-me no teu corpo
as revoltas
que o inimigo plantou.

Vem dizer-me: «Aqui
as minhas mãos foram esmagadas
porque defenderam a terra
que lhes pertencia.»

«Aqui o meu corpo foi torturado
porque recusou curvar-se
ao invasor.»

«Aqui a minha boca foi ferida
porque ousou cantar
a liberdade do meu povo.»


Vem contar-me o teu destino, irmão.
Vem dizer-me os sonhos de revolta
que tu e teus pais e teus avós
alimentaram
em silêncio
em noites sem sombras
próprias para amar.

Vem dizer-me esses sonhos feitos guerra,
os heróis que já nasceram,
a terra reconquistada,
as mães que enviaram
sem tremer
os seus filhos para a luta.

Vem contar-me tudo isto, irmão.
Eu depois vou construir palavras simples
Que mesmo as crianças compreendam,
que entrem em todas as casas como o vento,
que caiam como brasas
na alma do nosso povo.
Na nossa terra
as balas começam a florir.

Jorge Rebelo, in *Poesia de Combate 2* (1965)





Canto de guerrilheiros

Nós nascemos do sangue dos que morreram,
Porque o sangue
É terra onde cresce a liberdade.

Os nossos músculos
São fardos de algodão
Amarrados de ódio.

O nosso passo
Sincronizou-se nas fábricas
Onde as máquinas nos torturam.

Foi na profundidade das minas,
Onde o ar foge espavorido
Que os nossos olhos se abriam.

Nós, filhos de Moçambique
Pela Pátria que nos levou no ventre,
Nosso grito de vingança das mulheres,

Pela viuvez gerada pelo chibalo
Nós juramos
Que a luta continua,

Pelo sangue de Fevereiro,
Juramos que as nossas bazzokas
Beberão mais aço.

Pela explosão de Fevereiro,
Juramos que as nossas minas
Devorarão mais corpos.

Pela ferida de Fevereiro,
Juramos que as nossas metralhadoras
Abrirão clareiras de esperança.

Sérgio Vieira,

in *Poesia de Combate 2* (1979)

Texto C

Que fazer, Mãe?

Que fazer, Mãe
das almas tremendamente destruídas
na podridão ignóbil
do sofrimento?

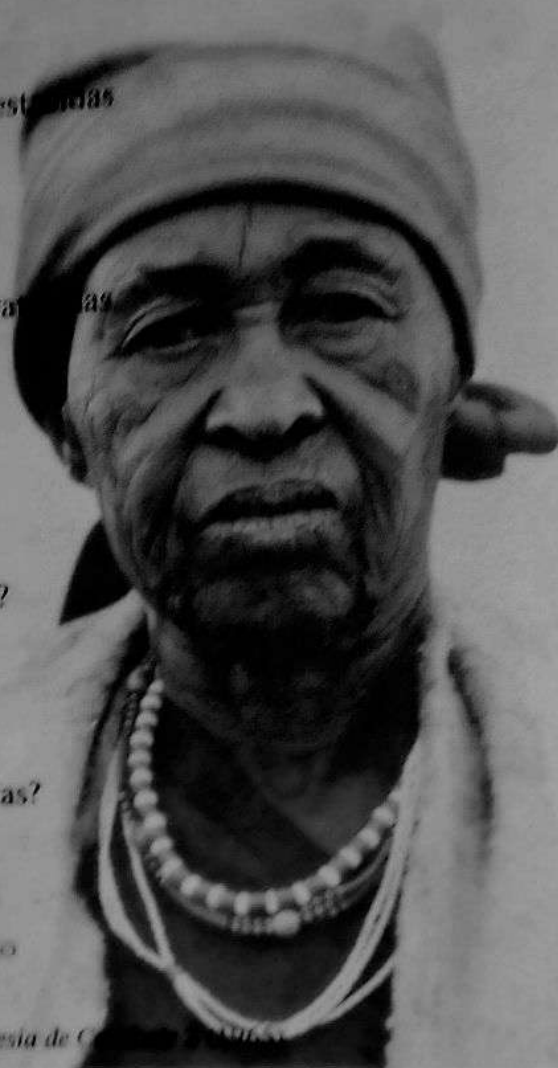
Que fazer, Mãe
das torturas terrivelmente praticadas
sobre o corpo negro
do teu filho amado?

Que fazer, Mãe
dos insultos imundos
infamemente perpetrados
no coração d'África sensível?

Que fazer, Mãe
das violações selváticas
horripelmente suportadas
pelas belas virgens, filhas tuas?

Que fazer, Mãe
de toda a baixeza humana
camuflada no civismo cínico
despejada no seu coração?

Armando Guebuza, in *Poesia de Combate*



Vocabulário

ignóbil – desprezível; sem nobreza

infamemente – de forma condenável social e moralmente

perpetrar – praticar (em geral, acto condenável)

cínico – sarcástico

Compreensão/Interpretação

1. Justifica o enquadramento de cada um dos textos na poesia de combate.
2. A repetição, a anáfora e o paralelismo são frequentes nestes textos.
 - 2.1 Retira exemplos da utilização das figuras de estilo referidas.
 - 2.2 Justifica o uso da repetição nos poemas que acabaste de ler.

Funcionamento da língua

1. Completa o texto que se segue com as palavras ou expressões de intensidade:

tanto... quanto tanto... como tão... como de maneira que

A lírica amorosa é _____ poderosa _____ a poesia que anseia a liberdade.
O Homem africano viveu preso, _____ não pôde expressar todo o amor contido
no seu coração. _____ o europeu _____ o africano têm de ser livres.
O africano é _____ humano _____ o europeu, por isso, a dominação colo-
nial foi condenada _____ pela ONU _____ pelo movimento da Negritude.
Actualmente, o negro africano sente-se _____ livre _____ o europeu,
americano ou o asiático.

Produção escrita

1. Escreve versos livres sobre a temática da liberdade, da independência ou da paz.
2. Na biblioteca da tua escola e/ou na Internet, faz uma pesquisa sobre a vida e a obra de Rui de Noronha, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Marcelino dos Santos e Armando Guebuza. Elabora biobibliografias (textos sobre a vida e obra) destes poetas moçambicanos.

Produção oral

1. Propõe a leitura expressiva de um dos textos da poesia nacionalista ou de combate.
2. Faz uma leitura expressiva do seguinte poema:

Guerra

Aos que ficam
resta o recurso
de se vestirem de luto

.....
Ah, cidades!
Favos de pedra
macias amortecedores de bombas.

CRAVEIRINHA, José. *Karingana
ua karingana*, 3.^a
edição, s/l, Associação dos
Escritores Moçambicanos, 1995

3. Na tua opinião, o poema anterior aborda a temática da liberdade, da independência ou da paz? Justifica a tua resposta com base no texto.

Informação

I. A periodização da literatura moçambicana

A literatura moçambicana divide-se em três grandes períodos: o período anterior à Luta Armada, o período da Luta Armada e o período após a Luta Armada.

Período anterior à Luta Armada (1925-1964)

Este período inicia-se com o aparecimento das primeiras manifestações literárias que marcam o nascimento da literatura moçambicana, escrita em língua portuguesa, e prolonga-se até ao começo da Luta Armada. Incorpora duas fases: a do prelúdio e a do protesto.

Fase do prelúdio ou de emergência (1925-1947)

Ocorre desde a publicação de *O Livro da Dor*, dos irmãos Albasini, até ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Nesta fase, alguns assimilados tomaram consciência de que pertenciam a um grupo étnico diferente do dos colonizadores. É a fase do despertar face às tendências colonizadoras. A literatura é caracterizada por uma africanidade indecisa, uma crítica débil e fraça, pois notavam-se, nas obras, influências do estilo e dos hábitos metropolitanos. O carácter reivindicativo era dominado pelo temor.

Destacam-se: João Albasini e José Albasini, Augusto Conrado, Caetano Campos e Rui de Noronha.

Fase do protesto (1947-1964)

Inicia-se com uma nova época histórica em África: o despertar dos jovens, especificamente os das principais cidades, para a tomada de uma nova posição – o **inconformismo** face às políticas coloniais. Solidificam-se assim as aspirações nacionalistas. Nesta fase foi possível a publicação de obras de alguns escritores moçambicanos cujos escritos se aliavam à causa nacionalista, como Orlando Mendes, João da Fonseca Amaral, Noémia de Sousa, João Dias, Rui Knopfli, Rui Guerra, José Craveirinha, Rui Nogar e Luís Bernardo Honwana.

Vivia-se um ambiente de tensão. Além de livros, foram publicados nos jornais textos que tematizavam o protesto relativamente à opressão e à colonização.

A **Negritude** foi um movimento negro que consistiu na valorização das culturas africanas e que, por isso, foi igualmente denominado Renascimento Negro.

Período da Luta Armada (1964-1975)

É um período de desenvolvimento literário intenso, caracterizado pela produção de textos de cariz marcadamente político, em que as palavras de ordem eram o **compromisso**, a **acção** e a **produção**.

Este período apresenta duas fases: a da literatura de confrontação e a de ruptura.

Fase da literatura de confrontação (1964-1970)

Esta fase surge com o início da Luta de Libertação Nacional, que impulsionou a prática de uma poesia de protesto, num confronto directo com o sistema colonial. Como consequência dessa confrontação, alguns escritores foram presos pela PIDE. José Craveirinha, Rui Nogar, Orlando Mendes e Jorge Viegas são alguns dos autores que se destacaram.

Fase da literatura de ruptura (1971-1975)

A literatura desta fase manifesta-se, intensamente, nas áreas de combate e nas zonas libertadas, em que foi visível o reflexo da FRELIMO. A literatura teve um carácter anticolonial, anti-imperialista, antifeudal, revolucionário, em ruptura com a cultura burguesa e com as práticas tradicionais nacionais.

A poesia dessa época tematiza a resistência e o combate.

Destaca-se, nesta fase, a produção literária dos militantes da FRELIMO, entre colaboradores e guerrilheiros, como: Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, Eduardo Mondlane, Jorge Rebelo, Armando Guebuza e outros.

Portanto, as figuras políticas ligadas directamente às Forças Armadas de Libertação de Moçambique não ficaram alheias à luta sob a forma literária. Esta arte tinha por objectivo consciencializar o povo moçambicano de que era necessário lutar contra as injustiças coloniais. Por isso usava um estilo anafórico e enfático (recorrendo à repetição) e uma linguagem clara, com o intuito de ser compreendida por todos.

A produção destes textos culminou nas colectâneas *Poesia de Combate 1* e *Poesia de Combate 2*.

Período Após a Luta Armada (1975-1992)

É o período da consolidação da literatura moçambicana. A literatura passa a abranger mais temas, como o amor, o sexo e culturas diversas, entre outros. Numa primeira fase, o Estado detinha o monopólio das publicações e, consequentemente, o seu controlo. Mais tarde, houve maior abertura na edição das obras, a partir de instituições literárias e culturais. É o período marcado pela obra poética *Raiz do Orvalho* (1983) e *Vozes Anoitecidas* (1986), de Mia Couto, e sobretudo por uma literatura de ficção de autores mais novos, como Ungulani Ba Ka Khosa, Helder Muteia, Pedro Chissano, Juvenal Bucuane e Paulina Chiziane, entre outros.

A publicação de *Terra Sonâmbula* (1992), de Mia Couto, coincide com a abertura do regime político em Moçambique ao multipartidarismo e marca um encerramento provisório deste período.

Aplicação

1. Que temas marcam os três grandes períodos da nossa literatura?
2. Que motivações estiveram na base da definição do último período?

Tema transversal: manifestação da identidade cultural através da literatura

Subjugado o homem africano, a sua história e cultura ficaram, por algum tempo, ofuscadas, esquecidas. Contudo, o movimento da Negritude veio recuperá-las, fazendo-as renascer. As artes tiveram um papel principal na revalorização das culturas e na busca da identidade do negro.

Leitura

A Negritude

A Negritude, conhecida também como Renascimento Negro, consistiu na busca e valorização das culturas africanas e esteve ligada à abolição da escravatura e à divulgação dos ideais de liberdade e igualdade de direitos.

Os fundamentos da Negritude incluem a redescoberta da história e das culturas do continente africano e da diáspora negra no mundo.

A Negritude pretendia a criação de um estilo próprio, demarcando-se dos modelos e motivos históricos das literaturas ocidentais. Inspirou-se também nos mestres negros, como: Louis Armstrong, Joe Lewis, Aimé Césaire, Léopold Senghor e Tchaka Zulu.

No domínio da literatura, especialmente da poesia, são cultivados temas como: África, o Negro, Mãe Negra, Mãe África e Mãe-Terra. Há o obsessivo tratamento da raça e da cor negras, qualificando-as como valores reais e simbólicos e reagindo, desse modo, ao racismo branco. Portanto, nega-se não o valor das culturas europeias mas a sua dominação sobre as culturas africanas, mediante o poder imperial e colonial.

Em Moçambique, a maior colaboradora da Negritude foi Noémia de Sousa. Servindo-se da capacidade de falar várias línguas para decifrar os documentos daquele movimento e do seu pendor artístico para os divulgar, esta escritora desempenhou um papel importante noutros países da África lusófona, como, por exemplo, em Angola. Dos seus textos, outrora dispersos, resultou a obra *Sangue Negro*, uma obra poética épica – de exaltação de África, do Negro e seus valores históricos e culturais. Os seguintes versos, de 1942, desvendam essa tendência:

Se me quiseres conhecer,
estuda com olhos bem de ver
esse pedaço de pau-preto
que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte.

Ah, essa sou eu:
Órbitas vazias no desespero de possuir a vida
Boca rasgada em ferida de angústia
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
35 pelos chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica
ativa e mística,
África da cabeça aos pés,
– Ah, essa sou eu.

Filipe Macie

Compreensão/Interpretação

1. Como explicas que à Negritude se chame «Renascimento Negro»?
2. Explica a importância que teve Noémia de Sousa na divulgação dos ideais da Negritude.
 - 2.1 Identifica, no seu texto, marcas da Negritude.

Produção escrita

1. «No domínio da literatura, especialmente da poesia, são cultivados temas como: África, o Negro, Mãe Negra, Mãe África e Mãe-Terra.» (ll. 10-11)
 - 1.1 Escolhe um destes temas e redige um texto ao estilo negritudista, utilizando verso livre, repetições e metáforas exageradas.
2. Pesquisa títulos de revistas, jornais ou folhetos de associações culturais que se tenham manifestado contra a situação política colonial nos países africanos de expressão portuguesa. Não te esqueças de citar os países onde as publicações e as associações se manifestaram.

Produção oral

1. Analisa as afirmações abaixo e diz, justificando, se concordas com elas ou não.
 - a) A Negritude foi um movimento racista.
 - b) A Negritude visou não só exaltar o Negro mas também destruir o Branco.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras do texto «A Negritude» pertencentes ao campo lexical de «cultura» e «literatura».
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos de pesquisa de dados: o resumo e a ficha de leitura

No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Identificar a estrutura geral do texto;
- Identificar as informações sobre o assunto principal do texto;
- Seleccionar as ideias principais a partir de palavras-chave;
- Elaborar resumos;
- Emitir opinião sobre o assunto do texto;
- Integrar citações de acordo com as normas bibliográficas;
- Integrar resumos na ficha de leitura;
- Redigir a ficha de leitura.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Elaborar frases com o conector *pois* com valor conclusivo e causal;
- Usar os quantificadores *tudo*, *todo* e *ninguém*.

3. Sobre o tema transversal (a biblioteca):

- Consultar obras.

Textos de pesquisa de dados: o resumo e a ficha de leitura

Em muitas situações da nossa actividade (aulas, reuniões, pesquisas, etc.) somos confrontados com discursos orais ou escritos extensos, cuja informação precisamos de reter. A tarefa é facilitada se elaborarmos um resumo de texto. Ao produzir um resumo, estaremos a distinguir a informação essencial da acessória, isto é, da menos importante, a apreender o conteúdo do texto e a sintetizar a informação.

Por outro lado, é importante consultar livros nas bibliotecas frequentemente. Embora as fichas bibliográficas permitam a identificação das obras, não revelam o seu conteúdo. As fichas de leitura são textos mais abrangentes do que as fichas bibliográficas, pois não só identificam a obra, como resumem, analisam ou comentam o seu conteúdo.

Nesta unidade, abordaremos o resumo e a ficha de leitura, pois, apesar de terem características diferentes, têm uma mesma função: condensar informação.

Leitura

Lê atentamente o texto que se segue.

Mensagem

E chamou o pintor para lhe encomendar a placa para anunciar a especialidade do seu negócio: «Nesta casa vende-se ovos frescos». Além dos dizeres encomendou ao pintor que fizesse uma figura qualquer, de uma galinha pintada. E perguntou quanto era. O pintor disse que ficaria em 50.000 em

5 dinheiro.

– Cinquenta mil?

– Como, não vale?

– O senhor não podia reduzir um pouco?

– Claro que posso. Posso reduzir as figuras e as palavras.

10 – Como assim?

– Olha, para começar, não precisamos de figura nenhuma. Se se diz que o senhor vende ovos, não há necessidade de colocar nenhuma galinha pintada, não é? Se o normal são ovos de galinha que se vende? E se não vier figura de alguma ave, presume-se logo que os ovos serão de quê? De galinha.

15 – Claro!

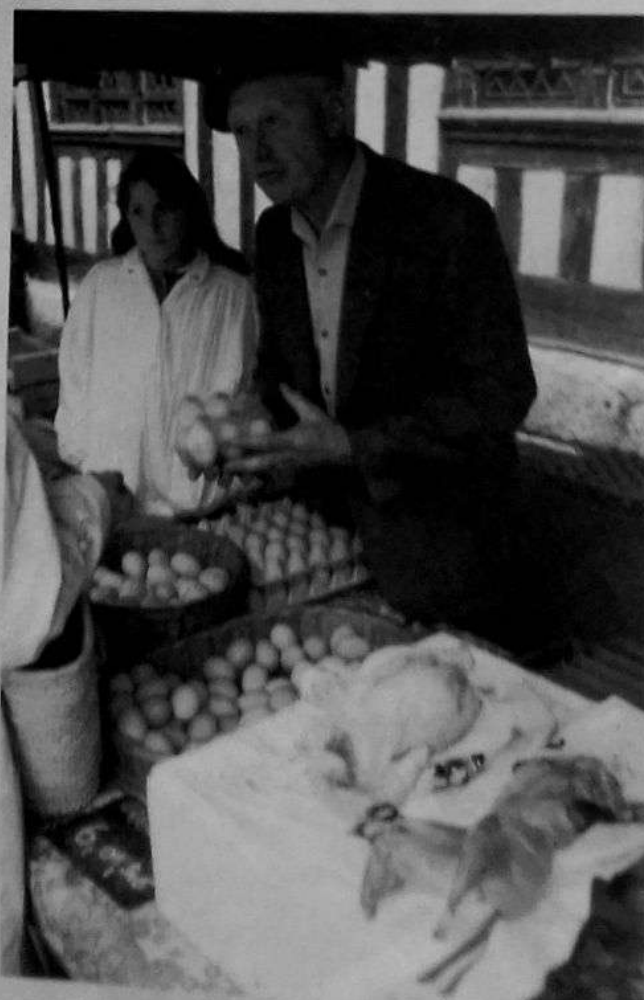
– Então, vinte mil meticais de menos. Mas... também não é necessário dizer: «nesta casa». Se o freguês passa por aqui e vê: «vende-se ovos frescos», já se sabe que é nesta casa. Ele não vai pensar que é na casa do vizinho ao lado, não é mesmo?

- 20 – É, não pensei nisso.
– Então, por que colocar: «vende-se»? Se o freguês potencial lê: «ovos frescos», já sabe que se vendem. Ninguém pensaria que o senhor abrisse uma casa para alugar ovos ou apenas para fazer exposição, não é verdade?
– É mesmo!
- 25 – E agora, quanto aos «frescos», reflectindo melhor, não é boa psicologia usar essa palavra. É que «fresco» lembra sempre a hipótese contrária, a de ovos «velhos». Então, não deve passar pela cabeça do seu cliente que seus ovos sejam outra coisa a não ser frescos. Então, tiremos também «frescos»!
– Ah, sim, tem razão... façamos apenas «ovos». Por favor, desenhe só essa
- 30 palavra aí assim, bem bonita, bem clara: «ovos». Só «ovos», ovos em si mesmo, que se vendam pela sua pura e simples aparência de ovos, pelo seu inimitável oval!
– Então, vamos lá.
- Concordou o pintor, mas antes de começar a usar o pincel, voltou-se para
- 35 o negociante e perguntou, preocupado:
– Mas, diga-me aqui, amigo... pensando bem, por que quer vender ovos?

Millôr Fernandes, in *Antologia de Textos* (selecção de F. Pais da Cruz),

Direcção Nacional de Educação de Adultos

(adaptado)



Compreensão/Interpretação

1. Identifica o objectivo da argumentação do pintor.
2. Caracteriza psicologicamente as personagens do texto.
3. Descreve a decisão final do vendedor, justificando-a.
4. Expõe a situação inicial e a situação final do texto.

Funcionamento da língua

1. Elabora frases com a conjunção *pois*.
 - 1.1 Classifica as orações das frases que elaboraste.
2. Completa as frases que se seguem com os quantificadores *tudo*, *todo* e *ninguém*.
 - a) O comerciante ficou _____ convencido com os argumentos do pintor. _____ seria capaz de perceber que ele não queria pintar. _____ o que ele fez, foi encontrar desculpas para se livrar do trabalho. É verdade que _____ é perfeito, mas _____ todo o homem deve honrar os seus compromissos.
 - b) Andei _____ o dia, por toda a parte, mas _____ apareceu em meu socorro. _____ o que eu queria era que alguém me ajudasse a encontrar uma biblioteca, mas _____ sabia dizer nada sobre o assunto. Queria uma biblioteca que tivesse material que dissesse _____ sobre o resumo.

Produção escrita

1. Resume o texto «Mensagem».
2. Numa composição cuidada, partindo da ideia transmitida pelo texto «Mensagem», comenta a frase: «Uma imagem vale mais do que mil palavras.»

INFORMAÇÃO, I

p. 157

Produção oral

1. Certamente, já visitaste a biblioteca da tua escola ou qualquer outra que exista nessa zona.
 - 1.1 Discute com os teus colegas sobre as condições dessa biblioteca no que respeita à organização dos materiais (ficheiros e fichas de leitura).



Leitura

O texto que se segue é um exemplo de uma ficha de leitura. Lê-o atentamente.

Referências bibliográficas: FERNANDES, L., <i>Língua Portuguesa – 9.º ano</i> , Lisboa, Constância Editores, p. 84.		Natureza da obra: Didáctico-científica
Páginas	Ficha de resumo	Observações
84	História da língua Como outras línguas europeias, o português é uma língua novilatina. Teve origem no latim, falado inicialmente apenas na região do Lácio, mas transportado pelos soldados e comerciantes romanos para as zonas que colonizaram, na altura das conquistas romanas. A evolução do latim para o português fez-se por duas vias: <ul style="list-style-type: none">• via popular – palavras que derivam do latim vulgar, o mais corrente, falado por toda a população. As palavras originadas por esta via sofreram grandes alterações ao longo dos séculos;• via erudita – palavras que passaram do latim para o português sem sofrerem grandes alterações, sobretudo por causa da recuperação humanista (no século XVI) dos textos antigos escritos em latim literário.	O português teve origem no latim e sofreu evolução por via popular e por via erudita.

Compreensão/Interpretação

1. A ficha de leitura acima apresentada foi elaborada a partir do texto «História da língua».
- 1.1 Identifica o assunto do texto da ficha.
2. A ficha de leitura contém citações do texto «História da língua»?
3. Que importância tem a referência à natureza da obra na ficha de leitura?

INFORMAÇÃO, 2

p. 159

Funcionamento da língua

1. Indica o valor da conjunção *pois* (causal ou conclusivo) nas frases seguintes.
 - a) O português é uma língua novilatina, pois derivou do latim.
 - b) A evolução do latim para o português durou, pois, vários séculos.
- 1.1 Divide e classifica as orações das frases anteriores.

Produção escrita

1. Procura um livro de natureza didáctico-científica e escolhe um texto que seja do teu interesse. Produz uma ficha de leitura sobre o texto que seleccionaste.

Produção oral

1. Oralmente, resume o texto sobre o qual fizeste uma ficha de leitura.

Informação

1. Resumo

O resumo é a condensação, em poucas palavras, de algo que foi dito ou escrito (*Dicionário Michaelis* – UOL). Portanto, resumir significa criar um novo texto, mais condensado, que utiliza as informações importantes do texto-base, reduzindo-lhe a extensão e sendo objectivo, na tentativa de criar uma síntese coerente e compreensível do texto de partida (Serafini, 1986).

O **resumo deve** ser:

- impessoal;
- claro;
- compreensível;
- fiel ao pensamento do autor do texto de partida;
- fiel à ordem lógica (ao plano) do texto de partida.

O **resumo não deve** ser:

- de estilo telegráfico;
- a transmissão integral dos enunciados do autor, mesmo os mais importantes.

A produção do resumo é prática corrente no trabalho intelectual e científico e em vários tipos de profissões, pois facilita a consulta rápida de documentos.

Técnicas de redacção de resumo a partir de um texto escrito

- **1.ª fase:** leitura para compreensão do texto – **leitura**;
- **2.ª fase:** leitura com incidência especial no primeiro período de cada parágrafo (tópico frasal), quando estas constituem o tópico do parágrafo – **selecção**;
- **3.ª fase:** divisão do texto em partes que constituam uma ideia completa – **segregação**;

Nota: Cada parte não corresponde, necessariamente, a um parágrafo.

- **4.ª fase:** atribuição de um título a cada parte. Esta etapa, além de constituir uma fase importante para a redução do texto, permitirá a confirmação da apreensão do sentido do mesmo – **nomeação**;
- **5.ª fase:** supressão de redundâncias, isto é, eliminação de ideias que se repetem – **supressão**;
- **6.ª fase:** elaboração do plano do texto, com agrupamento das unidades significativas, isto é, das ideias significativas – **generalização**;
- **7.ª fase:** produção do resumo por articulação das unidades significativas seleccionadas e reagrupadas – **construção**.

Observa na página seguinte algumas fases da elaboração do resumo do texto «As fontes históricas», de um manual de História da 8.ª classe.

Texto-base: «As fontes históricas»	Processo de resumo	
	F1	F2
<p>Em todos os países viveram milhões de pessoas ao longo dos tempos. Estes produziram alimentos, fabricaram instrumentos de trabalho, travaram batalhas entre si ou com os vizinhos, formaram Estados, impérios e reinos e criaram obras de arte, tendo algumas delas sobrevivido até aos dias de hoje.</p> <p>As pessoas faziam parte de uma colectividade social e cada uma das suas actividades, das suas acções, apresentava características particulares ou específicas dessas colectividades.</p>	Actividades remotas	<p>Ao longo dos tempos, milhões de pessoas dedicaram-se a inúmeras actividades relacionadas com a alimentação, a guerra, a política e arte. As suas actividades eram determinadas pelo modo de vida das colectividades a que as pessoas pertenciam.</p>
<p>Caberá ao historiador seleccionar os factos mais relevantes e que melhor apresentam a forma de vida de diferentes grupos sociais que viveram no passado.</p> <p>Tratando-se do estudo de um passado muito remoto, o historiador utiliza, assim, o testemunho indirecto ou as fontes históricas, que são documentos e outros vestígios deixados pelos homens do passado. <u>O conhecimento dos factos passados é possível graças aos sinais, aos marcos ou vestígios deixados pelos homens nos locais onde viveram, evidenciando o que realmente aconteceu nessa época histórica. Esses vestígios ou sinais chamam-se fontes históricas ou documentos históricos.</u></p>	Fontes históricas	<p>O historiador é quem reconstitui o modo de vida de várias sociedades do passado. Quando o estudo é relativo a uma época remota, recorre ao testemunho indirecto ou a fontes históricas (documentos, vestígios do passado).</p>
<p><u>Os historiadores recorrem frequentemente à fonte escrita porque é a que fornece maior quantidade de informação. Porém, é preciso lembrar que a escrita não existe desde o aparecimento do primeiro homem. A escrita apareceu entre os quarto e terceiro milénios antes de Cristo, na Suméria. Só há textos escritos considerados fontes de conhecimento do passado a partir desta data. Assim, o recurso a documentos escritos como fonte de conhecimento para o estudo de períodos anteriores aos quarto e terceiro milénios antes de Cristo é impossível.</u></p>	Fonte escrita	<p>A fonte escrita é a mais produtiva; porém, a escrita é recente, tendo surgido entre os quarto e terceiro milénios antes de Cristo.</p>
<p><u>Na verdade, o historiador deve ter a preocupação de recorrer, sempre que seja possível, a toda a variedade de vestígios quando, de algum modo, estes lhe facultem informação acerca do passado. Assim sendo, esses vestígios podem ser considerados fontes de conhecimento. Tal significa que o historiador deve usar distintas fontes históricas, como fontes materiais ou arqueológicas, fontes escritas e fontes orais.</u></p>	Fontes de conhecimento	<p>O historiador deve recorrer a toda a variedade de vestígios, ou seja, fontes de conhecimento.</p>

A partir da análise da tabela anterior são evidentes: a divisão do texto em partes; a identificação de cada parte por um título que facilita a compreensão e a redução do texto (F1 ou fase 1); a fase da generalização, ou seja, o agrupamento de várias unidades de significação em unidades mais englobantes (F2 ou fase 2).

Aplicação

1. Que vantagens tem o resumo?
2. O processo de resumo do texto da página anterior está na penúltima fase.
 - 2.1 Propõe a sua conclusão: a fase da construção do resumo que está em falta.

2. Ficha de leitura

As fichas de leitura de um livro ou de um artigo são fichas de registo em que:

- é feita a referência bibliográfica completa desse livro ou artigo;
- é elaborado o seu resumo;
- são transcritas algumas citações-chave;
- são feitas apreciações e observações.

A ficha de leitura contribui para o aperfeiçoamento da ficha bibliográfica. Com efeito, além de conter dados identificadores de uma obra, apresenta informações sobre a essência da obra, seja ela resumo, citação ou outro tipo de anotação. Portanto, a ficha de leitura é mais abrangente do que a ficha bibliográfica.

A ficha de leitura é de uso bibliotecário. É o documento que resume ou comenta a obra disponível na biblioteca, com o objectivo de facilitar a identificação da fonte de pesquisa do leitor. Normalmente, a ficha de leitura é uma cartolina de tamanho A5 que fica anexada à capa da obra correspondente ou que se encontra num ficheiro específico.

A redacção das fichas de leitura das obras de uma biblioteca é da responsabilidade dos bibliotecários.

Nos últimos tempos, o uso de fichas de leitura generalizou-se nas escolas e nas universidades. São frequentemente usadas por estudantes para a elaboração de resumo de livros e de fichas de apoio.

Formato da ficha de leitura

Referências bibliográficas		Natureza da obra
Páginas	Ficha de	Observações

No espaço central, redige-se o texto a partir do qual é feita a ficha, seja ele em forma de resumo, síntese, comentário ou outro. Por cima do texto, regista-se o tipo de ficha que se fez. Por exemplo: se a ficha for de síntese, escreve-se por cima do texto «Ficha de síntese»; se o texto for de citações, «Ficha de citação»; e assim por diante. A coluna de «observações» é facultativa.

Tipos de fichas de leitura

Ficha de resumo ou de síntese – apresenta um resumo ou síntese das ideias principais do texto-base.

Quando contiver um resumo, este deve obedecer às exigências do resumo, que já estudámos. Quando se tratar de uma síntese, deve resultar num texto reduzido que revela uma leitura crítica, uma interpretação do leitor.

Ficha de citação – reproduz as frases relevantes do texto-base, de acordo com os procedimentos seguintes:

- apresentar as frases entre aspas;
- indicar as páginas de onde as informações foram extraídas;
- transcrever textualmente (incluindo erros, que devem ser seguidos pelo termo «sic» entre parênteses rectos: [sic]);
- indicar a supressão de palavras, recorrendo aos parênteses curvos ou rectos: [...], (...);
- completar as frases com elementos indispensáveis à sua compreensão, estabelecendo uma ligação intrafrásica.

Ficha de comentário – é uma interpretação crítica do texto-base, relativamente aos seguintes aspectos:

- ideias do autor;
- clareza/obscuridade do texto;
- forma do texto;
- pertinência do conteúdo.

Ficha analítica – faz uma análise da obra de partida, podendo referir entre outros, os seguintes aspectos:

- campo/área do saber;
- problemas tratados;
- conclusões alcançadas;
- contributos especiais para o tema;
- métodos utilizados (indutivo, dedutivo, histórico, comparativo, etc.);
- recursos empregues (tabelas, gráficos, quadros, mapas, etc.).

Aplicação

1. Elabora uma ficha de leitura (de resumo) do texto «O drama dos refugiados» da página 179.
2. Elabora uma ficha de comentário do texto «Mensagem», tendo como base o comportamento das personagens.

Tema transversal: a biblioteca

Antes da invenção da escrita, a poesia, assim como a narrativa, faziam parte da tradição oral, passada de geração em geração. Com o surgimento da escrita, estes textos, existentes apenas na oralidade, foram registados por escrito. Às colectâneas de poemas então elaboradas dá-se o nome de *Cancioneiro*.

Leitura

Texto A

Cancioneiros: um repositório de poemas medievais

Os mais antigos textos literários em língua portuguesa são composições em verso coligadas em cancioneros que datam dos finais do século XIII e do século XIV, algumas das quais remontarão a fins do século XII. Mas devemos supor muito anterior a tal época o culto da poesia testemunhado por estes textos escritos.

5 A produção oral, com efeito, só se fixa por escrito em época tardia da sua evolução, quando as condições ambientes eram muito diversas daquelas que lhe deram origem. Portanto, seria errado pensar que a poesia portuguesa nasceu com os Cancioneiros; estes não passam de colecções, mais ou menos tardias e limitadas.

Uma parte, pelo menos, da poesia conservada pelos Cancioneiros supõe um longo passado e uma tradição oral que nos levam a épocas muito mais remotas do que aquela em que foi composto o mais antigo poema dos Cancioneiros, datado, como vimos, de fins do século XII.

Conhecem-se três Cancioneiros ou colectâneas, aliás estreitamente aparentados entre si, de poemas de autores diversos, em língua galego-portuguesa. O mais antigo, o *Cancioneiro da Ajuda*, foi provavelmente compilado ou copiado na corte portuguesa em fins do século XIII. Os outros dois, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (antigo *Colocci-Brancutti*) e o *Cancioneiro da Vaticana*, são apógrafos, ou cópias, realizadas em Itália, no século XVI, sobre originais que datam provavelmente do século XIV. O *Cancioneiro da Ajuda* é o menos completo, porque apenas abrange composições anteriores à morte de Afonso X, excluindo, por exemplo, a vasta produção de D. Dinis; e porque o seu coleccionador deixou de fora os géneros mais vulgares, isto é, as cantigas de amigo e as de escárnio ou maldizer. Mas é um documento valioso, pela grafia, pela decoração e sobretudo pelas iluminuras, que testemunham o carácter cantado e instrumental. O *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* é o mais completo.



SARAIVA, J. António; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*, 17.^a edição, Porto: Porto Editora, 2010

Texto B

Cantiga da Garvaia

A célebre *Cantiga da Garvaia* foi durante muito tempo considerada a primeira obra poética em língua galaico-portuguesa. É uma cantiga de amor plena de ironia e, por isso, actualmente considerada por diversos autores uma cantiga satírica. Mesmo perdendo o seu estatuto de mais antiga cantiga conhecida, em favor de uma outra do trovador João Soares de Pávia, continua, no entanto, a desafiar a imaginação dos críticos, ainda em desacordo quanto ao seu real sentido, e nomeadamente no que diz respeito à personagem a quem é dirigida: uma filha de D. Pai Moniz, por muito tempo identificada como D. Maria Pais Ribeiro, a célebre Ribeirinha, amante do rei português D. Sancho I. A constatação da existência na época de várias personalidades chamadas Pai Moniz, ou Paio Moniz, bem como a origem galega de Paio Soares Taveirós, parecem, no entanto, contrariar esta hipótese, hoje muito discutível.

No mundo nom me sei parelha,
mentre me for como me vai;
15 ca ja moiro por vós, e ai!,
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia?
Mao dia me levantei,
20 que vos entom nom vi feia!

E, mia senhor, des aquelha,
me foi a mi mui mal di' ai!
E vós, filha de Dom Pai
Moniz, en bem vos semelha
25 d' haver eu por vós garvaia?
Pois eu, mia senhor, d' alfaia
nunca de vós houve nem hei
valia d'ua correia!



FERREIRA, Maria Ema Tarracha. *Antologia Literária Comentada: Idade Média*, 5.^a edição, Lisboa: Ulisseia, 1991

Compreensão/Interpretação

- I. Responde às seguintes perguntas tendo em conta o texto A.
 - I.1 Os autores do texto asseguram que a poesia dos trovadores não nasceu com os trovadores.

- 1.1.1 Identifica o período em que terão sido produzidas as poesias trovadorescas.
- Ao longo do século XII.
 - Entre os séculos XIII e XIV.
 - Depois do século XIV.
 - Antes do século XII.
- 1.1.2 Que argumento usam os autores para defender a sua posição relativamente ao período de produção das cantigas trovadorescas?
- 1.2 O que entendes por «Cancioneiro»?
- 1.3 Que cancioneiros são referidos no texto?
- 1.4 Qual é o cancioneiro mais antigo?
- 1.5 Em que língua foram escritos os poemas dos cancioneiros?
2. Considera agora o texto B.
- 2.1 Que razões levam diversos críticos a considerar a «Cantiga da Garvaia» uma cantiga satírica?
- 2.2 Quem é o autor daquela que é considerada a mais antiga cantiga conhecida?
- 2.3 Existem certezas acerca da personagem a quem se dirige a cantiga? Justifica a tua resposta com passagens do texto.

Produção escrita

- Elabora uma ficha de leitura do tipo «citação» do texto «Cancioneiros: um repositório de poemas medievais».
- Faz uma pesquisa numa biblioteca para tentar descobrir outros poemas incluídos nos cancioneiros mencionados no texto A.
 - Apresenta os textos que encontrares à turma.
- Propõe uma tradução livre da segunda estrofe do poema no texto B.

Produção oral

- Discute com os teus colegas acerca da importância do arquivo de documentos.
- Descreve aos teus colegas de turma o arquivo bibliográfico que tens em tua casa ou que encontras na biblioteca da tua escola: livros, revistas, jornais, fichas, cadernos antigos, etc. Não te esqueças de referir a importância que estes documentos têm para ti e para os outros.

Glossário

- Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «livro», no texto «Cancioneiros: um repositório de poemas medievais».
- Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
- Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos normativos: a Lei da Família



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Interpretar a Lei da Família;
- Participar em debates sobre a Lei da Família;
- Discutir a Lei da Família;
- Divulgar, oralmente e por escrito, a Lei da Família;
- Produzir um texto normativo em que evidencies o conhecimento da Lei da Família.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Formar palavras com diminutivos eruditos e suas variantes;
- Formar palavras parassintéticas.

3. Sobre o tema transversal (a Revolução Verde):

- Participar em debates sobre a Revolução Verde em que estejam presentes governantes e especialistas da área da agricultura.

Textos normativos: a Lei da Família

As leis são regras estabelecidas por direito, isto é, são normas que viabilizam a organização social.

Nesta unidade didáctica, voltaremos a estudar as leis. Concretamente, daremos continuidade ao estudo da Lei da Família moçambicana, aprovada pela Assembleia da República, em 25 de Agosto de 2004.

Leitura

Lê atentamente o seguinte excerto da Lei da Família n.º 10/2004, de 25 de Agosto.

CAPÍTULO I
Efeitos de filiação
SECÇÃO I
Disposições Gerais

Artigo 280
(Deveres de pais e filhos)

1. Os pais e filhos devem-se mutuamente respeito, cooperação, auxílio e assistência.
2. O dever de assistência compreende a obrigação de prestar alimentos e a de contribuir, durante a vida em comum, para os encargos da vida familiar, de acordo com os recursos próprios.
3. Os filhos devem assistir os pais sempre que estes careçam de alimentos [...].

Artigo 281
(Dever de solidariedade familiar)

1. Os filhos têm o especial dever de estimar, obedecer, respeitar e ajudar os pais e demais parentes na linha recta.
2. Os filhos maiores têm o dever de concorrer para a manutenção dos pais, sempre que estes se encontrem em situação de necessidade.
3. O dever estabelecido no número anterior é extensivo aos avós, irmãos e tios.
4. Os avós, os irmãos, os tios e os primos têm o dever de cuidarem e sustentarem os familiares menores, quando estejam em situação de orfandade ou abandono.

Artigo 282
(Direitos dos filhos)

1. Os filhos menores têm direito a serem protegidos, assistidos, educados e acompanhados no seu desenvolvimento físico e emocional.

[...]

SECÇÃO II
Poder parental
SUBSECÇÃO I
Disposições gerais

Artigo 283

(Duração do poder parental)

Os filhos estão sujeitos ao poder parental até atingirem a maioridade ou a emancipação.

[...]

Artigo 290

(Educação)

[...]

2. Os pais devem proporcionar aos filhos, em especial aos portadores de deficiência física ou mental, instrução geral e profissional adequada às aptidões e inclinações de cada um.

[...]

Artigo 293

(Convívio familiar)

Os pais não podem, injustificadamente, privar os filhos de conviver com os irmãos, descendentes, ascendentes e demais parentes.

Artigo 294

(Abandono do lar)

1. Os menores não podem abandonar a casa de morada de família ou aquela que os pais lhe tiverem destinado, nem dela ser retirados.
2. Se a abandonarem ou dela forem retirados, qualquer um dos pais e, em caso de urgência, as pessoas a quem eles tenham confiado o filho podem reclamá-lo, recorrendo, se necessário, ao tribunal ou à autoridade competente.

Artigo 431

(Entrada em vigor)

A presente Lei entra em vigor 180 dias após a data da sua publicação.

Aprovada pela Assembleia da República, aos 24 de Agosto de 2004.

O Presidente da Assembleia da República, Eduardo Joaquim Mulémbwè.

Promulgada em 25 de Agosto de 2004.

Publique-se.

O Presidente da República, JOAQUIM ALBERTO CHISSANO.

Compreensão/Interpretação

1. Relê o artigo 280.º.
 - 1.1 Em que número se refere o respeito entre pais e filhos?
2. Selecciona a afirmação que explica o número 3 desse artigo.
 - a) Os filhos, quando bem entenderem, devem ajudar os pais na compra de alimentos.
 - b) Os filhos devem obrigatoriamente ajudar os pais quando estes necessitarem de um apoio alimentar.
 - c) Os filhos devem obrigatoriamente ajudar os pais mesmo quando estes não necessitarem de um apoio alimentar.
 - d) Os filhos devem assistir aos pais na alimentação.
3. Explica o número 3 do artigo 281.º.
4. Faz a leitura atenta dos artigos 280.º e 281.º.
 - 4.1 Qual dos seguintes artigos é mais geral: o número 3 do artigo 280.º ou o número 2 do artigo 281.º?

Funcionamento da língua

1. Classifica e explica a formação das seguintes palavras: *gotícula*, *partícula*, *glóbulo*, *corpúsculo*, *questiúncula* e *versículo*.
 - 1.1 Produz frases em que incluas as palavras acima referidas.
2. Indica o grau normal das palavras *grânulo* e *opúsculo*.
3. Quais são os diminutivos eruditos de *rei*, *pele*, *monte* e *nota*?
4. Forma palavras parassintéticas das palavras *triste*, *cabeça* e *noite*. Segue o exemplo: *grande* → *engrandecer*.
 - 4.1 Aplica, em frases da tua autoria, as palavras parassintéticas que formaste.

Produção escrita

1. Faz um resumo das ideias principais da Lei da Família (Lei n.º 10/2004, 25 de Agosto) no seu Capítulo II (Efeitos da filiação), Secção I, Disposições gerais, do artigo 280.º (Deveres de pais e filhos) ao artigo 431.º (Entrada em vigor). Regista os aspectos que consideres mais interessantes.

Produção oral

1. Depois de teres feito o levantamento das normas e/ou direitos prescritos na Lei da Família, como te foi proposto no exercício anterior, analisa-os com os teus colegas.
2. O Sr. Sailimo e sua esposa confiaram os cuidados e a guarda da sua filha a um amigo, o Sr. Guilundo, porque tinham de viajar por seis meses. Depois de os seus pais terem partido, a menina abandonou o Sr. Guilundo, refugiando-se em casa de uma tia, porque a conhecia melhor.
 - 2.1 Consideras que o Sr. Guilundo teria o direito de reclamar o retorno da menina, contrariamente à sua vontade? Justifica a tua resposta, apoiando-te na lei.

Produção escrita

1. Escreve um poema da tua autoria, exaltando a produção agrícola. Poderás inspirar-te nos seguintes temas:
 - O verde das plantas;
 - O pomar;
 - Terras aráveis da minha aldeia;
 - Tinha um canteiro;
 - A formosura do milho;
 - O milheiral.

Produção oral

1. Lê expressivamente os poemas que escreveste.
 - 1.1 Depois da leitura dos vários textos, tu e os teus colegas poderão eleger os melhores poemas para constarem no quadro da turma e, após vários concursos, no quadro de honra da escola.
2. Analisa as atitudes das personagens do texto e comenta-as, tendo em conta o que sabes sobre a Revolução Verde.
3. Com a ajuda do teu professor, organiza na tua escola uma sessão em que estejam presentes especialistas da área da agricultura, os quais possam divulgar informação e responder a questões sobre esta temática. Prepara cuidadosamente as tuas intervenções.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «plantar» no texto «Plantando o futuro» e nos poemas que tu e os teus colegas apresentaram.
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Tema transversal: a Revolução Verde

A agricultura tem sido considerada a base económica de vários países africanos. Atendendo ao enorme potencial agrícola do nosso país, temos assistido à implementação de programas governamentais e não governamentais com o objectivo de promover a exploração agrária.

O texto seguinte vai ajudar-te a reflectir sobre a necessidade de implementar programas de exploração agrária.

Leitura

Plantando o futuro...

Um homem de idade avançada estava a cuidar de uma planta com todo o carinho, quando um jovem se aproximou dele e perguntou:

– Que planta é essa de que o senhor está a cuidar?

– É um cajueiro – respondeu o senhor.

– E quanto tempo demora a dar frutos?

– Pelo menos uns quinze anos – informou o senhor.

– E o senhor espera viver tanto tempo? – indagou, irónico, o rapaz.

– Não creio que viva tanto tempo, pois já estou no fim da minha jornada – disse o ancião.

– Então, que vantagem tem você com isso, meu velho?

– Nenhuma, excepto a vantagem de saber que ninguém colheria cajus, se todos pensassem como tu...



in *Agenda Jovem*, Dezembro de 2005. Missionários do Verbo Divino,
Coordenação: Pe. Leonel de Sousa, Coimbra (adaptado)

Compreensão/Interpretação

1. Em poucas palavras, demonstra a relação existente entre o título e a mensagem do texto.
2. «– E o senhor espera viver tanto tempo? – indagou, irónico, o rapaz.» (l. 13)
 - 2.1 Retira do texto uma outra passagem irónica.
3. Que moral é transmitida neste texto?
4. Caracteriza as personagens física e psicologicamente.
 - 4.1 Justifica a caracterização que fizeste com base em elementos do texto.

Textos administrativos: a procuração e a exposição



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:
 - Elaborar uma procuração;
 - Elaborar uma exposição;
 - Distinguir uma procuração de uma exposição.

2. Sobre o funcionamento da língua:
 - Identificar as conjunções e as locuções subordinativas finais;
 - Classificar as orações subordinadas finais;
 - Elaborar orações subordinadas finais;
 - Distinguir as orações subordinadas concessivas, condicionais e finais.

3. Sobre o tema transversal (comércio formal e comércio informal):
 - Elaborar textos sobre o comércio formal e informal.

Textos administrativos: a procuração e a exposição

A procuração e a exposição são textos de natureza administrativa. Na presente unidade didáctica, irás aprender a distinguir a procuração da exposição a partir da análise dos objectivos e das características específicas de cada um destes tipos de texto. É também um momento de consolidação do estudo destes textos, visto que já tiveste a oportunidade de os estudar nas unidades 2 e 8, respectivamente.

Leitura

Os textos A e B são, respectivamente, uma procuração e uma exposição. Lê-os atentamente.

Texto A

Procuração

Eu, Lourenço Idrisse Madaugi Mussa, portador do Bilhete de Identidade n.º 101314872Q, emitido em 8 de Abril de 2007, pelo Arquivo de Identificação de Nampula; nascido na Província de Nampula, Distrito de Murrupula, aos 12 de Julho de 1935; viúvo, residente em Cabo Delgado, Cidade de Pemba, Avenida Ngungunhane, n.º 321, R/C; constituo bastante procuradora Fátima Maria Madaugi Mussa, portadora do Bilhete de Identidade n.º 101321117R, emitido em 25 de Março de 2008, pelo Arquivo de Identificação de Pemba, nascida em 17 de Outubro de 1982, na Província de Cabo Delgado, Cidade de Pemba, residente na Província de Niassa, Cidade de Lichinga, na Avenida Eduardo Mondlane, n.º 117, R/C, concedendo-lhe poderes ilimitados para a gestão dos meus negócios comerciais na Loja Comercial Madaugi – Norte, sito em Metangula, Rua da Administração, n.º 11; no que concerne à compra e venda de mercadorias, celebração e anulação de contratos, emissão e requisição de cheques, facturas, recibos, cotações, despachos, realização de eventos de projecção da empresa, redução e aumento de saldos, assinatura de correspondência e outros documentos da competência do gestor e para assumir obrigações em defesa da empresa, em nome do outorgante, que haverá por bem, firme e valioso.

Pemba, 20 de Março de 2012

Lourenço Mussa

Vocabulário

concernir – dizer respeito

cotação – nota indicativa dos preços pelos quais se vendem mercadorias

Exposição

Excelentíssimo Senhor Director-Geral
da Loja Comercial Madaugi – Centro

Joaquim Francisco Mula, funcionário da Loja Comercial Madaugi – Centro, de 30 anos de idade, residente em Dombo, Rua das Mangueiras, n.º 161, portador do BI n.º 101992102W de 12 de Julho de 2004, emitido pelo Arquivo de Identificação Civil da Beira, vem, muito respeitosamente, expor a V. Excelência, o seguinte:

I

O exponente é, contratualmente, até hoje, funcionário da Loja Comercial Madaugi – Centro, com contrato assinado pela primeira vez em 1999, contando, portanto, com cerca de 12 anos de trabalho para a empresa.

II

Desde o dia 11 de Junho de 2011, foi levado a suspender o exercício das suas funções por um processo de alegado desvio de fundos da empresa, promovido pelo chefe da loja, o senhor Jossias Pedro Malate.

III

A punição de suspensão não tem registo escrito, por ter sido expressa oralmente, perante os demais funcionários da empresa.

IV

O motivo da penalização do exponente, segundo o chefe da loja, Jossias Malate, deveu-se a disparidade entre os produtos vendidos e o valor retido na caixa, no dia 10 de Junho de 2011. De acordo com a conferência feita junto ao chefe de contas, o senhor Faniquisse Jambo, estava em falta uma soma de 7.450.00MT (sete mil, quatrocentos e cinquenta meticais).

V

O desfalque referido na alínea anterior ditou a suspensão do exponente pelo senhor Jossias Malate, sem direito a qualquer recurso ou negociação, outorgada num período de 30 dias.

VI

O exponente, não tendo direito de recurso, nem o privilégio de contactar um gerente oficializado da empresa, teve de aceitar a penalização.

VII

Passados 30 dias, o exponente dirigiu-se à loja, mas foi-lhe recusada a retoma do seu exercício pelo senhor Jossias Malate. Após várias insistências nos dias subsequentes, foi-lhe vedada a entrada no recinto da loja pelos agentes de segurança que prestam serviço àquela empresa.

VIII

O facto descrito em VII levou o exponente a recorrer formalmente (através de um requerimento) ao chefe da loja, o senhor Jossias Malate, mantendo-se, até hoje, sem resposta.

IX

Os factos anteriormente descritos levaram o exponente a remeter a cópia do requerimento (anteriormente dirigido ao senhor Jossias Malate) à gerente da Loja Comercial Madaugi – Norte em Niassa (Metangula), a senhora Fátima Madaugi Mussa, por a loja onde prestou serviço não ter, até ao presente, um gerente local, desde que V. Excelência se transferiu para Cabo Delgado.

X

O requerimento do exponente foi indeferido pela senhora Fátima Madaugi Mussa, alegando esta não ter poderes para interferir no caso em que o exponente se encontrava, mas mostrando-se disponível para o envio do documento a V. Excelência.

XI

Até este momento, o exponente não tem o resultado da apreciação de V. Excelência, estando sem saber se o documento chegou ou não às suas mãos.

XII

Pelas razões expostas no primeiro requerimento e pelas que são aqui apresentadas, analisando a condição da antiguidade (descrita em I) e o desvio às normas profissionais pelo chefe da loja, o senhor Jossias Malate (descrito nas alíneas III, V e VII), o exponente solicita a V. Excelência a sua reintegração no exercício normal das funções que desempenhava.

Espera deferimento.

Beira, 2 de Setembro de 2009

Joaquim Francisco Mula

Vocabulário

exponente – aquele ou aquela que expõe ou alega razões

contratualmente – através de contrato

alegado – presumível

punição – castigo, pena

disparidade – desacordo

desfalque – desvio de dinheiro

recurso – acto de recorrer a uma instância superior

subsequente – seguinte

Compreensão/Interpretação

1. Completa a tabela seguinte, analisando comparativamente os textos A e B.

	Texto A	Texto B
Tipo de texto		
Emissor/Receptor		
Assunto		
Finalidade		

2. Delimita as partes constituintes da estrutura da procuração e da exposição em análise.
3. Explica, com base nos textos referidos, as diferenças entre uma procuração e uma exposição.

Funcionamento da língua

1. Divide as frases abaixo em orações.

INFORMAÇÃO, I

p. 175

- a) Por mais que faça frio, irei à praia.
 - b) Todos os homens trabalham para manterem acesa a chama da vida.
 - c) Não brinques nas águas turvas, ainda que tenhas muitos anos em frente.
 - d) Embora tenhas conseguido nota baixa, estuda para triunfares no final do ano.
 - e) Se permitires, até eu, que sou pequena, dar-te-ei um conselho.
 - f) Se o caso for de corrupção, os suspeitos serão julgados, embora tenham cargos de direcção.
 - g) Para que haja trabalho sério, os jovens terão de abdicar de certos vícios nocturnos.
2. Escreve frases da tua autoria nas quais faças uso das conjunções *salvo se*, *a fim de que*, *se bem que/posto que*.
- 2.1 Classifica as orações das frases que elaboraste.

Produção escrita

1. Uma das razões que contribuíram para a agudização do caso Loja Madaugi – Centro foi a ausência de um gerente local na empresa.
 - 1.1 Faz-te passar pelo proprietário da Loja Comercial Madaugi – Centro e elabora, criativamente, uma procuração, transmitindo poderes de gerência da loja a alguém da tua confiança.

Produção oral

1. No texto B, o exponente reclama devido a uma situação em que se viu envolvido, alegando ser uma injustiça.
 - 1.1 Adota uma posição, em defesa ou em oposição ao exponente, defendendo-a com argumentos válidos de modo a convenceres a turma.

Informação

Orações subordinativas concessivas, condicionais e finais

Orações concessivas

São as que admitem uma ideia de oposição à da oração subordinante, mas não impedem a sua concretização.

Exemplo: *Embora tenha um convite, não irei à festa. Ainda que faça frio, não uso agasalho.*

Conjunções: *embora, conquanto*

Locuções: *ainda que, mesmo que, posto que, se bem que, de modo que, de forma que, de sorte que, por mais (menos/muito) que, apesar de...*

Orações condicionais

São aquelas que iniciam uma oração subordinada que supõe a existência de uma condição ou hipótese para que se realize o facto principal.

Exemplo: *Se estudares, transitas de classe.*

Conjunções: *se, caso*

Locuções: *salvo se, excepto se, a não ser que, desde que, uma vez que, contanto que.*

Finais

São orações que indicam a finalidade da oração principal.

Exemplo: *O professor faz de tudo para que compreendas a lição.*

Conjunções: *para, porque* (com valor de *para que*)

Locuções: *para que, a fim de que, de modo que.*

Aplicação

1. Forma frases com sentido a partir das orações apresentadas em A e B.

A

B

- | | |
|--|----------------------------------|
| a) Mesmo que chova, | A) conduz com cuidado. |
| b) Se houver nevoeiro, | B) caso folheies aquela revista. |
| c) Abri uma lata de conserva, | C) salvo se a conheceres bem. |
| d) Encontrarás um artigo interessante, | D) vou ao cinema. |
| e) Não podes imaginar a sua reacção, | E) para o almoço. |

2. Identifica e classifica as orações das frases seguintes:

- a) Estive a passear, de modo que me atrasei para as aulas.
b) Ainda que fales muito ao telefone, não perdes a noção do tempo.

3. Elabora criativamente frases com orações subordinadas concessivas, condicionais e finais.

Tema transversal: comércio formal e comércio informal

No nosso país, o comércio tem sido um dos principais recursos de sustentabilidade. Contudo, a legalidade comercial é um grande desafio. A grande concentração de pessoas nas cidades, entre nacionais e estrangeiros, poderá condicionar o actual estado da situação: mercados informais, vulgo «dumba-negues», e a fuga aos impostos são alguns dos problemas para os quais ainda não foram encontradas soluções.

Leitura

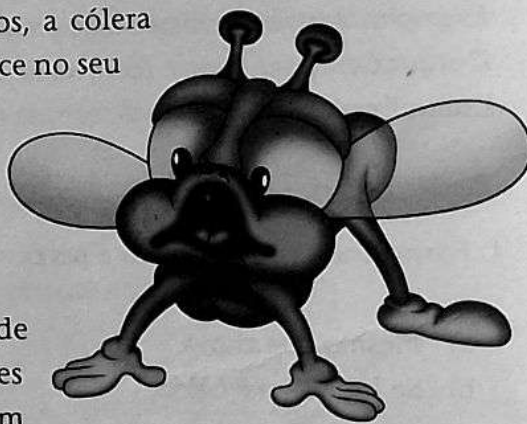
Vemo-nos na próxima cólera

«O ano da cólera», diziam os povos medievais, ao recordar uma daquelas chacinhas que a epidemia havia feito entre eles. Assim, os sobreviventes iam-se situando, de época em época, num mundo em que só as guerras apinhavam pessoas e dificultavam o saneamento. O que acontece aqui connosco é uma certeza tão cíclica da cólera como são os períodos das férias e do Natal. Podemos, seguramente, falar de um calendário de actividades associadas à época da cólera. Vamos, deste modo, planear uma viagem para a altura da cólera, já agora, a segunda volta das eleições, durante a cólera.

Pela pontual normalidade dos factos, a cólera não eclode, como mal se diz, ela aparece no seu tempo, constroem-se-lhe as tendas, alocam-se fundos, meios humanos e materiais, leva algumas vítimas, deixa uns tantos decrépitos e lá vai... até ao próximo ano, que Deus sempre quer e manda. Ora, este é o grande problema sobre o qual as autoridades sanitárias e o público têm de agir com determinação.

O moçambicano, particularmente aqui na capital, convive com o lixo, putrefacto e nauseabundo.

E as moscas, claro está, circulam tão livremente como as pessoas, acompanhando-as até junto dos alimentos. A abundante mosca ou moscardo verde metalizado paira por cima do peixe e do camarão que se vende na Tendinha, bem como na berma da estrada. Esta mosca consegue cobrir quase por completo as carnes que se vendem nos mercados de Xipamanine, Chiquelene, Benfica, T3, Patrice Lumumba e mercado da Matola, perante a total indiferença das vendedeiras que só as sacodem para o cliente atestar a boa qualidade do produto. Que



garantia de qualidade pode oferecer uma carne quando temos de pedir licença a uma mosca para a apreciar?

- 30 Estamos a falar de alimentos laváveis, mas, nesses mesmos sítios, vendem-se pão, bolos, chamuças, para não falar das refeições que são aí servidas. As moscas partilham directamente esta comida. Quanto ao pão, basta olhar para as mãos de quem o vende e para o chão em que se encontra sentado para perceber quanta porcaria vai à boca do cidadão. A faculdade de escolher dada ao cliente,
- 35 permite perceber que muitas mãos passam por cada pão, deixando os seus lixos pessoais.

Filipe Ribas, in *A Verdade*, 16 de Fevereiro de 2009
(adaptado)

Compreensão/Interpretação

1. Atenta no título do texto: «Vemo-nos na próxima cólera».
 - 1.1 Retira do corpo do texto uma frase breve que prove o sentido do título.
2. O texto faz uma crítica, exigindo a prática de uma acção futura.
 - 2.1 Identifica a crítica que é feita no texto.
 - 2.2 Identifica o objecto da crítica em geral e em particular, citando passagens do texto.
 - 2.3 A crítica textual é directa ou indirecta? Justifica a tua resposta.
 - 2.4 Reescreve a frase que traduz a exigência da prática de uma acção futura.

Produção oral

1. O texto tem uma relação com a temática do comércio.
 - 1.1 O que propunhas para que o comércio no nosso país deixasse de ser um risco para a saúde e um factor agravante de outros problemas sociais?

Produção escrita

1. Com base nas respostas à questão anterior, em pequenos grupos, redijam uma proposta para apresentar aos responsáveis pelo comércio local da zona onde residem.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «comércio» no texto em análise.
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos jornalísticos: a reportagem e a crónica

No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Apontar, numa reportagem ou crónica, as categorias da narração;
- Identificar, numa reportagem ou crónica, as categorias da descrição.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Elaborar frases usando verbos transitivos indirectos regidos pela preposição *a*;
- Analisar sintacticamente frases com verbos de movimento;
- Descrever diacronicamente a língua portuguesa, destacando as mudanças linguísticas;
- Comparar as características morfosintácticas do português europeu e do português de Moçambique.

3. Sobre o tema transversal (HIV/sida):

- Discutir sobre o HIV/sida.

Textos jornalísticos: a reportagem e a crónica

A reportagem e a crónica são textos jornalísticos que vão além da simples notícia. Pelo modo como tratam um facto verídico, embora em modelos diferentes, estimulam as emoções do leitor ou do ouvinte, informando-o com maior profundidade sobre o assunto em causa. Portanto, são textos que aproximam o autor (normalmente, um jornalista) do público-alvo (leitor ou ouvinte) relativamente ao tema em questão.

Nesta unidade temática, irás estudá-los em paralelo, o que te possibilitará compará-los e assimilar as suas características.

Leitura

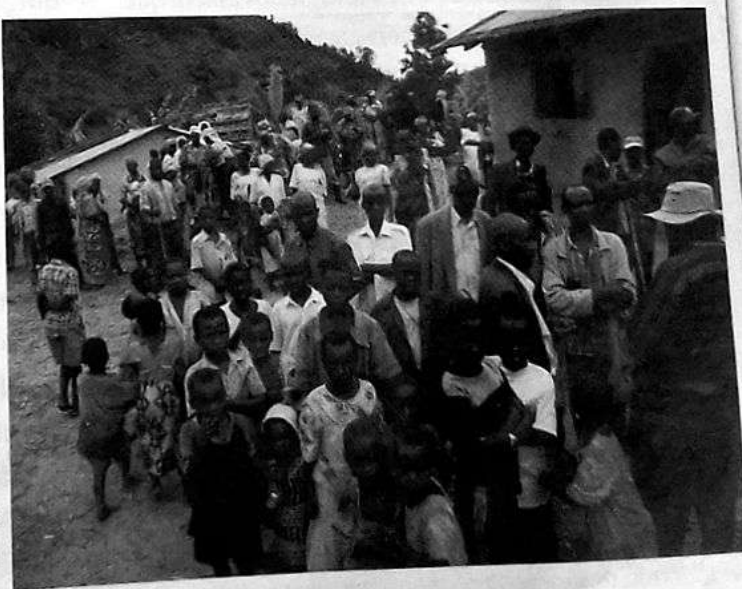
Lê atentamente os textos que se seguem.

Texto A

Em Nampula

O drama dos refugiados

O triste universo dos refugiados, na sua maioria provenientes dos Grandes Lagos, que chegaram a Marratane, a 15 quilómetros do centro da cidade de Nampula em busca de uma vida melhor, volta a ser reeditado naquele ponto de Moçambique, onde cada um conta apenas com a própria sorte. Muitos deles negam-se a revelar a sua identidade com medo de represálias. Sem lar nem pátria, pouco mais de 500 refugiados ali instalados dizem-se injustiçados pelos responsáveis de instituições que prestam apoio financeiro e alimentar, nomeadamente as Direcções Provinciais da Educação e Cultura (DPEC) e da Mulher e Acção Social (DPMAS), o Instituto Nacional de Apoio aos Refugiados (INAR) e a agência das Nações Unidas, que lida com assuntos daquela natureza.



Segundo apurou a nossa reportagem, muitos refugiados não estão a praticar nenhuma actividade de geração de rendimento, devido à falta de apoio das instituições de tutela.

Uma carta de reivindicações endereçada ao governo provincial, incluindo as instituições de tutela, a que o *Savana* teve acesso, denuncia a ocorrência de várias irregularidades, com destaque para o desvio de fundos e produtos alimentares. A carta denuncia ainda um desvio de electrodomésticos e combustível destinado a abastecer viaturas usadas no apoio aos serviços em curso no centro, como, por exemplo, o transporte de produtos agrícolas para a venda no centro da cidade. Um dos efeitos negativos do desvio de combustível é que parte dos produtos está a apodrecer no interior do centro por falta de transporte para a posterior venda.

Quanto à alimentação, os refugiados dizem que cada indivíduo recebe mensalmente cinco quilogramas de farinha de milho e a mesma quantidade de arroz.

Ainda na sua carta, os refugiados lamentam a demora na autorização de pedidos de declarações de manifesto para residir fora do centro de Marratane, com destaque para as cidades de Nampula, Nacala-Porto, Quelimane, Niassa, Cuamba, Mocuba e Alto Molócuè. Manifestam ainda interesse na abertura de actividades de geração de rendimentos, como barbearias, cabeleireiros e alfaiatarias.

Os poucos que tiveram permissão, diz a carta, têm tido descontos nas suas mesadas que beneficiam os dirigentes do centro.

Entradas proibidas

No centro de refugiados de Marratane estão praticamente vedadas as entradas a indivíduos não

residentes (visitantes). Ao *Savana*, na companhia de uma equipa de estudantes norte-americanos que se encontrava na cidade de Nampula, foi também vedada a entrada no local, na última semana. Só depois de muitas negociações foi permitida a entrada da nossa equipa de reportagem, mas os estudantes visitantes não conseguiram fazê-lo.

«Os chefes não querem que se fique a saber das ocorrências dentro do centro», segredou um funcionário, sob condição de anonimato. Contudo, a direcção do centro justificou que não podia autorizar a entrada dos estudantes por não serem portadores de alguma autorização passada pelas instituições de tutela.

Dentro do centro, várias foram as solicitações que o *Savana* recebeu dos refugiados que queriam falar do seu dia-a-dia, mas ninguém quis identificar-se, pois, justificaram, «quando eles (os dirigentes do centro) souberem os nossos nomes, acabam por nos retirar o pouco que recebemos». Regra geral, os refugiados lamentam as dificuldades que enfrentam no seu dia-a-dia, situação agravada pela falta de água potável, local de diversão, actividades profissionais, escolas secundárias e outros serviços. As nossas fontes estranham que, ultimamente, já não se fale em posto de socorro, centro de formação profissional, escola secundária, infantário para crianças estrangeiras órfãs, jardim, bolsas de estudo para aqueles que concluírem alguns níveis que não é possível fazer naquele local e outros projectos financiados pelos doadores e para os quais estes já disponibilizaram fundos.

Um refugiado disse que o projecto de construção de um jardim infantil com capacidade para vinte crianças foi cancelado, supostamente porque as pessoas que estiveram à frente do projecto sempre demonstraram fraco empenho.

«Já havia fundos disponíveis, através dos financiamentos dos habituais parceiros de cooperação do centro e que estão nos cofres do INAR e do DPMAS. Para justificar, apenas foi erguida uma cabana com material precário e que não satisfaz as reais necessidades», disse um dos refugiados.

100 Educação

No sector da educação, cerca de 150 alunos que concluíram o ensino básico beneficiaram de um financiamento mensal de 600 meticais por indivíduo para garantir o transporte do centro para a cidade de Nampula (15 quilómetros), onde frequentam o ensino secundário. Outra fonte, que se identificou como Mhlokany, indicou que, no caso de apoio às crianças, adolescentes e jovens nas escolas, mais de USD 25 mil (quinhentos milhões de meticais) foram desviados pelos responsáveis do sector de educação naquele centro.

«De Janeiro a esta parte, mais de 150 alunos que beneficiam do financiamento somente receberam um único mês», referiu a mesma fonte.

O *Savana* apurou ainda que dois alunos que estão a estudar na vila distrital de Rapale e internados no lar da escola secundária do mesmo distrito estão na iminência de serem expulsos por, alegadamente, não pagarem as taxas de estadia no lar.

Em relação ao desvio de fundos direccionados para subsidiar o transporte de alunos que concluíram a 7.^a classe, o *Savana* apurou, junto de fontes de Marratane, que os mesmos eram confiados ao senhor Safrão Ossufo, director do sector de educação e cultura do centro. O mesmo já foi destituído das suas funções, porque, segundo contam, simulou um acidente para justificar que

130 teria perdido o dinheiro dos subsídios de transporte de alunos no local do suposto sinistro.

Actualmente, os alunos percorrem diariamente 30 quilómetros (ida e volta) a pé para frequentarem as aulas na cidade de Nampula. «Às vezes, os nossos filhos são convidados para estarem nos diferentes lugares, como jardins localizados na cidade de Nampula e até na estrada a caminho do centro, para receberem dinheiro que lhes pertence, mas os responsáveis nunca aparecem. Há vezes em que as crianças esperam pelos referidos responsáveis até à noite», disse um pai. Em relação aos fundos do jardim, um dos responsáveis, que se identificou apenas por Saraiva, disse que «os fundos foram usados para outras actividades mais importantes do que um jardim».

Contactada pelo *Savana*, a directora provincial da Mulher e Acção Social em Nampula, Clotilde de Soares João, disse que a assistência social a 150 pessoas carentes ao nível da província está a melhorar.

Afirmou que o financiamento do jardim estava garantido pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e, segundo ela, «quem pode responder sobre os fundos é o INAR e o ACNUR, na delegação de Nampula».

Entretanto, António Mussupai, delegado provincial do INAR e responsável do Centro de Marratane, disse não ser a pessoa indicada para falar à imprensa, porque tem «de ser autorizado ao nível da capital ou do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação», justificou. O *Savana* insistiu, mas ele não respondeu, apesar de ser a 165 pessoa sobre quem pesam várias acusações arroladas pelos refugiados.

Nélson Carvalho, in *Savana*, Setembro de 2009

Ataques xenófobos na África do Sul agravam-se Pernas, para que vos quero!

Um alerta máximo na África do Sul! A onda assassina de assaltos aos estrangeiros vem tomando contornos cada vez mais acentuados. Os órgãos de informação já não falam só de despojamento das residências de estrangeiros, da destruição e saque de bens, como também falam de assassinatos macabros. Este clima de tensão já se torna muito preocupante para o nosso governo, uma vez que os Moçambicanos são seguramente os estrangeiros que se encontram em maior número naquele país, muitos dos quais emigrados em busca de melhores condições de vida.

Ninguém deve negar que a mão operária dos nossos irmãos moçambicanos contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento económico da África do Sul, que é, hoje, dos países mais desenvolvidos do nosso continente. A migração de moçambicanos à «terra do rand» vem de trás. Já a política colonial previa a contratação de negros moçambicanos para as minas da África do Sul. O processo continuou até que o homem moçambicano encarou o trabalho mineiro como o meio ideal para melhorar a vida. O trabalho dos *majoni-joni* estreitou os laços e comungou as relações entre as duas culturas, até em termos linguísticos. Mas, hoje, um ciúme discriminatório tocou aquela gente – o sentimento xenófobo, que faz gato-sapato dos nossos irmãos moçambicanos que se encontram por lá. Entram vagões e vagões engravidados de gente nossa. Sacola ao ombro, com tudo o que puderam apanhar de seus próprios bens. As fronteiras são intermináveis fileiras serpenteadas de viaturas entrando no nosso país como se de grande guerra fugissem. De certeza que muitos dos que se encontram lá engendram

planos de fuga – «Ó pernas, para que vos quero?» É um fugir desenfreado e errante quando não nos dão tempo para atacar. Razões? «Os machanganas, chopos, macuas, ndaus tiram-nos o pão aqui na nossa terra; tiram-nos também as mulheres. Destroem-nos praticamente todo o lar.»

Todo este cenário xenófobo se deu perante o olhar indiferente das polícias sul-africanas. O melhor que puderam fazer foi o papel de espectador atento, que não perde nenhuma cena dramática. A Comunidade Internacional? Essa preocupou-se muito, mas com a realização do Campeonato do Mundo de Futebol de 2010, de que a África do Sul será palco.

Esquecem-se os nossos vizinhos sul-africanos de que o nosso país já foi abrigo de figuras políticas importantes do Congresso Nacional Africano (ANC), o que nos valeu o bombardeamento de algumas zonas da Matola e outras explosões de viaturas armadilhadas que semearam o pânico na cidade de Maputo. Passámos por verdadeiros xenófilos.

Esqueceram-se os nossos irmãos sul-africanos de tudo isto.

É urgente que os governantes de cá e os de lá se sentem em mesa de conversações para que se vá a tempo de se evitarem grandes choques sociopolíticos.

O Governo sul-africano repudiou os actos xenófobos ocorridos naquele país. Assim, promoveu acções de divulgação massiva de um sentimento hospitaleiro à população, que culminou com a incorporação das ocorrências xenófobas nos programas de ensino daquele país.

Adamo Givá, *O Diário da Turma A* (adaptado)

Vocabulário

xenófobo – que tem aversão a coisas ou pessoas estrangeiras

despojamento – assalto

majoni-joni – nome atribuído aos emigrantes que se instalam em Joanesburgo

xenófilo – indivíduo que estima coisas ou pessoas estrangeiras

Compreensão/Interpretação

1. Que relação existe entre os dois textos?
2. Analisa-os comparativamente, tendo em conta os seguintes aspectos:
 - a) o tipo de texto;
 - b) as características formais;
 - c) o tipo de linguagem;
 - d) o tema/assunto;
 - e) o drama que apresentam;
 - f) as razões que levam a esse drama;
 - g) os culpados desse drama (sugeridos pelos textos).
3. Apresenta resumidamente o conteúdo de cada uma das partes da estrutura narrativa da reportagem «O drama dos refugiados»: exposição, complicação e resolução.
4. De acordo com os conhecimentos por ti adquiridos sobre a crónica, classifica o texto «Pernas, para que vos quero!» quanto à sua natureza.
 - 4.1 Trata-se de uma crónica do acontecido ou do imprevisto? Justifica a tua resposta.
5. A reportagem é um texto mais complexo do que a notícia.
 - 5.1 Justifica esta afirmação.

Funcionamento da língua

1. Identifica, nas frases seguintes, as marcas características do português de Moçambique no que diz respeito à morfologia e à sintaxe.
 - a) Um mineiro sul-africano chamou ele.
 - b) Dois operários moçambicanos morreu no acidente.
 - c) O Manuel separou-se com os outros mineiros.
 - 1.1 Reescreve as frases anteriores tendo em conta as características morfossintáticas do português europeu.
2. Classifica como transitivos ou intransitivos os verbos presentes nas frases seguintes:
 - a) Muitos moçambicanos fogem da África do Sul.
 - b) Os trabalhadores moçambicanos obedecem aos patrões.
 - c) O meu vizinho emigrou.
 - d) Ele deu-me a sua morada.

INFORMAÇÃO, I

p. 185

3. Constrói duas frases em que empregues as palavras *canto*, *são* e *vão* com sentidos diferentes.

4. Identifica, em cada conjunto de palavras, aquela que é semanticamente estranha ao grupo.

- a) Mágoa, mácula, machado, mancha.
- b) Regra, régua, esquadro.
- c) Solteiro, soldado, sozinho, solitário.
- d) Palavra, parte, parábola.
- e) Plano, pleno, cheio.

4.1 Explica a relação entre os elementos que mantiveste em cada alínea da questão anterior.

INFORMAÇÃO, 2

p. 186

Produção escrita

1. De acordo com o que sabes sobre as relações sociais entre o nosso país e a África do Sul, produz uma crónica a partir de uma das seguintes afirmações:

- a) Operários moçambicanos em minas na África do Sul sofrem acidentes de trabalho.
- b) Vários moçambicanos em situação ilegal na África do Sul são apontados como promotores de assaltos e crimes naquele país, pondo em causa a tranquilidade pública.

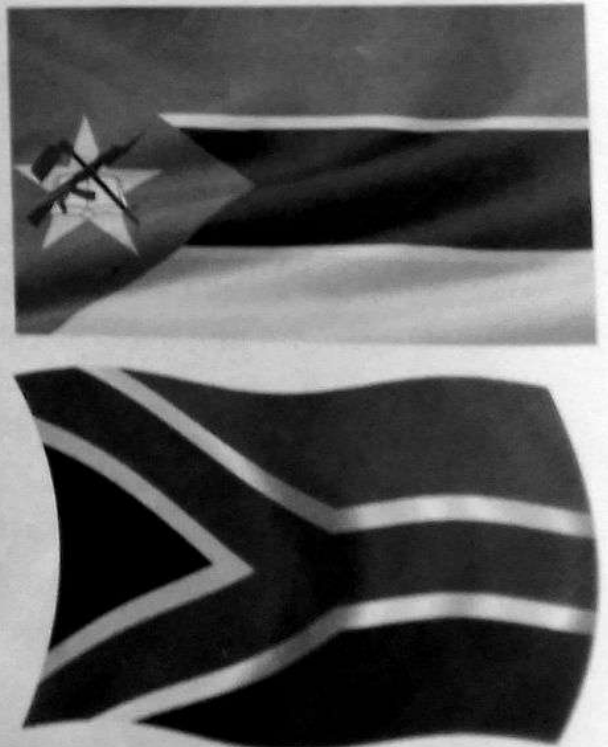
Produção oral

1. O texto «Pernas, para que vos quero!» refere que os Moçambicanos são acolhedores, sendo o País um exemplo de uma nação xenófila.

1.1 Comenta oralmente esta afirmação, baseando-te no texto «O drama dos refugiados».

2. Certamente estás a par das excessivas migrações de jovens moçambicanos com destino à África do Sul. De acordo com alguns analistas, o afluxo de muitos moçambicanos à África do Sul não só desestabiliza a economia daquele país, como cria desequilíbrio em algumas comunidades nacionais por inexistência de jovens.

2.1 Discute esta questão com a tua turma.



I. Regência verbal

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes. Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, em que uma serve de complemento à outra, tem o nome de **regência**. A palavra dependente denomina-se **regida**, e o termo a que ela se subordina chama-se **regente**.

A regência verbal diz respeito à relação de dependência existente entre um verbo e os seus complementos. Está, pois, relacionada com o tipo de transitividade de um verbo e com as preposições que lhe estão associadas.

Quanto à predicação, como sabes, os verbos classificam-se em intransitivos e transitivos.

Os **verbos intransitivos** expressam uma ideia completa. Exemplos:

O povo sofreu.

O rapaz viajou.

Os **verbos transitivos** exigem sempre, em sua companhia, uma palavra de valor substantivo: o complemento directo ou o complemento indirecto. Exemplos:

O velho perdeu uma casa.

O Governo ofereceu uma casa ao velho.

Estes exemplos mostram-nos, respectivamente, que a regência verbal pode fazer-se:

- **directamente**, sem uma preposição intermédia, existindo um complemento directo (*uma casa*);
- **indirectamente**, mediante o emprego de uma **preposição** (*a*), que pode estar contraída, havendo um complemento indirecto (*ao velho*).

NOTA:

Alguns verbos transitivos exigem obrigatoriamente um complemento directo e um complemento indirecto. São os **verbos transitivos directos e indirectos**.

O complemento directo e o complemento indirecto podem ser representados por pronomes pessoais (respectivamente: *o, a, os, as; me, te, lhe, nos, vos, lhes*).

A regência dos verbos **obedecer, desobedecer e responder**

Estes verbos, na língua culta, fixaram-se como **verbos transitivos indirectos**.

Exemplos:

Obedeceste ao teu pai?

Desobedeceste-lhe?

Respondeste ao Valdemiro?

Os constituintes sublinhados assumem a função sintáctica de complemento indirecto. Por este motivo, os verbos **obedecer, desobedecer e responder** são transitivos indirectos.

A regência dos verbos dar e dizer

Normalmente, estes verbos assumem-se como transitivos directos e indirectos, como se pode confirmar nos exemplos:

Dei três pares de sapatos aos refugiados.

Disse um segredo ao João.

Os constituintes sublinhados em cada frase são complementos directos e indirectos.

NOTA:

Aplicação

1. Classifica os verbos das frases seguintes como transitivos ou intransitivos.

- O Eduardo ofereceu flores à namorada.
- A Telma comprou um livro novo e mostrou-o à Luísa.
- O Ricardo sorriu.
- Respondi-lhe imediatamente.
- A Graziela desmaiou.

1.1 Classifica os verbos transitivos quanto ao tipo de de predicação, justificando a tua resposta.

2. Repete os procedimentos das actividades 1. e 1.1, mas agora no que respeita ao texto seguinte:

Abri a porta e saí do carro, um Chrysler antigo, amarelo torrado, uma peça de colecção. O vento húmido fustigou-me o rosto. Gritei o nome dela, mais alto que o ribombar da tempestade. Kianda voltou-se para mim, ao mesmo tempo que erguia os olhos, num espanto mudo.

Abracei-a. Kianda tremia. Levei-a para o carro, sentei-a no lugar do morto, e conduzi em silêncio de regresso a Luanda. Quando chegámos ainda a noite não descera sobre a cidade. Estacionei o carro a dois quarteirões do prédio dela. Debrucei-me para a beijar. Kianda afastou o rosto:

– Não! Nunca mais.

Saí. Ela tomou o meu lugar, colocou o carro em andamento e foi-se embora. Mandei parar um táxi.

AGUALUSA, José Eduardo. *Barroco Tropical*, Lisboa: Dom Quixote, 2009 (adaptado)

2. Evolução da língua portuguesa no tempo

Analisando as línguas faladas na Europa, os linguistas concluíram que os antigos povos do Centro da Europa terão tido como língua o indo-europeu, de que não chegaram até nós registos. Uma das línguas com raízes no **indo-europeu** foi o **latim**, que deu origem às **línguas novilatinas ou românicas**, de que faz parte o português. Embora seja hoje uma língua morta, o latim exerce ainda um papel importante na explicação da evolução das línguas românicas.

Vejamos a seguir a origem da língua portuguesa.

O latim popular

O latim foi divulgado pela Europa com a **romanização**, processo cultural resultante das invasões do Império Romano. A invasão, o domínio e a governação da Península Ibérica pelos Romanos deu-se entre o século III a. C. e o século V d. C.

O português, como as outras línguas românicas, não é proveniente do **latim culto** – o literário, cultivado pelos grandes escritores romanos –, mas do **latim popular** ou **vulgar** – falado pelo povo, pelos funcionários públicos, comerciantes e soldados que expandiram o Império Romano até à Península Ibérica.

Os povos da Península tiveram de aceitar a língua latina, modificando-a de acordo com as características fónicas das suas línguas nativas. Foram, pois, estas adaptações que fizeram com que o latim desse origem a línguas diversas.

Fases da formação do português

Período de tempo	Fase	Manifestação
Anterior ao século IX	Pré-história	Fase de formação. Não há documentos históricos comprovativos.
Séculos IX-XII	Proto-história	Documentos em latim bárbaro (muito adulterado, com palavras de várias línguas) redigidos por tabeliões em contratos, testamentos e doações.
Séculos XII-XIV	Época arcaica	Comprovada pela redacção de poesias trovadorescas e pelas crónicas de Fernão Lopes.
Do século XVI à primeira metade do século XX	Época moderna	Justificada pela escrita dos autores do Renascimento (iniciadores da época), com destaque para Luís de Camões.
Da segunda metade do século XX até hoje	Época contemporânea	A língua portuguesa dos nossos dias.

Evolução do léxico

Numerosas palavras portuguesas são provenientes do **latim vulgar**, ou seja, chegaram até nós por via popular, tendo sido transformadas pelo povo. São exemplo deste tipo de evolução as palavras: *agulha*, com origem em *acucula*; *pulga*, de *pulica*; *chuva*, de *pluvia*.

Contudo, outras palavras chegaram por via do **latim erudito**, através de escritores e tradutores de grandes obras romanas. Estes introduziram no português algumas palavras latinas a que deram apenas uma terminação portuguesa. São exemplos destas transformações: *óculo*, com origem em *oculu*; *mácula*, de *macula*; *cogitar*, de *cogitare*.

Houve situações em que o povo recebeu directamente vocábulos semicultos dos escritores, transformando-os. São exemplos destas transformações: *praga*, com origem em *plaga*; *mágoa*, de *macula*; *artigo*, de *articulu*.

Vocábulos divergentes e convergentes

Chamam-se **divergentes** os vocábulos diferentes que provieram do mesmo étimo latino.

Latim	Português		
	Vocábulo popular	Vocábulo semi-erudito	Vocábulo erudito
<i>plaga</i>	chaga	praga	plaga

Outros vocábulos divergentes:

Latim	Português	
	Vocábulo populares	Vocábulo eruditos
<i>régua</i>	regra	regular
<i>planu</i>	chão	plano
<i>consiliu</i>	conselho	consílio
<i>plenu</i>	cheio	pleno
<i>mater</i>	mãe	madre
<i>pater</i>	pai	padre
<i>actu</i>	auto	acto
<i>arena</i>	areia	arena
<i>legale</i>	leal	legal
<i>solitariu</i>	solteiro	solitário
<i>factu</i>	feito	facto
<i>cathedra</i>	cadeira	cátedra

Chamam-se **convergentes** os vocábulo que derivam de étimos diferentes, assumindo a mesma forma, mas significados diferentes. São, portanto, palavras **homónimas**.

Latim	Português
<i>sunt</i> (verbo)	são (forma do verbo <i>ser</i>)
<i>sanu</i> (adjectivo)	são (adjectivo)
<i>baleat</i> (verbo)	baleia (forma do verbo <i>balear</i>)
<i>ballaena</i> (nome)	baleia (nome)
<i>rideo</i> (verbo)	rio (forma do verbo <i>rir</i>)
<i>rivu</i> (nome)	rio (nome)
<i>vadunt</i> (verbo)	vão (forma do verbo <i>ir</i>)
<i>vanu</i> (adjectivo)	vão (adjectivo)

Aplicação

1. Diz quais são as principais línguas românicas ou novilatinas.
2. Como explicas a existência dessa diversidade de línguas novilatinas, tendo em conta que todas provieram do latim?
3. Os vocábulo convergentes são opostos aos divergentes. Justifica esta afirmação, comprovando com exemplos.

Tema transversal: HIV/sida

A sida, a doença do século, como é vulgarmente tratada, é o tema transversal da presente unidade. O combate a este problema passa tanto por uma reformulação profunda da forma como cada paciente vivencia individualmente a sua doença como pela maneira como a sociedade trata aqueles que estão doentes. Cabe às autoridades sanitárias e aos seus agentes a tomada de posições que permitam construir um sentimento de confiança e de segurança nos serviços que facultam por parte dos que deles necessitam.

Leitura

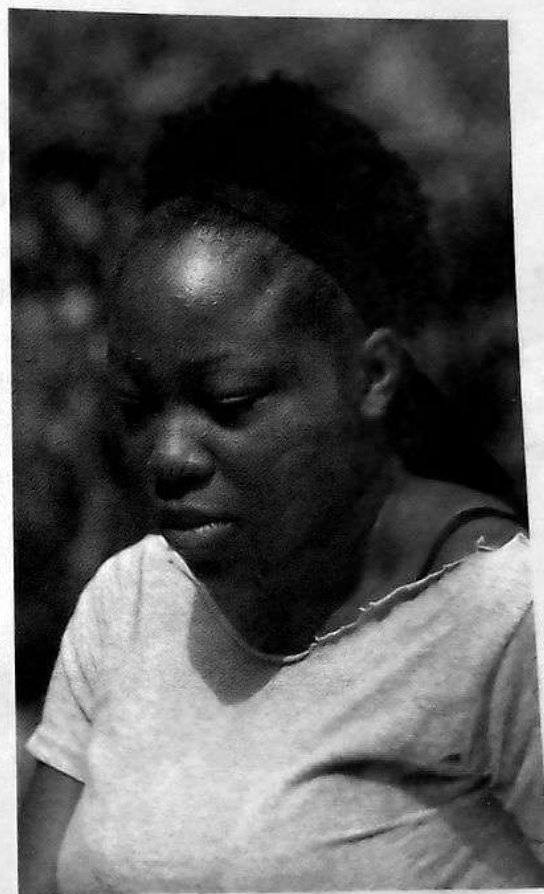
Revelação do estado de saúde entre homens e mulheres

Em muitas sociedades marcadas por desigualdades de género, discriminação e estigma, quem tem o HIV/sida vê muitas vezes negado o tratamento e cuidados de saúde reprodutiva. O receio de exclusão social acentua a relutância de homens e mulheres em confiarem nos outros e revelarem o seu estado de saúde.

Este apontamento é avançado por Ana Loforte, do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, na sua reflexão intitulada *Iniquidades e valores em saúde reprodutiva: vulnerabilidade das mulheres num contexto de feminização da sida*. Trata-se de uma comunicação baseada em estudos realizados em zonas rurais das zonas Centro e Sul de Moçambique.

A comunicação refere que esta situação tem como corolário o facto de os que têm mais necessidade de informação, educação e aconselhamento não beneficiarem dos serviços de saúde, ainda que os mesmos estejam disponíveis.

Por outro lado, sustenta que os programas de saúde partem do pressuposto de que a informação fornecida gera uma transformação automática no comportamento das populações relativamente às doenças, não evidenciando os diferentes factores socioculturais, sempre em mutação, que intervêm na adopção de certas práticas.



30 Segundo Loforte, a mudança de comportamento não resulta necessariamente da vontade individual, mas passa por recursos, coerções e diminuição de resistências. «Na mudança de práticas médicas é necessário ter presente, em primeiro lugar, que a difusão de informação deve ocorrer em simultâneo com a redução dos problemas que afectam os serviços de saúde e, em segundo, que o promotor da mudança deve alterar também os seus comportamentos de modo que a sua performance e atitudes constituam exemplos a serem seguidos.»

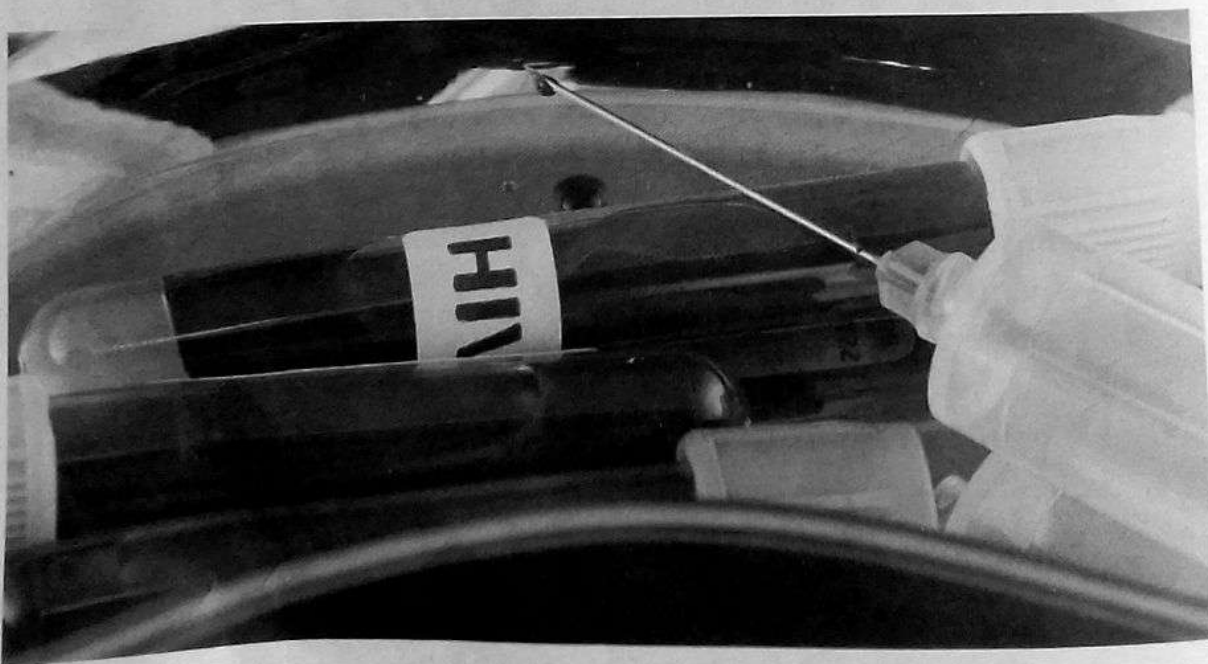
40 Entende Loforte que, para que este ideal seja vivido e as transformações tenham lugar, muitos processos sociais e económicos precisam de ser identificados e equacionados, requerendo, a longo prazo, um consenso cultural. Torna-se igualmente imperiosa a observância de princípios democráticos, que se materializam na legislação adoptada, nos compromissos políticos assumidos, na concepção e implementação de programas e no funcionamento dos serviços que integrem as questões de equidade, o respeito pelos direitos humanos, a aceitação da diferença e participação dos cidadãos.

45 Todavia, o conhecimento destes valores e práticas requer um maior investimento e promoção de pesquisas em ciências sociais, em distintas regiões dos países, para avaliar programas e serviços, influenciar o diálogo sobre políticas e documentar realidades ignoradas, particularmente as que se referem a representações, práticas e discursos em torno da sexualidade e reprodução.

50 «Na verdade, não há como estabelecer, à partida, como esta ou aquela sociedade vivencia, pensa e simboliza o processo de saúde/doença, visto que se vinculam a estruturas de significados histórica e culturalmente constituídos», refere a especialista.

Daniel Paulo, in *Savana*, 15 de Janeiro de 2009

(adaptado)



Vocabulário

relutância – resistência

corolário – consequência

coerção – acto de levar alguém a fazer algo à força

equidade – igualdade, justiça

Compreensão/Interpretação

1. De acordo com o texto, os seropositivos perdem confiança nas pessoas e escondem a sua situação.
 - 1.1 Por que motivo é que isso acontece?
2. Selecciona a opção que caracteriza a abordagem que é feita por Ana Loforte na sua obra.
 - a) Ilógica, contraditória.
 - b) Óbvia, lógica.
 - 2.1 Justifica a opção que fizeste em 2., baseando-te num extracto do texto.
3. O texto sugere que os programas de luta contra o HIV/sida devem criar um clima de confiança por parte dos doentes relativamente aos prestadores de cuidados de saúde.
 - 3.1 Em que medida esta atitude será importante?

Produção escrita

1. Muitos doentes sentem-se estigmatizados pelo tipo de doença que sofrem. É este o caso das doenças sexualmente transmissíveis.
 - 1.1 Elabora uma redacção em que te refiras aos preconceitos relacionados com a sida.

Produção oral

1. Com base no texto que escreveste, apresenta as tuas ideias aos teus colegas.
2. Realizem, na aula, um debate sobre os preconceitos relacionados com a sida.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «discriminação» no texto acima.
2. Com essas palavras, elabora um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos multiusos: os textos expositivo-explicativo e expositivo-argumentativo



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:
 - Produzir textos expositivo-explicativos sobre vários temas da actualidade, incluindo os desastres naturais, especialmente os ciclones;
 - Produzir textos expositivo-argumentativos, usando uma linguagem adequada e obedecendo à respectiva estrutura.
2. Sobre o funcionamento da língua:
 - Aplicar as regras da concordância verbal em frases com: orações subordinadas sem sujeito expresso; sujeito posposto ao verbo; sujeito composto; pronomes relativos com a função de sujeito;
 - Produzir frases com sintagmas verbais em que ocorram os seguintes verbos impessoais: *haver*, *tratar-se (de)* e *bastar (que)*.
3. Sobre o tema transversal (desastres naturais: o ciclone):
 - Reflectir sobre a ocorrência de ciclones.

Textos multiusos: os textos expositivo- -explicativo e expositivo-argumentativo

Nesta unidade, irás lembrar os textos expositivo-explicativo e expositivo-argumentativo.

Em alguns casos, estes textos são semelhantes, pois ambos fazem uma exposição, isto é, a apresentação de uma informação, embora a função da linguagem dos textos argumentativos seja considerada «falsamente informativa», hipotética, pois o sujeito enunciador tem por objectivo a persuasão. O texto expositivo-explicativo, por seu lado, é mais objectivo. O seu conteúdo é apresentado como uma verdade indiscutível.

Leitura

Lê atentamente os textos que se seguem.

Texto A

As aves

«**Ave**» é a designação atribuída a qualquer animal vertebrado, com pulmões, sangue quente e o corpo coberto de penas. O termo «pássaro» aplica-se às aves mais pequenas e que conseguem voar.

Há uma grande uniformidade na estrutura das aves. Além das penas, todas as aves têm os membros anteriores adaptados ao voo (contudo, também podem não ser utilizados para voar). Os membros inferiores estão adaptados à marcha, natação ou para se empoleirar. Todas têm bico **córneo** e todas põem ovos. Provavelmente toda esta grande uniformidade estrutural e funcional está relacionada com o voo. Este facto reduz significativamente a diversidade, muito mais evidente noutras classes de vertebrados. Por exemplo, as aves não têm a diversidade dos mamíferos, cuja classe inclui formas tão diferentes como as baleias, o porco-espinho, o ornitorrinco, o morcego, etc. Nas aves toda a anatomia se desenvolve para o voo, o que determinou uma mudança evolutiva muito significativa. As asas podem ser órgãos de sustentação e de **propulsão**. Os ossos são mais leves e servem como armazéns de ar. O sistema respiratório é altamente eficiente. As aves também possuem um sistema digestivo que transforma rapidamente e de modo eficiente uma dieta rica em energia. O seu sistema nervoso controla os órgãos dos sentidos, especialmente uma significativa capacidade de visão que ajuda a resolver os complexos problemas de voo e de alta velocidade.

ave. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-08-29].

Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt//Save,2>>. (adaptado)

2. Classifica os textos quanto ao tipo e justifica a tua resposta.
3. Após a leitura atenta do texto A, «As aves», responde às questões seguintes.
 - 3.1 Indica a opção que corresponde ao tipo de aves de que fala o texto.
 - a) Todas as aves.
 - b) Apenas as aves de rapina.
 - c) As aves de rapina diurnas.
 - d) As aves de rapina nocturnas.
 - 3.2 Aponta características comuns entre as aves de rapina.
 - 3.3 Apresenta uma característica comum entre o mocho e a coruja.
 - 3.4 Como se explica que a coruja tenha ouvidos muito apurados?
 - 3.4.1 Em que é que esta característica ajuda a coruja?
 - 3.5 Prova, com extractos textuais, a presença das funções de linguagem informativa e metalinguística no texto.
 - 3.6 Extraí do texto os três tipos de enunciados característicos dos textos expositivo-explicativos.
 - 3.7 Identifica, nas frases abaixo, duas características linguísticas típicas deste tipo de texto.
 - a) «Este facto reduz significativamente a diversidade, muito mais evidente noutras classes de vertebrados. Por exemplo, as aves não têm a diversidade dos mamíferos [...]»
 - b) «As aves de rapina nocturnas realizam as suas actividades durante a noite e caracterizam-se por ter o sentido da audição bastante apurado, permitindo-lhes, dessa forma, capturar presas na escuridão.»
 - 3.8 Extraí do texto três termos específicos do tema tratado.
4. Responde agora às perguntas que se seguem, relativas ao texto B, «O comportamento humano dos animais selvagens».
 - 4.1 Identifica a tese geral do texto e dois argumentos que a sustentam.
 - 4.2 Demonstra claramente a relação entre o título e o corpo do texto.
 - 4.3 Divide o texto nas partes que o constituem.
5. Completa a tabela seguinte, sistematizando as principais características do texto expositivo-explicativo e do texto expositivo-argumentativo.

	Expositivo-explicativo	Expositivo-argumentativo
Objectivo/intenção		
Tipo de linguagem		
Função de linguagem		
Tipo de discursos ou enunciados		

Funcionamento da língua

- I. Qual das frases seguintes está gramaticalmente correcta?
 - a) Eu e os amigos gosto de animais.
 - b) Eu e os meus amigos fui ao zoo.

As **aves de rapina** são aves caçadoras que fazem uso das suas poderosas garras e do seu forte bico para apanhar as presas, que se tornam no seu
25 alimento. As aves de rapina caracterizam-se por terem os sentidos da visão e da audição bastante desenvolvidos.

Dividem-se em dois grandes grupos: as aves de rapina diurnas e as aves de rapina nocturnas.

Tal como o próprio nome indica, as aves de rapina diurnas realizam a
30 maioria das suas actividades durante as horas de sol. É normalmente o macho que caça, levando o alimento até ao ninho onde a fêmea protege as crias. A águia, o abutre, o milhafre e o falcão são exemplos destas aves. As aves de rapina nocturnas realizam as suas actividades durante a noite e caracterizam-se por terem o sentido da audição bastante apurado, permitindo-lhes, dessa
35 forma, capturar presas na escuridão. Trata-se de um grupo bastante homogéneo: a cabeça é grande e a cara é redonda. O mocho e a coruja são exemplos de aves de rapina nocturnas.

Águia

A águia-real (*Aquila chrysaetos*) trata-se de uma ave poderosa que surpreende pela agilidade do voo. As asas são grandes e a sua cauda proporcionalmente comprida, com a cabeça projectada, exibindo a tonalidade pálida da nuca. É considerada um símbolo de coragem e poder.



Milhafre

Ave de rapina de tamanho médio, caracteriza-se pela sua plumagem castanha e pela cauda **bifurcada**. É caçador, pescador e um **exímio** planador. Existem várias espécies, algumas migratórias, geograficamente espalhadas pelos vários continentes.



Abutre

Ave de grande porte, que pode chegar aos 3 metros, distingue-se pela plumagem escura, quase negra. A sua cabeça é desprovida de penas e o bico tem a forma de gancho.



Mocho

Ave nocturna da família dos Strigiformes, à qual pertencem várias corujas. Relativamente pequeno, tem cara redonda e olhos grandes. As suas vocalizações são facilmente audíveis, podendo ouvir-se vários mochos a responder uns aos outros nas zonas onde a espécie é mais comum.



Coruja

Esta coruja de média dimensão é facilmente identificada pela brancura da sua plumagem. Chama a atenção pela sua face, em forma de coração. A sua audição é muito apurada, o que lhe permite capturar presas em noites escuras.



Elias, G. (Coord) 2008-2013. Aves de Portugal – O Portal dos Observadores de Aves [Em linha].
[Consult. 2013-08-29].Disponível em <http://www.avesdeportugal.info>

Vocabulário

córneo – rijo como um corno

propulsão – acto ou efeito de impelir para a frente

homogéneo – uniforme

bifurcada – que se divide em dois

exímio – excelente

Texto B

O comportamento humano dos animais selvagens

Nós, seres humanos, e os animais com os quais compartilhamos a vida sobre a Terra, temos muitas coisas em comum. Podemos compreender muito acerca das nossas origens e instintos e até sobre as nossas instituições sociais, observando os nossos irmãos, os animais.

- 5 Sabe-se agora que nos animais estão também presentes algumas das características que sempre foram julgadas especificamente humanas, como a tendência para formar sociedades, o desejo de propriedade e posição social, o amor ao lar e a saudade.

Estas descobertas subvertem muitas noções firmemente estabelecidas e
10 chegam a constituir o que Robert Andrey chama, no seu livro *African Genesis*,
«uma revolução nas ciências naturais».

Um primeiro passo para esta mudança de ponto de vista foi o livro do
ornitologista Eliot Howard. Até ao tempo dele, era aceite a suposição de
Charles Darwin de que, entre as aves, os machos lutam pelas fêmeas.

15 De acordo com Howard, o verdadeiro objecto das contendas das aves é a
posse de terras. Os machos das espécies migratórias voam para o norte na
dianteira das fêmeas, e cada um demarca uma área de terreno que lhe
pertencerá. Marcam os limites por meio do canto e defendem as divisas com
ardor combativo. As fêmeas chegam, e os machos cujos direitos de posse
20 estiverem bem assegurados não terão muita dificuldade em conquistar uma
companheira exigente. A luta por ela é coisa de somenos importância.

As aves balizam os limites da sua
propriedade cantando, mas a maioria
dos mamíferos, que vive num mundo
25 que é mais de odores do que de sons,
fá-lo «demarcando», o que significa
depositar um cheiro característico
nas fronteiras do seu domínio.
Os leões e os tigres realizam essa
30 função com urina. Outros animais
possuem uma glândula especial
destinada unicamente a esse fim.

Em alguns veados e antílopes, uma
glândula situada acima do olho
35 segrega uma substância oleosa de
forte odor, a qual, friccionada em
vergõntes, ramos e galhos, impregna
toda a morada como um aviso de
propriedade.

40 Os animais selvagens cativos
demarcam a jaula ou área onde se
acham confinados. Depois disso, consideram-na a sua morada e, às vezes,
são capazes de se preocupar mais em manter o Homem fora dela do que com
a própria liberdade.

45 As pessoas que possuem forte sentido de propriedade são, em geral, um
tanto ciosas no que diz respeito à posição social, e isso aplica-se à maioria
dos mamíferos e até mesmo a certas espécies de peixe. Assim como as galinhas,
no galinheiro, estabelecem uma hierarquia, uns peixinhos vermelhos



50 chamados cientificamente *xiphophorus hellerii* fazem o mesmo. Dentro de
um tanque, cada um descobre quais de entre os outros pode dominar e a
quem deve submeter-se. Uma posição social elevada assegura-lhe muitas
prerrogativas, como o acesso aos alimentos, às fêmeas e a um canto sossegado
do tanque. Uma experiência descrita por Robert Ardrey demonstra como é
profundo esse instinto: «Imaginamos uma alcateia de lobos como umas das
55 coisas mais bravias e indisciplinadas do mundo, mas os lobos têm um
cerimonial social e um sistema de castas que fazem com que os nossos
pareçam coisas de amadores.»

in *Jornal Domingo*, 19 de Fevereiro de 1989

(adaptado)



Vocabulário

ornitologista – especialista em ornitologia (parte da zoologia que estuda as aves)

somenos – de menor valor

segregar – produzir (secreção)

vergôntea – ramo de árvore

Compreensão/Interpretação

I. Identifica, de entre as opções seguintes, a intenção comunicativa dos textos A e B.

- a) Convencer.
- b) Informar.
- c) Divertir.
- d) Convocar.

I.1 Justifica a tua resposta à questão anterior com base em passagens dos dois textos.

- c) Foi dele quem te falei.
- d) Os mochos, as águias e o milhafre é aves.
- e) É a águia e o avestruz aves?
- f) Alguns animais parece-se com os homens.
- g) Cada um de nós tem algo a ver com os animais.
- 1.1 Escreve correctamente as frases incorrectas.
- 2. Selecciona a hipótese correcta para completares cada uma das seguintes frases.
 - a) A águia, o milhafre e a coruja _____ (tem/têm) penas a cobrir o corpo.
 - b) Basta que a águia _____ (aparece/apareça) para impressionar quem a vê.
 - c) Foste tu _____ (que/quem) viu primeiro o milhafre.
 - d) O milhafre _____ (parece-se/parecesse) com a coruja?
 - e) _____ (Fala-se/Falasse) muito da beleza das aves.
 - f) _____ (Trata-se/Tratam-se) de animais espectaculares.
 - g) A águia e a coruja _____ (come/comem) insectos.
 - h) As aves migratórias _____ (voam/voa) para o Sul.
 - i) Normalmente o leão _____ (demarcou/demarca) com odores os seus espaços.
 - j) (Existe/Existem) _____ aves que brigam pelas fêmeas.
 - k) (Há/Hão) _____ aves macho que não se _____ (preocupa/preocupam) com as fêmeas.
 - l) (Há/Hão) _____ muitos anos que não se _____ (vê/vêem) aves migratórias.

Produção escrita

- 1. Certamente, já viste aves migratórias. As longas distâncias que percorrem suscitam uma interessante questão: «Como conseguem elas encontrar os seus caminhos de uma forma tão precisa?»
 - 1.1 Faz uma investigação sobre esta questão em livros, na Internet ou junto de professores de Biologia, de forma a encontrares uma solução que te convença.
 - 1.2 Escreve um texto em que apresentes o teu ponto de vista.
- 2. Faz um resumo do texto A. Não te esqueças de obedecer aos processos de elaboração de um resumo, que aprendeste anteriormente.

Produção oral

- 1. Após observares as acções dos animais domésticos e de acordo com os conhecimentos que tens sobre eles, elabora um texto expositivo-argumentativo em que defendas, argumentando, as tuas conclusões sobre seguinte tema: «Comportamento humano dos animais».

Tema transversal: desastres naturais – o ciclone

As fortes chuvas que, quase sistematicamente, caem em Moçambique fazem vários feridos, vítimas mortais e deixam inúmeras famílias desalojadas. A ocorrência de ciclones é rara no País, mas, quando estes fenómenos atmosféricos se manifestam, a situação de pobreza das populações é agravada. Além de provocarem mortes, os ventos fortes que caracterizam os ciclones arrasam tudo, destruindo os locais por onde passam.

Leitura

Depois das fortes cheias, ciclone arrasa Moçambique

Moçambique está a braços com mais uma catástrofe natural da sua história. Depois das cheias que, nos últimos dias, provocaram 40 mortos e desalojaram mais de 120 mil pessoas, o país é fustigado por um violento ciclone, cujos ventos de 200 quilómetros por hora varreram o Sul, deixando um rasto de destruição. Os estragos são enormes, com o balanço ainda provisório, até porque o pior pode ainda estar para vir.

O ciclone *Favio* deverá dirigir-se hoje para o Norte, atingindo a Beira e Sofala, zonas que nos últimos dias foram atingidas pelas cheias e onde se espera que os ventos fortes venham a agudizar a situação de enorme fragilidade em que já se encontram vários milhares de desalojados, a viver em abrigos. As autoridades estão ainda a avaliar a possibilidade de se estar a formar um novo ciclone no mar, embora seja prematuro prever a sua violência e trajetória.

Para já, e de acordo com a primeira avaliação do impacto do *Favio*, não há vítimas mortais a registar. A precaução levou o grupo turístico Pestana a retirar oito turistas portugueses do *resort* no arquipélago de Bazaruto. «Os turistas estão em segurança. Foram retirados na quarta-feira de avião. Ainda não sabemos como está a situação na ilha, pois o local está incontactável», disse uma fonte do Pestana, em Maputo.

Vilankulos, em Inhambane, era uma das cidades mais afectadas ontem ao final do dia, adiantou Denis Guiamba, do centro operacional de emergência, situado no aeroporto de Maputo. Neste centro urbano localizado a 600 quilómetros da capital, os ventos que sopraram ao início da manhã destruíram 90% das infra-estruturas, entre as quais postos de saúde, uma prisão, o mercado e o centro turístico. As estradas estão, na maioria, cortadas.

O Governo moçambicano já tem alguns elementos a prestar apoio às populações, mas as dificuldades têm sido enormes, uma vez que as vias de comunicação e de acesso estão interditas. [...]

Em 2000, as cheias provocaram 700 mortos e 500 mil desalojados.

Rita Carvalho, in *Diário de Notícias*, 23 de Fevereiro de 2007

(texto adaptado e com supressão)

Compreensão/Interpretação

1. «Moçambique está a braços com mais uma catástrofe natural da sua história.» (l. 1)
 - 1.1 O que pretende a jornalista dizer com esta frase?
2. O texto anuncia um desastre natural que se prevê que possa vir a ocorrer.
 - 2.1 Transcreve a frase que anuncia esse provável desastre.
 - 2.2 A que desastre se refere?
3. «O ciclone *Favio* deverá dirigir-se hoje para o Norte, atingindo a Beira e Sofala, [...]» (l. 7)
 - 3.1 Assinala a opção que corresponde ao que a jornalista pretende dizer com esta frase.
 - a) O ciclone passará por Beira e Sofala.
 - b) O ciclone dirige-se à Beira e Sofala.
 - 3.2 Justifica a tua resposta tomando como base a localização geográfica daquelas províncias.
 - 3.3 Por que razão a jornalista prevê uma enorme desgraça na Beira e Sofala?
4. Vilankulos foi um local fustigado pelo ciclone.
 - 4.1 Que principal factor dificultou o apoio àquele distrito?

Produção escrita

1. Elabora um texto argumentativo a partir de um dos seguintes títulos:
 - Moçambique, país vulnerável a desastres naturais
 - Desastres ecológicos: zonas rurais é que sofrem
 - Calamidades naturais: a importância dos fundos de apoio
 - Como retirar as populações das zonas vulneráveis às cheias?

Produção oral

1. As redacções que tu e os teus colegas elaboraram têm, certamente, um certo valor subjectivo, pessoal.
 - 1.1 Apresenta a tua opinião sobre as produções dos teus colegas.
 - 1.2 Junta-te ao grupo de colegas cujos textos têm a mesma temática. Elejam o melhor texto.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras do texto pertencentes ao campo lexical de «ciclone».
2. Com essas palavras, elabora um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Textos literários: narrativos, líricos e dramáticos



No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Identificar as diferentes aceções do termo «literatura»;
- Identificar as características da literatura e da oratura;
- Identificar os processos que caracterizam o texto literário;
- Recontar textos;
- Produzir textos narrativos, orais ou escritos, sobre valores culturais moçambicanos;
- Identificar, nos poemas, marcas da moçambicanidade, valores culturais e universais;
- Reconhecer recursos de embelezamento de textos;
- Produzir textos dramáticos;
- Dramatizar textos previamente encenados.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Identificar a perífrase, a antítese, a graduação, o hipérbato e o assíndeto;
- Identificar e classificar orações;
- Classificar sintacticamente elementos de frases.

3. Sobre o tema transversal (manifestação da identidade cultural através da literatura):

- Produzir textos narrativos descrevendo aspectos culturais de Moçambique e de outros povos africanos e do mundo.

Textos literários: narrativos, líricos e dramáticos

Os textos literários são obras artísticas que, através dos seus recursos, procuram provocar emoções no leitor ou ouvinte. Enquadram-se num dos três modos literários: narrativo (conto, fábula, mito, lenda, novela, romance...), lírico (soneto, ode, elegia, balada, madrigal, sátira...) ou dramático (comédia, tragédia, tragicomédia, auto, drama, farsa...).

Nesta unidade didáctica voltaremos a falar sobre textos literários e estudaremos textos narrativos, líricos e dramáticos. Vamos conhecer igualmente os vários sentidos que a palavra «literatura» adquiriu durante os séculos XIX e XX.

Informação

I. Evolução histórica e semântica do termo «literatura»

Após o Romantismo, movimento artístico dos séculos XVIII e XIX, a evolução semântica do vocábulo «literatura» prosseguiu. Algumas das mais relevantes acepções adquiridas pelo termo ao longo dos séculos XIX e XX são as seguintes:

- conjunto da produção literária de uma época – literatura do século XVIII e literatura vitoriana – ou de uma região – literatura do Norte e literatura do Sul, etc.;
- conjunto de obras que se particularizam e ganham feição especial quer pela sua origem, quer pela sua temática ou pela sua intenção: literatura feminina, literatura de terror, literatura revolucionária, literatura de evasão, etc.;
- bibliografia existente acerca de um determinado assunto – ex.: «Sobre o barroco existe uma literatura abundante...». Este sentido é próprio da língua alemã, tendo transitado para outras línguas;
- retórica – expressão artificial (século XIX);
- história da literatura – por elipse, a palavra «literatura» pode designar história da literatura;
- manual de história da literatura – por metonímia, a palavra «literatura» pode significar manual de história da literatura;
- conhecimento organizado do fenómeno literário – trata-se de um sentido caracteristicamente universitário da palavra e manifesta-se em expressões como literatura comparada, literatura geral, etc.

Como é óbvio, dos múltiplos sentidos mencionados, apenas nos interessa o de literatura como actividade estética, como documenta Diderot (século XVIII): específico fenómeno estético e, conseqüentemente, as obras daí resultantes.

Aplicação

1. Explica por palavras tuas os conceitos de literatura das alíneas a), b) e c).
2. Refere o conceito de literatura presente nas frases seguintes:
 - a) O Valdemiro gosta muito de literatura de combate.
 - b) A literatura realista surgiu como reacção à literatura romântica.
3. O texto apresenta diferentes acepções do termo «literatura»; contudo, o autor destaca uma dessas acepções. Indica-a.
4. Faz um esquema das ideias principais do texto.

2. Oratura vs. literatura

Origem do termo «oratura»

O termo «oratura» foi proposto pelo linguista ugandês Pio Zirimu na década de 60 do século XX. A palavra «oratura», ou «oralitura», surge como alternativa à expressão «literatura oral» por ser mais adequada para o fim a que se propõe: designar um conjunto de formas verbais orais, artísticas ou não. Ao contrário, «literatura oral» tem na sua composição uma palavra central relacionada com a escrita associada a outra que, secundariamente, aponta para a oralidade.

Fabiano Moraes, «Oratura: pela valorização da oralidade»
in <http://www.culturainfancia.com.br> (adaptado)

Enaltecer a oratura

A oratura vem perdendo espaço nas sociedades modernas, em que os meios tecnológicos de comunicação são totalmente dominantes.

Hoje a nossa sociedade está preocupada em recuperar as «estórias à volta da fogueira» – actividades de diversão, mas carregadas de valores sociais –, através de programas radiofónicos e televisivos em que se narram estórias tradicionais, se apresentam cantos e dramatizações educativas.

As «estórias à volta da fogueira» não se resumem apenas a narrações de contos, fábulas, lendas e mitos. São também apresentações de anedotas, adivinhas, enigmas, aconselhamentos, tabus, regras, cantos e danças, poesias, e até pequenas dramatizações e imitações, pois os valores sociais também eram transmitidos através de risos e medos.

Filipe Macie

Aplicação

1. Apoiando-te no primeiro texto, explica por que razão a palavra «oratura» é mais adequada do que a expressão «literatura oral» para designar géneros da oralidade como contos, lendas, mitos, adivinhas, provérbios, lengalengas, etc.
2. Identifica, no segundo texto, as formas possíveis de recuperar a oratura.

Textos narrativos

Conto tradicional, mito, lenda e fábula

Leitura

Lê atentamente os textos que se seguem.

Texto A

O homem mau

Certo senhor de más intenções, num belo dia de domingo, não tinha com que se divertir. Pediu ao vizinho um passeio com o filho deste. O vizinho cedeu o filho mais velho.

O homem mau levou o rapaz num passeio à cidade de magias. Chegadas
5 lá, andaram durante muito tempo apreciando as maravilhas da cidade. Cansados de tanto caminhar, encontraram um jambaloeiro. O homem disse:

– Temos aqui alimento, rapaz. Eu vou gritar «maduros, maduros, maduros» e tu dizes bem alto: «Verdes, verdes, verdes!» Está bem?

10 O rapaz concordou e gritou depois do senhor. De forma mágica, caíram tantos jambalões maduros para o senhor e outros tantos verdes para o rapaz. O homem disse:

– Assim pediste tu. Come o que te saiu. – E pôs-se a comer os jambalões maduros. O rapaz não comeu nada.

15 Depois de um longo descanso, os dois continuaram o passeio. Chegaram a um pantanal. Havia por ali muitas canas. O homem disse ao menino:

– Olha, temos aqui outra refeição. Eu grito: «Cana-doce, cana-doce, cana-doce!» E tu: «Bambu, bambu, bambu!». Assim fizeram. Tantas canas-de-açúcar foram parar aos pés do homem e tanto bambu junto ao rapaz.

20 – Tu pediste assim. Paciência, come o que te saiu – disse o homem. Mais uma vez, o rapaz não pôde alimentar-se.

Depois da refeição, voltaram a caminhar. Já o sol se punha quando encontraram pelo caminho uma pastelaria. O homem comprou dois pães e disse:

25 – Sei que estás com fome, rapaz. Tens aqui pão para ti, mas não o comas agora, pois eu vou lutar com o matope do outro lado dos arbustos para podermos atravessar esta zona lamacenta. Se a luta estiver difícil, eu gritarei e tu tens de me atirar um pão para que eu ganhe força. Mas acho que um pão será suficiente.

30 Lá foi o homem ao desafio. O rapaz apenas ouvia rangeres, gemidos e estalos dissimulados pelo homem. Não o conseguia ver por causa dos arbustos.

Passado algum tempo, o homem gritou:

– Estou mal, estou mal, estou cansado...

O rapaz, para o recuperar, atirou um pão, como tinham combinado. O homem pegou-lhe com os dentes e comeu-o, pois as mãos estavam cheias
35 de lama.

– Ah, estou a recuperar, estou melhor. Toma, toma, toma... – dizia o homem.

Mas, passados uns minutos de ruídos, voltou o homem a reclamar estar a passar dificuldades. O rapaz atirou-lhe o segundo pão. O homem comeu-o
40 e disse:

– Consegui vencer o matope. Estamos livres de atravessar. Foi pena ficares sem comer.

Assim, terminou o passeio. O homem levou o rapaz de volta à casa dos pais. O pai do rapaz reparou no desgaste do filho, mas o homem mau explicou:

45 – É o resultado da diversão. Está cansado, coitado!

O rapaz, calmo e tímido que era, não teve coragem de contar o sucedido aos pais, temendo prejudicar a sua relação com o vizinho, mas contou o passeio ao seu irmãozinho.

Noutro dia de domingo, o homem mau foi pedir mais um passeio. Mas,
50 agora, com o filho mais novo do vizinho. O vizinho aceitou, mas quis dar um lanche ao menino.

– Não, não é necessário, pai, eu terei muito que comer na Cidade Mágica – recusou o menino.

– É verdade, mas vamos antes que fique tarde – interveio o homem mau,
55 sem muita paciência.

Os dois partiram, o menino e o homem mau. Chegaram ao jambaloeiro. O homem deu as instruções e gritou: «Maduros, maduros, maduros!»; mas o menino, espertalhão, para não ser tão desobediente, gritou: «Verdes-maduros,
60 verdes-maduros, verdes-maduros!» Num só tempo, caíram da árvore muitos frutos maduros para o senhor e muitos maduros e verdes para o menino. O senhor não gostou daquela cena e disse:

– Porque fizeste isso? Tiraste-me o apetite. Come-os todos, mas não voltes a fazer isso.

O menino comeu os seus frutos maduros e os do senhor.

65 Puseram-se a andar até chegarem ao pântano. O homem deu as instruções e pôs-se a gritar: «Cana-doce, cana-doce, cana-doce!» E o menino, que devia chamar apenas pelo bambu, gritou: «Cana-doce-bambu, cana-doce-bambu, cana-doce-bambu!» A magia levou muita cana-doce ao homem e outras tantas para o menino, juntamente com o bambu.

70 – Porque fizeste isso? Come tudo, menino mal-educado – disse o homem, já muito nervoso.

O menino foi chupando as canas-de-açúcar enquanto caminhavam. Chegaram à pastelaria, compraram os pães e o homem foi ao embate contra o matope. Enquanto fingia estar a lutar, o menino comia os pães. Quando o homem gritou por socorro, o menino lançou uma pedra que foi bater nos dentes do homem que esperavam pelo pão. O homem berrou fortemente, mas teve de continuar a dissimular a luta. Pediu outra vez ajuda e o menino lançou outra pedra maior que a primeira, acertando-lhe outra vez nos dentes. O homem saiu da lama ensanguentado e furioso. O que lhe apetecia fazer era bater no

80 menino, mas a dor impedia-o, pois o homem ficou sem os dentes. O homem mau levou o menino ao seu pai. O vizinho, pai do menino, admirou o estado **tenebroso** do homem mau, mas o menino desatou a dar explicações:

– Foi o matope que bateu no amigo do papá.

85 O homem mau não disse nada. Virou as costas e foi-se embora muito aborrecido.

Conto popular moçambicano

Vocabulário

jambaloeiro – árvore do jambalão (nome de um fruto)

matope – terreno negro e impróprio para agricultura, lama

lamacento – em que há muita lama

dissimular – fingir

tenebroso – terrível; que causa sofrimento e dor

Por isso, Zambeze é grande

No tempo do Matambo *Mukulo*, rei dos *nhungues*, nasceu Catija do ventre de Cantaia.

Moiaruvale, marido de Cantaia, andava longe havia muitas luas. Dissimulada como as quizumbas, Cantaia recolheu às grutas. Ali nasceu Catija.

O musgo é a patina dos calhaus e foi para as pedras, para as arestas minerais dos penedos emblemados, assim que Catija abriu os olhos pela primeira vez.

À hora dos galos, Cantaia descia à *machamba* para colimar, visitava a família na aldeia, insinuava-se hesitante por entre os troncos e regressava à gruta. Diz-se que dois leões, noite e dia, guardavam Catija.

Assim cresceu Catija. Uma beleza frágil tornava-a irmã das soalas, atenta como elas ao fermentar nocturno das árvores ruminando velhas *promiscuidades* na sede perpetuada das raízes. Os seios empinavam-se como dois morros de salalé, nos olhos sempre-negros e fundos, a tranquila e líquida nobreza que os lagos vão buscar aos céus que reflectem.

Um dia, porém, alguém no povoado viu Catija. Adolescente, a moça esgueirou-se por entre os arbustos, dissimulou-se no negro das matas, bebendo as sombras. Ficou a dúvida.

Noite adiante, *nhacuaua* reuniu os conselhos dos *cocuanas*. A discussão durou todo o giro do sol do dia seguinte. Foi ao dealbar da segunda noite que deliberaram submeter Cantaia à prova do *muave*. Preparou-se a beberragem e Cantaia, ativa e grande como as sentinelas de Pompeia, esperou sem um estremeamento a hora do *ordálio*. Beberia tranquila o veneno, certa de que a filha se defenderia agora da fúria homicida do povo de Matambo. Há sempre um grego no coração de um negro. O *nhacuacua* explicou: o veneno recuaria ante a inocência possível da Cantaia, haveria de prostrá-la se não fosse de Moiaruvala aquela filha esquiva que a floresta escondia, surripiando-a à vista experiente dos mais velhos.

Cantaia bebeu de um fôlego. Antes de a mistela impura lhe revolver o coração, reclinou a cabeça e pôs-se a morrer.

Entretanto, longe, longe, Catija assistia ao suplício da mãe. Foi com a floresta inteira dentro de uma lágrima que regressou à paz da gruta.



Reinava ainda Matambo *Mukulo* quando, certa noite, Catija mergulhou num lago e concebeu de Tári. Gerou vagueando longe dos homens e deu à luz na gruta de Cantaia. Assim nasceu *Milako*.

40 Catija saía à caça pelas madrugadas e regressava com as estrelas. *Chindongos* de ramúsculos verde-acinzentados, *glabros*, perfilavam-se ao redor da gruta, defendendo-a como um muro. Assim, até à grande seca. Por ela se alongaram os passeios de Catija em busca de alimento. Por ela debandaram os bichos. Emigraram os pássaros para o país das águas.

45 Não se sabe, acrescenta Tipemba, se foi Tári que chamou Catija, se um jacaré a surpreendeu naquela tarde, armadilhando à margem do rio que a grande seca transformou num fio de água.

Por isso Zambeze é grande. Devasta em Dezembro as aringas, corrói as penedias. Abate os animais que depois revoloteiam na torrente e cresce até 50 que as águas espreitem para dentro da gruta. É o espírito da filha de Cantaia que vem saber uma vez ao ano como se encontra *Milako*.

CARNEIRO, António Gonçalves. *Contos e lendas* – vol. 5 de autores moçambicanos, 2.ª edição, Edições 70/INLD, 1980

Vocabulário

dissimulado – fingido, disfarçado

patina – oxidação; camada esverdeada que se forma sobre certos corpos pela acção do tempo

machamba – propriedade agrícola

colimar – examinar

promiscuidade – confusão; mistura

salalé – formiga branca

ordálio – prova em que o acusado se submete a torturas físicas que provam a sua inocência, caso não lhe causem dano

glabro – sem pêlos

aringa – campo fortificado

Texto C

A mulher da papa quente

Conta-se que, há muito tempo, no lugar onde hoje é a grande cidade urbanizada de Maputo, habitavam pequenas comunidades aldeãs. Naquelas comunidades, a mulher, resignada, submissa ao homem, era dada como escrava do lar.

5 Mas eis que, numa das aldeias, surge uma situação inesperada e preocupante para os seus habitantes. Uma grande cobra mamba instalou-se numa grande árvore à beira de uma picada que era uma via importante para os aldeões.

O caminho era muito estreito, ladeado por fortes arbustos que não permitiam facilmente outra passagem. A cobra atacava as pessoas que passavam por ali,

10 picando-as violentamente por cima da cabeça. E arrastava os corpos para dentro dos arbustos, onde os devorava.

Os aldeões procuraram várias formas de matá-la, mas todas as tentativas foram em vão. Fizeram inúmeras rezas, abateram vários animais ferozes, fizeram queimadas de grandes áreas da mata. Mas a cobra continuava a atacar os aldeões que passavam por aquele caminho, um por um. Muitos vestígios e partes de corpos humanos eram encontrados perto da grande árvore, mas do animal assassino não havia nem sinal. Ela, a mamba, aproveitando a sua cor verde, camuflava-se facilmente entre a ramagem das árvores.

20 Depois de várias tentativas tornadas em fracasso, o povo reuniu-se para discutir sobre a situação. Não havendo qualquer saída, uma mulher, de ar sério e determinado, entregou-se para matar o animal.

– Sei como encontrar a cobra. Vou matá-la – disse a mulher, muito segura. No dia seguinte, a mulher cozinhou uma papa. Pô-la a ferver em alta temperatura. Em seguida, destapou-a, carregou-a em cima da cabeça e pôs-se a caminho da grande árvore. A papa ainda continuava muito quente. A cobra, vendo mais uma presa, preparou-se para a caçada. A mulher, ao chegar perto da árvore, andou lentamente. A cobra, vendo a mulher já por baixo da árvore, fez-se a ela num movimento ágil para a picar na cabeça, acabando por se introduzir na panela de papa e queimando-se completamente. A cobra morreu.

30 A inteligência e coragem da mulher foram admiradas por todos. Foi tida como heroína. Salvou os habitantes da sua aldeia, e a imagem servil da mulher.

Popular

Esta mulher, de cuja identidade se sabe pouco, foi homenageada com a elevação de uma estátua sua na Praça dos Trabalhadores, em Maputo (fotografia acima)

Texto D

Sanguilè, a menina vegetal

Na aldeia de Kumilamba, vivia uma menina chamada Sanguilè, que era muito malcriada. Insultava os amigos, ralhava com eles e nunca aceitava perder uma discussão.

5 Um dia, Sanguilè e os amigos passeavam numa mata e viram-se no meio de uma vasta machamba de amendoim, que parecia estar pronto para a colheita. Um dos meninos pediu que fossem embora.

– Não! – replicou Sanguilè. – Vamos aproveitar e tirar o amendoim.

Os meninos obedeceram, pois ela era severa para quem não cumprisse as suas ordens. Sanguilè tinha pouca paciência na colheita: puxava as plantas com violência, atirando-as para o chão, e pisava-as, proferindo insultos. Os seus amigos iam enchendo bolsos e latas com amendoim, pois tinham muita

paciência para arrancar as plantas do solo e, assim, o amendoim não se desprendia das raízes. Isso irritava Sanguilè. E quanto mais se enfurecia, menos amendoim conseguia colher.

15 Deparou-se então com uma enorme planta e puxou-a, entre insultos. Estava convencida que uma grande quantidade de amendoim estaria presa às raízes, portanto, não queria ajuda de ninguém. Mas a planta não largava o solo.

Já se fazia tarde e os meninos queriam ir embora, mas Sanguilè não largava a planta nem parava de a insultar. Como estava a escurecer, ela teve de desistir.

20 Ao sair do lugar, tropeçou e a perna esquerda ficou presa pelo tornozelo aos ramos da planta. Espantada, voltou a agredir a planta, mas estava presa! Os amigos tentaram ajudá-la, mas não conseguiram e, com medo, fugiram.

Sanguilè ficou ali, sozinha, presa à planta. Quando já sonecava de tanto cansaço, a planta disse:

25 – Sanguilè, Sanguilè, porque és tão má?

– Eu não fiz nada – respondeu, assustada. – Só queria alimento para a minha família que é tão pobre.

– Mentas, Sanguilè. Trataste-me mal, insultaste-me, pisaste-me a mim e à minha família. Desperdiçaste muito amendoim que se perdeu na terra. Os meus ramos irão crescer e sufocar-te-ão dentro de alguns dias.

30 Sanguilè implorou que a libertasse, mas a planta não mais falou naquele dia.

No dia seguinte, os outros meninos levaram a mãe da Sanguilè à machamba. Chegados no local, ficaram pasmados porque os caules da planta tinham crescido, entrelaçando a perna esquerda da menina. A mãe, chorando, suplicou

35 à planta que tivesse piedade da filha, que também chorava, mas de arrependimento. A planta lamentou a tristeza da mãe e permitiu que ela, só ela, visitasse a filha. A mãe pediu à filha que cuidasse bem da planta, com muito carinho, para que não se vingasse dela.

Todos os dias, a mãe levava comida à sua filha. Quando chegava perto do lugar, cantava:

40 – Sanguilè, Sanguilèèè...

Ela reconhecia a voz da mãe e respondia, cantando:

– Sangui-lèèè.

45 A mãe via que os ramos da planta não paravam de crescer, enrolando a menina. Mas Sanguilè não se importava, até se despiu para sentir melhor o contacto com as folhas.

A senhora plantou árvores e arbustos em volta do lugar onde Sanguilè se encontrava, criando um ambiente fresco, protegendo-a do vento, das chuvas e dos animais ferozes. Algum tempo depois, a planta já cobria todo o corpo

50 da menina, deixando apenas a cabeça livre. Mas nunca a sufocava. Conversam, riam e cantavam como amigos!

Assim, Sanguilê passou a ter uma vida igual à de uma planta, fincada na terra, sem poder sair do lugar. Mas aprendeu a amar a planta, a dar valor às outras coisas e a ser feliz ali, com Xeringue, o nome que dera à planta.
Fábula popular da literatura oral moçambicana

Compreensão/Interpretação

1. Justifica as classificações de conto, mito, lenda e fábula atribuídas aos textos A, B, C e D, respectivamente.
2. Completa a tabela abaixo de acordo com os indicadores apresentados.

	Narrador		Personagens	Personagem (papel/relevo)	Tempo/ Espaço
	Presença	Ciência			
Texto A					
Texto B					
Texto C					
Texto D					

3. Encontra nos textos B e D as figuras de estilo dominantes.
4. Extrai dos textos palavras ou expressões que exprimam uma ideia de tempo.

Funcionamento da língua

1. Faz corresponder as figuras de estilo da coluna A às frases da coluna B:

A		B
animismo	• •	«— Assim pediste tu.»
personificação	• •	«[...] disparou como um raio para a toca.»
antítese	• •	«Lá contou à mãe as aventuras do passeio.»
enumeração	• •	«O bicho de pêlo e ar bondoso é que é o terrível gato.»
hipérbato	• •	«Fugi com quantas patas tinha [...]»
gradação	• •	«[...] águas espreitem para dentro da gruta.»
perífrase	• •	O rato ficou espantado, assustado, apavorado.
comparação	• •	«Admirou a luz do sol, o verdor das árvores, a correnteza dos ribeirões...»
hipérbole	•	Foi com a floresta inteira dentro de uma lágrima que regressou à paz da gruta

Produção escrita

1. Propõe uma esquematização das acções de um destes textos: A, C ou D.
2. Considerando o texto B, elabora a árvore genealógica da família de Catija.

Produção oral

1. Discute a moral apresentada nos textos A e D.

Extracto de um conto

Leitura

Lê atentamente o texto que se segue.

Dor de amor e de fome

– Agora que já arranjaste mesmo um bom emprego, Zeca, não ficas a dormir mais, não?

– Não, Final!

– Se tu queres eu vou-te acordar de manhã... bato na janela...

5 Zeca sorriu, feliz com a amizade.

– Não precisa, Fininha! Agora mesmo vou ter juízo, juro!

– Sukuama! Já é idade, Zeca. Se não vai ter mais juízo, não vou te gostar mais...

Os olhos grandes, claros, de Delfina, mostravam toda a mentira dessas
10 palavras, mas Zeca já não estava a ver. Tinha escondido a cabeça no colo, a vergonha não queria lhe largar o coração, a vontade de falar só a verdade na menina, como ela merecia, e a certeza nessa hora que falasse ia lhe perder mesmo quando ela ia saber ele só tinha um serviço de monangamba e, pior, João Rosa, suas delicadas falas a quererem-lhe roubar a pequena, tudo isso
15 pelejava na cabeça fraca dele, no coração fraco de Zeca Santos.

E essa dor foi tão grande, o roer da barriga a atacar, na boca um cuspo amargo e azedo, toda a barriga pedia-lhe para vomitar, deitar fora as bananas e o vinho que lhes azedara. Levantou os olhos grandes de um animal assustado, e as
20 mãos procuraram o corpo da namorada para agarrar sua última defesa, seu último esconderijo contra esse ataque, contra esse receio de vomitar logo ali. Pôs as mãos na menina. Delfina, com toda a força dela, pôs uma chapada na cara do namorado, e Zeca, magrinho e mal deitado, rebolou até o tronco da acácia. Delfina zuniu-lhe todas as palavras-podres que a cabeça inventava, que a sua boca sabia, insultou, cuspiu-lhe:

25 – Você pensa que eu sou da sua família, pensa? Que sou dessas paga cinquenta? Pensas? Seu sacana, seu vadio de merda! Vagabundo, vadio, não tens vergonha! Chulo da sua avó, seu pele-e-osso!...

Mas Zeca Santos nem percebia bem o que estava a passar. Delfina empurrou-o
30 outra vez contra o tronco da acácia, saindo depois a correr.

No silêncio da cubata, com a luz da tarde e com a mistura no escuro da
35 noite, vavó Xixi sente os passos do neto a chegar.

– Então, menino, conta só! Não tenho nada, fala!...

O neto percebeu nessas palavras o mesmo desses dias todos, a razão que
fazia vavó perguntar, adiantar, saber se tinha encontrado serviço, se já tinha

35 ganhado qualquer coisa para comer.

– Nada que arranjei ainda, vavó. Procurei, procurei, nada! Mano Maneco ainda m'ajudou... Meu azar, vavó!

– Comeste, menino?

– Ih!? Comi o quê então? Nada, vavó! Aiuê, minha barriga!...

40 Zeca Santos ouvia sem atenção, na cabeça não saía mas é Delfina [...]. Uma tristeza pesada agarrava-se, teimosa, dentro dele. E o olho, vermelho e inchado da chapada, estava a doer, a piscar, tudo na frente dele eram duas coisas. Vavó continuava:

– Pois é! Eu não lhe avisei, menino? Não lhe avisei para ir na missa, no domingo?

45 Padre Domingos perguntou pelo menino, eu é que desculpei a doença.

– Sukuama! Mas padre Domingos ia me dar de comer? Ia me dar o serviço, vavó?

A dor do olho a inchar zangou Zeca, começou a tirar a camisa amarela, depressa, quase lhe descosia, e vavó aproveitou logo:

50 – Isso, menino! Agora rasga, não é? Comeste o dinheiro aí na camisa de suíngue, agora rasga?!...

– Mas, vavó, ouve então! Não começa assim me disparatar só à toa. Verdade eu fiquei a dormir, não fui na missa, e depois?...

– E depois? E depois? O menino ainda pergunta, não lembra já, todos os dias está a chatear-me: «Vavó, comida então?», «Vavó, matete onde está?»,
55 «Vavó, vamos comer o quê?» não lembra? Anh!... e padre Domingos, ele mesmo podia te arranjar emprego.

– Ora! Serviço de varrer a igreja, não é? Não preciso.

– Cala-te a boca, menino! Coisas da igreja, não falas assim!

60 Zeca Santos aceitou, já sabia nessas horas não adiantava falar com vavó. Se continuava, ainda iam se zangar. Sentia o coração pesado desse dia de confusão e o olho magoado picava, doía, inchado, mas o que fazia mais sofrer era o medo de Delfina não lhe perdoar, mesmo que não tinha culpa, ia lhe trocar por João Rosa e isso punha-lhe triste.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda – estórias*, s/l, Edições 70, 2007

Compreensão/Interpretação

- 1 Extrai do texto passagens que justifiquem o título que lhe foi atribuído: «Dor de amor e de fome».
2. Identifica as personagens do texto.
 - 2.1 Classifica as personagens quanto ao papel que desempenham.
 - 2.2 Caracteriza física e psicologicamente a personagem Zeca.
 - 2.2.1 Justifica a tua resposta com passagens do texto.

3. «-Agora que já arranjaste mesmo um bom emprego, Zeca, não ficas a dormir mais, não?» (ll. 1-2)
- 3.1 O Zeca tinha realmente arranjado novo emprego? Justifica a tua resposta.
4. Por que razão o Zeca discutiu com a Vavó?

Funcionamento da língua

1. Identifica a figura de estilo presente nas frases seguintes e explica a sua expressividade.
 - a) «Os olhos grandes, claros, de Delfina, mostravam toda a mentira [...]» (l. 9)
 - b) «[...] toda a barriga pedia-lhe para vomitar, [...]» (l. 17)
 - c) «Levantou os olhos grandes de um animal assustado, [...]» (l. 18)
 - d) «[...] as mãos procuraram o corpo da namorada [...]» (ll. 18-19)
2. Atenta nas seguintes passagens do texto:
 - a) «-Você pensa que eu sou da sua família, pensa? Que sou dessas paga cinquenta?» (l. 25)
 - b) «- [...] Procurei, procurei, nada! Mano Maneco ainda m'ajudou...» (l. 37)
 - c) «- Comeste, menino?» (l. 39)
 - d) «Padre Domingos perguntou pelo menino, eu é que desculpei a doença.» (l. 46)
- 2.1 Reescreve as passagens anteriores utilizando o discurso indirecto, tendo em conta que o verbo introdutor deve estar no pretérito perfeito do indicativo (disse, afirmou, perguntou...).

Produção escrita

1. Transforma o texto que acabaste de ler num texto dramático.

Produção oral

1. Junta-te a dois colegas e procurem encenar o texto dramático resultante da adaptação que fizeram anteriormente.
2. A intriga do texto suscita comentários. Troca impressões com os teus colegas relativamente às atitudes da personagem Zeca.

Extracto de um romance

Leitura

Lê atentamente o texto que se segue.

Fui uma rainha feliz

Vou visitar a tia Maria, e ela contou-me histórias da poligamia. Casada pela primeira vez com dez anos, o casamento foi encomendado pelo pai antes do seu nascimento. O pai tinha uma dívida, não conseguia pagar impostos e disse ao cobrador de impostos:

– A minha mulher está grávida, se nascer uma menina, entregá-la-ei como pagamento.

E assim foi. Aos dez anos, tornou-se a vigésima quinta esposa de um rei. Teve um príncipe no ventre e foi amada loucamente.

– Como conseguiu viver num lar com vinte e cinco esposas, tia Maria?

A velha oferece-me um olhar de infinita ternura.

– Filha minha, a vida é uma eterna partilha. Partilhamos o ar, o sol, partilhamos a chuva e o vento. Partilhamos a enxada, a foice, a semente. Partilhamos a paz e o cachimbo. Partilhar um homem não é crime. Vezes há em que partilhar a mulher é necessário, quando o marido é estéril e precisa colher o sêmen de um irmão.

– Foi feliz, tia Maria?

– Era ainda espiga, os meus olhos ainda reflectiam o sol e a lua. Não conhecia ainda o significado da amargura. Éramos um grande rebanho de mulheres aguardando cobertura. Soltávamos crias que voavam sobre ervas como pirilampos, estrelas desprendidas iluminando a savana escura. Conheci o rei de facto quando tinha uns treze anos.

– Rainha dentro de um harém, tia Maria? – pergunto arrepiada, imaginando os haréns das mil e uma noites, com restrições e outras coisas.

– No nosso tempo não havia haréns – explica-me ela. – Eram famílias verdadeiras onde havia democracia social. Cada mulher tinha a sua casa, seus filhos e suas propriedades. Tínhamos o nosso órgão, assembleia das



35 esposas do rei – onde discutíamos a divisão do trabalho, decidíamos quem
iria cozinhar as papas matinais do soberano, quem ia preparar os banhos e
esfregar os pés, cortar as unhas, massajar a coluna, aparar a barba, pentear
o cabelo e outros cuidados. Participávamos na feitura da escala matrimonial
de sua majestade, que consistia numa noite para cada uma, mas tudo igual,
40 igualzinho. E ele cumpria à risca pois tinha de dar um exemplo de estado,
um bom modelo de família. Se por acaso pensasse em cometer a imprudência
de dar primazia a uma em especial, decidíamos que tinha de ser submetido
a reuniões de crítica dos conselheiros e anciãos. A mim, o rei tinha-me
quantas vezes queria e no meu caso ninguém tocava. O meu estatuto nem
45 era questionado. As mulheres todas se rendiam ao meu encanto. Fui uma
grande dama, sabes.

Noto muito orgulho e muita vaidade no tom da sua voz. Não consigo
perceber a razão daquela felicidade, num lar com mais de vinte esposas, sem
direitos, nem liberdade nenhuma.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche, Uma história de poligamia*,
Lisboa: Editorial Caminho, 2002 (adaptado)

Vocabulário

harém – parte da casa muçulmana destinada às mulheres; conjunto de mulheres legítimas, concubinas, parentes e serviçais de uma casa muçulmana

aparar – cortar sobras de alguma coisa; cortar o excesso

Compreensão/Interpretação

1. Relaciona o título do texto «Fui uma rainha feliz» com o seu conteúdo.
2. Classifica o narrador do texto quanto à presença e quanto à ciência.
 - 2.1 Justifica a tua resposta com passagens do texto.
3. Indica, de entre os seguintes processos narrativos, aquele que ocorre no texto «Fui uma rainha feliz»: analepse; prolepse; ordem natural dos acontecimentos.
 - 3.1 Justifica a tua resposta com base no texto.

Produção escrita

1. Elabora um texto sobre a poligamia em que defendas ou reprovés esta prática. Usa termos técnicos relacionados com o tema (ex.: poliandria, poligenia, casamento como herança ou contrato social, sociedade matrilinear/patrilinear, tribo, clã, grupo étnico e práticas sociais, entre outros).

Produção oral

1. Lê o teu texto à turma e defende oralmente as tuas ideias.

Textos líricos

Canção tradicional

Leitura

Lê atentamente o texto que se segue, um canto rongá.

Amanhã partirei, minha mãe

Amanhã partirei, minha mãe!

Amanhã partirei, meu pai!

Parto com um machado;

Com ele cortarei o tronco da árvore em que meu amigo se feriu

Meu belo amigo cujo cinto de peles flutua pesado

Aquele por quem retiro as pernas do caminho

(para que possa passar e sentar-se junto de mim).

in Henri Alexandre Junod, *Cantos e Contos dos Rongas*

Compreensão/Interpretação

1. O texto relaciona-se com qual dos seguintes temas?
 - a) Amor proibido;
 - b) Amor não correspondido;
 - c) Traição;
 - d) Morte.
2. O texto é um poema enigmático, isto é, o seu sentido é codificado, cifrado.
 - 2.1 Tenta decifrá-lo tendo em conta os significados de tronco (problema; dificuldade; barreira; entrave) e de machado (meio de resolver o problema; solução).

Expõe oralmente a interpretação que fizeste.

Funcionamento da língua

1. Amanhã partirei, minha mãe!» (v. 1)
 - 1.1 Qual é a função sintáctica da expressão sublinhada?

Produção escrita

1. De acordo com o assunto do texto, elabora um poema em que o sujeito poético seja a mãe ou o pai que se dirige, em jeito de resposta, à filha.

Produção oral

1. Lê, de forma expressiva, o poema que elaboraste.

O lirismo patriótico na poesia portuguesa

Leitura

Lê atentamente os textos que se seguem.

Texto A

A minha terra

A vida com que morro, desterrado
Do bem que noutro tempo possuía.
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memória
De quem o traz na mente debuxado.

[...]

Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça, e sem flor, os campos vejo,
Que já floridos vira, e graciosos.
Vejo o puro, suave, e rico Tejo,
Com as côncavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce efeito o seu desejo.
Ūas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As cristalinas águas apartando.
Dali falo com a água, que não sente
Com cujo sentimento a alma sai
Em lágrimas desfeita claramente.
Ó fugitivas ondas, esperai!
Que, pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lágrimas levai [...]

Luís de Camões, *Elegia III* (com supressão)



Vocabulário

desterrado – expulso da pátria ou da localidade onde vive

debuxado – esboçado, representado

Tejo – nome de um importante rio de Portugal

côncavo – que tem superfície curva reentrante

ũa – uma

brandamente – suavemente

apartar – desviar

Texto B

Estes sítios!

Olha bem estes sítios queridos,
Vê-os bem neste olhar derradeiro...
Ai! o negro dos montes erguidos,
Ai! o verde do triste pinheiro!
Que saudades que deles teremos...
Que saudade! ai, amor, que saudade!
Pois não sentes, neste ar que bebemos,
No acre cheiro da agreste ramagem,
Estar-se a alma a tragar liberdade
E a crescer de inocência e vigor!
Oh! aqui, aqui só se engrinalda
Da pureza da rosa selvagem,
E contente aqui só vive Amor.
O ar queimado das salas lhe escalda
De suas asas o níveo candor,
E na frente arrugada lhe cresta,
A inocência infantil do pudor.
E oh! deixar tais delícias como esta!
E trocar este céu de ventura
Pelo inferno da escrava cidade!
Vender alma e razão à impostura,
Ir saudar a mentira em sua corte,
Ajoelhar em seu trono à vaidade,
Ter de rir nas angústias da morte,
Chamar vida ao terror da verdade...
Ai! não, não... nossa vida acabou,
Nossa vida aqui toda ficou
Diz-lhe adeus neste olhar derradeiro,
Dize à sombra dos montes erguidos,
Dize-o ao verde do triste pinheiro,
Dize-o a todos os sítios queridos
Desta rude, feroz soledade,
Paraíso onde livres vivemos,
Oh! saudades que dele teremos,
Que saudade! ai, amor, que saudade!



GARRETT, Almeida. *Folhas Caídas*, Biblioteca Ulisseia de
Autores Portugueses, Editora Ulisseia, s/d

Texto C

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, *Mensagem*

Compreensão/Interpretação

- Os textos A, B e C referem-se a diferentes espaços físicos.
 - Indica esses espaços, provando com extractos textuais.
- Compara os textos no seu aspecto formal, justificando a sua regularidade ou irregularidade.

Funcionamento da língua

- Identifica as figuras de estilo presentes nos excertos seguintes, explicitando a sua expressividade:
 - «Ao menos estas lágrimas levai.» (texto A, último verso);
 - «Que saudade! ai, amor, que saudade!» (texto B, último verso);
 - «Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!» (texto C, primeiro verso).

Produção escrita

- Recolhe informações sobre o Classicismo, o Romantismo e o Modernismo e identifica as características destes movimentos artísticos nos textos A, B e C, respectivamente.

Produção escrita

- Ensaia com o teu colega uma leitura dramatizada (alternada) de um dos textos A, B ou C. Depois, apresentem-na à turma.

Poesia de exaltação da pátria e da cultura moçambicanas

Leitura

Lê atentamente os textos que se seguem.

Texto A

Lua Nova

«Quenguêlêquêze!... Quenguêlêquêze!...»

Surgia a lua nova,

E a grande nova

– Quenguêlêquêze!... – ia de boca em boca

Traçando os rostos de expressões estranhas,

Atravessando o bosque, aldeias e montanhas,

Numa alegria enorme, uma alegria louca,

Loucamente,

Perturbadoramente...

Danças fantásticas

Punham nos corpos vibrações elásticas,

Febris,

Ondeando ventres, troncoss nus, quadris...

... Entretanto uma mulher saíra sorrateira...

Com outra mais velhinha;

Dirigiu-se na sombra à montureira,

Com uma criancinha.

Fazia escuro e havia

Alí um cheiro estranho

A cinzas ensopadas,

Sobras de peixe e fezes de rebanho

Misturadas... O vento, perpassando a cerca de caniço,

Trazia para fora o ar abafadiço,

Um ar de podridão...

E as mulheres entravam com um tição;

E enquanto a mais idosa

Pegava na criança e a mostrava à lua

Dizendo-lhe: «Olha, é a lua»,

A outra, erguendo a mão,

Lançou direito à lua a acha luminosa.

- O estrepitar de palmas foi morrendo...
E a lua foi crescendo... foi crescendo...
Lentamente...

Como se fora em brando e afogado leito
Deitaram a criança, revolando-a,
Ali na imunda podridão, no escuro,
Lhe deu o peito...

Então, o pai chegou,
Cercou-a de desvelos,
De manso a conduziu p'los cotovelos,
Tomou-a nos seus braços e cantou
Esta canção ardente:

«Meu filho, eu estou contente!
Agora já não temo que ninguém
Mofe de ti na rua,
E diga, quando errares, que tua mãe
Te não mostrou a lua!

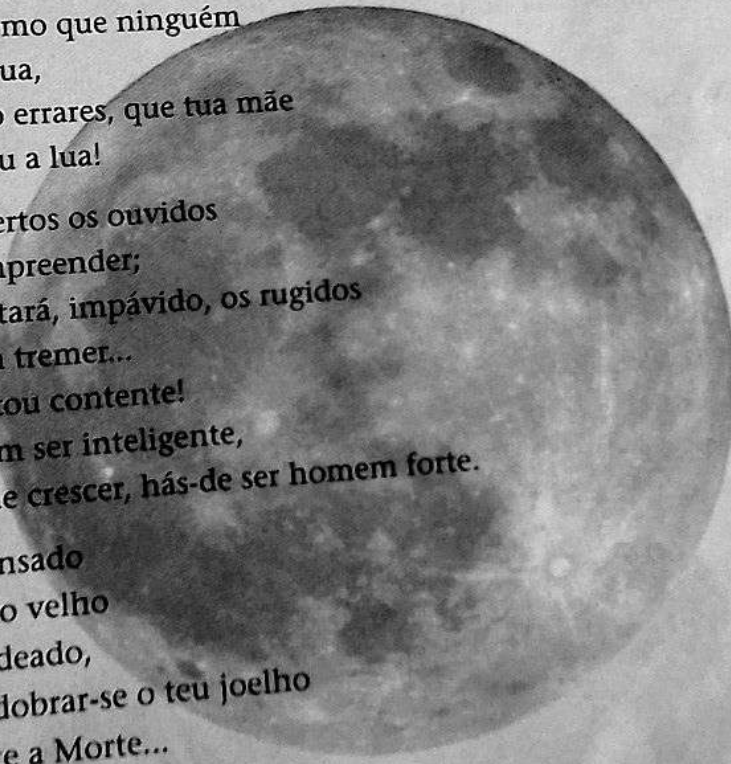
Agora tens abertos os ouvidos
Para tudo compreender;
Teu peito afoitará, impávido, os rugidos
Das feras, sem tremer...
Meu filho, estou contente!
Tu és agora um ser inteligente,
E assim hás-de crescer, hás-de ser homem forte.

Até que já cansado
Um dia muito velho
De filhos, rodeado,
Sentindo já dobrar-se o teu joelho
Virá buscar-te a Morte...
Meu filho, eu estou contente!
Agora, sim, sou pai!...»

Na aldeia, lentamente,
O estrepitar das palmas foi morrendo...
E a lua foi crescendo...

- Crescendo
Como um al...

Rui de Noronha, in MENDES, Orlando. *Sobre a Literatura
Moçambicana*, Maputo: INLD, 1980 (adaptado)



Texto B

Moças das docas

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço
Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines
Viemos do outro lado da cidade
Com nossos olhos espantados,
Nossas almas trancadas
Nossos corpos submissos e escancarados.
De mãos ávidas e vazias,
de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo
de corações amarrados de repulsa,
descemos atraídas pelas luzes das cidades,
acenando convites aliciantes
como sinais luminosos da noite.

Viemos...

Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba,
do sem-sabor caril de amendoim quotidiano,
do doer espáduas todo o dia vergadas
sobre sedas que outras exibirão,
dos vestidos desbotados de chita,
da certeza terrível do dia de amanhã
retrato do que se passou,
sem uma pincelada verde forte
falando de esperança.



Vemos...

E para além de tudo,
por sobre Índicos de desesperos e revoltas,
fatalismos e repulsas
trouxemos esperança.

Esperança de que Xitumulucumba já não virá
nas noites infindáveis de pesadelo,
sugar com seus lábios de velha
nossos estômagos esfarrapados de fome.

E viemos.

Oh sim, viemos!

Sob chicote de esperança,
nossos corpos capulanas quentes
embrulham com carinho marítimas nódoas
doutros países,
saciaram generosamente fomes e sedes violentas...
Nossos corpos pão e água para toda a gente.

Mas não é piedade que pedimos, vida!
Não queremos piedade
daqueles que nos roubaram e nos mataram
valendo-se de nossas almas ignorantes e nossos corpos macios!
Piedade não traz de volta nossas ilusões de felicidade e segurança,
não nos dará os filhos e o lar que ambicionávamos.
Piedade não é para nós.

Agora só queremos que nos dês esperança
para aguardar o dia luminoso que se avizinha
quando mãos molhadas de ternura vierem
Erguer nossos corpos doridos submersos no pântano.
Quando nossas cabeças se puderem levantar novamente
com dignidade
e formos novamente mulheres!

Noémia de Sousa, *Sangue Negro*

Vocabulário

ávido – sôfrego, desejoso

bamboleante – que se move de um lado para o outro

espádua – ombro

Xitumulucumba – monstro

Texto C

Sementeira

Cresce a semente
Lentamente
debaixo da terra escura.

Cresce a semente
enquanto a vida se curva no chicomo
e o grande sol de África
vem amadurecer tudo
com o seu calor enorme de revelação.

Cresce a semente
que a povoação plantou curvada
e a estrada passa ao lado
macadamizada quente e comprida
e a semente germina
lentamente no matope
imperceptível
como um caju em maturação.

E a vida curva as suas milhentas mãos
geme e chora na sina
de plantar nosso suor branco
enquanto a estrada passa ao lado
aberta e poeirenta até Gaza e mais além
camionizada e comprida.

Depois
de tanga e capulana a vida espera
espiando no céu os agoiros que vão
rebentar sobre as campinas de África
a povoação toda junta no eucalipto grande
nos corações a mamba da ansiedade.

Oh! Dia de colheita vai começar
na terra ardente do algodão!

GRAVEIRINHA, José. *Karingana ua karingana*, 3.^a edição, s/l,
Associação dos Escritores Moçambicanos, 1995

Vocabulário

- macadamizar** – pavimentar (rua ou estrada) com pedra britada
germinar – desenvolver-se
imperceptível – que não se pode perceber ou distinguir pela sua pequenez
maturação – amadurecimento
espiar – observar em segredo, olhar furtivamente
agoiro – sinal que prenuncia algo

Compreensão/Interpretação

1. Explica o enquadramento dos textos A, B e C na secção da «poesia de exaltação da pátria e da cultura moçambicana».
2. Identifica o sujeito e o objecto poéticos no texto B.

Funcionamento da língua

1. Identifica as figuras de estilo presentes nas expressões sublinhadas, explicitando a sua expressividade:
 - a) «tenho no coração / gritos que não são meus somente»
 - b) «Meu filho, eu estou contente!»
 - c) «E assim hás-de crescer, hás-de ser homem forte.»
2. Identifica e classifica as orações da passagem seguinte:
 «Quando nossas cabeças se puderem levantar novamente com dignidade e formos novamente mulheres!»

Produção escrita

1. Produz um texto poético em que exprimas os teus sentimentos relativamente a Moçambique.
2. Completa criativamente a seguinte quintilha:
 Meus país, Moçambique,
 ____ (1) ____
 Os frutos da tua ____ (2) ____
 Fazem de ti uma ____ (3) ____
 Meu país ____ (4) ____.

Produção oral

1. No texto B, as «moças das docas» recorrem à prostituição para sobreviver.
 1.1 Comenta com os teus colegas esta prática.

Poesia de combate

Leitura

Lê atentamente os textos que se seguem.

Texto A

Relatório

Pus o mesmo irmão debaixo da Terra
Porque desde ontem o meu irmão não falava mais
E não queria comer, não queria limpar a Kalashnikoff
Com os olhos muito abertos e leves de sono.

Este meu irmão ficou ontem muito diferente
Quando uma pequena ave imperialista
Um simples assobio cego e sem penas
Que vinha voando do outro lado da Alegria
Resolveu estupidamente ninhar naquele coração
Quando meu irmão estava mesmo na metade mesmo
De um passo, Camarada Comandante.

Está aqui tudo o que não era meu irmão
O cinturão, o camuflado, dois carregadores, a arma boa
O bernal, o cantil, o facão, esta pequena moeda estrangeira.

Está tudo em muito perfeito estado de conservação.
Faz favor dá Ordem para pôr dentro outro Irmão
Camarada Comandante.

João, Mutimati Barnabé. *Eu, o Povo*, Maputo: Frelimo, 1975
(edição de 2008 pela Biblioteca Editores Independentes / Cotovia)



Texto B

As tuas dores

As tuas dores
mais as minhas dores
vão estrangular a opressão

Os teus olhos
mais os meus olhos
vão falando da revolta

A tua cicatriz
mais a minha cicatriz
vão lembrando o chicote

As minhas mãos
mais as tuas mãos
vão pegando em armas

A minha força
mais a tua força
vão vencer o imperialismo

O meu sangue
mais o teu sangue
vão regar a Vitória.

Armando Guebuza, in *Poesia de Combate 2*

Texto C

Carta de um combatente

Mãe

Eu tenho uma espingarda de ferro!

O teu filho,
Aquele a quem um dia viste
Acorrentarem
(e choraste,
Como se as correntes prendessem
E ferissem
As tuas mãos e os teus pés) –
O teu filho já é livre, mãe!

O teu filho tem uma espingarda de ferro.
A minha espingarda
Vai quebrar todas as correntes,
Vai abrir todas as prisões,
Vai matar todos os tiranos,
Vai restituir a terra ao nosso povo.

Mãe, é belo lutar pela liberdade!
Há uma mensagem de justiça em cada bala que disparo,
Há sonhos que acordam como pássaros.

Nas horas de combate, na frente de batalha
A tua imagem próxima desce sobre mim.

É por ti que eu luto, mãe!
Para que não haja lágrimas
Nos teus olhos.

Jorge Rebelo, in *Poesia de Combate 2*



Texto D

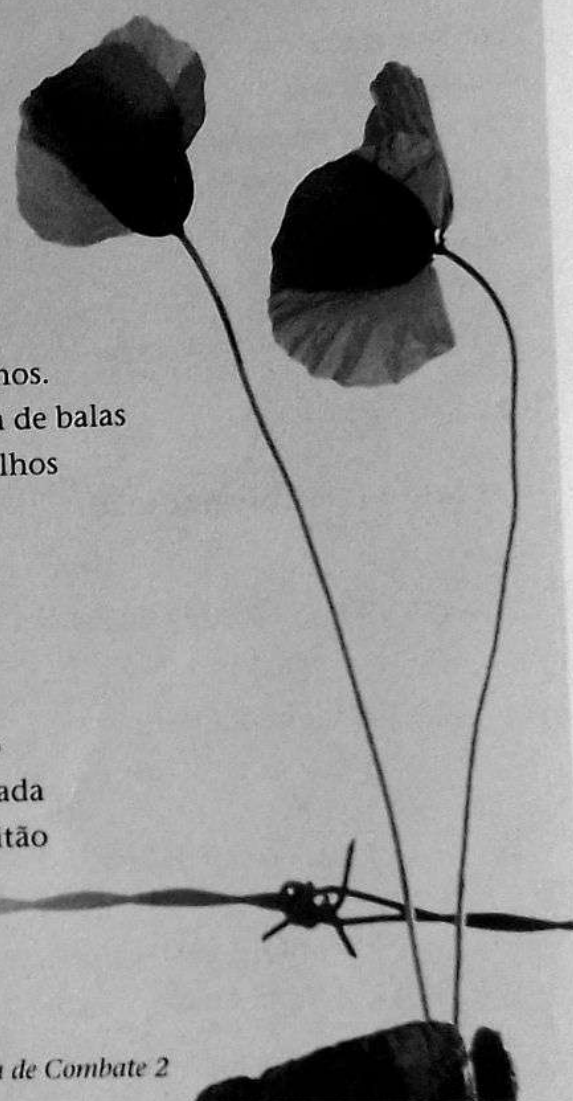
Primavera de balas

Agarro
Na minha última humilhação
E sem ir embora da minha terra
Emigro para o Norte de Moçambique
Com uma primavera de balas ao ombro.

E lá
No Norte almoço raízes
Bebo restos de chuva onde bebem os bichos.
No descanso em vez da minha primavera de balas
Pego no cabo da minha primavera de milhos
E faço machamba ou se for preciso
Rastejar sobre os cotovelos
E os joelhos
Rastejo.

Depois
Escondido em posição no meio do mato
Com a minha primavera de balas apontada
Faço desabrochar no dólman do sr. Capitão
As mais vermelhas flores florindo
O duro preço da nossa bela
Liberdade reconquistada
Aos tiros!

José Craveirinha, in *Poesia de Combate 2*



Compreensão/Interpretação

1. Justifica o enquadramento dos textos A, B, C e D na secção «poesia de combate».

Funcionamento da língua

1. Identifica, nos textos A, B, C e D, exemplos das seguintes figuras de estilo: anáfora e paralelismo (figuras de repetição); invocação; metáfora; hipérbole.

Produção escrita

1. Elabora um poema de combate, atendendo às características desse tipo de texto.

Produção oral

1. Escolhe o texto de que mais gostaste desta secção e recita-o na aula.

Textos dramáticos

Leitura

Lê atentamente o seguinte texto.

Ser mulher

NARRADOR – Amélia é o símbolo da mulher submissa africana. Os tabus da tradição legaram-lhe um papel de escrava do lar, da família e da sociedade, permitindo-lhe apenas a função reprodutora e de mão-de-obra. *Ser Mulher* é, a um tempo, o cenário de humilhação e submissão da mulher. Amélia é a figura simbólica da mulher africana – mulher que, por não ter dado à luz um filho, viu a sua vida conjugal comprometida.

CENA DRAMÁTICA AFRICANA

AMÉLIA – O meu problema é não ter filhos...

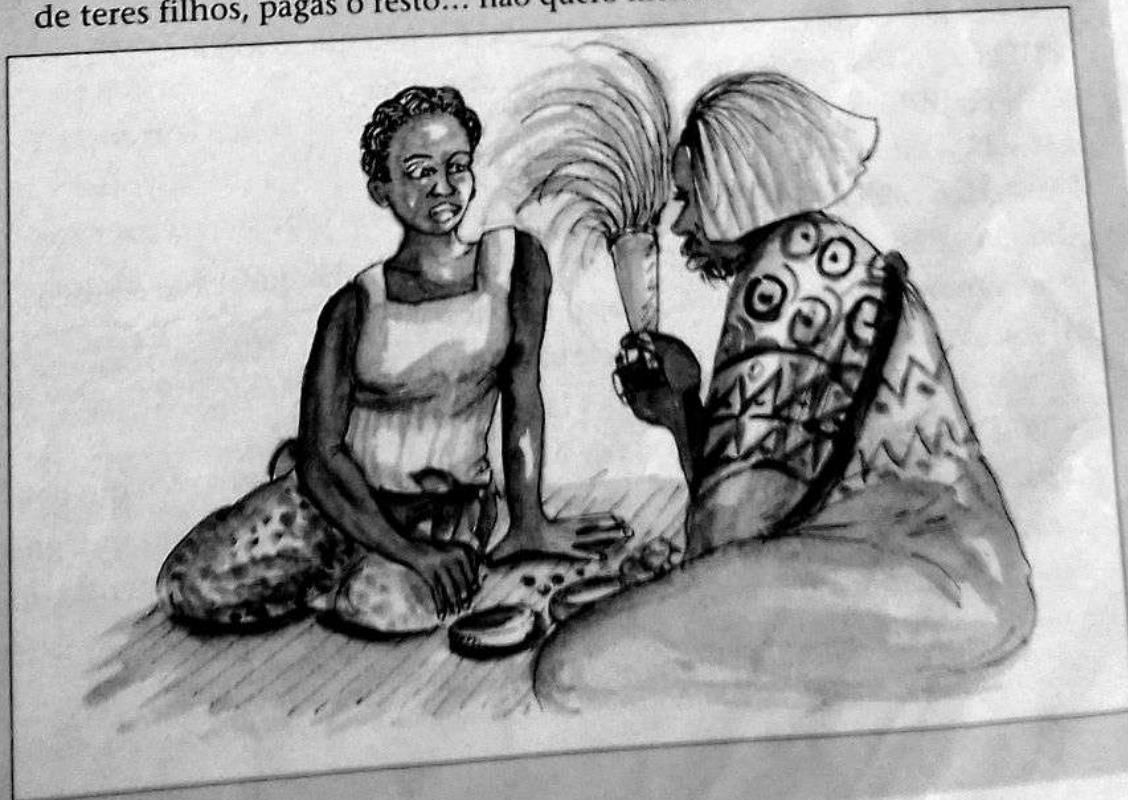
FEITICEIRO – O problema é muito fácil... Há alguém que está a arranjar-te problemas... Enquanto essa pessoa não morrer, tu nunca terás filhos...

AMÉLIA – Mas não conheço alguém que esteja contra mim...

FEITICEIRO – Não fala. (*Pouco alterado*) Se tu vieste aqui perguntar é porque não sabes o que se passa.

AMÉLIA – Eu vou ao hospital.

FEITICEIRO – Se fores, morres! Nem posso ouvir falar nisso. Vai tomar esse remédio, depois volta aqui. Agora, só vais pagar quinhentos escudos. Depois de teres filhos, pagas o resto... não quero mentir.



CENA DE CAMPO

RENO – Então, Amélia... há seis meses que andas a prometer que ficas grávida e nada... disseste para ir casar na Igreja, fui... disseste para tomar remédio do feiticeiro, tomei... e então?

AMÉLIA – Calma... é preciso ter calma... Eu também sofro (*com carinho*) – Eu gostava de te dar um filho.

RENO – Já cansei... vou deixar-te... EU VOU DEIXAR-TE!

CENA DE CAMPO

PAI – O que é que te traz aqui, Reno?!

RENO – A tua filha não presta, não faz filhos. Quero o meu dinheiro...

PAI – E se ela conseguir ter filhos?!

RENO – Não consegue. Já casou pela Igreja, já foi ao feiticeiro... não conseguiu.

PAI – E tu, Amélia, o que é que me dizes? Trouxeste a desgraça à nossa casa... nunca esperei isso duma filha minha... e agora? Todo o trabalho de anos vai ser entregue ao teu marido...

AMÉLIA – Papá, eu não tenho culpa.

PAI – Vai lá para dentro já! (*pausa*) – E tu Reno, vamos fazer as contas no fim do mês...

(*pausa longa: um mês depois*)

AMÉLIA – Papá, queria falar contigo.

PAI – (*Com desprezo*) O que queres... mais chatices, não?

AMÉLIA – Vou-me embora. Vou casar com o António...

PAI – (*Irado*) O quê?... Se queres casar, casa lá... não quero lobolo.

AMÉLIA – Não é preciso lobolo. Já arranjámos uma...

PAI – Eu já disse...

AMÉLIA – Estou a pedir para me ouvir um pouco...

PAI – (*Mais calmo*) Diz lá...

AMÉLIA – Não se zangue comigo. Eu gosto do António. Ele quer casar comigo... nós vamos embora amanhã... papá, eu estou grávida...

PAI – Ah, estás grávida!... Então aquele bandido do Reno vigarizou-me... levou o meu dinheiro enquanto tu podes fazer filhos! Bandido!...

NARRADOR – Amélia ficou grávida de António. Meses depois nasceu um belo rapaz. Incrédulo, Reno alegou que outro feiticeiro conseguira um milagre. Ele nunca teve filhos, pois era estéril, facto, allás, frequente. A essa esterilidade os velhos chamaram «castigo» dos espíritos pelo facto de ter abandonado a mulher.

Compreensão/Interpretação

1. Justifica a primeira fala do Narrador com base no texto.
2. Amélia não conseguia ter filhos.
 - 2.1 De acordo com o Feiticeiro, qual era a razão para o problema de Amélia?
 - 2.2 Qual era a verdadeira razão pela qual Amélia não tinha filhos?
3. Antes de consultar o Feiticeiro, que outra medida tinha Amélia tomado?

Funcionamento da língua

1. Identifica marcas da oralidade no texto «Ser Mulher».
2. Passa a seguinte fala para o discurso indirecto:
«AMÉLIA – Eu vou ao hospital.»

Produção oral

1. Comenta esta situação, de acordo com as tuas convicções:
«AMÉLIA – Eu vou ao hospital.
FEITICEIRO – Se fores, morres! Nem posso ouvir falar nisso. Vai tomar esse remédio, depois volta aqui. Agora, só vais pagar quinhentos escudos. Depois de teres filhos, pagas o resto... não quero mentir.»
2. Em várias sociedades patriarcais africanas, a submissão e o papel servil da mulher fazem parte da realidade.
 - 2.1 Consideras justa esta situação? Justifica a tua resposta.
3. Dá a tua opinião sobre os seguintes costumes moçambicanos:
 - as consultas aos curandeiros;
 - a prática do lobolo;
 - o casamento por herança (*kutchinga*) – um irmão de um falecido herda a mulher do morto;
 - os mortos que são enterrados com água, alimentos e outros objectos úteis para a sua viagem;
 - os ritos de iniciação masculina e feminina que incluem a circuncisão nos rapazes e a excisão nas raparigas.

Produção escrita

1. Reconta o texto «Ser mulher».
2. Produz um texto dramático em que representes um episódio subordinado a um dos seguintes temas:
 - doenças de transmissão sexual e HIV/sida;
 - assédio sexual;
 - corrupção;
 - casamento prematuro;
 - analfabetismo.

Informação

I. Texto dramático

Texto em que se representam acontecimentos ou condutas humanas, vividos por personagens que o autor põe em diálogo e que desencadeiam uma intriga. São exemplos deste tipo de texto: o auto, o drama, a tragédia, a comédia, a tragicomédia e a farsa.

Elementos

- **Didascálias** (indicações que o autor dá sobre a movimentação, os gestos e as atitudes das personagens, o cenário, a iluminação, a música/ruídos, ...);
- **Acção** (o desenrolar dos acontecimentos, através do diálogo e da movimentação das personagens);
- **Espaço** (local onde decorre a acção – no texto teatral, corresponde ao espaço representado);
- **Tempo** (tempo da representação – duração do conflito em palco; tempo da acção ou da história – a época em que se desenrola o conflito dramático);
- **Personagens**, que podem ser:
 - quanto ao relevo: principais, secundárias ou figurantes;
 - quanto à composição: modeladas (com densidade psicológica, podendo apresentar mudanças de carácter ou comportamento) ou planas (o seu carácter ou comportamento não muda). Há ainda as personagens-tipo (representantes de um grupo social), que normalmente são planas. A caracterização das personagens pode ser física, psicológica ou social.
- **Discurso dramático**, constituído pelas falas das personagens, que são apresentadas essencialmente sob a forma de diálogo, mas também sob a forma de monólogo ou aparte.

Estrutura

- **Estrutura externa**, que compreende uma divisão em actos (grande divisão do texto dramático que decorre num mesmo espaço), cenas ou quadros (divisão do acto determinada pela entrada ou saída das personagens).
- **Estrutura interna**, constituída por três fases: exposição (apresentação das personagens e dos antecedentes da acção), conflito (sucessão dos acontecimentos que constituem a acção teatral) e desfecho (conclusão).

Aplicação

1. Refere-te à importância das didascálias no texto dramático.
2. Explica, por palavras tuas, o que se entende por acto e cena.

2. O teatro tradicional africano

As primeiras manifestações de carácter teatral têm a sua origem no animismo e na magia, de início constituído pela imitação de gestos de animais, e de movimentos de determinado indivíduo, real ou imaginário, cujo espírito se pretendia captar, donde resultam os ritos, as cerimónias e os cultos. A própria necessidade de sobrevivência (como a alimentação) leva o ser humano a fazer imitações: uma das formas de representar. O homem imita por utilidade.

Com a descoberta do fogo, quando a horda se reúne, as sombras facilitam o mistério, o movimento das chamas convida o corpo a dançar. O homem serve-se, então, do corpo para comunicar com o grupo e viver emoções colectivas, e os seus movimentos criam a primeira linguagem.

Há que fazer referência à máscara: elemento importante do teatro primitivo que, para os povos africanos, significa a presença divina, o instrumento que domina o sobrenatural e os espíritos malignos. Também é usada como disfarce do caçador.

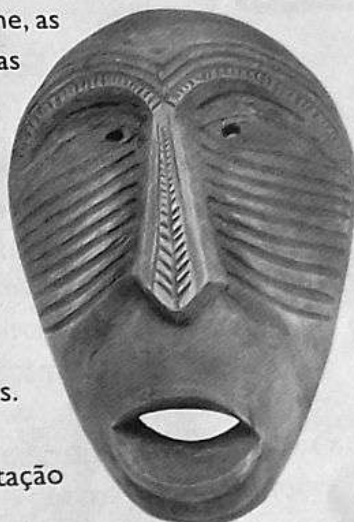
Podemos afirmar que o teatro sob a forma de imitação e mimetismo existiu sempre para todos os povos.

Estas formas reais do teatro, em África, vão evoluindo progressivamente, vindo, muito mais tarde, a fazer parte do teatro tradicional africano.

África conheceu e praticou o teatro desde as suas origens. Com efeito, a própria existência da comunidade rural tradicional se enraíza num conjunto de crenças manifestadas nos ritos (ritos da caça, ritos funerários, ritos sagrados, ritos agrários), cerimónias cíclicas, danças guerreiras, pantomimas de amor. Além dessas manifestações solenes, a vida quotidiana suscita múltiplas possibilidades de dramatização, como acontece na declamação dum conto popular. Enfim, o teatro tradicional é essencialmente popular: os temas são baseados na vida quotidiana e as obras representadas requerem a participação efectiva dos espectadores.

Este teatro, em geral, tem um objectivo pedagógico: transmite mensagens educativas.

VAZ, Carlos. *Para um Conhecimento do Teatro Africano*,
2.ª edição, Lisboa-Ulmeiro, 1999 (adaptado)



Aplicação

1. Explica, por palavras tuas, a origem do teatro africano.
2. Comenta a importância da máscara no teatro primitivo.
3. Indica o motivo pelo qual se considera que o teatro tem um fim pedagógico.

Tema transversal: manifestação da identidade cultural através da literatura

A literatura africana de expressão portuguesa tem vindo a evoluir ao longo dos últimos anos: distanciando-se da literatura portuguesa, procura reflectir a cultura própria e a identidade dos povos africanos.

Leitura

Em busca da identidade

As literaturas africanas de língua portuguesa conheceram, nas últimas décadas, um desenvolvimento marcante, quer em termos de originalidade, quer em termos de edição, sendo esta evolução o resultado de um conjunto de factores históricos, políticos, económicos, sociais e culturais. Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné Bissau atravessaram um doloroso período de colonização, descolonização e guerra civil, que, por exemplo, no caso de Angola, só agora termina. Tal como foi referido, estes países, como tantos outros, que obtiveram, depois de longos anos de cativo, a independência e a autonomia que tanto almejavam, iniciaram a busca de uma identidade própria, remontando ao passado e às tradições e rejeitando, na medida do possível, as marcas do país colonizador. Deste modo [...] verificamos que também este povo procurou o que lhe era inato, indígena e relegou para um plano inferior as características da escrita ocidental. Valorizou a oralidade e o que lhe era intrínseco, afastando-se de uma literatura originária no povo colonizador e de uma complexa teia de relações intertextuais, sinais de subjugação à «metrópole». No entanto, e apesar dos aspectos anteriores, não restam dúvidas de que a literatura africana é muito influenciada pela europeia, sendo este facto atestado pela própria língua utilizada, que foi assimilada e utilizada correntemente, constituindo o meio privilegiado de comunicação.

20 [...]

É o que se verifica com a Língua Portuguesa, que foi a maior das heranças que legámos a muitos povos. Esse aspecto, porém, não nos permite considerar que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa sejam uma menos-valia para a Língua Portuguesa, pelo contrário: estão a ser uma fonte de enriquecimento e uma lufada de ar fresco.

Joana Vilaça de Faria, *Mia Couto – Luandino Vieira:*

Uma Leitura em Travessia pela Escrita Criativa ao Serviço das Identidades,
Dissertação de mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa,

Universidade do Minho, 2005 (texto com supressões)

Vocabulário

almejar – desejar

inato – natural

intrínseco – essencial, característico

subjugação – domínio pela força

lufada – rajada de vento

Compreensão/Interpretação

1. De acordo com o texto, a que se deve o desenvolvimento recente da literatura africana de língua portuguesa?
2. Que recursos utilizaram os autores na tentativa de definir uma identidade própria da literatura africana?
3. «Valorizou a oralidade e o que lhe era intrínseco, afastando-se de uma literatura originária no povo colonizador e de uma complexa teia de relações intertextuais, sinais de subjugação à “metrópole”.» (ll. 13-15)
 - 3.1 O que pretende a autora dizer com esta frase?
4. De acordo com o texto, qual é o elemento mais representativo da influência da literatura europeia na literatura africana?
5. Segundo a autora, as literaturas africanas de língua portuguesa representam um contributo positivo ou negativo para a língua portuguesa? Justifica a tua resposta com passagens do texto.

Produção escrita

1. Elabora um texto narrativo em que descrevas um aspecto cultural de um povo que tenhas achado impressionante.

Produção oral

1. Apresenta à turma o texto que elaboraste no exercício anterior.

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes às línguas nativas moçambicanas ao longo da unidade.
2. Com essas palavras, elabora um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.

de 10

os de pesquisa de dados: a bibliográfica esumo

.....

No final desta unidade, deverás ser capaz de:

1. Sobre tipologias textuais:

- Identificar as normas de elaboração de uma ficha bibliográfica;
- Elaborar uma ficha bibliográfica;
- Organizar as referências bibliográficas;
- Identificar as unidades de significação parágrafo por parágrafo;
- Identificar a estrutura geral do texto e as informações sobre o assunto principal do texto;
- Elaborar resumos;
- Redigir a ficha de leitura.

2. Sobre o funcionamento da língua:

- Usar o conector *pois* com valor conclusivo e causal;
- Usar expressões de intensidade e quantidade em orações comparativas e consecutivas.

3. Sobre o tema transversal (a biblioteca):

- Consultar obras.

Textos de pesquisa de dados: a ficha bibliográfica e o resumo

Muitas vezes, quando precisamos de sistematizar a informação que lemos num livro ou num artigo ou que ouvimos num discurso, recorremos à elaboração de resumos. Para reter os dados identificadores da fonte emissora da informação de modo a salvaguardá-la, elaboramos referências bibliográficas. Nesta unidade irá rever os conteúdos já aprendidos sobre as referências bibliográficas e sobre o resumo. Irá rever também o emprego do conector *pois* com valor conclusivo e causal, assim como a utilização de expressões de intensidade e quantidade em orações comparativas e consecutivas.

Leitura

Lê atentamente o texto que se segue.

Jovens escritores, que futuro os espera?

À semelhança de muitas artes, a literatura moçambicana passa por momentos nebulosos. As bibliotecas e as livrarias são pouco visitadas, principalmente por aqueles que o deviam fazer, os estudantes.

No nosso país lê-se pouco, disso não restam dúvidas. Será que se escreve pouco também? Creio que não. No entanto, as oportunidades para a publicação são exíguas.

Há muita gente que escreve coisas interessantes, mas que fica no anonimato. Existem muitos poetas e contistas, alguns cronistas e até romancistas, mas, infelizmente, são eles mesmos os potenciais leitores das suas obras. Alguns ainda conseguem ser lidos pelos colegas, amigos e familiares; mas ficam por aí, porque ninguém consegue difundir-los e **catapultá-los** aos **patamares** mais consideráveis das artes moçambicanas.

Publicações cerradas

As editoras moçambicanas, essas, **restringem-se** a um pequeno grupo de escritores já **consagrados**, como Mía Couto, Paulina Chiziane, Aldino Muianga, Suleimane Cassamo, Ungulane Ba Ka Khosa, Calane da Silva e mais alguns poucos que, por mérito artístico, são, realmente, os ícones da nossa arte literária; mas que não terão a quem passar o testemunho.

O melhor que os principiantes das artes literárias têm a fazer é não **ambicionarem** obcecadamente por altos voos, o que os poderá levar a frustrações e, possivelmente, ao abandono da arte, pois em Moçambique as portas das editoras estão cerradas aos novos talentos.

Portanto, é importante que os artistas ainda «transparentes» encarem a arte pela arte, pelo seu valor próprio, e não tomá-la como fonte de rendimentos e como um trampolim para a glória e a fama.

É indispensável que os principiantes das letras registem as suas obras, a fim de **legitimá-las** e assegurá-las oficialmente como seus pertences, mediante a inscrição como membros da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). Em seguida, os «novatos» devem participar nos eventos literários (como sessões de lançamento de livros, **saraus** de poesia e prosa, concursos de literatura, feiras do livro, etc.). E, depois, devem fornecer textos para colunas literárias de jornais e revistas que reservem, ainda que escasso, um espaço para esta arte.

O papel dos órgãos de comunicação social

35 A imprensa é um outro meio de divulgação e promoção da literatura escrita e oral. Existem hoje muitos jornais na nossa praça, porém, o seu contributo para a expansão literária é diminuto.

Revistas? Existem algumas de natureza cultural, mas exageram-se na moda, na música e na culinária. Pouco se dão à literatura. Além de que o seu custo
40 está acima das capacidades do bolso do cidadão comum.

A rádio? Raramente temos um programa radiofónico em Moçambique que dispense uma agenda rigorosa à literatura. Por tradição, a *Rádio Moçambique* (RM) ainda reserva espaços programáticos em prol da literatura, como, por exemplo, para os contos orais, crónicas jornalísticas e até para dramatizações
45 em *A Cena Aberta*; muitas vezes, não só por questões recreativas, mas também formativas.

A televisão? Salvo em raros programas de entretenimento, nas várias estações de televisão com as quais o país conta, a literatura não encontra espaço.

50 Enquanto as estações radiofónicas e televisivas são de grande abrangência na área nacional, a imprensa escrita tem um raio de expansão muito reduzido, atingindo apenas as principais cidades do país.

As tiragens de livros literários, jornais e revistas são, igualmente, muito reduzidas. Confrontando este facto com o número de pessoas alfabetizadas
55 no nosso país, parece ficar provado que se lê pouco por cá. Isto leva também à baixa produção pelas editoras.

A literatura nas escolas

O que falta às pessoas é a cultura de leitura e também de alguma criação literária. A base da solução deste problema está no ensino. O gosto pela
60 leitura e escrita deve ser criado desde as primeiras classes do ensino, pois «é de pequenino que se torce o pepino».

Os programas de ensino, principalmente nas disciplinas de línguas, já dão considerável espaço à leitura e à escrita, mas o professor deve ser mais exigente no que respeita às recomendações de leitura expressiva e extensiva propostas.

65 Com alguma insistência, o aluno acabará tomando a leitura por hábito e encontrará na escrita um meio de expressão das suas emoções – «o hábito faz o monge».

70 Algumas instituições académicas dão um grande contributo para a promoção da literatura amadora no país. São de salientar os concursos **sistematicamente** promovidos pelo Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP) e pela Universidade Politécnica. Outras vezes, embora sem continuidade, são lançados concursos do género pelo Ministério de Educação, pela AEMO, pelo Banco de Moçambique (BM), pelas Telecomunicações de Moçambique (TDM) e por algumas escolas particulares.

75 Muitas vezes, estes eventos são direccionados a alunos de um determinado nível de ensino. Mas a participação é sempre mais fraca do que aquilo que se esperava, porque os alunos não se sentem motivados pelos prémios: os prémios em dinheiro são sempre, basicamente, transformados em livros, como é óbvio, pois a intenção é estimular à leitura e ao estudo. Ora, uma

80 vez que os meninos não gostam de ler, logo, não participam nos concursos. Os resultados deste desprazer à leitura não tardam em se **vislumbrar**: a mediocridade de discursos orais e escritos, a incoerência e a pobreza lexical de textos musicais, debates **inconsequentes** e não contextualizados, artigos jornalísticos insatisfatórios, etc.

85 Deve, por isso, procurar encontrar-se outras formas de se promover as actividades de escrita e leitura, pois terá de haver, futuramente, uma passagem de testemunho da camada consagrada de escritores aos jovens autores do nosso país.

Filipe Macie

Vocabulário

catapultar – promover, impulsionar

patamar – ponto de um percurso ascendente

restringir – limitar, impor uma restrição a alguém ou a alguma coisa

consagrado – considerado como sendo notável, digno de reconhecimento

legitimar – reconhecer a autenticidade, legalizar

sarau – sessão onde se lêem textos de prosa ou poesia

sistematicamente – regularmente

vislumbrar – começar a surgir, a aparecer à vista

inconsequente – que não tem conseqüências, que não tem sequência lógica

Compreensão/Interpretação

1. Segundo o texto, a literatura moçambicana passa por momentos nebulosos. Aponta três aspectos que justifiquem esta afirmação.
2. Que procedimentos propõe o texto para os artistas principiantes?
3. Explica a razão pela qual o autor cita o provérbio «de pequenino se torce o pepino».
4. Que críticas faz o texto à escola por causa da falta de gosto dos alunos pela leitura?
5. De acordo com o texto, quais as afirmações verdadeiras e quais as falsas? Identifica-as com V ou F.
 - a) As editoras são abrangentes na publicação de obras.
 - b) Os programas de ensino não promovem o gosto dos estudantes pela leitura.
 - c) A AEMO, a TDM e o FBLP distanciam-se da tarefa de apoio aos novos escritores.
6. Que consequências aponta o texto em resultado da falta de gosto pela leitura?

Funcionamento da língua

1. Elabora frases complexas contendo as expressões: *tanto que* e *de tal forma que*.
 - 1.1 Classifica as orações das frases por ti elaboradas.
2. Identifica e classifica as orações que constituem as frases seguintes:
 - a) Faz muito fumo, pois a mata está a arder.
 - b) Não li o livro, pois estava cansado.
 - c) O teu texto está tão rabiscado, que não me permite a leitura.
3. Elabora duas frases com a conjunção *pois* como conector conclusivo e outras duas com *pois* como conector causal.

Produção oral

1. Além da publicação selectiva pelas editoras, o texto critica a falta de interesse dos alunos pela leitura e escrita. Discute com o teu colega de carteira sobre outras formas de incentivar os alunos à leitura e à escrita. Depois, apresenta à turma as vossas conclusões.

Produção escrita

1. Escreve um texto subordinado ao tema: «Ler é saber».
2. O texto faz referência a vários autores moçambicanos.
 - 2.1 Escolhe dois títulos e procura-os na biblioteca da escola ou da tua zona de residência.
 - 2.2 Elabora a ficha bibliográfica dos títulos escolhidos.
 - 2.3 Escolhe um dos títulos e redige uma ficha de leitura do mesmo.



Lê atentamente o texto que se segue.

As Andorinhas, de Paulina Chiziane

Ainda é fresco o mais recente livro que Paulina Chiziane pôs à disposição dos admiradores da sua escrita e àqueles que querem deliciar-se com as histórias e estórias de Moçambique: o romance *O Alegre Canto da Perdiz*.

Mas a escritora deseja terminar o ano com um brinde aos amantes da literatura moçambicana, publicando, em Dezembro, mais um livro, desta vez uma trilogia de contos que se intitula *As Andorinhas*.

A obra, que está agora em tratamento gráfico, é uma incursão por algumas lendas e pela vida de três personalidades incontornáveis na história do nosso país: Ngungunhana, Eduardo Mondlane e Lurdes Mutola. Segundo a escritora, estes nomes «ajudam a compreender o Moçambique de hoje, em parte por influência do que aconteceu no passado».

Paulina Chiziane produziu os contos que agora publica em *As Andorinhas* depois de reler um dos livros que ela considera «um dos mais marcantes» da literatura moçambicana: *Chitlango, o Filho do Chefe*, de Eduardo Mondlane. Também se inspirou em lendas à volta da figura do último rei de Gaza, contadas no seio dos chopos, etnia de que faz parte. «É conhecida a aversão que Ngungunhana tinha aos chopos. Pertenço a este grupo e fui ouvindo no meu meio muitas histórias à volta dele. O seu poderio era por todos conhecido e respeitado. Conta-se que uma certa vez ele ordenou silêncio e umas pequenas criaturas, as andorinhas, perturbaram, do cimo de uma árvore, o seu descanso. Uma delas defecou lá de cima para a cabeça do rei. Na fúria que lhe era característica, o imperador chamou os seus homens e ordenou-lhes que caçassem todas as andorinhas. E o resultado dessa determinação é que eles saíram à caça das andorinhas, porque o rei as queria vivas junto de si para as castigar e, pelo caminho, acabaram por confrontar-se com os portugueses. O fim é o que todos já sabemos: o império chegou ao fim, o imperador foi preso e o seu poder acabou, por causa de uma andorinha.»

O conto inspirado na vida e postura de Ngungunhana, ironicamente intitulado «Quem Manda Aqui?», precede aquela que parece ser a estória central do novo livro de Paulina Chiziane. Eduardo Mondlane é, para esta escritora, um herói cuja importância ultrapassa os limites da luta pela



autodeterminação dos Moçambicanos. «Eduardo Mondlane carrega em si uma postura que devia servir de inspiração para todos nós, porque a sua importância ultrapassa também o que os nossos manuais de História dizem.

40 Os Moçambicanos devem olhar para ele e para aqueles que o educaram. A mim impressiona-me muito a sua simplicidade, que, infelizmente, não é característica de muitos de nós», conta a escritora.

«Mondlane é uma pessoa poderosa, mas simples, que ensina e é cativante. Além disso, as pessoas que

45 o rodearam, nomeadamente as duas mulheres que o educaram (mãe viúva e avó), também são de grande mérito, porque, pobres, fizeram de uma criança também pobre um grande homem. Um homem que inspirou um povo num momento particular da nossa

50 caminhada, mas em quem todos deviam inspirar-se nos dias que correm. As mulheres que o educaram também são pessoas para quem nós devíamos olhar para educarmos os nossos filhos.»

O conto em que Paulina Chiziane viaja em torno

55 de Mondlane intitula-se «Maudlane, o Criador» e prenuncia um outro, «Mutola, a Ungida», sobre aquela que os Moçambicanos têm como a «menina de ouro». «Ela é muito mais do que uma mulher dourada. A história dela faz lembrar a de Eduardo

60 Mondlane. É uma história de luta, de humildade, de contágio, que faz um povo jubilar. É assim que eu a vejo.»

Ao publicar este conjunto de textos, Paulina Chiziane pretende chamar-nos a atenção para aquilo a que ela chama «uma

65 necessidade urgente no nosso país: há muito que nós não produzimos personalidades fortes, do tamanho e envergadura de um Eduardo Mondlane, por exemplo. Sinceramente, a única que nós produzimos foi precisamente a Lurdes. Onde mais, para além da geração da luta de libertação nacional, irão os nossos jovens e crianças buscar inspiração?»



..... Eduardo Mondlane



..... Lurdes Mutola

in Jornal Notícias

Vocabulário

trilogia – obra literária em três partes

preenunciar – anunciar antecipadamente, vaticinar

jubilar – alegrar intensamente, entusiasmar

Compreensão/Interpretação

1. Indica a obra em que se centra o texto.
2. O comentário sobre *As Andorinhas* é feito antes ou após a sua publicação?
 - 2.1 Prova a tua resposta com uma passagem textual.
3. Em que se inspirou a autora para a elaboração de *As Andorinhas*?
4. Que aspectos comuns e discordantes entre as figuras de Eduardo Mondlane e Lurdes Mutola são apresentados por Paulina Chiziane?

Funcionamento da língua

1. Classifica como subordinativa causal ou como coordenativa conclusiva a conjunção *pois* em cada uma das seguintes frases:
 - a) Eduardo Mondlane é, pois, uma figura de referência para Paulina Chiziane.
 - b) Paulina Chiziane escreveu sobre Mondlane, pois considera-o importante.
 - c) A escritora valoriza Lurdes Mutola, pois esta foi uma lutadora.
 - d) Paulina Chiziane escreve muito bem e tornou-se, pois, muito conhecida.

Produção escrita

1. Elabora um resumo do texto «*As Andorinhas*» de Paulina Chiziane.
2. Procura na biblioteca da tua escola ou da tua área de residência o livro *As Andorinhas*, de que fala o texto.
 - 2.1 Elabora a ficha bibliográfica do livro.
 - 2.2 Escolhe um dos contos e elabora uma ficha de leitura do mesmo.

Produção oral

1. Depois de ouvires os resumos elaborados pelos teus colegas, comenta os aspectos técnicos de cada um deles, como: informações pertinentes e acessórias, generalizações e extensão.
2. Onde mais, para além da geração da luta de libertação nacional, irão os nossos jovens e crianças buscar inspiração?» (ll. 72-74)
 - 2.1 Com os teus colegas, discute a frase acima transcrita. Concordam com a opinião da autora? Justifiquem a vossa resposta.

Tema transversal: a biblioteca

Actualmente, as bibliotecas disponibilizam materiais de consulta cada vez mais elaborados. Além de livros, muitas bibliotecas dispõem de dispositivos audiovisuais, como leitores de CD e DVD, televisões e computadores.

Rede de bibliotecas vai ser expandida

Maputo, 25/01/2009 (AIM) – O Ministério da Educação e Cultura (MEC) pretende expandir a rede de bibliotecas pelo País, no âmbito da melhoria da qualidade do ensino e para incentivar o hábito de leitura, baseando-se no conhecimento de alguns países que têm uma larga experiência nesse domínio.

5 O titular do pelouro, Aires Ali, disse recentemente que o lançamento da Rede de Bibliotecas no País vai ser baseado na experiência de Portugal, um país que já está muito avançado neste âmbito.

Explicou que a intenção é potenciar a existência de bibliotecas a nível provincial e até mesmo nos distritos do País para permitir que os estudantes
10 tenham acesso a uma vasta diversidade de obras literárias e não só.

De acordo com o ministro, a prioridade seria a constituição de bibliotecas em institutos de formação de professores, seguindo-se as escolas secundárias e as escolas técnico-profissionais.

«Pretendemos fazer uma combinação entre bibliotecas escolares e a rede de
15 bibliotecas públicas. Vamos potenciar a existência de bibliotecas provinciais e, porque não, distritais», disse o ministro, acrescentando que «nós queremos um movimento amplo, massivo, de pôr livros nas escolas e de pôr as pessoas a ler».

Para alcançar estes objectivos, Aires Ali referiu que o sector privado e outras instituições ligadas ou não à educação serão convidadas a contribuir.

20 O ministro falava no seu regresso de Portugal, onde efectuou uma visita de trabalho, tendo mantido encontros com responsáveis das áreas de educação e cultura, bem como visitado algumas escolas técnico-profissionais.

«Nós ficámos interessados no projecto de bibliotecas escolares que Portugal está a levar a cabo. Está a fazer o lançamento da rede de bibliotecas pelo país.
25 Esta experiência interessa-nos no âmbito da formação de docentes e do melhoramento da qualidade de ensino. Nós queremos fazer com que mais escolas tenham bibliotecas e condições para ter livros para que possam promover o gosto pela leitura», revelou.

O responsável disse igualmente que, no domínio da cultura, Moçambique
30 pretende colher a experiência de Portugal relativamente aos edifícios e monumentos históricos, bem como noutros domínios.

in <http://www.portaldogoverno.gov.mz/noticias/educacao>

(adaptado)

Compreensão/Interpretação

1. Com que objectivo pretende o Ministério da Educação e Cultura (MEC) expandir as bibliotecas no País?
2. De que experiência se serviu o MEC?
3. Classifica o texto que leste quanto ao tipo e justifica a tua resposta.

Produção escrita

1. Enriquece o texto, transformando-o numa reportagem.

Produção oral

1. Consideras que a introdução de bibliotecas nas escolas promove a leitura recreativa dos jovens e adolescentes?
 - 1.1 Apresenta argumentos para a tua resposta.
 - 1.2 Que outros métodos sugeres para aumentar a adesão dos jovens à leitura?

Glossário

1. Faz o levantamento de todas as palavras pertencentes ao campo lexical de «livro» nos textos apresentados nesta unidade.
2. Com essas palavras, organiza um miniglossário sobre o tema. As palavras devem ser apresentadas no singular e ordenadas alfabeticamente, sendo seguidas da respectiva definição.
3. Produz frases em que ocorram as várias palavras do glossário que elaboraste.

Bibliografia

- CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, disponível em <http://purl.pt/l/>. Acesso em Fevereiro de 2013
- CAMÕES, Luís de, *Rimas*, em <http://purl.pt/13987>. Acesso em Maio de 2013
- FRELIMO, Departamento de Trabalho Ideológico, *Poesia de Combate*, vol. 2, Maputo: INLD, s/d
- JESUS, Telésfero de; CUMBE, Graça e AUGUSTO, Jaime, *Saber História 8.ª Classe*, 1.ª edição, Longman Moçambique, 2008
- JUNOD, Henri-Alexandre, *Cantos e Contos das Rongas*, Maputo: Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1975
- NORONHA, Rui de, *Os meus versos*, Maputo: Texto Editores, 2006
- PAIS DA CRUZ, F., *Antologia de Textos*, s/l, Direcção Nacional de Educação de Adultos, 1987
- PESSOA, Fernando, *Mensagem*, disponível em <http://purl.pt/13965>. Acesso em Março de 2013
- PESSOA, Fernando, «Todas as cartas de amor são», em <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2245>. Acesso em Maio de 2013
- SOUSA, Noémia de, *Sangue Negro*, Maputo: Associação de Escritores Moçambicanos, 2001

